

THATIANA GALANTE DE SÁ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O léxico e a produção de sentido na prática
escrita: uma proposta de releitura do conto
“O Pequeno Polegar”

Versão corrigida

São Paulo
2024

THATIANA GALANTE DE SÁ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O léxico e a produção de sentido na prática
escrita: uma proposta de releitura do conto
“O Pequeno Polegar”**

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como uma das exigências para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elis de Almeida Cardoso Caretta

São Paulo
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S1111 Sá, Thatiana Galante de
O léxico e a produção de sentido na prática
escrita: uma proposta de releitura do conto "O
Pequeno Polegar" / Thatiana Galante de Sá; orientador
Elis de Almeida Cardoso Caretta - São Paulo, 2024.
297 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
Área de concentração: Mestrado Profissional em Letras
em Rede Nacional.

1. Contos Maravilhosos. 2. Releitura. 3. Léxico.
4. Práticas Sociais. 5. Pequeno Polegar. I. de
Almeida Cardoso Caretta, Elis, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Thatiana Galante de Sá

Data da defesa: 18/04/2024

Nome do Prof. (a) orientador (a): Elis de Almeida Cardoso Caretta

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/05/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

SÁ, THATIANA. O léxico e a produção de sentido na prática escrita: uma proposta de releitura do conto “O Pequeno Polegar”. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como uma das exigências para obtenção do título de Mestra em Letras.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como uma das exigências para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

À minha mãe, Cleide (*in memoriam*), e à minha avó, Lucinda (*in memoriam*), que sempre me amaram incondicionalmente e acreditaram nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por direcionar os meus passos e trazer perseverança e capacidade para alcançar os meus objetivos.

Ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), por oportunizar reflexão e pesquisas sobre teorias e práticas em sala de aula na rede pública de ensino fundamental para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil e a valorização do professor.

À Universidade de São Paulo (USP) e à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) por minha formação acadêmica, que transformou a menina de dezessete anos em uma pessoa apaixonada pela Educação, e por oferecerem o Mestrado Profissional em Letras, que aperfeiçoou minhas práticas profissionais e meus conhecimentos após quatorze anos de profissão, favorecendo o encontro da menina que fui com a mulher que me tornei ao longo da minha jornada.

À orientadora, Profa. Dra. Elis de Almeida Cardoso Caretta, pelas leituras, reuniões e discussões sobre a minha pesquisa, e pelo auxílio para o desenvolvimento de minha dissertação, sempre de forma respeitosa e afetuosa.

À Profa. Dra. Ana Elvira Luciano Gebara e à Profa. Dra. Alessandra Ignez, por participarem da Banca Examinadora de Qualificação de Mestrado, fazendo importantes comentários sobre o meu relatório e sugestões valiosas para direcionar a análise dos contos.

A todos os professores que lecionaram durante o ano de 2022 no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da USP, não apenas pelas leituras e pelos ensinamentos teóricos, mas, principalmente, por todo acolhimento e trabalho humanizado com cada pós-graduando de nossa turma, sendo referências de como devemos atuar em nossa profissão.

Ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho (*in memoriam*), por ser a minha inspiração nos estudos na área de Literatura Infantil e Juvenil, que resultaram em meus doze anos de trabalho como Professora Orientadora de Sala de Leitura, para garantir o acesso de crianças e adolescentes da escola pública municipal de São Paulo aos mais diversos livros literários. Em seus últimos dias de vida, mesmo com a saúde debilitada, o professor Nicolau me acolheu em seu curso de pós-graduação,

mostrando total dedicação ao ensino e amor à sua turma de estudantes.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH), da Universidade de São Paulo, pela aprovação do meu projeto de pesquisa, o qual resultou nesta dissertação de mestrado.

Aos amigos da turma de mestrado, carinhosamente apelidados como “turma do sexto ano”, por compartilharem suas experiências, conhecimentos e aprendizagens ao longo do curso, além de deixarem as aulas muito divertidas e com lanches caprichados.

A todos os adultos, adolescentes e crianças aos quais já lecionei, por serem a motivação para as minhas aulas e o meu esforço para me tornar uma profissional e pessoa melhor a cada dia. Em especial, aos estudantes participantes da escrita do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, por acreditarem em si mesmos e no meu trabalho, propiciando momentos de leituras, conversas, risadas e dedicação.

À equipe gestora da escola CEU EMEF Jardim Paulistano, por valorizar os meus projetos, favorecer parcerias e possibilitar os meus estudos, ao organizar o meu horário de trabalho.

Aos meus colegas de trabalho (professores, equipe da cozinha, equipe de limpeza, estagiários, ATEs e funcionários da secretaria) por todas as conversas na sala dos professores, nas reuniões pedagógicas e em horários coletivos, e também pelo carinho e respeito comigo ao longo de todos os anos.

Aos meus familiares, por torcerem sempre por mim, e ao meu marido, por ter acreditado que conseguiríamos realizar o mestrado, mesmo com o desafio maior de termos uma bebê em casa.

Aos meus filhos, que são a razão da minha vida: Nicole (minha cachorrinha, considerada como membro da família), Luíza (minha pequena de 3 anos) e Samuel (que está para nascer). Por eles e para eles eu encontro a motivação para todas as coisas.

Não há dúvida de que a humanidade vem caminhando de Era em Era, sempre vencendo os obstáculos que se levantam contra ela, mas continuando sempre ameaçadas. Na aurora dos tempos, era a violência da Natureza à solta e dos animais monstruosos, contra os quais homens não tinham defesa. Depois, as ameaças, os perigos, a violência foram mudando de feição (Nelly Novaes Coelho, 2010).

Só quem é de lá pode entender
Brasilândia não é Disneylândia
A maior malandragem é viver

(Negra Li, 2019).

RESUMO

SÁ, THATIANA. O léxico e a produção de sentido na prática escrita: uma proposta de releitura do conto “O Pequeno Polegar”. 225 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2024.

Os contos maravilhosos, ao longo de muitas gerações, têm contribuído para a formação do imaginário infantil e juvenil, permitindo que seus leitores vislumbrem diferentes culturas e relações sociais vigentes em determinados contextos históricos, além de apresentar elementos mágicos, essenciais para o universo lúdico e encantado da infância. Esta dissertação de mestrado apresenta uma proposta de sequência de atividades desenvolvida com duas turmas de sétimos anos de uma escola pública municipal de São Paulo, a partir de leituras e escrita de releituras do conto “O Pequeno Polegar”. Objetiva-se observar as escolhas lexicais utilizadas pelos educandos nas expressões que marcam a realidade física e social da comunidade em que vivem, distrito de Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, dando visibilidade e voz para aqueles que enfrentam, diariamente, os desafios da periferia de São Paulo, e fortalecendo as construções de identidade. A justificativa para essa abordagem está na necessidade de um trabalho significativo e contextualizado de produção escrita de textos narrativos, que promova o protagonismo juvenil e a expressão de sua cultura e saberes, alinhado ao Currículo da Cidade, documento orientador para o trabalho pedagógico na Secretaria Municipal de Educação. Como suporte teórico da pesquisa e sua realização em sala de aula, recorreremos a Bettelheim (1979), Coelho (2000), Paz (1995) e Propp (2002), ao discorrer sobre os contos maravilhosos e infância; Candido (2011), Colomer (2007), Cosson (2014), Gregorin Filho (2010), Lajolo (1997), Petit (2010) ao tratar sobre Literatura; Antunes (2009) e Cardoso (2018) ao tratar sobre o trabalho com o léxico em sala de aula.

Palavras-chave: Contos maravilhosos. Releitura. Léxico. Realidade Social. Identidade. Brasilândia. Periferia. Pequeno Polegar.

ABSTRACT

SÁ, THATIANA. Lexicon and meaning production in written practice: a proposal for a reinterpretation of the tale "Tom Thumb". 225 p. Dissertation (Master's) - Faculty of Philosophy, Letters, and Human Sciences, University of São Paulo, 2024.

Wonder tales, throughout many generations, have contributed to the formation of children's and adolescents' imaginations, allowing their readers to glimpse different cultures and social relations prevailing in certain historical contexts, as well as presenting magical elements essential to the playful and enchanted universe of childhood. This master's dissertation presents a proposal for a sequence of activities developed with two seventh-grade classes from a public municipal school in São Paulo, based on readings and writing reinterpretations of the tale "Tom Thumb". The objective is to observe the lexical choices used by the students in expressions that mark the physical and social reality of the community in which they live, the district of Brasilândia, in the northern zone of São Paulo, giving visibility and voice to those who face the challenges of the outskirts of São Paulo daily, strengthening identity constructions. The justification for this approach lies in the need for a significant and contextualized work of narrative text production, promoting youth protagonism and the expression of their culture and knowledge, aligning with the City Curriculum, a guiding document for pedagogical work in the Municipal Education Secretariat. As theoretical support for the research and its implementation in the classroom, we turn to Bettelheim (1979), Coelho (2000), Paz (1995), and Propp (2002), when discussing wonder tales and childhood; Candido (2011), Colomer (2007), Cosson (2014), Gregorin Filho (2010), Lajolo (1997), Petit (2010) when addressing Literature; Antunes (2009) and Cardoso (2018) when addressing lexical work in the classroom.

Keywords: Wonder tales. Reinterpretation. Lexicon. Social Reality. Identity. Brasilândia. Outskirts. Tom Thumb.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Releitura do quadro “Monalisa” — Coletânea de Fanfics — Uma Monalisa Diferente.....	87
Figura 2 — Releitura do quadro “Mona Lisa” — Mona Lisa <i>selfie</i>	87
Figura 3 — Releitura do quadro “Mona Lisa”, por Maurício de Sousa.....	87
Figura 4 — Releitura do quadro “O Grito” — Minions.....	88
Figura 5 — Releitura do quadro “O Grito” — Batman.....	88
Figura 6 — Releitura do quadro “O Grito” — O grito da pandemia.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Número de habitantes nos distritos da Zona Norte de São Paulo....	58
Tabela 2 — População dos distritos de São Paulo com mais de 200 mil habitantes.....	59
Tabela 3 — Dados da pesquisa feita com a comunidade escolar do CEU EMEF Jardim Paulistano.....	68
Tabela 4 — Bairros citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	156
Tabela 5 — Comércio citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	157
Tabela 6 — Trabalhos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	158
Tabela 7 — Práticas de lazer e esportes citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	160
Tabela 8 — Escolas citadas no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	161
Tabela 9 – Favelas citadas no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	161
Tabela 10 — Conflitos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.....	162

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Bairros citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”	157
Gráfico 2 — Principais conflitos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A LITERATURA EM SALA DE AULA	21
1.1 A leitura literária na infância e na adolescência	21
1.1.1 A relação entre literatura infantil e escola: contexto histórico	22
1.1.2 O jovem e a literatura	24
1.2 Espaços de leitura na escola	29
1.3 O professor como mediador de leitura literária	35
2 CONTOS MARAVILHOSOS	43
2.1 O universo (nem sempre) encantado dos contos maravilhosos	43
2.2 O Pequeno Polegar	49
3 OS ESPAÇOS PERIFÉRICOS E SEUS PERSONAGENS	58
3.1 Era uma vez... Brasilândia: uma comunidade de muitas histórias	58
3.2 E viveram felizes para sempre? — Os desafios enfrentados pelos personagens da vida real	61
4 E AGORA? O QUE FAZER EM SALA DE AULA? — UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES	70
4.1 Apresentação da situação	70
4.2 Sequência de atividades	71
4.3 Produção final	73
5 RELATÓRIO DE APLICAÇÃO	77
5.1 Aula 1: Conversa sobre memórias afetivas e leituras de infância	77
5.1.2 Aulas 2 e 3: Contação de histórias e discussão sobre clássicos da literatura maravilhosa	83
5.1.3 Aula 4: Contação da história “A Pequena Sereia”	85
5.1.4 Aula 5: Pesquisa na Sala de Leitura	86
5.1.5 Aula 6: Releituras de obras de arte	87
5.1.6 Aulas 7 e 8: Leitura dos livros selecionados na Sala de Leitura	89
5.1.7 Aulas 9 e 10: Leitura do conto “O Pequeno Polegar” na versão de Charles Perrault	90
5.1.8 Aulas 11 e 12: Atividade escrita sobre o conto “O Pequeno Polegar”, de Charles Perrault	91
5.1.9 Aulas 13 e 14: Leitura do conto “O Pequeno Polegar” na versão dos Irmãos Grimm	93
5.1.10 Aula 15: Interpretação escrita sobre o conto “O Pequeno Polegar” na versão dos Irmãos Grimm	94
5.1.11 Aulas 16 e 17: Leitura do Livro “O Pequeno Polegar — Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões” (2019)	97
5.1.13 Aula 19: Leitura coletiva de texto informativo sobre o Distrito de Brasilândia ...	100
5.1.14 Aula 20: Reportagens e notícias sobre a Brasilândia	101
5.1.15 Aula 21: Organização de grupos para a produção escrita e criação de personagens	102

5.1.16 Aula 22: Construção do espaço e enredo	107
5.1.17 Aula 23: Construção do elemento mágico, definição do narrador, tempo e título	110
5.1.18 Aula 24 e 25: Escrita dos contos	112
5.1.19 Aula 26, 27 e 28: Leitura e correção dos contos	114
5.1.20 Aula 29: Ilustração	114
5.1.21 Aula 30: Finalização da sequência de atividades	115
6 ANÁLISE DOS CONTOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	116
6.1 A pequena Kimberly	117
6.2 A Polegarzinha.....	118
6.3 Cleitin do Grau.....	122
6.4 Jhonatan, O Pequeno	125
6.5 Mariana e seu filho Polegar	128
6.6 O Pequeno Everson	131
6.7 O pequeno Gabriel	133
6.8 O Pequeno Menininho.....	135
6.9 O pequeno menino e a salvação	138
6.10 O Pequeno Polegar do Paulistano	140
6.11 O Pequeno Ryan.....	143
6.12 Pequena Menina e o cinto mágico	145
6.13 Pobre pequeno Vitor	147
6.14 Uma pequena imaginação brilhante	151
6.15 Zé Pequeno em busca do pai	152
6.16 Afinal, o que retrata o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”? — Uma análise geral dos contos.....	155
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	170
ANEXO A — Questionário sobre leitura e literatura respondido pelos estudantes dos sétimos anos C e D	175
ANEXO B — Conto “O Pequeno Polegar” em “Contos de Perrault por Fernanda Lopes de Almeida” (2012).....	191
ANEXO C — Os Contos de Grimm. Tradução por Tatiana Belinky	197
ANEXO D — Respostas da atividade a partir da leitura do livro “O Pequeno Polegar. Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho”	201
ANEXO E — Fotos dos educandos a partir da realidade do bairro	202
ANEXO F — Construção dos elementos narrativos — turma 7º ano C	205
ANEXO G — Construção dos elementos narrativos — turma 7º ano D.....	211
ANEXO H — Releituras do conto “O Pequeno Polegar” - Produções escritas dos educandos	215
ANEXO I — Versão final do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, escrito e ilustrado pelos educandos	220

INTRODUÇÃO

Literatura é ato de relação do eu com o outro e com o mundo. Os tempos mudam incessantemente, porém a natureza humana permanece a mesma (Coelho, 2012, p. 18).

Desde a primeira infância, somos expostos a diversas narrativas, sejam orais, escritas ou midiáticas. Resgatando a arte de contar histórias, dentro dos lares e nas escolas de Educação Infantil, os contos de fadas e os contos maravilhosos são apresentados de forma lúdica, com seres encantados, cavaleiros, príncipes e princesas, ogros, florestas e castelos, por meio de livros ou de filmes dos Estúdios Disney. Segundo Coelho (2012, p. 27), “os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”.

Após um período pandêmico, em que estudantes e professores precisaram se adaptar para realizar o ensino remoto, percebemos que grande parte da comunidade atendida pela escola CEU EMEF Jardim Paulistano, localizada no distrito de Brasilândia, periferia da Zona Norte de São Paulo, não teve acesso às aulas de forma adequada, devido à falta de acesso à Internet, entre outros problemas mais graves, como violência, desemprego familiar, aumento de doenças emocionais devido ao momento de isolamento social, e dificuldade de acesso à rede pública de saúde, que estava sobrecarregada com o grande número de contaminados com a covid-19, conforme relatado pelos educandos e seus familiares. De acordo com a pesquisa TIC - Educação 2020 (Edição Covid-19), 93% dos gestores escolares do Brasil apontaram a dificuldade dos pais ao acompanhar as atividades remotas, enquanto 86% indicaram como problema a dificuldade de acesso à Internet.

No retorno às aulas presenciais, em 2021, muitas famílias da comunidade optaram por manter o ensino remoto, enviando seus filhos à escola apenas no final do ano letivo. Dentro dessa realidade, 2022 apresenta-se como um ano letivo atípico, pois grande parte dos estudantes tiveram baixo ou nenhum acesso à educação nos dois anos anteriores.

Se antes havia o hábito de frequentarem a biblioteca escolar e os demais espaços públicos de leitura, em pós-pandemia muitos educandos do CEU EMEF Jardim Paulistano afirmaram que não realizaram nenhuma leitura literária, mantendo

apenas as interações por meio de redes sociais e o acesso a *streamings* (quando havia Internet disponível).

A reabertura da escola mostrou-se um grande desafio, pois, além de desenvolver o conteúdo previsto no ano letivo vigente, também se fazia necessário trabalhar, de forma sucinta, a matéria que deveria ter sido abordada e apreendida nos anos anteriores. Mais desafiador do que isso, nossas salas de aula apresentaram maiores episódios de violência física e verbal, com crianças e adolescentes apresentando quadros de depressão e ansiedade, refletidos no desinteresse pela leitura, escrita e demais aprendizagens. Segundo publicado pelo jornal *Folha de São Paulo*, em abril de 2022, constatou-se um aumento de 48% de casos de violência e de 77% de casos de bullying dentro das escolas do estado de São Paulo.

Diante desse cenário, envolvendo ficção, realidade e questões extraescolares, na tentativa de oportunizar o protagonismo e a reflexão dos educandos, esta dissertação de mestrado profissional do PROFLETRAS apresenta uma sequência de atividades que resgata a memória afetiva de leitura de contos maravilhosos; favorece a discussão sobre a estrutura do gênero; identifica questões histórico-sociais dos contos e, sobretudo, estimula a expressão verbal, por meio de escolhas lexicais, que apresentam os desafios vividos pelo jovem da periferia. Muitas vezes apagados pela exclusão social, ou representados pela comunicação de massa de forma pejorativa, nossos estudantes moradores do distrito de Brasilândia, em diversas circunstâncias são caracterizados como violentos, bandidos ou “sem cultura” pela elite social que, ao abordar sobre a periferia, destaca os casos de violência e miséria. Mas como se enxerga o morador desse território? Quais desafios enfrenta em seu dia a dia? Quais são suas práticas de lazer e cultura? Qual seu papel cidadão para a transformação de si e da comunidade? Na tentativa de estimular a reflexão coletiva e individual, sessenta e dois estudantes com idades entre doze e treze anos participaram de leituras de contos maravilhosos, da análise de versões do conto “O Pequeno Polegar” e da escrita de releituras dessa história, situando personagens, tempo e espaço à realidade local em que vivem.

Nesta dissertação, analisaremos as escolhas lexicais utilizadas nas expressões que demarcam a realidade física e social da comunidade, a partir da perspectiva dos estudantes. Para isso, atividades práticas de reflexão sobre o léxico foram realizadas de forma oral e escrita, incentivando que cada estudante percebesse a intencionalidade na construção discursiva. Considerando o momento pós-pandêmico,

o tempo de isolamento e distância entre a comunidade escolar durante todo o período, a expressão verbal, a afirmação social e a discussão sobre o coletivo se mostravam ainda mais necessárias como desabafo e demarcação do “eu” diante de todos os desafios, perdas e lutos vividos nos anos anteriores.

Irandé Antunes (2012, p. 28) afirma que “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas que participa”. No decorrer de sua obra, aponta à necessidade de as escolas considerarem o trabalho com o léxico em sala de aula, pois, muitas vezes, grande parte do currículo de Língua Portuguesa valoriza aspectos da gramática normativa, mas não considera o valor do léxico para a construção do sentido de um texto. Segundo a autora, é importante que o educando perceba que as escolhas lexicais não são feitas de forma aleatória, mas sim, que estabelecem relações de sentido, de modo a formar o desenvolvimento coeso e coerente de um texto, com a construção de uma continuidade semântica na narrativa, conforme as determinações culturais dos sujeitos.

Nas práticas de leituras e escritas desenvolvidas em sala de aula, buscou-se mobilizar os conhecimentos prévios de cada jovem envolvido, para que observasse que as escolhas lexicais são intencionais e indicam visões de mundo, cultura, sentidos e intenções de comunicação, servindo-se de pistas que conduzem o processo de apreensão do leitor/ouvinte, conforme afirma Antunes (2012). Para isso, a prática de escrita realizou-se com uma proposta real de comunicação: a produção de contos que dialogassem com as versões de “O Pequeno Polegar” e envolvessem aspectos contemporâneos, para que fossem lidos aos estudantes dos quartos, quintos e sextos anos. Identificar o público leitor foi fundamental durante o processo criativo de cada turma, ao demonstrar a preocupação de utilizar palavras que considerasse adequadas para a faixa etária indicada.

Nessa linha, Cardoso (2018, p. 24) afirma que “um mesmo conteúdo pode ser expresso de maneiras completamente diferentes, dependendo das escolhas lexicais e gramaticais que são feitas, e também da ideologia e da visão de mundo do escritor”.

Podemos constatar que, mesmo que todos os educandos envolvidos na prática escrita tenham a mesma idade, morem no mesmo distrito, estudem na mesma escola, e tenham participado das mesmas aulas e recebido as mesmas instruções para a produção textual, cada conto do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada” apresenta enredos diferentes, com desafios e personagens que variam, de acordo com as

escolhas e experiências de cada grupo, indicando suas visões sobre a comunidade local, os aspectos que consideram mais relevantes, o modo como identificam os moradores e as soluções encontradas a partir da fantasia e do “faz de conta” presentes no gênero conto maravilhoso.

A presente dissertação é composta por uma parte teórica, que aborda, no capítulo 1, questões sobre formação leitora, a História da Literatura Infantil e sua relação com a Educação, a literatura juvenil e seus leitores na contemporaneidade, as fases do desenvolvimento humano e a contribuição da leitura literária, o contexto histórico dos espaços de leitura nas escolas públicas da cidade de São Paulo e sua importância para a democratização do acesso à literatura, enfatizando o papel do professor como mediador.

No capítulo 2, apresentamos os contos maravilhosos e o contexto histórico, a partir das obras de Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, abordando a concepção de infância e estruturas familiares de cada época e apontando algumas contribuições psicológicas do gênero aos seus leitores. Por fim, apresentamos o conto “O Pequeno Polegar”, nas versões de Perrault e Irmãos Grimm, verificando a popularidade do conto nas adaptações brasileiras.

No capítulo 3, apresentamos dados do distrito de Brasilândia, como a sua origem e desenvolvimento, área de extensão, número de habitantes, bairros que o constituem, alguns problemas sociais presentes no cotidiano da população, apontados a partir de reportagens e relatos de líderes comunitários e da comunidade escolar CEU EMEF Jardim Paulistano.

No capítulo 4, a partir das dificuldades, interesses e necessidades dos estudantes dos sétimos anos C e D, no ano letivo de 2022, apresentamos a situação inicial identificada em sala de aula, propomos uma sequência de atividades e a produção final, considerando a realidade de uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo.

No capítulo 5, no Relatório de Aplicação, descrevemos todo o processo realizado para o desenvolvimento do projeto com leitura, produção escrita de releitura de “O Pequeno Polegar” e expressão de identidade e reflexão sobre o distrito, por meio de escolhas lexicais presentes nos contos.

No capítulo 6, analisamos os quinze contos presentes no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, observando as escolhas lexicais e as expressões usadas para contextualizar, a partir do conto, personagens, enredo e conflitos reais de Brasilândia.

Nas Considerações Finais, fazemos um resumo dos assuntos discutidos durante a dissertação, atrelando-os à importância da leitura e da existência de espaços leitores, sobretudo nos bairros periféricos, e ao papel do professor para incentivar que crianças e jovens possam ser leitores e cidadãos conscientes. Atividades com o léxico na produção escrita literária são uma sugestão apresentada para que os estudantes expressem seus pensamentos, angústias e reflexões sobre o espaço onde vivem e sobre sua identidade.

1 A LITERATURA EM SALA DE AULA

1.1 A leitura literária na infância e na adolescência

Muito se discute sobre a importância da leitura, sobretudo, para a formação intelectual de crianças e adolescentes. Em textos acadêmicos, cursos de formação de professores, congressos da área de Educação, Psicologia e Língua Portuguesa, ou até mesmo entre as mais simples famílias, é comum a afirmação de que o ato de ler é fundamental.

Na contemporaneidade, concorrendo com celulares, redes sociais, vídeos e jogos eletrônicos, encontramos o embate: de um lado, os adultos alegando, muitas vezes, que a juventude não lê, e do outro lado nossas crianças e adolescentes, curiosos e atentos para desvendarem o mundo ao seu redor. Será que nós estamos apresentando o encantamento das narrativas aos pequenos ou apenas exigindo aquilo que não praticamos? Estaríamos nós escolhendo obras e contextos adequados para a formação do leitor? Será verdade que não há o interesse pela leitura literária? Entre tantas opções em livrarias, bibliotecas e salas de leitura, damos espaço em nossa casa e sala de aula à Literatura Infantil e Juvenil ou a usamos como pretexto para fins pedagógicos?

Sabe-se que, por muito tempo, sequer existiu uma literatura direcionada para criança. De acordo com Zilberman (2003), as primeiras obras infantis começaram a surgir no final do século XVII, a partir do olhar e da definição de infância. Conforme a autora, durante o Período Medieval, as famílias eram formadas para garantir a proteção e o direito sobre as terras, não havendo a proximidade entre pais e filhos como na família unicelular e burguesa. Nesse período, o pai, em geral, era o proprietário dos bens, a mãe se responsabilizava por auxiliar na administração, enquanto o filho mais velho era preparado, desde cedo, para gerenciar as propriedades da família. Expostas aos perigos do trabalho, sem os devidos cuidados de higiene e saúde, havia uma alta taxa de mortalidade infantil, e as crianças que sobreviviam eram tratadas como adultas precocemente.

Sem a concepção de infância e os cuidados adequados de acordo com cada etapa de desenvolvimento do ser humano, a criança era considerada como um adulto em miniatura, havendo pressa para que ela aprendesse a exercer as funções sociais, tais quais seus pais e demais membros da família. Havia a necessidade de preparar

mão de obra para o ganha pão diário, ou ainda, nas famílias dos senhores feudais, em preparar os herdeiros para manterem e aumentarem os bens por muitas gerações.

Diante da baixa afetividade e das relações familiares mais distantes, não havia uma literatura preocupada em atender as especificidades da criança, pois, estando ela participando da vida social com os adultos, compartilhava das mesmas narrativas. Com o declínio do sistema feudal, conforme Zilberman (2003), há uma mudança no modo de vida, afetando a organização social e afetiva. A partir do surgimento da burguesia, inicia-se a valorização da criança, uma vez que as famílias passam a ser privadas, estabelecendo uma relação mais próxima entre pais e filhos. A autora ressalta:

A criança burguesa encontra-se plenamente no contexto familiar, solidificado para resguardá-la. O agente dessa proteção é a personagem materna, o que dá um embasamento histórico e social ao complexo de Édipo, conforme Stone e Poster. A mulher aumenta sua participação na organização doméstica, embora, como no caso da criança, o acréscimo de importância no círculo privado da família corresponda à exclusão da esfera pública, acessível durante o período do predomínio da estrutura de linhagens e clientela (Zilberman, 2003, p. 41).

Com o surgimento da concepção da infância e a necessidade de sua proteção, conforme o excerto acima, inicia-se a preocupação de educar e ensinar os valores morais, papel esse que a escola passa a desenvolver. Baseando-se na fragilidade da criança, constrói-se a ideia da inocência como característica dessa fase, direcionando ações pedagógicas com o objetivo de preparação para a vida.

A partir da sociedade burguesa, aumenta-se a necessidade do hábito de leitura, diante do crescente número de pessoas alfabetizadas, o surgimento do jornal como meio de comunicação e a ampliação da rede escolar. A leitura é vista, portanto, como um ato civilizatório, segundo Zilberman (2003).

1.1.1 A relação entre literatura infantil e escola: contexto histórico

Nelly Novaes Coelho (2010) destaca a proximidade entre literatura infantil e educação desde seus primórdios, não só na Europa como também no Brasil. Segundo a autora, a educação foi fundada com a missão de transmitir valores e, por meio da literatura, buscava-se a valorização do estudo para a ascensão social, usando como

base os livros considerados clássicos, bem como àqueles com caráter religioso, construindo assim o caráter nacional. Afirma-se que:

[...] não podemos ignorar os livros de leitura, escritos pelos pioneiros, e que foram, no Brasil, a primeira manifestação consciente da produção de leitura específica para crianças. Em última análise, tais livros foram também a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos “literatura” e “educação” andaram sempre essencialmente ligados (Coelho, 2010, p. 223).

No Brasil, o primeiro livro infantil foi publicado em 1895 por Alberto Figueiredo, autor dos Contos de Carochinha. É importante observar que as histórias que circulavam em território nacional desde a colonização tinham fontes primeiramente europeias, depois agregando a cultura indígena e africana, contadas oralmente ao povo e também à elite, por meio das babás e dos demais trabalhadores domésticos, conforme aponta Machens (2009). Não havia um público leitor infantil, tampouco uma literatura direcionada às crianças.

A Literatura Infantil Brasileira é criada a partir de Monteiro Lobato, havendo a presença do Maravilhoso misturado à vida real. Lobato apresenta a realidade brasileira e os problemas enfrentados na época, com humor e linguagem criativa, acessível a adultos e crianças.

Entre a década de 1930 e 1940, ocorre um forte movimento antifantasia, com ênfase em livros com teor escolar. Lobato escreve em meio ao confronto entre o Tradicional, marcado pelo Romantismo, e o Moderno, marcado pelo Modernismo de 1922. Devido à intencionalidade pedagógica dos textos para crianças, com o desenvolvimento da rede escolar, nesse período há a expansão da literatura infantil, voltada muito mais para o pedagógico do que para o literário, com exceção de Monteiro Lobato e traduções de obras clássicas, conforme Coelho (2010). Até meados da década de 1960, busca-se a formação e o ensino para a cooperação da vida social, evitando-se o literário. Nesse período, a linguagem literária cede lugar à linguagem infantilizada, incentivando a obediência e a ordem. Assim,

defendia-se o princípio de que os contos de fadas ou maravilhosos em geral falsificavam a realidade e seriam perigosos para a criança, pois poderiam provocar em seu espírito uma série de alienações como perda de sentido concreto, evasão do real, distanciamento da realidade, imaginação doentia, etc. (Coelho, 2010, p. 272).

É a partir de 1950 que ocorre novamente a valorização da fantasia. Nesse período, também se iniciam as páginas infantis nos jornais e a abertura do mercado brasileiro às Produções Walt Disney. A expansão da comunicação em massa, aberta pelo cinema e rádio, atinge as televisões, que começam a fazer parte do cotidiano do brasileiro. Com a crescente presença do audiovisual, conforme aponta Coelho (2010), começa-se a temer o fim da publicação de livros e o enfraquecimento da carreira docente (questões ainda presentes nos dias atuais, com o alcance da Internet).

É na década de 1970, no entanto, que ocorre um aumento significativo nas produções literárias para crianças, também chamado de *boom* da literatura infantil. Surgem nesse período inúmeros escritores publicando obras com experimentalismo na linguagem e texto questionador, buscando diversão e criticidade de seus leitores.

Por volta da década de 1980, a Literatura Infantil e Juvenil domina o mercado editorial, com diversos temas e estilos. Esse aumento ocorre como fruto das obras dos períodos anteriores, e pela inclusão dessa literatura nos currículos escolares. Observa-se, portanto, mais uma vez ao longo da História, a próxima relação entre Educação e Literatura Infantil, sendo a escola um importante espaço para o acesso e o consumo de obras literárias voltadas para jovens e crianças.

1.1.2 O jovem e a literatura

Ao refletir sobre o jovem e adolescente, Gregorin Filho (2011) afirma que não existe uma classificação fixa para a juventude, contudo, é a partir da Globalização, segundo o autor, que ela assume características e comportamentos parecidos. Se considerarmos o Estatuto da Criança e do Adolescente, entendemos como criança a pessoa de até doze anos de idade incompletos, enquanto o adolescente é aquele entre doze e dezoito anos.

Assim como a concepção de infância foi criada, mesmo sempre existindo crianças, a concepção de juventude também foi construída ao longo dos anos, sendo que, nas civilizações antigas, o ser humano passava da infância para a vida adulta a partir de ritos de passagem.

Segundo Gregorin Filho (2011), ao tratar sobre o contexto histórico da concepção de juventude, é na década de 1950 que os astros da música e do cinema começam a fazer sucesso entre os jovens, marcando uma postura irreverente a ser

imitada em diferentes países, padronizando e determinando indivíduos dentro de uma mesma faixa etária. Na década seguinte, há o convívio da figura da juventude tradicional e da hippie, marcada pelo espírito livre.

Ao tratar sobre a literatura destinada a esse público leitor, o autor afirma que em 1979 é fundada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. Na década de 1980, com a democracia brasileira, as escolas abrangem em seu currículo uma ampla literatura voltada ao jovem, contendo temáticas sobre problemas sociais, mais uma vez, portanto, havendo o vínculo entre literatura e escola.

Num cenário de lutas pela liberdade de expressão, a sala de aula recebeu diversos títulos que procuravam discutir não apenas a realidade dos problemas enfrentados pelo país em vários campos, como também de maneira bem mais contundente, os conflitos do jovem e seu papel nesse universo social (Gregorin Filho, 2011, p. 39).

De acordo com o autor, considerando a diversidade de assuntos presentes nas obras literárias, é necessário o cuidado de a literatura juvenil não ser abordada apenas por seus temas transversais, como violência, sexualidade, drogas e relacionamento familiar, por exemplo, tampouco como instrumento para instituir padrões de escrita e reprodução de conteúdos, mas, antes de tudo, ser considerada como arte, com uma leitura atenta à sua literariedade, à fruição e à construção de sentido. Afirma ainda que:

A literatura feita para o jovem da atualidade está vinculada à arte, isto é, ao mesmo tempo em que traz à tona as discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio das múltiplas linguagens, seja por intermédio das atuais formas de suporte para que essa arte seja veiculada (Gregorin Filho, 2011, p. 41).

É interessante observar no excerto acima que não é que apenas o livro impresso pode ser o suporte de leitura e incentivo literário para os jovens dos dias atuais, como muitas vezes ainda imaginamos. Conforme Silva (2017), o cinema, as novelas, seriados, redes sociais e *youtubers gamers* (influenciadores digitais que abordam sobre a temáticas de jogos online) podem incentivar os jovens de diferentes países a buscarem por determinadas obras literárias, como Harry Potter, Senhor dos Anéis, Diário de um Banana, Saga Crepúsculo, Stranger Things, Minecraft, obras da Agatha Christie, entre outros títulos bastante procurados nos espaços de leitura,

dentro e fora das escolas.

Silva (2021) afirma que o jovem e adolescente mantêm a necessidade e o apego à ficção, sendo ela um dos recursos para lhes devolver a esperança, bem como um espaço de pertencimento. A leitura para eles, segundo o autor, é emocional, possibilitando o fortalecimento da construção da identidade e um espaço para compreensão do mundo. Afirma-se ainda que “A sociedade moderna está imersa em uma cultura, na qual as redes sociais estão evoluindo cada vez mais rápido” (Silva, 2021, p. 91), como o Facebook, Twitter, Instagram e TikTok, sendo que cada um deles possibilita a comunicação imediata e oferece pequenos poderes para comentários e interação.

Assim como as redes sociais estão em constante mudança, segundo o autor, a sociedade também passa por contínuas transformações. As redes de relacionamentos virtuais são usadas, muitas vezes, como janelas para observar a vida de forma efêmera, superficial e veloz. Se, ao sentar em frente às telas, nossos jovens criam a ilusão de uma vida perfeita de seus amigos, familiares e artistas preferidos, por exemplo, a literatura favorece a introspecção e o contato com os sentimentos mais íntimos e profundos, seja de modo implícito ou explícito, através de um personagem ou por elementos do enredo. Ao realizar uma leitura literária, segundo Silva (2021, p. 185), o jovem reencontra suas próprias humanidades, portanto, ainda que ele esteja em contato direto e indireto com uma intensa exposição de diferentes textos, verbais e não verbais, a literatura permanece essencial para a sua formação humana e cidadã.

Considerando a história da literatura infantil e juvenil e toda sua trajetória vinculada ao ensino, observa-se que, nos dias atuais, a criança e o adolescente podem demonstrar desinteresse diante dos livros abordados por seus professores, por isso, possivelmente, dá-se o embate indicado anteriormente entre gerações sobre o gosto pela leitura. Se antigamente a literatura era pretexto para tratar da moralidade e reforçar o estudo da língua e dos clássicos literários, havendo o controle por meio de provas e olhares atentos dos adultos, atualmente a indicação de leitura circula para além dos muros das escolas, principalmente, entre os jovens, sem necessariamente haver a mediação de adultos. Segundo Silva (2021), a construção de identidade e a necessidade do “vir a ser” faz parte do jovem. Nessa fase da vida, há a necessidade de pertencer a um grupo e ser aceito por ele. Nesse aspecto, o livro pode ser um dos instrumentos de reconhecimento e inserção a um grupo, como àqueles que leem mangás e discutem sobre animes, ou ainda, àqueles que flutuam entre as obras da

cultura de massa que fazem sucesso em um determinado momento, segundo aquilo que está sendo mais assistido por meio de *streamings*. É bastante comum, em nossas salas de leitura, encontrarmos adolescentes empolgados ao identificarem nas prateleiras as obras relacionadas a um filme de sucesso ou ao seriado a que seus colegas estão assistindo. Há até mesmo lista de espera para empréstimo do livro, ainda que essa empolgação seja tão momentânea quanto o sucesso da obra na versão cinematográfica. Não é pouco frequente, inclusive, que alguns estudantes não realizem a leitura das obras, diante de um amontoado de páginas com letras miúdas e pouca ilustração, diferentemente do que encontram nas telas dos celulares, que apresentam coloridas imagens e variados *hiperlinks*, que organizam o texto de forma mais dinâmica. Ao conhecer a narrativa por meio do audiovisual, muitos adolescentes apresentam estranhamento ao perceber a diferença entre as mídias e suas linguagens.

Considerando as características e os interesses de nossas crianças e jovens, assim como sua familiaridade com as diferentes tecnologias, cabe o favorecimento de diferentes estratégias para que haja uma reflexão e aproximação dos leitores com diferentes gêneros literários, favorecendo o letramento literário, conforme afirma Cosson (2014).

Bertrand (2021), ao tratar sobre a literatura juvenil, afirma que é importante estabelecer diálogos com os jovens, fugindo do caráter pedagógico, contudo, oportunizando o aprofundamento da reflexão crítica, e indo além do que a sociedade de consumo oferece, usando-a como um meio para apresentar novas leituras e iniciar novas discussões. O autor aponta sobre a importância de o adulto compartilhar experiências e saberes com os jovens e adolescentes, incentivando novas pesquisas e promovendo diálogos, de modo a favorecer a criticidade sobre questões políticas e sociais a partir da leitura literária.

1.1.3 As fases de desenvolvimento humano e a literatura para crianças e jovens

A partir dos estágios de desenvolvimento cognitivo apontados por Piaget (1990), podemos considerar a literatura importante para todas as fases da criança, desde sensório motor até o operatório formal, uma vez que a narrativa pode estabelecer o vínculo entre o bebê e seu cuidador por meio do afeto, o jogo com as palavras, a sonoridade, ritmo e rimas das poesias, parlendas e trava-línguas, bem

como a representação de mundo e o desenvolvimento linguístico, com o contato com os contos, fábulas e lendas, por exemplo. É por meio da literatura que a pessoa consegue, de modo inconsciente, refletir sobre tempos passados e diferentes culturas, assim como, também, sobre a sociedade na qual está inserida e os problemas enfrentados em seu dia a dia.

Como aponta Bettelheim (1979), por meio dos contos maravilhosos, a criança pode ter contato indireto com seus sentimentos e refletir sobre eles, por isso a importância do acesso da criança a um número variado de contos, com a liberdade para que ela escolha os seus preferidos de acordo com o momento vivido. Durante as aulas de leitura com as turmas do ciclo de alfabetização, por exemplo, os contos maravilhosos favorecem ricas experiências dos educandos, passando por comentários sobre a narrativa, gostos pessoais, compreensão do texto e compartilhamento de episódios da vida pessoal da criança, como divórcio dos pais, a presença de madrasta ou padrasto e o relacionamento familiar, as dificuldades financeiras, entre outros assuntos extraídos a partir da familiaridade espontânea da criança com o texto literário lido, associando ficção à sua realidade.

Segundo Vigotsky (2014), as atividades sociais e culturais são necessárias, sendo o livro um dos instrumentos importantes para o aprimoramento do pensar, já que este se dá por meio da linguagem. A literatura pode contribuir para ativar as estruturas cognitivas e afetivas no desenvolvimento da criança, facilitando a reflexão sobre o seu dia a dia e o vivenciar de sentimentos, normas e valores. É por meio da materialidade do texto que a criança pode ampliar seu conhecimento lexical e ser alfabetizada e ter auxílio na aquisição da linguagem e na criatividade.

Para o autor, a criatividade depende das experiências vividas ou ouvidas, de modo que a literatura favorece o contato com múltiplos contextos, estimulando o desenvolvimento cognitivo e emocional. Por exemplo, Vigotsky (2014, p. 18) afirma que, ao se deparar com os sucessos e fracassos de heróis imaginários, o leitor se contagia emocionalmente, ainda que saiba que são fantasias.

Sendo o brincar uma importante e essencial forma de a criança ser e estar no mundo, o livro literário deve ser apresentado e inserido na vida dos pequenos como um material lúdico, um instrumento para se efetuar brincadeiras com sons e imagens, construir novas possibilidades narrativas e ter a oportunidade de manuseio do próprio objeto, com a garantia de seu livre acesso. A mediação de leitura, realizada por um adulto, deve favorecer a afetividade, assim como o contar histórias ao redor da

fogueira, praticado por nossos ancestrais.

Segundo Wallon (2007), o brincar é uma atividade própria da criança e, por meio dessa tarefa, ela expressa seus sentimentos, suas experiências cotidianas e fantasias. Assim como as brincadeiras, as histórias narradas permitem o imaginar. Ao ler ou ouvir a leitura de um livro literário, a criança pode criar e recriar os personagens, espaços e imaginar a execução de todo o enredo.

Nelly Novaes Coelho (2000) traz em sua obra a importância de se respeitar a etapa de desenvolvimento da criança para a escolha do livro literário adequado. A autora divide as etapas em pré-leitor (dos quinze meses aos três anos), segunda infância (a partir dos dois/três anos), leitor iniciante (a partir dos seis/sete anos), leitor em processo (por volta dos oito/nove anos), leitor fluente (aos dez/onze anos) e leitor crítico (a partir dos doze anos). Para cada etapa, Coelho (2000) apresenta algumas características comuns à faixa etária e sugestões de elementos que devem estar presentes na obra escolhida. É importante ressaltar, no entanto, que cabe ao adulto perceber a etapa vivenciada por cada criança, indo além da idade definida pela autora, uma vez que nem sempre uma pessoa de dez ou onze anos tem uma leitura fluente, por exemplo, ou é uma leitora crítica aos doze anos, conforme observamos no cotidiano de sala de aula.

Diante de inúmeras variáveis, como falta de acesso a acervo literário, desigualdade social, problemas familiares, dificuldade de aprendizagens, número elevado de estudantes em cada turma, entre outros fatores que serão citados no capítulo a seguir, a criança pode ou não ser afetada em seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo, sendo essencial a garantia de acesso às narrativas orais e escritas para crianças, jovens e adolescentes, de forma lúdica, reflexiva e prazerosa para todas as faixas etárias.

1.2 Espaços de leitura na escola

Muitos professores afirmam que os estudantes, de modo geral, não leem. Contudo, devemos considerar, conforme aponta Colomer (2007), que a sociedade nunca leu tanto quanto nos dias atuais, já que essa prática não se limita apenas aos livros, mas inclui mensagens trocadas pelo celular, notícias e publicidades postadas em redes sociais, informações sobre artistas e programas de televisão amplamente publicados em páginas da internet, artigos e opiniões políticas, gibis e mangás,

charges e tirinhas, além das placas de rua, letreiros de ônibus, faixas, cartazes e *outdoors* espalhados pela cidade, entre outros. Sabemos, portanto, que a leitura não é uma atividade exclusivamente escolar, mas encontra nesse ambiente um importante papel para o desenvolvimento humano, oportunizando a capacidade de compreensão do mundo, o reconhecimento da cultura e tradição de povos e a aprendizagem sobre realidades desconhecidas, aumentando as possibilidades de simbolizar.

Ressalta-se sobre a necessidade do ser humano fabular:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, 2011, p. 177).

Apesar de ser tratada como privilégio para uma minoria, o autor aponta a literatura como um Direito Humano, que deveria estar acessível a todos de forma igualitária, já que, por meio dela, enriquecemos a nossa percepção de mundo, organizamos pensamentos e sentimentos. Para Candido (2011, p. 182), “a literatura devolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Feitosa (2019), ao retomar a história do Brasil, recorda que por muitos anos o livro foi um objeto de acesso para poucos. Antes da chegada da Família Real, por exemplo, as tipografias eram proibidas e os textos, censurados. Foi em 1925 que a Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo teve seu acesso liberado ao público e, a partir da década de 30, romances, lendas e novelas passaram a ser lidos por comunidades em espaços públicos e privados. Feitosa (2019) ainda afirma que, durante o século XIX, o livro didático distanciou ainda mais a prática de leitura literária, pois as atividades pedagógicas eram realizadas na escola, enquanto a literatura, considerada leitura por prazer, ocupava as tarefas de casa. Como a maioria da população ainda não era letrada e com a crescente presença da comunicação de massa, muitos delimitavam o ato de ler como uma prática escolarizada. É interessante observar que, apesar de muitos educadores serem saudosistas e afirmarem que a Internet e os celulares e computadores atrapalham a leitura, em sua tese, Feitosa (2019) nos aponta que o rádio e a televisão já concorriam com o tempo dedicado aos livros, sendo favorecidos por serem acessíveis a muitos que não eram alfabetizados. Sem o investimento do Governo para aproximar espaços de leitura à população mais

carente, as escolas se tornavam um importante lugar para o contato com os livros.

A autora afirma que “[...] fora dos muros escolares, os órgãos governamentais pouco fizeram para garantir à população em geral condições de acesso à leitura, a acervos públicos que lhes permitissem ser partícipes de uma comunidade leitora” (Feitosa, 2019, p. 107).

Colomer (2007, p. 35) afirma que, em diversos países, o contato com o livro era próprio das elites sociais e “[...] abissalmente distanciado das necessidades da maioria da população, que deveria aprender a linguagem escrita o mais depressa possível para poder ganhar a vida”.

Sem a prática de ocupar os espaços de leitura das cidades, quando existentes, vivendo em um lar sem o hábito leitor e com dificuldade para comprar livros, devido a seu preço nem sempre acessível, é nas escolas que as camadas populares deveriam ter acesso à literatura.

Zilberman (2010) aponta que, antes da democratização do acesso ao ensino, os estudantes provinham de uma cultura leitora em seus lares e espaços fora dos muros escolares. Na escola, encontravam um estudo pautado nos cânones, visando ao ensino da língua padrão e da literatura, por ser considerada a expressão completa da linguagem verbal.

A partir do acesso à Educação por todas as camadas sociais, os estudos literários ganharam um novo sentido, pois os estudantes foram apresentados a uma literatura diversa, já que a tradição pouco lhes representava. A partir da década de 1970, obras de autores contemporâneos ocupam espaços nas escolas, aumentando também a circulação da literatura infantil. Zilberman (2010) afirma que, se por um lado é expressiva a abertura para novas literaturas, por outro lado isso priva as camadas populares de acesso e conhecimento aos cânones, aumentando a distância social e cultural entre os estudantes.

Apesar de as classes populares, a princípio, não se identificarem com os clássicos literários, a autora afirma a necessidade de apresentá-los, seja para que haja a sua aceitação ou mesmo para ser contrariada, pois se relaciona à formação da identidade nacional. Zilberman (2010) também aponta para a problemática atual, em que os Parâmetros Curriculares substituem o estudo da língua e da literatura pela prática com os textos, visando à comunicação. Para a autora, o estudante:

Até um certo período da história do Ocidente, ele era formado para a

literatura; hoje, é alfabetizado e preparado para entender textos, ainda orais ou já na forma escrita. Como querem os PCNs, em que se educa para ler, não para a literatura (Zilberman, 2010, p. 17).

Nesse aspecto, há uma crítica sobre a ausência da literatura no cotidiano da sala de aula, pois, se antes era trabalhada de forma desconectada ao interesse e à realidade das crianças e dos adolescentes, agora passa a ser tratada como secundária, uma vez que o foco é a função comunicativa de textos, de forma geral.

Em outro artigo, Zilberman (2008) explana que, entre 1970 e 1980, houve um aumento nas discussões sobre a escola e a literatura, pois nela era depositada a esperança para superar as dificuldades em sala de aula. No entanto, no decorrer das décadas, os problemas de aprendizagem não foram resolvidos, ampliando-se a diferença entre as escolas destinadas à classe pobre e àquelas destinadas à alta sociedade. A autora afirma que:

Da alfabetização, tarefa que a escola desempenhou burocraticamente desde seus inícios, passou à necessidade de letramento, sobretudo de letramento literário. A leitura de textos apresenta-se como prática inusitada e a literatura, em boa parte das escolas nacionais, como um alienígena, sobretudo nas que atendem os segmentos populares, mesmo em grandes centros urbanos (Zilberman, 2008, p. 15).

Diante da importância da literatura como memória, identidade e manifestação cultural de um povo, é fundamental a garantia de acesso às obras na integralidade, e não apenas por meio de trechos em livros didáticos ou em fichas de exercícios. Como oportunizar, então, o acesso aos livros e desenvolver o letramento literário quando nem sempre há bibliotecas públicas acessíveis a toda a comunidade? No distrito de Brasilândia, por exemplo, Zona Norte de São Paulo, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEDAE) com dados da Prefeitura de São Paulo, ano base 2021, há 283.658 moradores, com apenas três bibliotecas públicas e uma Casa de Cultura. É interessante observar que, entre esses espaços, duas bibliotecas estão localizadas em Centros Educacionais Unificados (CEUs) — no CEU Jardim Paulistano e no CEU Paz “Augusto dos Anjos” — e a Casa de Cultura Brasilândia passou a funcionar apenas em 2010, em frente a uma escola pública estadual. Por muitos anos, portanto, toda a população local, distribuída nos 21 km² de área de extensão, possuía apenas uma biblioteca pública para pesquisas, empréstimos, realização de trabalhos escolares e leituras locais, sendo ela a Biblioteca Pública Municipal Afonso Schmidt,

única da região citada atualmente no site do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. É importante também ressaltar a dificuldade de acesso a esse espaço, pois grande parte dos transportes públicos da região não passa próximo ao local, sendo comum, na década entre 1990 e 2000, que os estudantes precisassem de mais de um transporte ou ainda caminhar por um longo trecho para chegar ao local.

Considerando a precariedade de acesso a bens culturais na região, o que ocorre também em diversos lugares de São Paulo e demais estados brasileiros, o espaço escolar constitui-se um local imprescindível para favorecer muito mais do que a alfabetização e a oportunidade de os educandos serem capazes de apropriar-se do universo letrado no qual está inserido, mas também deve ser um local de democratização de acesso à literatura, promovendo não apenas o contato com os livros, mas também atividades de mediação de leitura e estudo que favoreçam o letramento literário, conforme apresentado:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (Cosson, 2014, p. 27).

Para promover o encontro dos estudantes das mais diversas camadas sociais com os livros, em especial com a literatura, no ano de 1972 foram inaugurados Salas e Espaços de Leitura nas escolas da rede municipal de São Paulo, instituindo-se em caráter permanente em 1973. Conforme o documento Sala de Leitura: Vivências, Saberes e Práticas (SME, 2020), atualmente as Salas de Leitura estão presentes em 561 escolas, sendo elas EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental), EMEFM (Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio) e EMEBS (Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos). Há Espaços de Leitura em CEI (Centro de Educação Infantil), CEII (Centro de Educação Infantil Indígena), EMEI (Escolas Municipais de Educação Infantil) e CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos).

A organização e o acesso à Sala de Leitura nas escolas municipais de São Paulo ocorreram em um momento em que acadêmicos e professores discutiam sobre literatura na escola e educação de qualidade, considerando que, na década de 1960, houve a democratização do ensino, aumentando o número de estudantes em sala de aula e oportunizando o ensino a uma nova clientela, a qual não tinha acesso aos bens culturais disponíveis às crianças das famílias de níveis sociais mais altos.

Com o aumento do mercado editorial brasileiro nesse período, novas temáticas e gêneros literários foram inseridos no acervo escolar, assim como maiores opções de livros de literatura infantil e juvenil, mais próximos à realidade dos educandos. Desde 1975, os responsáveis pela sala e pela promoção da leitura literária são professores da rede, cabendo-lhes a tarefa de desenvolver a mediação de leitura e articular a literatura às demais artes.

Desde 1992, as aulas de leitura ocorrem semanalmente, atendendo a todos os educandos do ensino fundamental e médio, devidamente matriculados na rede municipal de ensino, em um ambiente adaptado e flexível, de acordo com a realidade e necessidade de cada escola, garantindo o direito de acesso aos livros, prioritariamente literários, às crianças e aos adolescentes. Os professores designados ao cargo são eleitos pelo Conselho de Escola, anualmente, e recebem formação pela Secretaria Municipal de Educação periodicamente. São 50 anos de existência do projeto, resistindo e se reinventando de acordo com a política vigente, a cultura e o momento histórico social. Atualmente está inserida na Política Municipal de Literatura, no Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB — Lei Municipal nº 16.333/2015) e no Plano Municipal de Educação (Lei Municipal nº 16.271/15).

Além da garantia do acesso à literatura dentro das escolas, os estudantes também podem formar seu acervo particular por meio do Projeto Minha Biblioteca, implementado entre 2007 e 2011, e retomado em 2018. Regulamentado pela Instrução Normativa nº 10/2019, o projeto promove a distribuição de obras literárias infantis e infantojuvenis, dos mais variados gêneros, previamente selecionadas por um grupo de professores e especialistas, a fim de garantir a qualidade do material e, sobretudo, a adequação da temática e linguagem, de acordo com a idade dos estudantes.

Na Rede Estadual de Ensino de São Paulo, o Programa Sala de Leitura foi implantado em 2009, ou seja, enquanto nas escolas municipais o projeto existe há 50 anos, nas escolas estaduais está em funcionamento há 15 anos. De acordo com a Resolução Estadual nº 15 de fevereiro de 2009, as Salas de Leitura oportunizam o desenvolvimento da competência da leitura e escrita, sendo disponibilizado um acervo não apenas literário, como também de informação, variando o suporte entre livros, DVDs e CDs, na busca por alcançar o letramento informacional.

Ao longo dos anos, algumas portarias foram publicadas em Diário Oficial, indicando as normativas referentes aos espaços e salas de leitura nas escolas

estaduais. Sobre o profissional responsável, a preferência sempre foi dada ao professor readaptado, havendo a oportunidade de projeto para aquele em situação de adido ou cumprindo horas-permanência, conforme Resolução 70 de 21/10/2011. Observa-se, portanto, que a existência da Sala de Leitura nas escolas estaduais permanece com o funcionamento comprometido, pois, ao priorizar o professor readaptado, não considera suas limitações de saúde e, muitas vezes, suas dificuldades de contato direto com as crianças e os adolescentes. O espaço, portanto, é considerado como um refúgio e não como um lugar de contato ativo e dinâmico entre educandos, literatura e professor. Apesar de haver formação promovida em espaço coletivo na escola e, de forma virtual, pela plataforma AVA, a realidade narrada por muitos profissionais da educação é uma sala com uma quantidade de livros significativa, contudo, nem sempre organizada e disponível à comunidade escolar.

Para garantir a democratização de bens culturais e o acesso à literatura como direito, promovendo o letramento informacional e literário, são necessárias diversas ações, como a construção de espaços públicos acessíveis a toda comunidade, em especial às mais carentes; atividades culturais e pedagógicas envolvendo a literatura dentro e fora da sala de aula; a construção e manutenção de salas e espaços de leitura dentro das escolas, com um acervo atualizado e adequado, bem como profissionais capacitados para promover a mediação e o encontro de todos os educandos com a poesia, os contos e demais gêneros da literatura. Diante das múltiplas possibilidades, a escola apresenta um papel fundamental para que crianças e jovens possam iniciar a sua vida leitora e desenvolvê-la ao longo da vida.

1.3 O professor como mediador de leitura literária

Trabalhar com a literatura em sala de aula é um desafio para muitos professores. Considerando as múltiplas realidades brasileiras, entre escolas públicas e até mesmo as particulares, nem sempre há obras literárias suficientes para trabalhar com todos os estudantes. Seja pela falta de materiais ou por não encontrarem estratégias que extrapolem os muros da escola, muitas vezes, as leituras restringem-se aos excertos de livros didáticos, resumos e atividades sob perspectiva pedagógica.

Tendo como principal material de apoio o livro didático, cabe a esses profissionais da Educação a criatividade e o planejamento, para que a literatura não se limite ao universo escolar.

[...] quando repleto de determinações pedagógicas e de conteúdos preestabelecidos, que sufocam a alteridade das obras, o livro didático confere ao ensino de literatura um aspecto disciplinar e instrumental, convertendo-se ele próprio em um problema (Cechinel; Durão, 2022, p. 74).

Segundo os autores, algumas práticas favorecem o empobrecimento do ensino literário, como as extensas listas de livros para o vestibular, que resultam na busca por resumos e análises, não havendo tempo e interesse para a leitura do texto literário em si. É também durante o Ensino Fundamental e, principalmente no Ensino Médio, que se apresenta a estrutura do gênero, as escolas literárias, a biografia dos autores, deixando a literatura para o segundo plano, como se ela existisse apenas para justificar e exemplificar o conteúdo estudado.

Cechinel e Durão (2022) defendem a ideia de a literatura não ter função social, moral, política ou econômica nesse contexto. Segundo ele, em uma sociedade de utilitarismo, que busca sentido e função para tudo, a literatura consiste em ir contra essa premissa, pois, em um mundo de imagens e mensagens velozes, permite que o leitor construa um tempo vagaroso e um olhar atento. Diferentemente das mídias e redes sociais, que prometem a distração e o prazer instantâneo, a leitura envolve uma construção de sentido e um uso específico da linguagem.

O prazer só pode vir, assim, depois de muito esforço, incerteza e até frustração. Trata-se de um tipo de sentimento muito diferente daquilo que estamos acostumados a chamar de prazer, aquela gratificação imediata e descontraída diante de coisas que não exigem muito de nós (Cechinel; Durão, 2022, p. 129).

Afirmam ainda que “[...] o prazer verdadeiramente literário não pode ser separado do trabalho leitor” (Cechinel; Durão, 2022, p. 129), portanto, podemos observar o desafio enfrentado em sala de aula, ao evitar-se o ensino pautado em preenchimentos de fichas literárias, mas também não limitar apenas ao prazer, em que o estudo da materialidade linguística e o desenvolvimento estético não são priorizados.

Colomer (2007) discorre sobre a importância de haver o equilíbrio entre a prática da leitura como atividade escolar e a preocupação dos educadores para que suas turmas leiam, sem nenhum critério, como se apenas o contato com o texto bastasse para a formação do leitor literário. “Da leitura como dever passou-se ao dever

do prazer” (Colomer, 2007, p. 109), uma vez que, na tentativa de evitar o trabalho exaustivo com textos que não fazem sentido a crianças e adolescentes, passou-se a buscar o desenvolvimento do hábito leitor a partir do desejo. Para oportunizar o letramento literário dentro de sala de aula, ela defende o contato direto com o livro, sem torná-lo um pretexto para o estudo da forma. Contudo, ressalta também a necessidade de que haja uma mediação para que os estudantes percebam o não dito, promovendo a reflexão e o debate.

Podemos então nos questionar “qual é o interesse de nossos estudantes?”, “sobre quais assuntos desejam aprender?”, “quais os conhecimentos prévios de cada turma?”, “como desenvolver o letramento literário de forma satisfatória?”. Essas e tantas outras questões ocupam as mentes docentes, que buscam incentivar os educandos a serem leitores críticos, sensíveis à linguagem literária e à construção do conhecimento.

Ao tratar sobre o desinteresse pelos livros, tema muito comentado nas salas dos professores das mais variadas escolas brasileiras, Colomer (2007) aponta que a resistência pode se dar como medo do fracasso e defesa da autoestima. Considerando que o olhar estético seja uma construção que demanda esforço e necessita de um mediador para iniciar o processo, bem como o fato de muitas de nossas crianças não possuírem lares com fácil acesso aos livros, é importante, enquanto educadores, observarmos o papel da escola não apenas para oferecer um acervo de qualidade, mas também mostrar as sutilezas e complexidades das obras, de modo que crianças e jovens consigam, por si só, apreciá-las em seu dia a dia. Para a autora: “A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo” (Colomer, 2007, p. 68).

Ao retomar o processo histórico da Educação, Colomer (2007) evidencia a necessidade de a escola mudar o seu modo de trabalho e suas expectativas. Se antes o ensino era acessível a uma pequena elite letrada, cujo acesso aos textos clássicos e aos demais bens culturais eram constantes, ao instituir-se o direito da educação para todos, acreditou-se que nada deveria mudar, além de organizar prateleiras ou caixas com alguns livros na sala de aula. Não se pensou, no entanto, em estratégias de ensino para uma camada da população cujo acesso a bibliotecas e espaços culturais é restrito.

Como iniciativa de democratização ao acesso à literatura, dentro das Salas de Leitura das escolas da rede municipal de São Paulo, atuam os Professores

Orientadores de Sala de Leitura (POSLS), sendo responsáveis por realizar empréstimos de livros, organização do acervo, mediação de leituras, além de projetos que envolvam o desenvolvimento do letramento literário, como Clube de Leitura, Sarau e Slam. Atendendo a todos os estudantes matriculados, cada turma tem dentro do horário regular uma aula semanal de leitura, que é aumentada para duas quando a escola é de Tempo Integral. Na rede estadual, no entanto, o uso desse espaço é facultativo, pois nem sempre há funcionário apto ou designado para a função. Quando em funcionamento, a Sala de Leitura da Rede Estadual oferece um acervo diversificado aos estudantes, cabendo ao professor realizar práticas que favoreçam o desenvolvimento da competência leitora e escritora de todos os educandos, que pode atuar em parceria com os demais docentes da instituição.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Língua Portuguesa — Anos finais:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

Assim como as orientações de Sala de Leitura e os Parâmetros Curriculares Nacionais, a BNCC, conforme excerto acima, apresenta a educação literária como possibilidade de fruição estética, reconhecendo sua função humanizadora ao propiciar que o educando não permaneça na superfície dos textos, mas perceba suas camadas para a construção de sentido. É importante considerar que o objetivo da escola não é formar escritores, apesar de as avaliações externas constantemente avaliarem a capacidade de os educandos produzirem textos literários. Seja nas aulas de Literatura, Língua Portuguesa e também em todos os demais componentes curriculares, deve haver um trabalho cuidadoso com a linguagem, sabendo-se que é também por meio da literatura que a criança tem contato com a tradição de seu povo,

no passado ou presente. Conforme Colomer (2007), a prática de leitura aumenta a capacidade de compreensão do mundo, possibilitando a reflexão sobre si e sobre o outro. Em tempos de intolerância e circulação de notícias falsas, a leitura literária continua sendo necessária, pois é também por meio dela que seu leitor desenvolve a capacidade de ler as entrelinhas, de identificar o não dito e desenvolver habilidades em todos os níveis discursivos. É então necessária a “[...] formação de leitores literários críticos, que utilizem a leitura como forma de interpretar o mundo e de obter maior independência pessoal em relação aos discursos sociais” (Colomer, 2007, p. 111).

Macedo (2021) apresenta a ideia de que devemos lutar para que todas as pessoas tenham acesso à literatura de forma igualitária. Segundo a autora:

[...] além de contribuir para a ampliação de formas de conceber a vida e o universo, a literatura incide sobre algo que nos constitui, de diversidade humana, suas diferentes formas de ser, contribuindo assim para nos enxergarmos na diversidade, em nossas diferentes formas de humanidade (Macedo, 2021, p. 47).

Quando uma criança lê um conto de fadas, uma história de aventura ou terror, por exemplo, além de usufruir da ampliação do vocabulário e do desenvolvimento da imaginação, ela também é inserida em diferentes culturas, estruturas familiares, modos de ser e estar no mundo, o que, segundo Macedo (2021), contribui para a construção da identidade e compreensão do mundo.

Ampliando para realidades de todo o território nacional, muitas escolas permanecem precárias, cabendo ao professor o enorme desafio de apresentar a literatura de forma criativa e adequada sem o número de livros necessários, sem o apoio de uma biblioteca, ou ao menos fotocópias e recursos tecnológicos.

Diante de tantos desafios encontrados dentro e fora da escola, é necessário que professores e demais mediadores de leitura apresentem as narrativas e poesias às crianças e aos adolescentes, em forma de brincadeiras, compartilhando experiências literárias, realizando saraus, contações de histórias, leituras compartilhadas, teatro de fantoches, entre outras tantas possibilidades. Para Petit (2010, p. 184), o mediador de leitura “[...] deveria poder dar, a cada leitor, uma oportunidade de encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular”.

Disponibilizar o acesso de obras literárias aos educandos é de extrema

importância, contudo, sem a mediação de leitura e ações bem planejadas do professor, corre-se o risco de os livros ficarem empoeirados e esquecidos, ou, ainda, que a comunidade escolar não valorize e não atribua sentido à ficção e à poesia. Muitos são os relatos de profissionais da Educação contando que, apesar de os educandos receberem livros literários de programas nacionais de incentivo à leitura, não os valorizam, abandonando-os ou até mesmo descartando-os nos lixos da escola. Ações como essa denunciam a importância de haver um trabalho organizado e bem estruturado com a literatura e a prática leitora, pois, em muitos casos, é o ambiente escolar o primeiro e único local em que crianças e adolescentes têm contato com os livros.

Segundo Rouxel (2013), é importante um olhar atento do educador ao observar a sua turma, considerar a realidade vivida, interesses dos educandos, conhecimentos prévios e características correspondentes à faixa etária. Ela afirma que cabe ao profissional da educação “[...] acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura” (p.10).

Com o desenvolvimento do mercado editorial e o número expressivo de publicações de livros infantis e infantojuvenis, é importante que o professor tenha tempo para realizar as leituras e escolher aquelas que o afetam e que se mostram significativas. Segundo Oliveira (2010, p. 48), “somente após ter lido a obra e sentido o que ela pode oferecer é que o professor poderá planejar sua atuação no momento da atividade de leitura. Se ele próprio não se entusiasmar com a obra, deve ir em busca de outra”.

A literatura destinada a crianças e adolescentes não deve, portanto, ser desvalorizada ou tratada como um texto pedagógico, pois configura-se como arte e, ao estabelecer um diálogo com seu leitor, o prepara para um mundo plural, conforme defende Gregorin Filho (2010). Segundo o autor, os temas dos livros infantis não são exclusivos ao universo da criança, pois são assuntos sociais que envolvem toda a comunidade. Afirma ainda que:

Partindo desse pressuposto, analisar literatura infantil é analisar uma obra de arte, e, sendo assim, o estudioso ou o professor precisa estar ciente de que está diante de um processo de comunicação historicamente construído em que um destinador (adulto) se dirige a um destinatário (criança) com o intuito de expressar, por meio de sua “lente” única de destinador, a “leitura” que faz da sociedade e/ou do mundo (Gregorin Filho, 2010, p. 44).

Para trabalhar de forma adequada com as obras infantis e formar leitores para além dos muros da escola, é importante que o educador também seja um leitor e que tenha a oportunidade de estudar sobre literatura infantil e juvenil, ainda que não se torne um especialista na área. Em cursos universitários de Pedagogia, Letras, e demais Licenciaturas como Matemática, História e Geografia, por exemplo, é importante que as obras literárias estejam presentes, pois a responsabilidade de formar leitores e, sobretudo, humanos conscientes, não é apenas do professor de Língua Portuguesa, mas de todos.

É necessário, contudo, haver sempre o cuidado de não transformar o texto em pretexto, não devendo servir apenas como citação para o conteúdo estudado, mas sim mobilizando-o de forma que os conhecimentos específicos auxiliem na compreensão global da obra. No livro “O Pequeno Polegar - Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões (2019)”, por exemplo, a narrativa se desenvolve na caatinga e, tanto as ilustrações quanto o texto escrito fazem referências ao Piauí, citando animais, vegetação e relevo da região nordestina. Com um trabalho pedagógico envolvendo diferentes disciplinas, como Português e Geografia, é possível favorecer que os educandos melhor compreendam o texto, percebendo a importância de tais elementos para a construção de sentido do enredo e a caracterização dos espaços e personagens. A partir dessa prática contínua, a escola favorece a formação de leitores e escritores capazes de interpretar, opinar e debater a respeito de diferentes assuntos, por meio de variados gêneros textuais.

Afirma-se que formar cidadão crítico, conforme apontado em muitos Projetos Político-Pedagógicos (PPP), não é uma tarefa simples e rápida:

Uma cidadania ativa — não devemos esquecer isso — não é algo que cai do céu, é algo que se constrói. A leitura pode contribuir em todos os aspectos que mencionei: acesso ao conhecimento, aproximação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade (Petit, 2010, p. 101).

A literatura permite a criticidade e combate preconceitos ao apresentar aos seus leitores um mundo com novas possibilidades de existência, em lugares muitas vezes nunca visitados, ou, até mesmo, mostra realidades semelhantes àsquelas vividas por seus leitores, de modo a possibilitar a identificação e a reflexão sobre si

mesmos e a sociedade em que vivem. De forma lúdica, misturando o real com o imaginário, a literatura permite a criatividade, o desenvolvimento do vocabulário ao ampliar o repertório lexical e a conscientização sobre a humanidade. Para Lajolo (1997, p. 15), “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas”. A partir dessa afirmativa, portanto, considera-se de extrema importância o trabalho dos educadores como mediadores de leitura para a redução do abismo social, ao democratizar o maior número possível de bons textos literários, variando entre os clássicos até os mais contemporâneos, de modo a garantir a todos os educandos a possibilidade de se tornar um leitor plural, poliglota na sua própria língua.

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para se formarem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma simples atividade inserida em proposta de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade (Gregorin Filho, 2010, p. 78).

Sabemos que não é apenas o esforço pessoal do professor que transforma o mundo. São necessárias políticas públicas que favoreçam o acesso da população aos livros e, assim como defende Candido (2011), haver formação contínua e adequada dos educadores de todos os componentes curriculares, para se tornarem leitores literários e conhecedores de literaturas infantis e juvenis. Com a parceria entre escola e família, pode-se superar o “ler para” e alcançar a efetiva formação de novos leitores.

Iniciar e aprofundar as leituras de contos maravilhosos e de contos de fadas são possibilidades para desenvolver a prática de leitura com crianças e adolescentes, permitindo o fabular, tão necessário para todas as idades.

2 CONTOS MARAVILHOSOS

2.1 O universo (nem sempre) encantado dos contos maravilhosos

Desde a pré-história, observa-se a necessidade que o ser humano sente de registrar suas experiências e narrar fatos. Ao longo dos anos, sem os conhecimentos científicos, era comum a criação de mitos para justificar elementos observáveis na natureza e na vida cotidiana. Por meio de narrativas folclóricas orais, cada povo transmitia (e ainda transmite) suas crenças, culturas e tradições. Segundo Coelho (2010, p. 7), “o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significação para todos”.

Das muitas narrativas que circulam em nossa cultura, encontramos os contos maravilhosos, desde a primeira infância difundidos a partir de contações de histórias, mediações de leitura, teatro de fantoches, brinquedos, adesivos, temas de festas infantis, filmes, desenhos animados, entre tantos outros meios de adaptação para as mais variadas versões dos contos que atravessam diferentes gerações. Mas o que mantém esses personagens vivos em nosso imaginário, ainda que haja tantas mudanças culturais e sociais? Por qual motivo são, na maioria das vezes, associados às crianças?

Se recorremos ao contexto histórico, Coelho (2010) indica que entre os séculos IX e X começa a circular, oralmente, a literatura popular, que ao longo dos anos se transforma em literatura infantil. De acordo com a autora, a Idade Média, período intermediário entre a civilização pagã e a civilização cristã, deixa marcas nas narrativas maravilhosas, mostrando as guerras permanentemente vividas e a luta pelo poder, apresentadas pelos ogros, assim como a fome e a miséria enfrentadas pelos mais diversos personagens, como João e Maria, João e o Pé de Feijão, Cinderela, o Pequeno Polegar, entre outros. Com o passar do tempo e as mudanças sociais, a crueldade é minimizada até desaparecer nas versões mais contemporâneas dos contos.

No Renascimento, segundo a autora, nasce uma literatura culta e aristocrática. Ao mesmo tempo circula nas camadas populares, durante o século XVI, de forma oral e escrita, a literatura que surgiu na Idade Média. Basile publica, por volta de 1600 o livro *Conto dos Contos* ou *Pantameron*, onde são registrados contos de fadas

tradicionais conhecidos entre os napolitanos.

Apesar de ser possível considerar múltiplas as origens dos contos maravilhosos, foi a partir dos registros da literatura popular, feitos por Charles Perrault, que os personagens se tornaram mundialmente conhecidos. Segundo Coelho (2010), em um momento em que Perrault deveria justificar sua posição como moderno e provar que conhecia a tradição, ele publica, em 1697, oito contos (“A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “A Gata Borralheira” ou “Cinderela”, “Henrique, o Topetudo”, “O Pequeno Polegar”) e posteriormente outros três incluídos em uma nova edição (“Pele de Asno”, “Os Desejos Ridículos e Grisalda”), reunidos na obra “Os Contos da Mamãe Gansa”. Frequentador dos Salões das Preciosas, Perrault se dedica a registrar os contos da cultura popular que chegavam à corte francesa a partir das amas que prestavam serviço aos nobres. Elas contavam histórias para as donzelas e crianças, no entanto, sem a preocupação estética literária adequada para a infância, pois na época não havia essa concepção.

Gregorin Filho (2010) afirma que até o século XVII a criança circula livremente pelo cotidiano do adulto, participando, inclusive, do trabalho braçal. Considerada como um adulto em miniatura, deveria se tornar útil e produtiva para a sociedade, sendo exposta aos perigos e desafios do mundo. Diante desse contexto, não havia a preocupação de adaptar ou adequar as narrativas às crianças, tampouco evitar as cenas de miséria e violência. Por viverem constantemente a realidade adulta, as narrativas escutadas pelas crianças espelhavam as mortes, violências, abusos e abandonos com cenas de crueldade, muito comuns também na vida real.

Regina Zilberman (2003) aponta que os primeiros livros para crianças surgiram no final do século XVII e durante o século XVIII, a partir da construção da concepção de infância e a mudança na estrutura familiar, que passa a ser unicelular. Nessa nova formação familiar, há a valorização de laços afetivos e a aproximação da mulher com seus filhos, assim como também a preocupação de cuidados com a criança, reduzindo a taxa de mortalidade infantil. Na sociedade burguesa, a infância passa a ser valorizada e a leitura é considerada como um ato civilizatório, a partir do crescimento da camada alfabetizada, o jornal como meio de comunicação e ampliação da rede escolar. Nesse contexto, Jacob e Wilhelm Grimm, mundialmente conhecidos como Irmãos Grimm, recolhem da tradição oral as narrativas populares. Suas pesquisas, enquanto filólogos e folcloristas, buscam o levantamento linguístico para o estudo

filológico da língua alemã, assim como a identificação e fixação de textos literários do folclore germânico. No resultado dessas pesquisas, encontram-se obras que se tornariam consagradas mundialmente na Literatura Infantil.

De acordo com Coelho (2012), “Contos de Fadas para Crianças e Adultos” é o resultado do material recolhido pelos Irmãos Grimm, publicado entre 1812 e 1822. Nessa obra, há narrativas procedentes de outros territórios além da Alemanha, as quais já haviam sido incorporadas ao folclore local. Essa mistura pode ser constatada com a repetição de alguns contos também recolhidos por Perrault, na França, indicando uma fonte comum entre as narrativas. Por se tratar de um contexto histórico-social diferente, apesar de alguns contos aparecerem na obra de Perrault e dos Grimm, apresentam-se com um enredo diferente.

Segundo a autora, o Romantismo trouxe um sentido humanitário às obras, portanto, mesmo que a realidade vivida ainda seja violenta, nos contos registrados pelos Irmãos Grimm há a presença do sentido maravilhoso da vida, prevalecendo sempre a esperança. A partir dessas obras, suaviza-se a doutrinação e passa-se a considerar as características da mentalidade infantil.

Embora muitos livros teóricos utilizem os termos “contos de fadas” e “contos maravilhosos” como sinônimos,

[...] conto maravilhoso tem raízes orientais e gira em torno de uma problemática material/social/sensorial — busca de raízes; a conquista do poder; a satisfação do corpo —, ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo em seu meio (Coelho, 2012, p. 85).

Os contos de fadas se diferem por suas origens e temáticas de suas narrativas:

Quanto ao conto de fadas, de raízes celtas, gira em torno à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do Amor. Daí que suas aventuras tenham como motivo central o encontro/união do Cavaleiro com a Amada (princesa ou plebeia), após vencer grandes obstáculos, levantados pela maldade de alguém (Coelho, 2012, p. 85).

Ao tratar sobre “O Pequeno Polegar”, a autora afirma que:

É tema presente em praticamente todos os folclores do mundo. Corresponde à tradição milenar de um ser minúsculo, nascido de maneira milagrosa ou estranha e de grande auxílio aos pais, apesar de sua pequenez e fragilidade (Coelho, 2012, p. 46).

Diante das definições de Coelho, podemos considerar, portanto, que “O Pequeno Polegar” não é um conto de fadas, já que a história trata de um menino que enfrenta a pobreza e, ao sair de casa, supera muitos desafios durante toda sua jornada até o retorno, indicando a passagem de criança para a juventude. Retrata a busca de si mesmo e a realização socioeconômica, sendo, portanto, um conto maravilhoso.

Apesar das diferenças, Coelho (2012) afirma que essas famosas narrativas registradas por Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, e tantos outros, fazem parte do universo maravilhoso. A partir dessa concepção trazida pela autora, nesta dissertação utilizamos o termo “contos maravilhosos” ao fazermos referência ao “Pequeno Polegar” e aos demais contos clássicos conhecidos por nossas crianças e jovens, por compreendermos que essas narrativas fazem parte do universo da literatura maravilhosa. No entanto, segundo Paz (1995, p. 53), “na maioria das culturas, é difícil uma definição categórica que separe o mito do conto maravilhoso e este último do conto de fadas. Juntos eles constituem a literatura oral das sociedades pré-literárias”, indicando a variação da nomenclatura utilizada popularmente e também em textos teóricos.

Ao tratar de contos maravilhosos, Coelho (2012) não deixa de citar outro importante escritor para a consagração do gênero, Hans Christian Andersen. Poeta e romancista dinamarquês, Andersen se dedica, essencialmente, à sensibilidade exaltada pelo Romantismo e se transforma em um grande escritor de contos para crianças. Apesar da presença de elementos mágicos em suas narrativas, a maioria de seus enredos aponta para fatos reais do cotidiano, indicando, inclusive, tecnologias e invenções da época. Segundo a autora, Andersen, por ser cristão, considerava que a vida é repleta de tristezas e desafios, por isso, é comum que seus personagens passem por muitas situações difíceis impostas pela vida, assim como a Menina Vendedora de Fósforos, que vive uma vida de abandono e extrema pobreza, alcançando a redenção apenas com a morte. A Pequena Sereia é mais um exemplo de personagem criado por Andersen, que enfrenta a dor e o sofrimento, encerrando sua vida sem concretizar o desejo de se casar com o homem amado, encontrando a esperança apenas ao se tornar espuma e ter a possibilidade de uma segunda chance em outra dimensão. Para o autor, passar pelos desafios da vida é uma importante etapa para alcançar a vida eterna.

Nos contos de Grimm, predomina o mundo maravilhoso; na maior parte dos contos de Andersen, é na realidade concreta do cotidiano que o “maravilhoso”, é descoberto... É mesclada ao “maravilhoso”, muita crueldade e violência que seu humanismo tenta atenuar (Coelho, 2012, p. 159).

Se nos contos registrados pelos Irmãos Grimm encontramos o mal neutralizado pela magia e o final feliz, em Andersen, o sofrimento que abate a humanidade é forjado pelo próprio ser humano e, muitas vezes, é necessário que o personagem principal encontre a felicidade apenas em outra dimensão.

Muitas obras literárias infantis foram criadas após Perrault, os Irmãos Grimm e Andersen, algumas seguindo caráter didático, outras com enfoque às temáticas sociais ou, ainda, obras literárias que trazem o trabalho cuidadoso com as palavras e imagens construídas por meio da ludicidade da linguagem poética. Mesmo diante de muitas variedades de livros, passando-se séculos e atravessando diferentes povos, os contos de Perrault, Grimm e Andersen continuam sendo citados e revisitados nas mais diferentes versões e releituras. No Brasil, nos dias atuais, é possível que nossas crianças não saibam que as irmãs de Cinderela cortam os dedos dos pés na tentativa de se casarem com o príncipe, por exemplo, ou ainda, não conheçam a versão de Chapeuzinho Vermelho, em que a menina fica nua na cama com o lobo, contudo, os personagens são reconhecidos desde a primeira infância, apresentando-se com um enredo em que o bem vence o mal, fortalecendo a valorização do personagem principal.

Bettelheim menciona as perdas que as crianças têm diante de algumas adaptações contemporâneas, ao afirmar que:

A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que amortecem os significados e roubam-nas de todo o significado mais profundo- versões como as dos filmes e os espetáculos, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia (Bettelheim, 1979, p. 32).

É impossível negar a influência dos estúdios Disney para o acesso e conhecimento dos contos maravilhosos nos dias atuais, já que a televisão e a Internet, muitas vezes, chegam onde os livros não conseguem chegar, além do papel que essas mídias ocupam na atual sociedade. Contudo, considerando que esses contos se perpetuam ao longo dos séculos, sabemos que não dependem dessas tecnologias para a sua existência e permanência, já que sua divulgação e criação firmaram-se por

meio da oralidade. Observa-se, no entanto, que tanto as adaptações para o cinema, quanto algumas versões impressas, assim como aponta Bettelheim, apagaram os episódios de maiores violências e acrescentaram personagens mais infantis e um enredo mais alegre com o propósito de divertir seu público, o que, segundo o autor, impede uma reflexão mais profunda sobre si e sobre o outro.

Bettelheim defende a importância de os contos de fadas serem acessíveis para as crianças de todas as idades e em diferentes fases, pois, de acordo com a idade, o desenvolvimento psicológico e a experiência de vida, compreenderão aspectos diferentes do enredo:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas é diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida (Bettelheim, 1979, p. 21).

Conforme o excerto acima, observa-se que os contos de fadas são, sobretudo, arte, em que o leitor encontra situações que retratam as dificuldades, angústias e demais sentimentos comuns à vida humana. Segundo o autor, os finais felizes favorecem a esperança para a superação de desafios, não reprimindo e tampouco educando de forma explícita, como ocorre nas fábulas. A escuta repetitiva da história permite que a criança sinta segurança ao conhecer e identificar os elementos narrativos, bem como possibilita que, a partir da imaginação, torne-se real, favorecendo um olhar mais atento sobre os próprios sentimentos e os problemas ao redor. Bettelheim (1979) analisa que os contos de fadas começam com problemas realistas, levando seus leitores/ouvintes a criar soluções e estabelecer comparações com a realidade. Apesar de muitas situações apresentadas não serem mais semelhantes àquelas vividas por nossa sociedade, a reflexão é favorecida por meio do simbolismo. O “Era uma vez” afasta o público do tempo presente e o leva a um outro universo, de um tempo distante, aproximando ao estado da mente. Durante a narrativa, o herói enfrenta situações próximas ao real, perpassa pelo universo mágico e retorna à realidade com um final feliz. Esse universo mágico e lúdico, segundo o autor, é benéfico a crianças e adultos, pois pessoas impossibilitadas de sonhar têm dificuldade de lidar com a realidade.

Dentro dessa perspectiva, Cademartori (2010) defende o importante papel dos

contos de fadas para a construção do simbólico e a possibilidade de encontrar soluções para questões da vida real:

É amplamente conhecida a importância essencial das narrativas clássicas para as crianças. A apresentação sintética, simbólica e essencial dos conflitos que atingem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração igualmente simbólica, dos seus (Cademartori, 2010, p. 62).

Considerando a importância dos contos maravilhosos, seja pelo viés literário, psicanalítico ou histórico, é fundamental que as obras contemporâneas não substituam as narrativas mais antigas, mas sim que possibilitem múltiplas leituras, a identificação da intertextualidade, o diálogo com os mais profundos sentimentos, bem como a identificação de diferentes sociedades, pois, sendo clássicos da literatura, essas obras são atemporais e favorecem tanto a leitura despretensiosa, quanto pesquisas e análises feitas por especialistas. Os clássicos contos maravilhosos podem, e devem, ser acessíveis não apenas às crianças, mas ao público leitor de todas as idades.

2.2 O Pequeno Polegar

Entre os muitos contos consagrados e perpetuados ao longo dos séculos, temos a história de “O Pequeno Polegar”. Segundo Coelho (2012), trata-se de um conto maravilhoso, de origem incerta e que alguns estudiosos relacionam a mitos estelares. É considerado um conto iniciático por retratar, simbolicamente, a passagem de um menino para a maturidade. Propp (2002) define que o rito de iniciação é uma passagem para o início de uma nova vida, marca a morte (representando o fim de uma fase) e o nascimento (o início de outra). Nesses contos, segundo o autor, é recorrente haver crianças conduzidas à floresta e que encontram a casa de um personagem terrível.

Paz (1995) afirma que “O Pequeno Polegar” é um conto que aparece em diversas literaturas. Na França, por exemplo, contabilizam-se dezesseis versões da história. A referência ao personagem de pequena estatura, mas de grande astúcia, em contraste com o Ogro, apresenta a ideia de que é na pequenez que se encontra as maiores forças e o maior poder. A autora relaciona essa mensagem à palavra bíblica sobre o grão de mostarda, que afirma que a fé, mesmo quando muito pequena,

é capaz de mover grandes montes (Mateus 17:20). Outro texto bíblico que também ilustra a força do pequeno diante de um gigante é a história de Davi, de pequena estatura e bastante jovem, ao enfrentar Golias, o gigante e guerreiro filisteu, e vencê-lo com uma única pedrinha (I Samuel 17).

Paz (1995) destaca que, em “O Pequeno Polegar”, o herói sai da casa do pai, passa pela prova iniciática ao atravessar o bosque (lugar que simboliza a obscuridade do inconsciente), vence o gigante e salva a si e aos seus irmãos (o que representa a salvação da humanidade), trazendo consigo a riqueza. Uma história com os elementos narrativos semelhantes é “João e Maria”, em que as crianças saem da casa dos pais, atravessam a floresta e encontram a casa da bruxa. Nela, Maria consegue salvar o irmão por meio de sua astúcia e ambos retornam para casa, trazendo riquezas. O percurso pelo bosque também é recorrente em outros contos, como “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve e os Sete Anões” e “A Bela Adormecida no Bosque”, indicando os medos e desafios enfrentados pelo personagem principal ao sair do ambiente familiar (seja pelo abandono ou por uma missão pessoal) e marca a transição em sua vida, a passagem, o portal.

No Brasil, “O Pequeno Polegar” é conhecido através das traduções nas versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm, além das adaptações em livros infantis. Em 1958, foi gravado um longa-metragem musical da versão dos Irmãos Grimm, dirigido por George Pal, que fez sucesso entre adultos e crianças. A canção “O Pequeno Polegar” foi gravada em 1959, por Sílvio Silva. Em 1960, foram lançados os compactos discos de vinil coloridos, conhecidos como Coleção Disquinho, cada um contendo a narração de um conto maravilhoso. “O Pequeno Polegar” foi uma das histórias gravadas, tendo a narrativa acompanhada por músicas e orquestra. Na televisão, o conto também foi adaptado para desenhos animados, atualmente disponíveis nos canais da Internet. Maurício de Souza criou adaptações dos clássicos contos, representados por personagens da Turma da Mônica. Retomando a versão dos Irmãos Grimm, o Cascão é o Pequeno Polegar, que enfrenta o Ogro e muda a história de sua família, com muita coragem. Em versos de Cordel, temos a adaptação de Varnecki Nascimento, inspirada na obra de Charles Perrault, publicada em 2011.

A editora Mazza Edições, ao retomar os clássicos contos maravilhosos, apresenta adaptações com personagens negros, trazendo a narrativa ao contexto brasileiro. “João e Maria”, “Cinderela e Chico Rei”, “Chapeuzinho Vermelho e o Boto Cor de Rosa”, “Rapunzel”, “O Pequeno Polegar” foram alguns títulos publicados pela

editora, adaptados por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões, com ilustração de Walter Lara. A obra “O Pequeno Polegar” também foi utilizada para a realização do projeto “O Pequeno Polegar na Quebrada”, analisado e descrito mais adiante nesta dissertação. A partir da versão dos Irmãos Grimm, os autores apresentam o herói da história, um menino pequenino, da cor de um jamelão, filho único e nascido na região da Serra da Capivara. Sendo uma criança muito inteligente, esperta e brincalhona, conforme descrito na obra, Pequeno Polegar planeja ajudar a família, propondo ao pai que o deixe seguir viagem com dois homens que passaram pela estrada e ofereceram moedas de ouro à família em troca do menino. Muito astuto, o menininho rapidamente consegue fugir dos dois desconhecidos e supera diversos desafios: se esconde no formigueiro, é engolido pelo tamanduá, se esconde no tatu-bola, evita um assalto a uma venda, é engolido por uma cabra e um macaco-prego o leva de volta para casa. A narrativa perpassa por vários locais que marcam o território do Piauí: Serra da Capivara, caatinga, debaixo do pé de bacuri, paiol, caverna com desenhos rupestres nas paredes (fazendo referência aos famosos sítios arqueológicos presentes no sertão do Piauí, muitos deles na Serra da Capivara). Apesar de a narrativa ser semelhante à versão dos Irmãos Grimm, as escolhas lexicais feitas pelos escritores, ao descreverem os personagens e os espaços, marcam um determinado tipo de vida no sertão nordestino. Essas escolhas foram observadas pelos estudantes ao realizarem a leitura da obra, durante as aulas do projeto, possibilitando que eles criassem as suas versões no contexto da periferia.

Entre as obras de referência para a criação de adaptações contemporâneas de contos de fadas e de contos maravilhosos, temos as versões de Perrault e dos Irmãos Grimm. A versão de “O Pequeno Polegar” registrada por Perrault, foi publicada em “Contos da Mamãe Gansa”, em 1697, havendo, ao longo dos anos, muitas publicações com traduções para a língua portuguesa. O conto traduzido por Fernanda Lopes de Almeida (2012) foi consultado para a realização desta dissertação e o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Perrault, ao registrar a narrativa oral compartilhada por camponeses e as classes populares, e adaptá-la aos ouvintes da corte, apresenta o Pequeno Polegar vindo de uma família de extrema pobreza, formada por um casal e seus sete filhos, de idade entre dez e sete anos. Após um ano de maiores dificuldades e com o aumento da miséria, o casal decide abandonar suas crianças no bosque, para não as verem morrer de fome.

Darnton (2014), ao tratar sobre o contexto social vivido pelos franceses nesse período, afirma que os contos maravilhosos apresentam uma população submetida a subnutrição e alta taxa de mortalidade infantil, que trabalhava apenas para pagar dívidas e tentar sair da miséria, com acesso a uma alimentação em que a carne estava disponível poucas vezes durante o ano. Diante da escassez, os mais pobres (também vistos como os que representavam a inferioridade, os menores, os excluídos) sobreviviam por meio da esperteza, buscando diferentes recursos e estratégias para conseguirem seu sustento. A vida na estrada era marcada pela busca por emprego e alimentos, mesmo sendo restos de comida. Segundo o autor, 45% dos franceses que nasciam no século XVIII morriam antes de os dez anos de vida, e os que conseguiam chegar à vida adulta também não conseguiam uma longevidade. Devido à baixa expectativa de vida, muitas pessoas ficavam viúvas, proliferando, assim, a presença de madrastas na formação familiar, já que os homens sempre se casavam novamente e as mulheres, não. As crianças viviam constantemente com o luto e o perigo trazido pela realidade de seu cotidiano.

Perrault escreve seu conto em meados de 1690, no auge da pior crise demográfica do século XVII - período em que a peste e a fome dizimavam a população do norte da França, quando os pobres comiam carniça atirada nas ruas por curtidões, quando eram encontrados cadáveres com capim na boca e as mães “expunham” os bebês que não podiam alimentar, para eles adoecerem e morrerem (Darnton, 2014, p. 48).

A partir do excerto acima, percebe-se que a fome e o abandono de crianças faziam parte do contexto no qual Perrault e seus leitores/ouvintes estavam inseridos, portanto, não era motivo de estranhamento ou repúdio haver contos de tradição oral abordando essas realidades. Em “O Pequeno Polegar”, apesar de o filho caçula ser descrito como motivo de desgosto, ser fraco, ter o tamanho de um dedo polegar, ser tomado por estupidez e sempre o culparem por tudo o que acontecia em sua casa (Darnton, 2014, p. 68), era também o mais inteligente e ficava atento a tudo o que acontecia, falando apenas quando achava ser necessário. Devido à sua esperteza, consegue encontrar o caminho para casa e salvar os irmãos no momento do primeiro abandono e, no segundo momento, ao chegarem a casa do Ogro, o menininho salva sua vida e de seus irmãos, ao trocar as coroas das princesas por seus bonés.

Nesse conto, observamos o rito de passagem quando as crianças percorrem a

floresta, encontrando elementos assustadores como o uivo dos lobos, a ventania, o caminho escuro e a forte chuva que intensificava o frio e dificulta, ainda mais, o percurso. O encontro da casa do Ogro é uma esperança, pois, diante da certeza da morte ao encontrarem os lobos, ou ainda pela fome e pelo frio que os assolavam, preferiam a tentativa de conseguir mais um dia de vida.

O embate entre o frágil e pequeno contra o forte e gigante ocorre no encontro do herói com o Ogro, confirmando que a inteligência, muitas vezes, vence a força. Durante a madrugada, o temível dono da casa resolve matar os sete visitantes que estavam acomodados no quarto de suas sete filhas, no entanto, como Pequeno Polegar já havia imaginado que o mal pudesse acontecer, o Ogro, bêbado e agindo no escuro, passa a mão na cabeça de suas filhas e, ao tatear os bonés, as confunde e as decapita. Pela manhã, ao ser avisado por sua esposa da tragédia que havia acontecido, ele recorre ao elemento mágico, bota de sete léguas, para alcançar os meninos. Cansado, ele adormece em meio à perseguição, dando uma nova oportunidade para que Pequeno Polegar salve os seus irmãos, e ele, em mais um gesto de coragem, sozinho, tira as botas dos pés do vilão e as calça em seus pés. A partir desse momento, o narrador apresenta três finais conhecidos para essa história. No primeiro, Polegar, usando a bota mágica, retorna à casa do Ogro, engana a Ogra, que outrora o havia ajudado e, em posse de muitas riquezas, volta para casa, salvando seus pais e irmãos da miséria. Em outro final apresentado, o menininho apenas retira as botas dos pés do Ogro, evitando que ele continuasse a fazer mal às crianças. Na terceira possibilidade de final, o menino usa o objeto mágico para ganhar dinheiro por meio de um trabalho honesto: ele vai à procura do rei, oferecendo serviço de mensageiro. Devido aos passos largos e rápidos que era capaz de dar, usando as botas de sete léguas, traria notícias do exército ao rei e às namoradas dos soldados. Desse modo, Pequeno Polegar consegue cargos para os pais e irmãos, arrecada bastante dinheiro, de modo a tirar sua família da miséria, e continua seus dias trabalhando na corte.

Perrault termina seus contos com um ensinamento, assim como é observado nas fábulas. Coelho apresenta a seguinte tradução da moral do conto “O Pequeno Polegar”:

[...] Vedes que não basta ter sempre gentileza e ser bem-falante/ mas que vale mais, por informe, franzino ou pouco aparente que se possa

ser/ter senso comum e capacidade de julgamento/ para sair de situações difíceis da vida (Coelho, 2010, p. 93).

A partir da tradução apresentada acima, percebe-se a valorização da astúcia para se lidar com as adversidades da vida, e não da beleza ou boa oratória, que muitas vezes são características dos mocinhos das histórias. Polegar, na versão francesa, apesar de não se destacar por saber se expressar bem e de não ser o mais belo e forte entre seus irmãos, é aquele que traz a segurança física e financeira para toda a sua família.

A relação entre marido e mulher é outro aspecto importante a ser observado na obra de Perrault, apontando para os costumes familiares e sociais de sua época. Na tradução de Almeida (2012), o narrador apresenta, após a família receber o pagamento de uma dívida e comprar carne, a mulher lamentando pelo abandono dos filhos, afirmando que tal ato se deu por insistência do marido. Esse então se irrita e ameaça agir com violência. O narrador ainda afirma: “Ele, como a maioria dos homens, gostava das mulheres que falavam com acerto, mas detestava as que insistem que bem avisaram” (Almeida, 2012, p. 70). Percebe-se, por meio desse trecho e no decorrer do conto, que a violência contra a mulher é normalizada e ainda justificada, ao culpabilizá-la por incomodar e não agir de forma adequada. Os maridos são aqueles que tomam as decisões da família e devem ser obedecidos, enquanto as mulheres são aquelas que os servem e devem questionar o menos possível. Quando as crianças chegam à casa do Ogro, mais uma vez há a figura materna, que acolhe e serve a seu esposo de forma devota, mesmo diante de agressividades: “— Ah! Olha como tu querias enganar-me, mulher maldita! Não sei o que me segura que eu não te como também. Tua sorte é seres uma velha estúpida” (Almeida, 2012, p. 72), diz o Ogro à sua esposa, ao descobrir que ela tentava proteger Polegar e seus irmãos da morte. Mais adiante, quando o menininho consegue as botas do terrível gigante e retorna para buscar o tesouro, o narrador apresenta o sentimento carinhoso da ogra com seu marido, ao acreditar que ele estava em perigo: “A mulher, apavorada, deu-lhe tudo imediatamente: o Ogro não deixava de ser um bom marido, seu único defeito era comer criancinhas” (Almeida, 2012, p. 77). Apesar de ameaçá-la e tratá-la de forma ríspida, o narrador aqui apresenta o Ogro como um bom marido, justificando sua maneira de ser e agir.

Os contos registrados pelos Irmãos Grimm acontecem a partir de pesquisas de

recorrência, contabilizando as várias versões desse conto que circulavam oralmente no território da Alemanha, e eliminando elementos menos frequentes. No livro “Contos de Grimm”, traduzido do alemão por Tatiana Belinky (2014), encontramos as histórias “Polegarzinho” e “As andanças do Pequeno Polegar”. Marcando um período em que já havia a concepção de infância, nas obras de Grimm há a preocupação de direcionar os textos para crianças, suavizando a violência tão frequente na sociedade e nas narrativas anteriores, conforme aponta Coelho (2010). Não por acaso, é comum que a versão dos Irmãos Grimm seja revisitada, ao longo dos anos, para a escrita de livros infantis e adaptações para o cinema, sendo explorados e acrescentados mais elementos lúdicos que povoam o imaginário infantil. Perde-se a moral explícita, presente no final dos contos, que objetivava ensinar a boa conduta e alertar sobre os perigos da vida aos seus leitores/ouvintes, e passa aos finais felizes, após as aventuras e OS desafios enfrentados pelo personagem principal.

Em “Polegarzinho”, temos uma pobre família de campônios que desejava muito ter um filho, ainda que ele fosse muito pequeno. Assim, após ficar adoentada, a mulher deu à luz a uma criança descrita como perfeita e bem acabada (Coelho, 2010, p. 207), porém do tamanho de um dedo polegar, por isso, a família o batizou de Polegarzinho. Esse menino era muito amado e sua chegada foi celebrada. Mesmo sendo alimentado bem e recebendo tudo o que sua família pudesse lhe proporcionar, o menininho não crescia, mas isso não era impedimento para que ele se destacasse, mostrando-se sensato, atento e com muita sorte. Ele não se limitava pelo seu tamanho: ajudava o pai com as tarefas diárias, usando de sua inteligência, e não temia os perigos, pedindo que pudesse ser vendido a dois homens que ofereceram a seu pai um bom dinheiro em troca dos serviços do garotinho.

Polegarzinho segue pela estrada e logo consegue se esquivar dos homens e então, ao perceber que dois ladrões planejavam roubar o velho vigário, usando mais uma vez seu tamanho a seu favor, articulou rapidamente um plano para evitar a ação dos ladrões. Cansado, ele descansa em meio a palhas e acaba sendo devorado por uma vaca. Na tentativa de escapar, Polegarzinho grita alto e os donos do animal, pensando que se tratava de um feitiço, mandaram matar a vaca, de modo que o menininho conseguiu fugir do estômago dela após ser atirada no lixo. Um novo desafio, no entanto, acontece, pois um faminto lobo o engole, mas a inteligência novamente o livra, já que ele negocia com o feroz animal para levá-lo de volta à sua casa em troca de comida em abundância. Ao descobrir o ocorrido, os pais de

Polegarzinho matam o lobo e retiram o filho, livrando-o do perigo. Feliz com o retorno, a família fica unida e desfruta do dinheiro conseguido no início da narrativa.

Nessa versão, percebemos que, diferentemente do que é apresentado por Perrault, a família não sofre com a fome e a miséria. Mesmo sendo simples camponeses, há fartura de alimento em sua dispensa, ao ponto de darem o melhor ao filho e alimentarem o lobo. Nada faltava para eles, no entanto, o menininho planeja aproveitar a oportunidade de dar uma vida ainda melhor a seus pais e por isso pediu para que o pai o autorizasse partir. Diante das muitas aventuras enfrentadas pelo caminho, todas são superadas pela inteligência e coragem do menino. Não há a presença de objeto mágico ou elementos míticos. Encontramos, no entanto, um lobo que fala e é por meio da conversa que se encaminha para o final do conto. Podemos observar que não era comum os animais falarem, pois, quando a criada e o vigário ouviram a voz do Polegarzinho de dentro da barriga da vaca, pensaram que se tratava de um mau espírito. Polegarzinho tinha o poder de ouvir e ser ouvido pelo lobo e não temia o perigo, não se sentindo frágil por seu tamanho.

Outro elemento importante a ser observado nesse conto é a estrutura familiar. Enquanto na versão de Perrault a família era composta por um casal com sete filhos, na versão dos Irmãos Grimm há um casal que tem apenas um filho, que foi desejado por muito tempo. A relação entre pais e filho também é mais próxima, havendo afetividade, conversa e confiança entre eles. A criança é reconhecida, escutada e valorizada, marcando a diferença da família feudal e da organização burguesa. Mesmo sendo um conto e não tendo compromisso em espelhar a realidade, sabemos que as narrativas demonstram elementos que caracterizam uma determinada época e cultura. Conforme Darnton (2014, p. 26) “[...] os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais”.

No conto “As Andanças do Pequeno Polegar”, um alfaiate e sua esposa tiveram uma criança pequeninha, batizada de “Pequeno Polegar”. Cheio de coragem, o menininho pede ao pai para conhecer o mundo. Ele o autoriza e lhe entrega uma agulha para servir-lhe de espada. Pela estrada, Polegar realiza alguns serviços como aprendiz de mestre e criado de hospedaria, mas não fica satisfeito, afrontando seus patrões e colegas de trabalho. Diante dessas desavenças, ele é amarrado junto à grama e engolido por uma vaca, que é abatida e tem sua carne utilizada para a produção de linguiça. O menino fica preso em meio à carne até que o chouriço fosse

preparado para um hóspede e ele conseguisse fugir. Mais uma vez, ao perambular pelo mundo, Pequeno Polegar é engolido por uma raposa que aceita devolvê-lo para a família em troca de todas as galinhas de sua casa. Satisfeito, o pai entrega todas as galinhas do quintal para a raposa, alegando que o filho é mais importante. Polegar entrega ao pai a moeda de ouro, que conseguiu ao ajudar um bando de salteadores a roubarem o rei.

Nessa versão, não há muitas informações sobre a família e suas condições financeiras, também não há a preocupação de ensinar ou de narrar um enredo com bons costumes, ao contrário, Pequeno Polegar tem o desejo de explorar o mundo e, para se salvar, usa da malandragem e inteligência ao explorar o seu tamanho como benefício. Ao se deparar com uma cena de roubo, ao contrário das outras versões, o menininho não se prontifica a combater o crime, mas sim, é um dos principais responsáveis para que a fortuna de rei fosse usurpada. Também não há a preocupação em ser um bom funcionário e ganhar o dinheiro honestamente, de modo que ele se envolve em constantes confusões por onde quer que passe. Nesse conto, assim como no conto “Polegarzinho”, não há a presença de elementos míticos. O final feliz é marcado pelo retorno do herói para casa e pela recompensa da raposa, que conta com abundante comida.

Para a escrita do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, os estudantes leram e discutiram o conto “Polegarzinho”, já “As Andanças do Pequeno Polegar” ficou disponível na biblioteca e sala de leitura para consulta e empréstimo. O desafio de cada turma, após as leituras, era refletir sobre o distrito Brasilândia e criar novas versões do clássico conto maravilhoso.

3 OS ESPAÇOS PERIFÉRICOS E SEUS PERSONAGENS

3.1 Era uma vez... Brasilândia: uma comunidade de muitas histórias

De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEDAE), ano base 2021, Brasilândia é o distrito mais populoso da Zona Norte de São Paulo e ocupa a sexta posição em relação aos demais distritos da cidade:

Tabela 1 — Número de habitantes nos distritos da Zona Norte de São Paulo

Distritos- Zona Norte de São Paulo	População
Brasilândia	283.658
Tremembé	225.518
Jaraguá	214.796
Pirituba	171.353
Cachoeirinha	146.866
Freguesia do Ó	139.970
Vila Medeiros	123.134
Vila Maria	114.080
Santana	112.666
Mandaqui	109.281
Jaçanã	96.176
Tucuruvi	96.065
Perus	90.110
São Domingos	86.504
Anhanguera	86.020
Casa Verde	85.961
Limão	79.668
Vila Guilherme	57.213

Fonte: tabela elaborada pela autora a partir dos dados do SEDA E (2021).

Tabela 2 — População dos distritos de São Paulo com mais de 200 mil habitantes

Distritos da Cidade de São Paulo com população acima de 200 mil habitantes	População
1.Grajaú	392.734
2.Jardim Ângela	341.881
3.Capão Redondo	298.611
4.Jardim São Luís	295.722
5.Sapopemba	290.405
6.Brasilândia	283.658
7.Sacomã	264.686
8.Cidade Tiradentes	237.872
9.Itaim Paulista	236.099
10.Campo Limpo	230.277
11.Jabaquara	229.685
12.Tremembé	225.512
13.Jaraguá	214.796
14.Itaquera	212.217
15.Cidade Dutra	203.791

Fonte: tabela elaborada pela autora a partir dos dados do SEDAE (2021).

O distrito da Brasilândia originou-se na década de 1940, a partir do crescimento de chácaras e sítios de cana-de-açúcar, que se transformaram em núcleos residenciais, segundo dados da Prefeitura de São Paulo. O nome Brasilândia é uma homenagem ao comerciante Brasília Simões, produtor da Caninha do Ó, que vendeu seu sítio para José Munhoz Bonilha, onde se desenvolveria o loteamento Vila Brasilândia. O contrato de compra e venda foi assinado em 24 de janeiro de 1947, que se transformou na data oficial de aniversário do bairro.

Apesar de já existirem famílias residindo na região antes de 1947, foram as desapropriações de cortiços no centro da cidade, durante a construção das avenidas São João, Ipiranga e Duque de Caxias, que provocaram o aumento populacional do loteamento Brasilândia, que oferecia a venda parcelada de lotes e ainda ofertava cinco mil tijolos e duzentas telhas para quem comprasse um terreno, de acordo com a Sinopse da Geo-História da Brasilândia, lavrada em cartório e disponível no site Câmara Municipal de São Paulo.

Além da população de baixa renda proveniente dos antigos cortiços, também vieram para a região famílias do interior de São Paulo, trazidas por José Munhoz Bonilha, bem como famílias imigrantes, abrindo alguns comércios locais, reconhecidos até os dias atuais pelos mais antigos moradores. A reativação da Pedreira Veiga Sopave também foi importante para o povoamento da região, pois oferecia moradia no entorno aos seus funcionários.

O distrito de Brasilândia é formado por 41 bairros e loteamentos, com uma área total aproximada de 21 km²: Vila Brasilândia, Jardim Maracanã, Parque Hollywood, Jardim Magali, Jardim Elísio, Jardim Alvorada, Jardim Almanara, Vila Elias Nigri, Jardim Irene, Vila Rica, Vila Penteado, Parque Pedroso, Vila Souza, Jardim Ondina, Jardim Ana Maria, Vila Ismênia, Parque Belém, Jardim Elisa Maria, Parque Tietê, Jardim Ladeira Rosa, Vila Terezinha, Vila Dulcina, Vila Isabel, Vila Áurea, Vila Nina, Jardim dos Guedes, Vila Serralheiro, Jardim do Tiro, Vila Itaberaba, Vila Icaraí, Vila São João Batista, Vila São Joaquim, Jardim Paulistano, Jardim Carumbé, Jardim Guarani, Jardim Princesa, Jardim Damasceno, Jardim Paraná, Jardim Vista Alegre, Jardim Recanto e Jardim dos Francos.

A partir de dados de 2010, publicados no site da prefeitura de São Paulo, calcula-se que a região tenha a densidade demográfica de 12.615 habitantes/km². O espaço é formado, predominantemente, por favelas e conjuntos habitacionais, e está entre as dez subprefeituras com maior concentração de domicílios com alta vulnerabilidade na cidade. De acordo com o Mapa de Desigualdade Social 2022, com ano base 2021, Brasilândia ocupa o segundo maior índice de domicílios em favela da cidade.

Cenário constante nos noticiários sensacionalistas em casos de violência, o distrito também teve espaço na imprensa para a gravação de oito longa-metragens: Eles não usam Black Tie (1981), Noites Paraguias (1982), O Invasor (2002), Na garupa de Deus (2002), De Passagem (2003), Carandiru (2003), Antônia (2006) e Cidade dos Homens (2007). Berço da escola de samba Rosas de Ouro, fundada em 1971, a partir de rodas de samba formadas durante os jogos de futebol nos campinhos da região, Brasilândia foi tema do primeiro samba-enredo da escola, mantendo-se lembrada ao longo dos anos, como em 2023, com o tema “Kindala! Que o Amanhã Não seja só um ontem com um novo nome”. Ao valorizar a cultura africana e sua influência na história brasileira, esse samba-enredo trata da origem da Rosas de Ouro e da força dos povos africanos para a formação territorial e cultural do distrito, que

chegou a ser chamado de “Pequena África”, devido aos diversos núcleos negros presentes em sua fundação.

O amor está em cada um de nós
Vamos juntos semear a paz
A Brasilândia vem mostrar no seu carnaval
Um mundo de igualdade racial (Rosas de Ouro, 2023).

Segundo o Mapa de Desigualdade Social 2022, Brasilândia é formada por 50,6% de pessoas que se declaram pretas ou pardas. O samba-enredo da Rosas de Ouro 2023 retrata as violências sofridas por essa população preta e traz um pedido de perdão, propondo um mundo de paz e igualdade racial, realidade essa ainda não vivida por grande parte dos moradores da comunidade.

3.2 E viveram felizes para sempre? — Os desafios enfrentados pelos personagens da vida real

Ser morador da Brasilândia é viver uma narrativa repleta de aventuras, dramas e desafios. Considerando questões de transporte e acessibilidade, muitos de nossos jovens nunca frequentaram a área central da cidade de São Paulo, mantendo-se restritos a apenas um lado do rio Tietê: o que delimita a periferia da região. Conversando com estudantes mais vulneráveis da comunidade, descobre-se diversos relatos sobre a vida local e o desconhecimento de pontos turísticos e demais espaços de lazer e cultura. Em passeios escolares aos centros culturais ou teatros, por exemplo, é comum escutarmos discursos como: “Esse lugar é muito chique. Tem certeza que podemos entrar aqui?” ou ainda “Esse lugar é de gente rica?”, indicando o abismo geográfico e social de uma comunidade que não se sente pertencente ou digna de ocupar os espaços públicos de sua própria cidade. Com a ausência de trem e metrô, leva-se, aproximadamente, uma hora e meia no percurso até a Avenida Paulista e uma hora até a Praça da República, dependendo do bairro e da quantidade de ônibus para a baldeação até o final do trajeto.

Sabendo-se que muitos moradores realizam trabalhos braçais, é pouco comum que crianças e jovens vejam adultos trajando roupas sociais, o que é mais frequente em regiões empresariais. Quando veem algum executivo caminhando pelo bairro, nos perguntam “Essa pessoa é pastor?”, “É alguém muito importante?”. Leonardo Agapito,

professor da Universidade do Estado de Minas Gerais e membro do grupo de pesquisa Agricultura e Urbanização na América Latina da Universidade de São Paulo, relaciona, em uma reportagem da Futuretransport (2023), distâncias físicas às sociais, apontando que nenhum morador da Brasilândia vive a menos de 1 km de uma estação de trem, metrô ou monotrilho. Em comparação com a Vila Mariana, a distância que os afasta é de 18 km e 16 anos de expectativa de vida.

Célio Pires de Araujo, jornalista e antigo morador da Brasilândia, registrou, ao longo de seus 50 anos de profissão, por meio de reportagens, documentários, entrevistas e fotografias, a história da comunidade¹. Foi fundador dos jornais de bairro Freguesia News (em sua origem, “Jornal da Brasilândia”), Lapa News e Folha de Pirituba, além de líder comunitário, que lutava por melhorias da qualidade de vida da população. Faleceu em 2021, aos 66 anos de idade. Em um de seus muitos registros nas redes sociais (2019), Araujo narra sobre o início da Brasilândia, afirmando que, até 1958, o transporte oferecido para a população local era de pau de arara (caminhões abertos com bancos improvisados de madeira). A partir de 1977, uma linha executiva passou a circular pela região, cobrando uma tarifa mais alta para realizar a viagem até a Praça Ramos de Azevedo.

Adamo Bazani (2017), em uma reportagem para o Diário do Transporte, aborda sobre os transportes clandestinos na cidade de São Paulo e as regularizações ocorridas em 2003, no governo da Marta Suplicy. No distrito de Brasilândia, nesse período, era bastante frequente a circulação de kombis com portas abertas, superlotadas, havendo disputa em alta velocidade entre os condutores para conseguirem o maior número possível de passageiros. Sem opções para irem ao trabalho, e devido à longa distância do trajeto, moradores se sujeitavam aos perigos para conseguir chegar sem atrasos aos seus empregos e evitar assim a demissão.

Para subir os morros, passando por ruas estreitas e íngremes, os micro-ônibus são, atualmente, os principais meios de transporte local, havendo também algumas opções de linhas de ônibus. Em alguns bairros, como no Jardim Carumbé, esses veículos disputam espaço com os pedestres, além de carros estacionados de forma irregular, exigindo concentração e destreza de seus condutores. Mas nem só de vielas e ladeiras é feita a comunidade. Há também largas e pavimentadas avenidas, onde

¹ Célio Pires Araujo foi um importante líder comunitário e responsável por documentar a história de Brasilândia. Falecido em 2021, recorreremos aos seus registros publicados na rede social, por apresentar dados importantes sobre a comunidade.

estão concentrados os grandes comércios, bancos e igrejas. Com a construção da linha laranja do metrô, que contemplará a Freguesia do Ó e o bairro Brasilândia, famosas redes de *fast food* e prédios residenciais estão sendo construídos, valorizando as principais vias da região.

Diante de muitas reivindicações comunitárias, ao longo de décadas, a construção de estações de metrô na comunidade deixou de ser utopia, passou por discussões políticas e atualmente está em processo. A previsão é que 633 mil pessoas sejam beneficiadas com as novas linhas do metrô, diminuindo em até 23 minutos o percurso do bairro até o centro, de acordo com informações no site da LinhaUni. A previsão de entrega era para 2020, contudo, devido a atrasos com a desapropriação dos terrenos e o envolvimento da concessionária na Operação Lava Jato, a nova previsão de entrega é para 2025.

Além das dificuldades com transportes públicos, a população do distrito também encontra desafios com a utilização de serviços de aplicativos, como o Uber, por exemplo. Por ser considerada área de risco, os moradores necessitam procurar em quais ruas (ou quais bairros) da Brasilândia o serviço de motorista particular atende, demorando para ter a sua viagem aceita. Na tentativa de minimizar as dificuldades com transporte, Alvimar da Silva, motorista e morador, criou a Ubra (União da Brasilândia), posteriormente com o nome alterado para Jaubra, um serviço de transporte similar aos já existentes, mas com o diferencial de circular dentro das comunidades da região. De acordo com a reportagem publicada pelo jornal Estadão, por Daniela Saragiotto (2020), a cooperativa iniciou reunindo trinta motoristas e, em 2020 passou a 130, realizando cinco mil corridas por mês.

Apesar de ser considerada pelos prestadores de serviço como um local de periculosidade, para muitos moradores a experiência é diferente. Segundo o líder comunitário Fábio Lino Aureliano, a maior violência sofrida começa pela ausência do Estado para atender as necessidades da comunidade². Segundo ele, em vez de haver ações preventivas relacionadas a lazer, esporte e educação, o governo atua, com a ação policial, de forma truculenta, ao abordar crianças, jovens e adultos nas ruas com agressões verbais e físicas. De acordo com Fábio, a partir de suas pesquisas,

² No dia 13 de julho de 2023, Fábio Lino Aureliano e Elenice Aparecida Rezende Ivo Aureliano me receberam em sua residência para uma conversa sobre o distrito de Brasilândia e compartilhar a experiência que eles têm como líderes comunitários do bairro Jardim Paulistano, local onde vivem os alunos e escritores do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.

plenárias e ações sociais voltadas para os moradores do Jardim Paulistano (bairro do distrito de Brasilândia) e seu entorno, observa-se que a criminalidade não é tão frequente na extrema periferia e que a maior parte dos moradores nunca foi assaltada. A Praça da Quarenta, por exemplo, atualmente nomeada como Praça Marielle Franco, é considerada pelos moradores como um espaço seguro, onde as crianças podem brincar até a noite.

Ao narrar a história e importância da praça, muito frequentada pelos moradores do bairro, Fábio explica que ela foi construída a partir de reivindicações da comunidade e esforços políticos de seus líderes locais, responsáveis por escutar a população e revitalizar o local para que crianças pudessem brincar e jovens e adultos, se reunir para praticar esportes e confraternizar. A praça foi um dos importantes espaços para ações sociais durante a pandemia, e sua inauguração foi notícia em telejornais da Rede Globo. Na escrita dos contos do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, ela é um dos lugares mais citados pelos estudantes, por ser considerada um dos principais espaços de lazer do bairro.

Apesar da aparente tranquilidade, contudo, Fábio e sua esposa, Elenice, afirmam que o álcool e o machismo são os piores vilões enfrentados por toda a comunidade, que resultam em um grande número de mulheres e crianças violentadas. De acordo com o Mapa de Desigualdade Social 2022, o coeficiente de mulheres vítimas de violência para cada dez mil mulheres residentes de 20 a 59 anos na Brasilândia é de 231,8. Apesar de o índice estar um pouco abaixo da média do estado, sabe-se que muitas mulheres e crianças sofrem violências físicas, verbais e psicológicas dentro de seus lares, mas não se sentem seguras para denunciar, seja por medo de serem assassinadas, seja por falta de recursos e oportunidades para terem o sustento garantido. Os profissionais da educação do Jardim Paulistano e demais bairros do Distrito de Brasilândia conhecem essa dura realidade, ao atenderem crianças, jovens e familiares em atividades escolares e perceberem situações de violência e vulnerabilidade. Não é sempre, no entanto, que há o amparo da polícia e do Conselho Tutelar, o que mantém algumas mulheres e crianças em situações precárias de vida. Algumas vezes, é na própria comunidade que essas famílias encontram auxílio, por meio de doações de alimento, construção de barraco em um local de ocupação, doações de roupas e cuidados com as crianças.

O líder comunitário Fábio afirma que, até poucas décadas atrás, as mulheres da comunidade não conseguiam completar seus estudos, seja pela maternidade

precoce, seja pela necessidade de auxiliar a família em tarefas domésticas ou no sustento, e ainda por questões de uma cultura machista que defende que o lugar da mulher é em casa. Até os dias atuais, Elenice afirma que há pouco espaço para a liberdade feminina juvenil, sendo as escolas e os demais espaços de Educação importantes meios para a mudança desse cenário. Nos espaços públicos do Jardim Paulistano, por exemplo, observa-se que as áreas esportivas são construídas e ocupadas, majoritadamente, por homens que andam de skate e jogam futebol e basquete. Se as mulheres tentam utilizar esses locais, precisam dividir com o público masculino, não sendo bem aceitas. Os líderes comunitários da região dizem que, enquanto os meninos correm e brincam nas ruas, as meninas permanecem em casa, ou ficam arrumadas na tentativa de serem observadas pelos rapazes.

Nos bailes funks e bares da região, a situação não é diferente. Enquanto o público masculino tem a liberdade de se reunir e confraternizar, o feminino fica com má reputação por parte da sociedade, sendo visto como “mulher de má influência”. As ações sociais e escolares têm mudado parte desse cenário, ao investir em times de futebol feminino, debates sobre o machismo e a igualdade de direitos, por exemplo. Atualmente, percebe-se um aumento considerável das jovens estudantes frequentando o Ensino Médio e concluindo a Educação Básica, ainda que sintam dificuldades em conciliar a profissão, o estudo e as tarefas domésticas. É bastante comum as estudantes relatarem que são responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os irmãos, enquanto os pais trabalham o dia todo para trazerem o sustento para casa.

Durante o período de pandemia, uma das grandes preocupações dos líderes comunitários e profissionais que atuam no distrito foi com as crianças, jovens e mulheres convivendo por um período maior de tempo com os abusadores, sem que pudessem sair ou buscar ajuda, devido às restrições do distanciamento social e ao fechamento de importantes espaços, como as escolas. Esse mesmo período deixou estampado para todo o país a precariedade da vida nas periferias. Brasilândia, por exemplo, em 2020 estava apontada como a segunda maior proporção de residências em favela e o quinto pior índice de emprego. Ficou também conhecida por ser o distrito de São Paulo com o maior índice de mortos por covid-19, enquanto feiras e mercados funcionavam de forma informal, buscando burlar a fiscalização e a restrição de circulação de pessoas. O distanciamento social na comunidade era considerado luxo, já que a aglomeração começava nas próprias residências, devido ao número de

moradores, ou ainda, devido à proximidade entre as casas, já que os espaços habitacionais não são planejados. A falta de recursos financeiros também levava a população a buscar formas de sobrevivência, colocando sua vida e de seus familiares em risco.

Sobre a situação econômica, afirma-se que:

Como característica das periferias do Brasil, os autônomos desenvolvem ocupações de prestação de serviços, como diaristas, costureiras, pedreiros, pintores, vendedores ambulantes, eletricitas, cabeleireiras e tantas outras profissões e ocupações subalternizadas, portanto frágeis nas seguridades trabalhistas, quando sem registro em carteira de trabalho. São funções que não se realizam remotamente, o que tornou o isolamento exigido pelos organismos de saúde, sem assistência dos governos como garantia de sobrevivência, um dilema entre a vida e a morte (Gomes; Paulo; Cordeiro, 2023, p. 76).

Na tentativa de combater os casos de contaminação e minimizar o sofrimento de moradores, a Rede Brasilândia Solidária foi criada em conjunto com trinta organizações e mais de 200 pessoas para promover diversas ações, como a arrecadação e distribuição de alimentos e produtos de higiene; campanhas de conscientização sobre o combate à pandemia, com carros com microfones trafegando pelas vielas e passando informações sobre saúde e cuidados com a higiene, além de distribuição de folhetos em praças, comércios e postos de saúde; iniciativas entre líderes comunitários, como o Fábio e a Elenice, em parcerias com políticos, para alertar sobre a aglomeração nas filas das agências da Caixa Econômica Federal para recebimento do Auxílio Emergencial; discussões sobre a precariedade de atendimento do SUS e a necessidade de abertura do Hospital Brasilândia (que estava com a construção e a inauguração atrasadas, havendo apenas atendimento nos postos de saúde e em dois hospitais de distritos próximos, como o Hospital Geral de Vila Penteado e o Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha); a urgência de instalação de torneiras e bicas em diferentes pontos dos bairros para uso da população (pois não havia como solicitar a limpeza das mãos, por exemplo, se parte da população não tinha acesso a água encanada); e organização de comitês para ouvir a maior parte dos moradores e levar suas necessidades para a subprefeitura.

São ações conjuntas entre moradores, organizações não governamentais (como o Coletivo de Mulheres do Noroeste, que realiza atividades de combate às situações de violência contra a mulher periférica, e a Rede Brasilândia Solidária),

iniciativas de cultura (como o Sarau na Brasa), e atividades desenvolvidas nos espaços escolares que favorecem, por meio de muitos enfrentamentos e reivindicações políticas, o desenvolvimento da região e a busca por melhores condições de vida. Como objetivos alcançados, temos a construção de praças, a inauguração do único hospital público do distrito (Hospital Municipal da Brasilândia), a construção do CEU Paulistano (um importante espaço de cultura, educação, esporte e lazer para a população, com acesso livre a piscinas, biblioteca, espaço digital e cursos oferecidos pela Prefeitura de São Paulo, além de abranger as escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Escola Técnica Estadual), divulgação de poetas e artistas da região a partir de eventos culturais, o plantio de árvores e, recentemente, a regularização e entrega das escrituras de todos os imóveis do Jardim Paulistano.

Fábio fala sobre a importância das ações coletivas e conscientização política de todos os cidadãos, pois foi por meio de reuniões da população em plenárias, ocupando espaços públicos da região e a presença na Câmara dos Vereadores, que os deputados, vereadores e o prefeito começaram a visitar o Jardim Paulistano e escutar os líderes comunitários. Segundo Elenice, a conscientização política começa em ações conjuntas com as escolas, reuniões em praças e conversas informais entre lideranças e moradores, conhecendo o perfil da região e as necessidades mais urgentes de cada comunidade.

Na tentativa de melhor conhecer a comunidade escolar atendida, a escola CEU EMEF Jardim Paulistano realizou um estudo diagnóstico em março de 2023, com os familiares responsáveis pelos estudantes matriculados. A partir dos questionários respondidos, observou-se o seguinte:

Tabela 3 — Dados da pesquisa feita com a comunidade escolar do CEU EMEF Jardim Paulistano

Moradia	• 56,7% dos estudantes mora com outras três a sete pessoas; • 97,1% tem a mãe morando consigo e 58,3 tem o pai presente na mesma residência; • 45,7% mora próximo à escola;
Religião	• 40,6% se declara evangélico e 36,4% católico;
Renda familiar	• 32,7% das famílias é beneficiária de algum Programa Social do Governo; • 41,1% tem a renda familiar menor que um salário mínimo;
Saúde	• 78% não tem convênio médico
Serviços básicos	• 44% não tem a rua de sua residência asfaltada; • 39% não tem coleta de lixo na região; • 35% não tem água encanada e eletricidade;
Lazer e atividades culturais	• 77% dos estudantes raramente vai ao shopping ou cinema; • 45,6% nunca vai a eventos culturais;
Estudo	• 2,7% dos pais ou responsáveis pelos educandos cursou o ensino superior;
Cuidados domésticos	40,4% fica com as mães no período em que não está na escola

Fonte: tabela elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A pesquisa realizada pela unidade escolar está disponível no PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola e serviu, e ainda serve, como base para ações conjuntas com as famílias, bem como para estudo entre os professores, ao considerarem a realidade enfrentada no cotidiano pelos educandos e suas necessidades mais urgentes, procurando expandir a aprendizagem e os assuntos discutidos para além dos muros da escola. As informações apresentadas também servem como pistas para indicar a realidade de muitos dos estudantes escritores dos

contos presentes no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, posteriormente analisados nesta dissertação de mestrado.

Liliane de Carvalho, mais conhecida como Negra Li, nascida e criada na comunidade, gravou, em 2019, a música “Brasilândia”. Ao considerar seus amigos, vítimas de drogas e violência, a cantora afirma que só quem é da região pode entender que “Brasilândia não é Disneylândia”. Nessa música, a cantora nos apresenta alguns desafios da vida na comunidade e conclui que viver na Brasilândia não é uma tarefa fácil: o cotidiano se distancia de um mundo encantado, de diversão e finais felizes, como apresentado nos contos clássicos da Disney.

Sendo conhecedores dos contos e do universo encantado das adaptações, apresentado em séries e filmes, bem como vivenciando a realidade da periferia, os jovens estudantes do CEU EMEF Jardim Paulistano foram convidados a misturar ficção e realidade ao transformar os desafios de suas experiências pessoais e familiares em uma releitura do conto maravilhoso “O Pequeno Polegar”, que deu origem ao livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, que será apresentado e analisado nos capítulos seguintes.

4 E AGORA? O QUE FAZER EM SALA DE AULA? — UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

4.1 Apresentação da situação

Após dois anos letivos de aulas online, muitos estudantes apresentaram dificuldade e desinteresse pelas atividades de leitura e escrita. Constantemente também havia problemas de violência verbal e física nos corredores da escola. Assim, na tentativa de dar voz aos educandos e propiciar a autonomia, o protagonismo e a valorização da cultura e identidade, a partir das aulas, leituras e reflexões desenvolvidas no programa de Mestrado ProfLetras/USP, propus uma sequência de atividades com leitura e escrita literária para o trabalho com o léxico, a ser aplicada em turmas dos sétimos anos C e D, nas quais eu lecionei em 2022.

Considerando o papel social do discurso e a importância da escolha lexical adequada para as situações comunicativas, parto das memórias afetivas das leituras da infância, ressaltando a importância das palavras para a construção de sentido a partir das informações explícitas e implícitas dos textos.

Ao apresentar a proposta aos educandos, convidei-os a lembrar as histórias escutadas durante a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com a intenção de promover bons sentimentos, retomar conhecimentos prévios e desenvolver a noção de intertextualidade por meio de releituras, ao comparar diversas obras disponíveis no acervo da Sala de Leitura da escola.

Apresentei, sucintamente, a ideia de retomarmos as leituras nas aulas seguintes e, ao final, construirmos novas histórias, marcando interesses, saberes e conhecimentos coletivos e individuais das turmas

Apesar de a proposta fazer parte da pesquisa de mestrado do PROFLETRAS, sua aplicação fez parte do plano de aula e conteúdo didático desenvolvido, portanto, todos os jovens matriculados participaram das discussões e escritas. No entanto, a produção final, a princípio definida como uma mediação de leitura para as turmas dos quartos, quintos e sextos anos do Ensino Fundamental, foi realizada apenas com os estudantes interessados, bem como aqueles cujos responsáveis autorizaram a análise dos textos no projeto de mestrado, preservando a imagem e os nomes, conforme indicado no documento enviado à Plataforma Brasil.

4.2 Sequência de atividades

Para o desenvolvimento da proposta de leitura e produção escrita de conto maravilhoso, foi aplicada uma sequência de atividades envolvendo os conhecimentos prévios dos educandos, seu protagonismo ao considerar suas experiências de vida e escolhas para a confecção de um livro de releituras do conto “O Pequeno Polegar”, bem como a valorização da cultura local da comunidade escolar.

Diferentemente da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 101), a qual determina a importância da escrita no início dos módulos a serem trabalhados sobre um determinado gênero, ao afirmar que “[...] a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor”, a sequência de atividades desenvolvida com estudantes dos sétimos anos das turmas C e D da escola CEU EMEF Jardim Paulistano, no ano de 2022, não considerou a escrita inicial das turmas como ponto de partida, mas sim o resgate de memórias afetivas por meio das leituras e contações de histórias vivenciadas na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, antes do período pandêmico. Ao observar a necessidade que aqueles estudantes de doze anos de idade apresentavam de verbalizar opiniões, interesses e experiências vividas, junto à resistência a leituras literárias e produções escritas, a partir das aulas do PROFLETRAS, surgiu a ideia de realizar a pesquisa considerando as leituras que as turmas já haviam realizado, ampliando seus repertórios e desenvolvendo, de modo consciente, o uso do léxico dentro do discurso ao produzir um novo conto maravilhoso e marcar a identidade da comunidade por meio da narrativa.

Ao apresentar em sala de aula a ideia de retomar antigas leituras, acrescentar novas aprendizagens e construir um texto coletivo com as marcas autorais da comunidade local, todos ficaram interessados. Na reunião de pais, apresentei a proposta aos responsáveis presentes e também enviei comunicados por meio de grupos escolares do WhatsApp. Todos aceitaram participar da pesquisa de Mestrado e realizar a escrita dos novos contos a serem compartilhados com demais estudantes da escola, exceto dois pais que alegaram não autorizar por motivos particulares. Desse modo, sessenta e dois estudantes dos sétimos anos participaram da sequência de atividades aqui apresentada. Os dois que não tiveram a autorização manifestaram interesse pela aprendizagem e permaneceram envolvidos durante todas as aulas, realizando a produção escrita final, mas sem que seus textos aparecessem na versão

final do livro, nem tivessem seus textos analisados na pesquisa.

Ao planejar as aulas, considere os conhecimentos prévios das turmas, interesses e textos pertencentes ao imaginário coletivo, com a intenção de perceberem as marcas lexicais que registram a cultura, aspectos sociais e históricos de uma determinada época, como também compreenderem a importância do leitor, pois, conforme Colomer (2007, p. 133), as escritas não são despretensiosas “[...] nenhum livro é ideologicamente inocente e de que os valores compartilhados vão mudando ao longo da evolução histórica das sociedades”.

Por meio de leituras silenciosas e compartilhadas, rodas de conversa e exercícios de interpretação, esperava-se que os educandos, no decorrer de cada aula, percebessem a importância da escolha lexical para a construção de sentido, seja na fala ou escrita, culminando na produção de texto coletivo ao criarem um novo conto maravilhoso que marcasse, por meio das palavras, a cultura e o contexto social aos quais pertencem, de modo que os leitores que não conheçam o bairro pudessem construir imagens mentais sobre o local, bem como aqueles que convivem no mesmo tempo e espaço que os autores do texto pudessem se identificar e criar vínculos, estabelecendo diálogo e cumplicidade entre autor, obra e leitor.

A proposta de exercício com contos maravilhosos e léxico aqui apresentada pode ser adaptada e realizada com estudantes de outros anos escolares, segundo a necessidade, a realidade e o interesse da faixa etária de cada comunidade. As estratégias das etapas também podem variar de acordo com as condições estruturais e materiais da escola de cada educador. Por haver disponibilidade de verba para realização de projetos durante o ano letivo de 2022, aproveitei os recursos oferecidos para as fotocópias de alguns contos dos livros já disponíveis no acervo escolar, assim como a instalação de projetor durante a pandemia. A internet oscilava, mas, por haver preparado as aulas com antecedência, em computador próprio, a atividade não foi prejudicada. A verba da impressão dos livros foi oferecida pela gestão, para promover a leitura para toda a comunidade escolar e envolver os pais, mostrando a importância da leitura literária e a capacidade e criatividade de seus filhos, ao produzirem um livro ilustrado autoral. A falta de recursos pode variar o resultado da sequência de atividades aqui apresentada, contudo, não impede que os docentes possam realizá-la. Pode-se utilizar a mediação de leitura ao apresentar os contos, a contação de história, o envio da versão escaneada por *email* ou mensagem no celular, ou ainda, projetar no telão ou na televisão. Durante os quatorze anos que estou lecionando em

sala de aula da rede pública, muitos foram os desafios para o desenvolvimento das atividades escolares, contudo, com criatividade e parceria da gestão e demais profissionais da escola, interessantes trabalhos podem ser desenvolvidos e alcançados.

Como proposta para finalização do trabalho com os contos maravilhosos, sugeri a mediação de leitura dos educandos voluntários ao lerem seus textos para as turmas de quartos, quintos e sextos anos. No entanto, no decorrer das aulas, percebi o aumento de interesse e curiosidade pelas histórias que estavam sendo desenvolvidas, bem como o prazer que muitos tinham ao produzir desenhos de personagens de séries, paisagens e pessoas conhecidas. Ao perguntar se todos aceitavam produzir um livro para compartilhar as escritas com as famílias e disponibilizar como acervo na Sala de Leitura para os demais estudantes, todos aceitaram com entusiasmo. Apontei a importância de haver ilustrações dos contos, já que grande parte dos leitores estaria cursando os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e prontamente concordaram. Assim, durante o desenvolvimento das aulas, foram realizadas leituras, discussões, pesquisas, rodas de conversa, produção escrita, ilustração, observação do léxico e sua importância na construção de sentido do texto, debate sobre problemas sociais e identidade da comunidade da Brasilândia e arredores.

Como inspiração para o planejamento e a criação dos exercícios realizados em sala de aula, foram consultados os livros “Letramento Literário”, de Cosson (2014), “Literatura Infantil: múltiplas linguagens da formação do leitor”, de José Nicolau Gregorin Filho (2010) e o “Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa”, material orientador de ensino da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Também serviram como referências as aulas ministradas pelos professores durante o Programa de Mestrado, bem como as ideias trazidas nos seminários apresentados pelos colegas de turma.

4.3 Produção final

Ao definir a proposta de pesquisa e a sequência de atividades aplicada em sala de aula, com a aceitação das turmas envolvidas, planejamos que a prática final seria a produção escrita de uma releitura do conto “O Pequeno Polegar” e a mediação de leitura, de modo que os textos não ficariam guardados, tampouco seriam meramente

redações escolares, sem propósito social. Conforme Franzoi (2009, p. 18), “a partir do pressuposto de que linguagem é uma forma de ação social constituída pela interação verbal, torna-se justificável a importância da participação do outro na construção de textos escritos”.

Considerando que a comunicação é sempre estabelecida entre sujeitos dentro de um contexto, construindo enunciados concretos, as atividades orais e escritas, realizadas na escola, cujo único objetivo é a avaliação do professor, perde a sua função e até mesmo se torna desinteressante aos educandos, pois os mesmos não sabem para que escrever senão para terem seus erros apontados e corrigidos. Mantendo a preocupação de desenvolver o uso da linguagem, e considerando a escolha lexical para alcançar o objetivo e a intenção dos estudantes autores em criar um conto maravilhoso contemporâneo para leitores entre nove e doze anos, verossímil aos conhecimentos tanto textuais quanto a respeito da realidade vivida pela comunidade local, as turmas dos sétimos anos C e D compreenderam e identificaram a intenção moralizante dos contos de Perrault e desejaram criar suas versões, utilizando-se de estratégias para mostrar os perigos enfrentados por moradores das periferias, como também os problemas vividos na adolescência. Em suas escritas, mantiveram, no entanto, o final feliz e o elemento mágico, característicos da literatura maravilhosa, trazendo esperança de dias melhores aos autores e seus leitores.

Ao longo das atividades, após as leituras, discussões e interpretações de texto, os estudantes se organizaram em grupos entre três e cinco participantes, escolhidos por eles mesmos, para realizarem as escritas dos contos maravilhosos. Tais grupos tinham como objetivo criar uma releitura do conto “O Pequeno Polegar” para crianças dos quartos, quintos anos e sextos anos, possivelmente moradores da região da escola. Como desafio, cada grupo deveria estabelecer a intertextualidade com uma ou mais versões do conto lido, bem como marcar a identidade e cultura local, segundo a perspectiva de cada um deles enquanto morador do bairro.

No decorrer da construção textual, um grupo não poderia consultar o outro, de modo que as histórias não se repetissem, mas fossem criativas e seguissem, de forma democrática, as escolhas determinadas por meio de discussões de cada pessoa pertencente ao grupo. O objetivo era observar como seriam as discussões, incentivar a escuta e o diálogo entre os pares, considerando as dificuldades e os saberes coletivos e individuais, valorizando o protagonismo e oportunizando as expressões por meio da palavra.

Com o aumento de curiosidade, interesse e envolvimento das turmas, surgiu a ideia de reunir os contos escritos em sala de aula e produzir um livro, de modo que todos os grupos tivessem acesso a todas as histórias. Ao perceber que no final das aulas muitos ficavam desenhando e pintando ilustrações de personagens fictícios, paisagens e pessoas de convívio escolar, sugeri então que o livro escrito pelas turmas fosse ilustrado pelo próprio grupo que produziu a escrita, para que também representasse, por meio de imagem, aquilo que sintetizasse a ideia principal de seus textos. As duas turmas aceitaram com bastante empolgação ao saberem que cada estudante receberia um exemplar do livro para levar para casa e compartilhar com seus familiares, além de também terem seus trabalhos como parte do acervo de livros da Sala de Leitura, para que muitas outras pessoas pudessem ler suas histórias.

A partir da escrita e ilustração do livro, a maioria dos envolvidos na atividade decidiu não mais realizar a mediação de leitura, conforme determinado previamente, mas sim incentivar para que as demais classes procurassem pela obra escrita e realizassem suas leituras, dentro e fora da escola. Assim, o material foi impresso no final do ano letivo de 2022 e entregue aos jovens escritores e seus responsáveis numa sessão de autógrafos, evento promovido pela professora pesquisadora em parceria com a comunidade escolar.

Para promover o lançamento do livro, houve uma reunião com toda a comunidade escolar no pátio da escola, com uma mesa solene aos escritores, que foram homenageados por meio de um vídeo, com trechos do processo de escrita, bem como por meio do discurso da supervisora regional e dos diretores, salientando aos pais a capacidade de seus filhos e a importância da leitura. Os jovens escritores se apresentaram, em maio de 2023, aos gestores das escolas da Diretoria Regional de Ensino Freguesia/Brasilândia, participando de uma entrevista sobre o bairro e as inspirações para a criação de cada conto. Em outubro do mesmo ano, o projeto foi premiado no concurso “Professor em Destaque”, em primeiro lugar entre as escolas da Freguesia/Brasilândia e em quinto lugar entre todas as escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo.

O “Pequeno Polegar na Quebrada” foi divulgado no programa “Boas Práticas Escolares”, da TV Cultura, no jornal online Metrôpoles, também está disponibilizado na Biblioteca Pública Florestan Fernandes e é continuamente divulgado pelos corredores da escola CEU EMEF Jardim Paulistano, por meio de cartazes com ilustrações e trechos dos contos. Os jovens escritores continuam divulgando os seus

textos e ilustrações em atividades de mediação de leitura e demais projetos da escola.

Observou-se, após a realização da produção textual, aumento do interesse pela leitura, melhor compreensão sobre a estrutura de texto narrativo, atenção e cuidado na escolha lexical nas produções escritas e maior atenção às palavras e expressões presentes nos textos lidos, sabendo que todas elas possuem função no ato comunicativo. É importante perceber que todo avanço é um processo contínuo, observado no dia a dia, por meio de práticas pedagógicas, e consolidado ao longo de todos os anos.

Como principal resultado do desenvolvimento do projeto, além da produção escrita autoral do livro, foi a melhora da autoestima dos estudantes, pois muitos deles diziam ao longo do processo que ninguém se importaria com o texto deles e que ninguém leria o livro. Ao serem homenageados em frente aos pais e entrevistados por diretores de diferentes escolas, a fala e a postura deles mudaram. Mostraram-se mais confiantes ao falar, escrever e desenhar, sabendo que são ouvidos e valorizados, dentro e fora da escola. Ver as suas práticas escolares divulgadas na televisão e saber que estão sendo lidos na Universidade de São Paulo também contribuiu para a valorização dos jovens em meio aos seus familiares.

5 RELATÓRIO DE APLICAÇÃO

5.1 Aula 1: Conversa sobre memórias afetivas e leituras de infância

A aula foi iniciada com um bate-papo sobre leitura. Os educandos foram convidados a refletirem sobre suas práticas diárias e interesses. Muitos disseram que apenas leem postagens da Internet ou do WhatsApp, outros apontaram interesse por mangás, apesar de não lerem com frequência, já que há poucos disponíveis na biblioteca escolar. Quinze educandos alegaram assistir as histórias pela Internet, não sentindo necessidade de realizar a leitura. A seguir, começamos a discutir sobre noções básicas de literatura e a diferenciar textos literários de não literários, tema já abordado anteriormente nas aulas de Leitura. Uma aluna afirmou que a Literatura não era importante, já que não trazia nada sobre a vida real, que era o que lhe importava. Outro respondeu que a Literatura é importante para desenvolver a criatividade. Retomamos então a ideia de que a Literatura, mesmo não relatando fidedignamente os fatos ocorridos na vida real, como nas notícias de jornais, por exemplo, nos permite conhecer um pouco mais sobre nós e sobre o outro. Segundo Cosson (2014, p. 17), “na literatura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”.

Durante a discussão sobre obras literárias, pedi para as turmas recordarem as histórias que marcaram suas infâncias. Indaguei: “Quais leram na escola?”, “Quais conheceram por meio de práticas de mediação de leitura?”. Uma educanda do 7C recordou alguns contos de repetição, como “Menina Bonita do Laço de Fita” (Ana Maria Machado, 2019) e “Bruxa, Bruxa, Venha à Minha Festa” (Arden Druce, 2007), livros muito procurados pelas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A seguir, seus colegas de classe foram citando contos de fadas e contos maravilhosos, tais como “Branca de Neve”, “Cinderela” e “Chapeuzinho Vermelho”.

Ao narrarem o que recordavam dos contos de fadas, coletivamente, de forma alternada, lembraram-se das versões de livros adaptados para crianças pequenas, muito semelhantes às histórias contadas pelos Estúdios Disney. Questionei se conheciam alguma versão diferente, mas ninguém soube responder. Ao refletir sobre a leitura dos contos de literatura maravilhosa nos dias atuais, todos afirmaram serem textos interessantes, mas não adequados para a nova fase de vida deles, já que não

se consideram mais crianças pequenas.

Para encerrar a aula, pedi que respondessem, por escrito, um questionário sobre leitura e Literatura. As perguntas foram:

- 1) *Você acha importante a prática de leitura nos dias atuais? Por quê?*
- 2) *Você tem hábito de ler? O quê?*
- 3) *Além das aulas de Leitura, você lê em outros momentos e lugares? Quais?*
- 4) *Em sua casa há livros? Quais?*
- 5) *Sua família tem o hábito de ler? Comente.*
- 6) *Você acha importante ler obras literárias? Justifique.*
- 7) *Na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? Explique.*
- 8) *O que você sugere para que os adolescentes e jovens leiam com frequência?*
- 9) *Para você a leitura é uma obrigação ou lazer?*

Abaixo estão digitadas algumas das respostas para o exercício proposto. Foram aqui destacadas aquelas mais completas e que indicam pontos de vista variados, já que muitas opiniões expressadas no exercício são parecidas. Para apreciação da atividade de todos os educandos, elas estão digitalizadas e disponíveis no anexo 1 deste trabalho.

Para a primeira pergunta, sobre a importância da prática de leitura, tivemos variadas respostas, entre elas:

“Sim, pois todo mundo parou por 2 anos. Isso dificultou os que entraram no Fundamental I, então basicamente não aprenderam a ler e também alguns não sabem nem o alfabeto. Então devemos praticar a leitura” (A.S.M).

“Sim, porque para tudo hoje em dia você precisa saber ler e escrever” (D.M).

“Sim, porque nos dias atuais as pessoas estão ligando mais para computadores e videogames do que para livros” (E. M. S).

“Sim, melhora a leitura e a escrita. É divertido, um lazer, uma forma de descobrir do que gostamos, como aventura, ação, romance, etc.” (L.K.F.S).

“Sim, porque as pessoas estão passando por um tempo difícil nessa pandemia. Muitos estão

sozinhos. Eu acho importante para fazer alguma coisa interessante ao invés de ficar vendo notícias da pandemia” (M.E.M.P).

“Acho, para os que gostam, porque quanto mais leitura, melhor. Sua fala fica bem melhor quando você lê bastante, sem falar que você fica inteligente e sabe um pouco mais sobre o passado” (R.E.C.S).

Na segunda questão, sobre o hábito de ler, responderam:

“Sim, gosto de ler gibis” (N.C.P).

“Sim, adoro ler histórias de romance, palhaçadas, ação no celular. A história não parece ser tão chata quanto no livro, por isso leio no celular e também porque tem imagens” (Y.F.S).

“Sim, eu leio mangás e quando vou assistir anime eu ativo as legendas” (P.S.A).

“Nada. Não gosto de ler” (A.A).

“Sim, mangás e a Bíblia” (B.M.S).

“Tenho. Estou lendo Crepúsculo e algumas vezes, fanfic” (D.V.S).

“Eu gosto de ler livros de ficção científica” (E.A.P).

“Olha, eu não tenho muito costume de ler, mas às vezes, quando estou triste ou sem nada para fazer, eu pego algum livro e leio. Gosto bastante de ler aqueles livros de comédia, tipo Diário de um Banana” (R.Y).

Na terceira pergunta, sobre momentos e espaços para a leitura, responderam:

“Sim, na biblioteca, em casa e na escola” (G.B).

“Não, só na leitura mesmo” (K.R).

“Sim, na sala de aula” (I. N. O.S).

“Sim, na minha casa e em lugares calmos” (G.A).

Na quarta questão, sobre a presença de livros em casa, obtivemos as seguintes respostas:

“Sim, tem uns livros que ganhei da escola e uns quadrinhos que eu comprei” (A. S. M).

“Sim, meus livros e a Bíblia” (L.K.S).

“Eu tenho bastante livros. Eu tenho uma pilha de livros na minha casa. Histórias em quadrinhos e rimas” (M.E.M.P).

“Sim, há sim. Tem livros bíblicos, mangás e de YouTubers” (R.E.C.S).

“Sim, tem livros infantis, revistas e gibis” (N.C.P).

“Não. Não tenho livros em casa” (Y.F.S).

“Na minha casa não tem livros” (A.A).

“Não muitos. Leio mais pelo celular os mangás” (B.M.S).

“Sim, na minha casa têm muitas bíblias” (D.V.S).

Na questão cinco, ao comentar sobre a leitura da família, disseram:

“Sim, meus primos leem muito, por exemplo: quadrinhos, poesias, etc.” (N.A.D).

“Minha família lê sim, eles leem a bíblia e meus pais leem notícias” (M.H.N.P).

“Sim, minha mãe e tia gostam de ler a Bíblia, livros de histórias, etc.” (M.P.F).

“Minha mãe, sim, mas eu e meu pai, não” (M.N).

“Não muito, só notícias da Internet” (M.V.O.S).

“Não, infelizmente meus pais leem muito pouco, porém eles leem jornais e notícias no celular ou na tv” (L.O.S).

“Não muito, tipo, minha mãe lê notícias na Internet” (A.S.M).

“Sim, minha avó materna lê receitas” (I.M.P.S).

Na questão 6, sobre a importância da leitura literária, disseram:

“Se você gostar, sim. Cada um tem seu gosto” (I.M.P.S).

“Sim, porque senão nós não teríamos imaginação” (F.N.O).

“Sim, pois ajuda com a criatividade” (E.F.S).

“Acho, pois livros literários são muito bons, os de terror são melhores ainda” (M.H.N.P).

“Sim. Além de aumentar sua inteligência, também diminui seus erros de escrita” (M.N).

Ao serem perguntados, na questão 7, se os adolescentes gostam de ler, responderam:

“Não, alguns adolescentes gostam, outros preferem ficar no celular” (G.A).

“Não, prefere ficar no celular, mas tem alguns que gostam de ler” (K.R).

“Bem, eu conheço muitos adolescentes que gostam de ler, mas também tem outros que acham que ler é besteira” (R.Y).

“Alguns não, alguns, sim. Eu gosto de ler e tenho bastante amigos que gostam de ler” (D.V.S).

“Não todos. Acho que eles têm preguiça” (B.M.S).

“Sim, por exemplo mangás, fanfics e vários outros” (Y.F.S).

“Não, a maioria não se interessa por livros, e sim por Internet” (N.C.P).

Na questão 8, sugeriram, para que adolescentes e jovens leiam:

“Para eles terem interesse de ler, ou eles se interessam pelo título ou pela capa, então, para eles quererem ler o título ou a capa tem que atrair de alguma forma” (M.N).

“Eu sugiro que eles leiam mangás e livros literários, pois são ótimos livros, eu já li vários” (M.H.N.P).

“Ler algo que gostem” (E.F.S).

“Ler algo que gostem e que não seja forçado, porque assim ele perde o interesse” (I.M.P.S).

“Vou sugerir o que eu gosto, que é ficção, suspense e romance, mas eu sugiro que você encontre coisa que você goste” (A.S.M).

“Ler frequentemente, pois ficamos dois anos na pandemia e melhora a leitura” (M.V.O.S).

“Se a pessoa não gosta de ler é muito complicado, mas se eles conversarem com pessoas que têm prazer de ler, eles podem se inspirar” (N.C.P).

Na questão 9, sobre a leitura ser obrigação ou lazer, responderam:

“Para mim é lazer, não me sinto obrigada a ler, eu leio porque gosto. Gosto de me entreter com uma coisa que não seja o celular” (R.E.C.S).

“Lazer. Ler não é obrigação, é passatempo” (E.M.S).

“Depende. Na minha opinião é lazer, mas para as pessoas que não gostam é obrigação” (N.C.P).

“Eu acho que é um lazer. Ninguém é obrigado a fazer algo que não gosta” (N.A.D).

“Uma obrigação, pois tenho algumas dificuldades de leitura e habilidade de ler mais rápido” (M.V.O.S).

“Para mim é lazer, pois gosto de ler e imaginar as histórias” (A.S.M).

“Lazer, porque nunca fui forçada” (I.M.P.S).

A partir das respostas orais e escritas dos estudantes nessa aula, pude observar que a maior parte das famílias, quando lê, restringe-se a notícias pelo celular ou algum texto religioso. Muitos consideram que os adolescentes preferem usar o celular, porém vários mantêm o hábito da leitura de livros. Entre os literários, a preferência são as obras de terror, mangás, ficção científica e romances, embora eles não saibam citar títulos de livros que tenham gostado desses gêneros mencionados, com exceção dos mangás e animes, sobre os quais grande parte da turma mostrou conhecimento. Sobre a importância da literatura e da leitura, muitos atrelam ao sucesso profissional e bom desempenho escolar. A maioria considera a leitura um prazer, já que a escola não tem por hábito obrigar nenhuma leitura, mas sim apresentar as obras e fazer sugestões. Para que os adolescentes tenham mais interesse, sugerem que encontrem o gênero de sua preferência e conversem com alguém que os estimule. Também salientaram sobre a importância da capa e do título para chamar a atenção de seus possíveis leitores.

Na atividade oral, todos souberam citar os contos de fadas e contos maravilhosos, mas, por desconhecerem versões diferentes das divulgadas pela Disney, consideravam histórias de crianças e não mais para a faixa etária deles, apesar de ainda gostarem.

Essa aula foi bastante significativa para iniciar as próximas etapas, envolvendo leitura e produção escrita, pois estimulou a oralidade, incentivou o resgate da memória afetiva e promoveu um debate reflexivo sobre a leitura dentro e fora da escola.

5.1.2 Aulas 2 e 3: Contação de histórias e discussão sobre clássicos da literatura maravilhosa

Iniciei a aula 2 com uma contação de história. Sem citar o nome, narrei o conto “A Gata Borralheira” presente no livro “Contos de Perrault, por Fernanda Lopes de Almeida” (2012). Ao começar a performance, alguns estudantes disseram em voz alta “Ah, já conheço essa história. É a Cinderela”, no entanto, a atenção foi aumentando quando elementos desconhecidos apareceram na narrativa, como, por exemplo, o pai

que não a apoiava, a pinta de veludo que as moças usaram para ficar mais formosas, o fato de as jovens ficarem dias sem comer e usarem espartilho muito apertado para entrar na roupa e o perdão final da personagem principal. Curiosos, começaram a comentar sobre os fatos que acontecem ainda hoje, como problemas familiares, e sugeriram outros finais, com a Cinderela desprezando quem a maltratou. Comentei que em uma outra obra disponível na escola, também de Charles Perrault, as irmãs cortam os próprios dedos para que os pés caibam no sapato e o príncipe percebe ao ver o sangue pelo caminho.

Uma estudante comentou em voz alta “Credo! E isso é história para criança?”. Foi então que mostrei as capas de contos de Charles Perrault, disponíveis no acervo escolar, e, usando os recursos tecnológicos presentes em sala de aula (instalados durante a pandemia, sendo eles o computador, o projetor e a caixa de som), mostrei um retrato do Charles Perrault retirado da Internet, e falei brevemente sobre os dados bibliográficos do autor, presentes na introdução dos livros. Conversamos sobre o hábito de compartilhar oralmente as histórias e a importância de Perrault tê-las registrado, preocupando-se em educar e transmitir valores para as moças daquela época.

Ao questionarem se as crianças não se assustavam com essas histórias, expliquei, assim como aponta Gregorin Filho (2010), que até o século XVII elas eram vistas como um adulto em miniatura, que deveriam rapidamente se tornar úteis e produtivas para a sociedade. Diferentemente do que vivemos atualmente, naquela época não havia a preocupação de zelar e afastar as crianças dos perigos, tampouco havia livros específicos para elas, portanto, as histórias mais próximas às versões registradas por Perrault podem soar um tanto estranhas para os dias atuais. Questionei se eles imaginavam a infância de seus avós semelhante à infância vivida atualmente. Muitos responderam que não, pois alguns avós podiam brincar na rua, nadar em rios, fabricavam seus brinquedos, não tinham celulares e nem Internet. Outros ainda disseram que seus avós começaram a trabalhar na roça desde pequenos para ajudar a família. Refletimos então que as infâncias e as sociedades mudaram desde o nascimento de seus avós até os dias atuais, ainda mais se comparadas ao século XVII, na França. Por isso, é importante um olhar atento à leitura, pois ela pode nos inserir em épocas, lugares e costumes diferentes.

Um dos estudantes perguntou sobre o nome “Borracheira”, então mostrei a parte do conto que explica: “Quando acabava o trabalho do dia, a jovem se deixava

ficar em meio às cinzas do borralho, no canto do fogão, o que fazia com que, em casa, a chamassem de Gata Borralheira, ou também Cinderela, que quer dizer “das cinzas” (Almeida, 2012, p. 42). As turmas gostaram de descobrir os dois possíveis nomes da história e o significado e importância dos termos para o desenvolvimento da narrativa. Chamei a atenção para a importância da escolha das palavras, as quais devem colaborar para a construção de sentido do texto. As expressões “Borralheira” e “Cinderela”, por exemplo, não são escolhas aleatórias, pois explicam a situação vivida pela personagem principal do conto.

O debate e a contação de histórias continuaram na aula seguinte, dessa vez com “Chapeuzinho Vermelho”, na versão de Perrault. Novamente sem escutarem o título, rapidamente descobriram qual era o conto, porém, dessa vez, estavam mais atentos e curiosos para identificarem semelhanças e diferenças em relação à versão previamente conhecida por eles. Ao término, ficaram surpresos por Chapeuzinho ter sido devorada. Ao lerem outra versão que disponibilizei em aula, em que a personagem principal tira a roupa e se deita com o lobo, eles acharam incabível ser lido para criança. Retomamos então a discussão da aula anterior sobre a época em que esse texto fora registrado, bem como as mudanças que sofreu ao longo do tempo, permitindo que cada um refletisse sobre os motivos de esses contos ainda serem conhecidos e por que foram alterados com o passar dos anos.

A partir dessas três primeiras aulas, as turmas começaram a ter curiosidade pelos contos de fadas e contos maravilhosos, ao perceberem que não eram apenas historinhas para criancinhas, como afirmaram no primeiro momento.

5.1.3 Aula 4: Contação da história “A Pequena Sereia”

Iniciei a aula perguntando se eles conheciam a história da Pequena Sereia. Alguns disseram que já assistiram várias vezes a esse filme. Perguntei então como eles imaginavam que era a versão mais antiga e as turmas começaram a fazer suposições: uns imaginavam que a sereia continuava solteira, outros que ela levava o príncipe para morar com ela no fundo do mar. Foi então que contei a versão de Hans Christian Andersen, disponibilizada no livro “Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros — apresentação de Ana Maria Machado” (2010, p. 209-246), em que a personagem principal se apaixona por um jovem desconhecido e, desobedecendo sua família, procura pela bruxa para poder reencontrar o amado.

Apesar de a bruxa alertá-la sobre todos os perigos e consequências de suas escolhas, a jovem sereia mostra-se decidida a abdicar de tudo em nome do amor que sentia. Para isso, ela sai de sua casa, perde o contato com a família, sente dores como facas entrando em suas pernas, perde a voz e, ao fim, o príncipe se torna seu grande amigo, mas se apaixona por outra, convidando a jovem sereia para ser sua dama de honra do casamento. Assim, ela presencia as bodas de seu amado com outra e vira espuma, desaparecendo nas águas do mar.

As turmas ficaram muito atentas a essa narrativa. Ao final, todos queriam fazer comentários. Alguns acharam merecido todo o sofrimento vivido devido à sua desobediência, outros diziam ainda que ela havia sido “burra” por abrir mão de sua vida por um desconhecido. Foi então que um grupo de meninas alertou que isso acontece ainda hoje, já que algumas jovens fogem com o namorado, desobedecem aos familiares e terminam em relacionamentos abusivos. Nesse momento, estudantes do 7C compartilharam histórias de relacionamentos de amigos e familiares, confidenciando episódios de agressões e até prisão. Esse espaço de fala e escuta após a contação de história foi muito importante, pois puderam desabafar, estabelecer maior conexão e empatia com os colegas de classe, além de refletir e comparar a vida atual com aquela apresentada nos livros estudados.

Ao final da aula, apresentei a capa do livro utilizado para a performance e comentei, brevemente, alguns dados biográficos de Hans Christian Andersen, como país e data de nascimento e sua importância para a literatura infantil. Como dica de leitura, informei que todos os livros usados em aula e muitos outros estavam disponíveis na Sala de Leitura da escola, para consulta e empréstimo.

5.1.4 Aula 5: Pesquisa na Sala de Leitura

Essa aula aconteceu na Sala de Leitura e, com a ajuda da Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL), pedi que os educandos pesquisassem quais contos de fadas estavam disponíveis no acervo. As turmas encontraram obras de Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, além de versões contemporâneas, as quais os estudantes identificaram por meio dos títulos e ilustrações das capas. Alguns anotaram os títulos, outros realizaram empréstimos.

5.1.5 Aula 6: Releituras de obras de arte

Apresentei aos estudantes uma imagem do quadro de Mona Lisa. Perguntei se eles identificavam aquela obra de arte e a maioria soube responder de modo satisfatório. A seguir, apresentei as seguintes imagens retiradas da Internet:

Figura 1 — Releitura do quadro “Monalisa” — Coletânea de Fanfics — Uma Monalisa Diferente



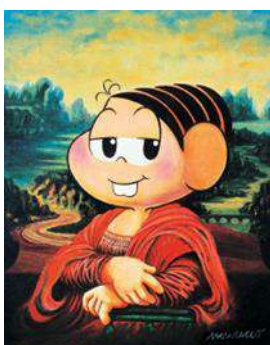
Fonte: Spirit Fanfics. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/ii-coletanea-de-fanfics-21653537/capitulo15>. Acesso em: 5 out. 2022.

Figura 2 — Releitura do quadro “Mona Lisa” — Mona Lisa *selfie*



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/444308319503486514/>. Acesso em: 5 out. 2022.

Figura 3 — Releitura do quadro “Mona Lisa”, por Maurício de Sousa



Fonte: Arte e artistas. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/mona-lisa-leonardo-da-vinci/>. Acesso em: 5 out. 2022.

A partir das imagens apresentadas, pedi para que os estudantes fizessem comentários, relacionando-as com a obra “Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci. Todos afirmaram haver semelhanças com o quadro original e alguns foram apontando as diferenças.

Expliquei que as releituras mantêm elementos da obra original, de modo que as pessoas consigam relacioná-las e identificá-las, no entanto não são cópias, já que apresentam um novo significado em uma nova proposta. Apresentei uma imagem do quadro “O Grito”, de Edvard Munch. Alguns educandos disseram que já viram aquele quadro em livros didáticos e na aula de Artes, mas não souberam dizer o nome da obra. Ao observarem e fazerem comentários, apresentei as imagens abaixo, retiradas da Internet:

Figura 4 — Releitura do quadro “O Grito” — Minions



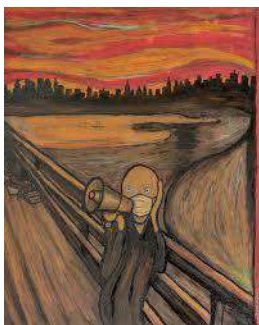
Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/656399714424458195/>. Acesso em: 5 out. 2022.

Figura 5 – Releitura do quadro “O Grito” — Batman



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/656399714424457981/>. Acesso em: 5 out. 2022.

Figura 6 — Releitura do quadro “O Grito” — O grito da pandemia



Fonte: Instituto ENDOVITTA. Disponível em: <https://institutoendovitta.com.br/grito-o-grito-da-pandemia/>. Acesso em: 5 out. 2022.

As turmas se divertiram muito ao verem imagens dos quadros e associá-las às releituras apresentadas, mas, por falta de tempo na aula e por não ser a minha área de formação, não aprofundamos as conversas sobre conceitos e técnicas envolvidas. No entanto, a professora de Artes, gentilmente, contribuiu aprofundando o debate em suas aulas, de modo que os estudantes pudessem melhor observar os quadros, as técnicas e a relação estabelecida por meio das releituras.

5.1.6 Aulas 7 e 8: Leitura dos livros selecionados na Sala de Leitura

Nessas aulas, os estudantes se reuniram em grupos e escolheram, entre as versões encontradas na Sala de Leitura, um conto maravilhoso para ser lido e discutido. Após esse momento, fizeram comentários sobre o texto, a compreensão, as dificuldades e suas impressões pessoais. Muitos escolheram versões que não conheciam ainda, porque as capas e os títulos lhes chamaram atenção. Desse modo, a maioria dos grupos conseguiu identificar a intertextualidade e relacionar com o que aprendeu sobre releitura, reconhecendo as semelhanças e diferenças entre as obras.

Os livros escolhidos pelo 7C foram: “Chapeuzinho Amarelo”, “Chapeuzinho Redondo”, “Chapeuzinho Vermelho — Uma História Borbulhante”, “Procura-se Lobo”, “A verdadeira história dos três porquinhos”, “Oito Pares de Sapato da Cinderela” e “Afra e Os Lobos Guarás”.

Os livros escolhidos pelo 7D foram: “Chapeuzinhos Coloridos”, “Chapeuzinho Amarelo”, “Procura-se Lobo”, “Rapunzel e o Quibungo”, “Chapeuzinho Vermelho — Uma História Borbulhante” e “Joãozinho e Maria”. Devido a essa turma gostar de ouvir histórias, os estudantes escolheram o livro “Os Três Lobinhos e o Porco Mau” para

que eu fizesse a mediação de leitura. A turma prestou bastante atenção e se divertiu com as peripécias do porco para derrubar as casas construídas pelos lobos. Ao término da leitura, identificaram a intertextualidade com o texto clássico já conhecido e sugeriram novas possibilidades para a narrativa.

5.1.7 Aulas 9 e 10: Leitura do conto “O Pequeno Polegar” na versão de Charles Perrault

Iniciei a aula questionando se alguém conhecia a história do “Pequeno Polegar” e todos responderam que não. Poucos disseram que já escutaram esse nome, porém não sabiam nada a respeito. Propus que começássemos a leitura e o estudo pelo texto de Perrault, seguido pela versão dos Irmãos Grimm e, por fim, uma adaptação escrita por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho no contexto nordestino. Compartilhei que a minha sugestão foi realizada justamente por ser uma história pouco conhecida na escola, porém muito interessante, e que traria muitas ideias para uma nova escrita. Curiosas, as turmas aceitaram o percurso da sequência de atividades e, assim, entreguei a cópia tirada das páginas 68 a 78 do livro “Contos de Perrault por Fernanda Lopes de Almeida” (2012), disponibilizadas no anexo 2 deste trabalho. Ao receberem o texto, muitos ficaram surpresos, pois estavam acostumados a versões infantis com poucas páginas e muitas imagens, ao contrário desse livro que contém histórias longas e com poucas ilustrações.

Retomei a discussão sobre a importância do contexto histórico ao qual cada texto é produzido, lembrando-os que a concepção de infância na época daquela narrativa ainda não existia, uma vez que as crianças faziam parte do universo adulto. Pedi para que ficassem atentos e que interferissem sempre que achassem necessário. Minha ideia inicial era que cada turma fizesse a primeira leitura silenciosa e depois fizéssemos a leitura em voz alta, no entanto, nenhuma das turmas aceitou a proposta, por acharem que eram muitas páginas para serem lidas. Assim, iniciei a leitura em voz alta, enquanto cada aluno acompanhava com sua cópia do texto em mãos e, aos poucos, voluntários foram surgindo para dar continuidade à leitura.

Sempre que alguma cena chamava atenção, alguém se manifestava fazendo um breve comentário em voz alta, como por exemplo: “Eram pobres e tinham tantos filhos?”, “Isso é jeito de tratar a esposa?”, e até mesmo o impacto causado quando o Ogro, bêbado, corta a cabeça de suas filhas acreditando ser a do Pequeno Polegar e

de seus irmãos. Ao término da leitura, realizada em duas aulas, perguntei se gostaram da história e pedi que fizessem comentários. Entre os estudantes que pediram para falar, quinze afirmaram ter gostado muito e que consideraram muito melhor uma história assim sangrenta do que aquelas de criancinha que eles estavam acostumados. Cinco meninas disseram que gostaram, mas que ainda preferem histórias mais suaves, sem cenas tão chocantes.

Questionei se os fatos ocorridos seriam pertinentes nos dias atuais e eles disseram que, por ser ficção, sim, e até mesmo na vida real, já que em muitos lares há violências, pobreza e homens que maltratam filhos e esposa, assim como no conto. A única coisa que mudariam nos dias atuais, segundo afirmaram, é que, para ser um texto infantil, as cenas seriam menos fortes.

5.1.8 Aulas 11 e 12: Atividade escrita sobre o conto “O Pequeno Polegar”, de Charles Perrault

Após a leitura e o debate sobre o conto “O Pequeno Polegar” na versão de Charles Perrault, os educandos realizaram uma interpretação de texto por escrito. O objetivo era que todos recuperassem as informações básicas da história e percebessem a importância das palavras para construção de sentido de forma coesa e coerente. Por não ser um exercício para nota, pedi para que realizassem, no primeiro momento, individualmente, podendo tirar dúvidas sempre que necessário. A seguir, faríamos a correção coletiva, de modo que todos que desejassem poderiam compartilhar, oralmente, suas respostas e discutir sobre elas.

As perguntas propostas na atividade foram:

- 1) Quem é o personagem principal da história? Transcreva do texto palavras ou expressões que o caracterizem.*
- 2) Quem são os personagens secundários?*
- 3) Quem é o antagonista?*
- 4) Transcreva do texto as expressões que marcam as condições financeiras da família.*
- 5) Quais são os espaços da narrativa?*
- 6) Como as mulheres são tratadas por seus maridos neste conto? Copie trechos da história para justificar a sua resposta.*
- 7) Nos dias de hoje, houve mudança no tratamento recebido pelas mulheres? Explique.*

- 8) Apesar de o Pequeno Polegar não ser valorizado pela família, ele demonstra bastante esperteza ao longo da história. Cite momentos do conto que provem essa afirmativa.
- 9) Qual é o elemento mágico presente no texto? Para que serve?
- 10) O que aconteceu com as pequenas ostras? O que ocasionou essa cena?
- 11) O texto apresenta dois finais diferentes para o conto. Faça um resumo para cada um deles.
- 12) Na sua opinião, qual o clímax do conto “O Pequeno Polegar”?

Na primeira parte da realização da atividade, percebi que muitos educandos do 7C tentavam responder de memória, a partir das discussões em aula, sem encontrar no texto as palavras que justificassem suas afirmações. Como alguns exercícios pedem a justificativa com trechos do texto, alguns inventavam cenas e descrições para confirmar suas respostas.

A turma do 7D recorreu ao texto, contudo, apresentou dificuldades de compreensão do exercício, pois, embora já tivesse estudado sobre narrador, personagem, tempo e espaço, não se recordava das nomenclaturas. Coletivamente, revisamos cada item, de modo que um ajudasse ao outro e, após discutir questão por questão, começaram a responder a atividade.

A correção coletiva foi bastante importante em ambas as turmas, pois os estudantes se sentiram à vontade para compartilhar suas respostas e comparar com as dos colegas, gerando uma importante discussão sobre o texto. Durante a realização dos exercícios, e principalmente durante a correção, as turmas perceberam que as palavras que aparecem no texto justificam os fatos ocorridos e, portanto, não são escolhas aleatórias. Por exemplo, no início do texto, quando o narrador apresenta a família e diz que “Por serem muito pobres, seus sete filhos os preocupavam muito pois nenhum podia ainda ganhar a vida” (p. 68), prepara o leitor ao abandono no bosque que ocorrerá por duas vezes durante a história. Os estudantes disseram que ser pobre não justifica abandonar os filhos, já que seus pais também são pobres, no entanto, no texto, o narrador usa várias expressões para indicar e explicar as ações da família, como em “Entretanto, tendo considerado o sofrimento que lhe causaria vê-los morrer de fome, concordou afinal e foi deitar-se chorando” e “Logo que o dinheiro acabou, eles caíram na miséria e resolveram novamente abandonar as crianças” (Almeida, 2012, p. 71). As expressões “miséria” e “morrer de fome” intensificam a noção de extrema pobreza da família, o que a leva ao abandono das sete crianças,

pois se elas permanecessem em casa não teriam nenhuma chance de continuarem vivas. Para demonstrar que os pais não eram maus por tomar tal decisão, expressões como “deitar-se chorando”, “sofrimento” e “pobres coitados” dão a ideia de ser uma atitude de desespero, na tentativa de salvar as crianças, as quais estariam mais seguras ao encontrar desconhecidos do que com a morte certa em casa, por não terem o que comer. Ao realizarmos a correção minuciosa e olharmos para o texto, os estudantes passaram a perceber a função do léxico, de modo a identificarem o que chamaram de “pistas” para o desenvolvimento de toda a história.

O fato de o Pequeno Polegar ser preterido na família, justifica-se, por exemplo, quando o narrador diz “Para maior desgosto, o mais moço nascera fraquinho e não dizia uma só palavra” (Almeida, 2012, p. 68), pois, por ser do tamanho de um dedo polegar e aparentemente mudo, a família acreditava que ele era muito frágil e não tinha sabedoria. A seguir, o narrador nos prepara para a superação do personagem principal, o qual se tornará o herói, “Entretanto, entre todos os irmãos, não havia nenhum tão inteligente e tão criterioso como ele e se, por um lado, falava pouco, por outro, escutava muito (Almeida, 2012, p. 68)”. Por escutar muito e ser um grande observador, ele foi o único que percebeu os planos dos pais e do Ogro, e salvou os irmãos por duas vezes, sendo o responsável até mesmo por melhorar a situação financeira de toda a família.

A discussão e observação do léxico durante a correção foram bastante significativas, pois muitos davam suas respostas, mas não sabiam justificá-las, tampouco conseguiam relacionar as ideias desenvolvidas ao longo da história para perceber sua coesão e coerência. Tal prática favoreceu a escrita final da releitura do conto, conforme apresentarei mais adiante.

5.1.9 Aulas 13 e 14: Leitura do conto “O Pequeno Polegar” na versão dos Irmãos Grimm

Iniciei a aula comentando que leríamos uma outra versão do conto “O Pequeno Polegar”. Diferentemente da primeira vez, todos aceitaram fazer a leitura silenciosa e depois em voz alta, pois, segundo afirmaram, agora o texto era menor e também porque estavam mais acostumados após terem feito a atividade com a versão de Perrault. Entreguei uma cópia para cada estudante das páginas 207 a 213 do livro “Os Contos de Grimm — Tradução do alemão por Tatiana Belinky” (2014), disponível no

anexo 3 deste trabalho, e esperei até que concluíssem a leitura. Após esse período, iniciei a leitura em voz alta, com ênfase e entonação para despertar a atenção da classe. Alguns pediram para seguir com a leitura em voz alta e assim deram continuidade até o término do conto.

Na aula seguinte, discutimos sobre o texto, percebendo as semelhanças e diferenças entre as histórias. Os estudantes observaram que, diferentemente da primeira versão, aqui a família não vivia em extrema pobreza, já que havia comida em casa, “Os pais não lhe deixavam faltar nada, alimentavam-no bem” (Irmãos Grimm, 2014, p. 207). A criança era filha única, amada e desejada pelos pais, conforme expressado pela mãe do Polegarzinho, “[...] mesmo que fosse unzinho só, ainda que pequenininho, do tamanho de um polegar, eu já ficaria satisfeita; nós íamos amá-lo de todo coração” (Irmãos Grimm, 2014, p. 207).

Grande parte dos estudantes do 7C disse que gosta mais dessa versão, já que não havia sangue e morte de crianças, como na versão de Perrault. Já a turma do 7D ficou dividida; enquanto alguns disseram que essa versão era mais interessante e com tamanho adequado, outros preferiam cenas mais fortes, como no primeiro texto lido.

Após a discussão inicial, mostrei a capa do livro do qual eu havia tirado as cópias das páginas e apresentei os Irmãos Grimm, utilizando novamente o telão. Desse modo, as turmas viram a imagem dos autores e conheceram, brevemente, informações biográficas e o contexto histórico, compreendendo que, diferentemente de Perrault, os Irmãos Grimm apresentam uma época em que havia uma nova concepção de família, distinta daquela organizada no Feudalismo. Agora havia uma preocupação de que a criança tivesse saúde e conseguisse chegar à vida adulta, evitando a morte precoce, tão comum em tempos anteriores. Baseando-se na fragilidade da criança, surgiu a ideia da preservação da inocência infantil, conforme apontado por Zilberman (2003).

Durante a discussão sobre o contexto histórico, as turmas fizeram intervenções, relacionando aos tempos atuais.

5.1.10 Aula 15: Interpretação escrita sobre o conto “O Pequeno Polegar” na versão dos Irmãos Grimm

Assim como houve a interpretação escrita da versão de Perrault, após a leitura e discussão, os educandos realizaram a atividade com o conto na versão dos Irmãos

Grimm. De maneira diferente da primeira, no entanto, dessa vez as turmas não apresentaram dificuldades diante dos termos “secundários”, “antagonistas”, “espaço” e “desfecho”. Como no exercício anterior houve o tempo de reflexão individual e debate coletivo sobre as questões, nessa atividade, todos falavam com naturalidade cada termo, conseguindo, inclusive, exemplificar com personagens de outras histórias. Também dedicaram maior atenção ao observar as palavras que caracterizavam o personagem, conseguindo entender que as escolhas têm uma intencionalidade comunicativa, já que justificam o desenvolvimento da narrativa e favorecem a compreensão de seus leitores. Antunes (2012) aponta a importância de considerar o léxico como componente textual que cria e sinaliza sentidos e intenções, bem como elemento importante para a coesão e coerência.

Além de ler e compreender o conto, as turmas também foram desafiadas a observar novamente o exercício do texto anterior para completar o quadro da atividade 2, de modo que pudessem identificar as semelhanças e diferenças das escolhas lexicais feitas por Perrault e os Irmãos Grimm, ao construírem o mesmo personagem principal. Na hora do debate coletivo, esse exercício foi fundamental para que pudessem compreender como tais escolhas direcionaram o enredo, assim como na construção dos personagens secundários e do espaço em que viviam.

A atividade proposta para as turmas foi:

“O PEQUENO POLEGAR” — VERSÃO IRMÃOS GRIMM

1) Quem é o personagem principal da história? Transcreva do texto palavras ou expressões que o caracterizem.

2) Faça um quadro comparativo indicando palavras ou expressões que caracterizem o Pequeno Polegar na versão de Perrault e dos Irmãos Grimm.

PERRAULT

IRMÃOS GRIMM

3) Quem são os personagens secundários?

4) Quem é o antagonista?

5) Quais são os espaços da narrativa?

6) Quais foram os desafios enfrentados pelo Pequeno Polegar enquanto esteve longe de seus pais?

7) Há alguma palavra no texto que você não conheça o significado? Escolha ao menos duas, procure o significado no dicionário e copie aquele que for mais adequado ao contexto.

8) Qual é o desfecho do conto lido?

9) Quais as semelhanças entre as duas versões lidas, em sala de aula, do conto “O Pequeno Polegar”?

10) Faça um quadro comparativo indicando as principais diferenças entre as versões lidas.

PERRAULT

IRMÃOS GRIMM

A realização da décima questão motivou a discussão para observarmos que, apesar de serem textos escritos a partir da cultura oral, em épocas e países diferentes, há semelhanças nas narrativas que nos fazem perceber se tratar da mesma história, porém em versões diferentes, como o fato de o personagem principal ser criança e ter o tamanho de um dedo polegar, de ele apresentar esperteza e superar desafios ao sair de casa e conseguir retornar para o encontro da família, entre outros. Também encontramos muitas diferenças, como a miséria vivida pelos membros da família da primeira história e a quantidade de filhos que tiveram, enquanto que na segunda a mulher desejava e planejava ser mãe, o que justifica seu amor e cuidado; a morte de crianças e o abandono na versão de Perrault enquanto na versão dos Grimm há o enfoque nas aventuras vividas pela criança.

Essa atividade foi realizada individualmente e os estudantes puderam debater e compartilhar suas respostas no momento da correção coletiva, outra vez favorecendo o diálogo sobre impressões a respeito do texto, pautando-se sempre em sua materialidade. O contexto histórico de ambas as versões foi recordado, de modo a ser um possível motivo pela diferença entre elas: na segunda versão lida, há uma maior relação entre pais e filhos e valorização da família e da opinião da criança, enquanto na primeira há a luta pela sobrevivência e os desafios dentro e fora de casa, marcados pela fome, violência, abandono e morte, além dos perigos vividos no bosque.

5.1.11 Aulas 16 e 17: Leitura do Livro “O Pequeno Polegar — Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões” (2019)

No início dessa aula, apresentei a capa do livro que seria lido e questionei: “Hoje leremos uma nova versão do nosso querido personagem Polegar. Essa é a capa do livro que leremos juntos. O que vocês imaginam sobre essa história?”. Um grupo de meninos do 7º ano D afirmou que deveria ser uma história da África, já que o menino é negro. Questionei se todo africano é negro e se apenas na África havia pessoas negras e a turma respondeu que acreditava que não, mas que ainda assim imaginava que era uma história africana, que o menino era bem pobre e que acontecia nos dias atuais. Na turma do 7º ano C, alguns estudantes disseram que a história deveria ser francesa, pois alguns jogadores de futebol da França têm a mesma cor de pele que aquele menino da capa. Uma menina então afirmou que havia muitas pessoas negras no Brasil, inclusive em nossa escola, mas que ela imaginava que aquele menino era da Bahia e que a história se passava nos dias atuais. Ao justificar a resposta, ela afirmou que visitou alguns parentes nesse local e que lá muitas pessoas são negras. Perguntei sobre as condições de vida dos personagens e as respostas foram divergentes, pois alguns acharam que ele tinha dinheiro enquanto outros afirmaram que ele não passava fome, porém não era rico.

Entreguei uma cópia do livro e os estudantes se sentaram em duplas para realizarmos a leitura. Na primeira aula, fizeram a leitura silenciosa, podendo conversar entre si ou consultar o dicionário, caso desejassem. Na segunda aula, realizamos a leitura em voz alta, iniciada por mim e seguida por aqueles que se voluntariaram.

Durante a realização da leitura em voz alta, a mesma educanda que havia afirmado que a história se passava no Brasil disse animada: “Eu não disse? Serra da Capivara! Com esse nome com certeza é o Brasil!”. Nas primeiras linhas, quando o narrador conta que o casal desejava muito ter um filho, as turmas rapidamente associaram à versão dos Irmãos Grimm, o que foi confirmado durante todo o livro devido às muitas relações de intertextualidade entre as duas obras.

Apesar de encontrarem muitas palavras desconhecidas, os estudantes preferiram seguir com a leitura, sem utilizar o dicionário disponível. Perguntei se compreenderam mesmo sem recorrer ao dicionário e afirmaram que sim, e que gostaram dessa versão tanto quanto da dos Irmãos Grimm.

No decorrer da segunda aula, os educandos responderam, por escrito, as perguntas indicadas abaixo, havendo também o momento para a discussão e correção coletiva.

**“O PEQUENO POLEGAR —
ADAPTAÇÃO DE CRISTINA AGOSTINHO E RONALDO SIMÕES COELHO”**

- 1) Quem é o personagem principal da história? Copie do texto as características dele.
- 2) Quem são os personagens secundários?
- 3) Quais são os espaços da narrativa?
- 4) O livro lido nesta aula é uma releitura de qual obra? Como podemos identificá-la?
- 5) Há alguma palavra no texto que você não conhece o significado? Escolha ao menos duas, procure no dicionário e copie aquele que for mais adequado ao contexto.
- 6) A história lida ocorre em qual país? Quais palavras presentes no texto indicam esta resposta?
- 7) Busque na Internet, com a ajuda da professora, mais informações sobre os elementos citados na resposta do exercício anterior.
- 8) Na sua opinião, a ilustração da personagem principal, feita por Walter Lara, está adequada ao texto? Justifique sua resposta.

As respostas coletivas, digitalizadas e disponíveis no anexo 4 desta dissertação, foram:

- 1) *Jamelão e o apelido é Pequeno Polegar. Ele é do tamanho de um dedo polegar, da cor de jamelão, muito inteligente, esperto e brincalhão.*
- 2) *Mãe, pai, cabra, dois ladrões, cavalo, dois homens, formiga, tamanduá, dono da venda, mulher do dono da venda, macaco, o passarinho Jaó.*
- 3) *Serra da Capivara, caatinga, debaixo do pé de bacuri, estrada, formigueiro, venda, paiol, barriga da cabra, caverna, debaixo de um buritizeiro, casa.*

- 4) *Polegarzinho — Irmãos Grimm.*
- 5) *Bacuri — fruto do bacurizeiro, de polpa amarela, pode ser comido cru ou em compota. Jamelão — árvore da família das mirtáceas, também chamada jambolão e jalão.*
- 6) *Ocorre no Brasil. As palavras que nos indicam são: Serra da Capivara, caatinga, jamelão, tamanduá, tatu-bola, macaco-prego.*
- 7) *Serra da Capivara é uma unidade de conservação brasileira, localizada no Piauí. Jamelão é uma fruta típica do nordeste brasileiro. Caatinga: Bioma exclusivamente brasileiro, parte fica no Nordeste. Macaco-prego: São primatas da América do Sul e de todo o Brasil. Tamanduá: Habitat natural, florestas tropicais, caatinga e campos abertos. Tatu-bola: espécie de tatu encontrado nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Habitat: Caatinga.*
- 8) *Sim, da cor de um jamelão, pequeno e criança.*

Para realizar essa atividade, os educandos responderam em duplas, consultando a cópia do livro “O Pequeno Polegar” (2019), dicionário, Internet e computador da sala de aula. Após esse momento, realizamos a correção coletiva, de modo que todos os que quisessem podiam compartilhar suas respostas e comentar sobre o assunto. Havia a liberdade de apagar e reescrever, para os que assim desejassem, já que a atividade não era uma avaliação com nota atribuída.

Durante a atividade com dicionários, como já haviam utilizado em outras atividades escolares, os estudantes demonstraram menor dificuldade no manuseio, realizando, inclusive, houve uma disputa entre as duplas para ver quem localizava as palavras mais rapidamente.

Ao recorrerem à pesquisa na Internet, afirmaram que agora o texto fazia ainda mais sentido, já que as palavras davam pistas, o tempo todo, sobre o local em que o Pequeno Polegar vivia, bem como sobre suas características e modo de viver. Alguns estudantes comentaram que desconhecer as palavra “jamelão” e “caatinga” e não saber onde está localizada a Serra da Capivara não prejudicou a compreensão global do texto, no entanto, ao lerem, pesquisarem e verem as imagens na Internet, conseguiram compreender a ilustração da capa do livro, com o menino negro, pois o texto afirma que ele é da cor de jamelão. Também ficaram surpresos ao perceberem que, mesmo sem a ilustração, por meio das palavras o leitor já poderia identificar os lugares percorridos pelo menino-jamelão e criar a imagem mental de todos os elementos narrativos. Aproveitei esse comentário das turmas para dizer que em breve eles fariam o mesmo, ao criarem as suas próprias histórias, utilizando-se das palavras

para que seus leitores pudessem identificar características dos personagens, do espaço e do tempo da narrativa.

Pedi como atividade de casa que eles fotografassem algo que lhes chamasse a atenção no bairro em que viviam. Eles poderiam trazer para a aula, enviar por email ou no grupo de WhatsApp da turma.

5.1.12 Aula 18: Fotos e análise do bairro

Nessa aula, quinze educandos mostraram as fotos que tiraram do bairro e comentaram sobre a localização e o motivo de terem escolhido aquela imagem. Durante as falas, ocorreram intervenções dos colegas de classe, ao compartilharem suas experiências e pontos de vista. Muitos afirmaram não conseguirem tirar as fotos por não terem celular e os pais não os deixarem usar nas ruas, por medo de furtos. Expliquei que ninguém seria prejudicado, pois o objetivo era observarmos o bairro a partir da perspectiva deles e refletirmos sobre a realidade vivida pela comunidade.

A maioria das imagens trazidas mostrava ruas esburacadas, entulhos em vias públicas e calçadas estreitas, dificultando a passagem de pedestres. Entre os comentários feitos pelas turmas, observou-se a falta de acessibilidade para idosos e pessoas com deficiência, considerando a quantidade de educandos com dificuldade de locomoção matriculados na escola CEU Jardim Paulistano. A partir dessa constatação, identificaram a importância dos transportes escolares para auxiliar o acesso de todos à sala de aula. Outro fator debatido foi a problemática de entulhos, entupindo bueiros e provocando alagamentos, além de constantes surtos de dengue na região.

Ao observar mais atentamente as imagens, alguns educandos ressaltaram que não apenas as ruas precisavam de melhorias, mas as casas também, pois muitas estavam construídas em ocupações, sem condições básicas de saúde e bem-estar de seus moradores.

As imagens apresentadas pelas turmas encontram-se no anexo 5 deste relatório de qualificação.

5.1.13 Aula 19: Leitura coletiva de texto informativo sobre o Distrito de Brasília

A atividade de leitura e pesquisa ocorreria da Sala de Informática da escola, mas, por falta de professor designado, realizamos com o computador e o projetor disponíveis em sala de aula. Os educandos que desejaram acessaram o *Google* e pesquisaram textos informativos sobre a história da Brasilândia, o mapa da região e informações sobre o distrito. Cada um leu um trecho do texto em voz alta, de forma espontânea, havendo comentários sobre o que compreenderam. Também observaram o mapa e demonstraram surpresa ao verificar a quantidade de bairros que compõem a Brasilândia, pois muitos moradores da região a consideravam como um espaço mais restrito, próximo à Freguesia do Ó. Compreenderam, então, o motivo de a imprensa nomear “Brasilândia” bairros como Jardim Paulistano, Vila Terezinha, Morro Grande, entre outros.

Nessa aula houve uma breve discussão sobre as experiências de vida, moradias, lazer, esporte e cultura. A princípio os estudantes não conseguiram identificar problemas enfrentados pela comunidade, já que a maioria não frequentou outros lugares da cidade para comparar a infraestrutura e a qualidade de vida. Apenas ao serem questionados sobre segurança, hospitais e espaços para brincar é que começaram a comentar que há muitos assaltos, que nem sempre há hospital próximo e que, muitas vezes, os que existem não abrem vagas para realização de exames. Comentaram também sobre a falta de espaços para lazer, não havendo parques na região, mas sim praças e o próprio espaço do CEU Jardim Paulistano, local em que estudam, sendo utilizadas as quadras e piscinas pela comunidade do Jardim Paulistano aos finais de semana.

5.1.14 Aula 20: Reportagens e notícias sobre a Brasilândia

Os educandos assistiram e leram notícias e reportagens sobre acontecimentos da região da Brasilândia. Os vídeos foram retirados do YouTube, a partir de telejornais da Rede Record e Rede Globo, comentando sobre assaltos, bailes funk, casos de covid e atendimento em hospitais. Os textos jornalísticos lidos nos jornais R7, Folha de São Paulo e Estadão tratavam sobre falta de vagas em hospitais da região, alto índice de moradores com covid, violência, falta de infraestrutura no distrito, feminicídio, serviço de aplicativo de transporte local chamado UBRA, para atender a comunidade, e sobre a construção da Praça Marielle Franco.

Após cada notícia lida ou assistida, os educandos fizeram seus comentários

sobre o que compreenderam, quais lugares identificaram e se correspondia com sua experiência enquanto moradores locais. A partir dessa atividade, os debates ficaram enriquecidos, pois cada um conseguiu expressar o medo que alguns de seus familiares sentiam ao sair de casa fora do horário comercial. Outros disseram não sentir medo e que ficavam no fluxo (expressão usada para nomear os bailes funks) até tarde.

Ao serem questionados se essas festas eram tranquilas, a maioria deu risada e perguntou se eu já havia frequentado, por se tratar de ambiente com muita bebida, drogas e, às vezes, brigas, apesar de também haver muita diversão. Questionei se havia armas e alguns disseram que sim, mas que eles não sentiam medo. Sobre o espaço em que são realizados os fluxos, nomearam algumas comunidades, dizendo que periodicamente mudavam o local. Metade do grupo queixou-se sobre o barulho ser muito alto e incomodar seus pais, pois não conseguiam dormir e descansar para trabalhar.

A respeito de atendimento médico, alguns comentaram sobre os AMAs (Assistência Médica Ambulatorial) da região que, apesar de cheios, ofereciam bons atendimentos. Recordamos sobre o Hospital da Brasilândia, que iniciou atendimento geral ao público em 2021, após longas reivindicações da população. Muitos reclamaram sobre a dificuldade que seus pais têm ao agendar exames e consultas com especialistas, pois geralmente a fila de espera é grande.

Ao comentar sobre lazer, todos afirmaram que seria importante haver mais espaços para adultos e crianças se divertirem na região, assim não haveria tantas crianças brincando no meio das ruas. Constataram não haver teatros e cinemas, além da falta de parques e locais para esporte e caminhada. Os CEU Paz e CEU Paulistano, segundo disseram, são boas opções de cultura e lazer, no entanto, para a quantidade de moradores deveria haver mais opções.

Após as leituras e conversas, caminhamos pelo espaço externo da escola, porém ainda dentro do CEU, observando a visão do morro repleto de casas e comércio. Os educandos comentaram sobre o que viam: a falta de pintura e acabamento de muitas casas, ruas esburacadas, calçadas estreitas e a ausência de quintais para brincar, relacionando, portanto, às fotos que apresentaram em aula.

5.1.15 Aula 21: Organização de grupos para a produção escrita e criação de personagens

Nesta aula, propus que os estudantes se organizassem em grupos entre quatro e cinco pessoas para iniciarmos a produção escrita de uma releitura do conto “O Pequeno Polegar”. Expliquei que a atividade seria feita em etapas e que, em cada aula, construiríamos um elemento da história. O produto final seria um conto maravilhoso, tendo como público-leitor as turmas dos quartos, quintos e sextos anos da escola. O texto deveria ser uma releitura do conto estudado em aula, portanto, cada grupo deveria escolher quais elementos consideravam essenciais para manter a intertextualidade, de modo que seus leitores pudessem identificar “O Pequeno Polegar”, seja na versão de Perrault ou dos Irmãos Grimm. Como desafio, deveriam considerar seus conhecimentos enquanto moradores do bairro para que a nova história criada por eles acontecesse na região. Ou seja, se na versão de Perrault encontramos marcas culturais da época e local no texto, agora cada grupo deveria marcar a realidade e identidade da comunidade nessa nova criação literária. Embora trouxessem elementos reais ao texto, todos deveriam produzir um conto maravilhoso e não um texto jornalístico, tampouco um diário, de modo que elementos mágicos seriam possíveis na produção literária.

Após a explicação, as turmas se sentiram motivadas, pois todos os educandos desejavam opinar e escrever de acordo com a realidade vivida por eles. Para evitar problemas na organização do trabalho coletivo, sorteei cerca de sete nomes por classe. Cada pessoa sorteada deveria organizar seu grupo, considerando que era necessária a participação de todos, seja de forma oral ou escrita. Os estudantes com deficiência também foram incluídos durante todo o processo, seja por meio de opinião, pintando e desenhando parte das ilustrações, escrevendo ou com a tarefa de que eles e o grupo sentissem necessidade. Essa prática inclusiva ocorre em todas as aulas e não houve dificuldade para ser executada.

Nessa aula, após a formação dos grupos, pedi para que criassem o personagem principal, os secundários e, se quisessem, também o antagonista. Para isso, deveriam fazer em forma de lista, ou em breves linhas, as principais características de cada um. Essa etapa foi bastante interessante, pois foi possível observar os educandos debatendo sobre seus personagens, sempre considerando suas memórias e conhecimentos sobre moradores do bairro, ou até mesmo sobre suas próprias experiências. Ao escolherem as palavras para caracterizá-los, mantinham a atenção para não haver ideias opostas. Era comum escutar comentários

como: “se ela é tímida, não deve ser falante. Apaga isso e coloca que é quieta”, “Se é anão, não podemos escrever que é alto. Escreve aí que é bem baixinho”, entre outros.

O debate e a produção escrita dessa etapa inicial foram bastante importantes, pois retomaram os textos lidos nas aulas anteriores, as discussões, bem como a importância da escolha de palavras para a produção textual. Assim como nas atividades de interpretação, nesse momento perceberam que as palavras no texto não são usadas sem propósito ou de forma aleatória, mas sim, são responsáveis pela coesão e coerência na narrativa.

Para a construção dos personagens, na turma do 7C tivemos:

Grupo 1:

Principal: Kimberlly, criança, tem irmãos. Ela gosta de andar e brincar na praça com o melhor amigo; ela é pobre, tímida, alegre e carinhosa.

Personagens secundários: Thielly (irmã), Elizabeth (mãe), Arthur (pai), Emerson (melhor amigo) e uma amiga falsa.

Grupo 2:

Principal: Everson, pequeno, pois sua mãe tomou remédios na gravidez; criança, negro, magro, forte, pobre, cabelo azul, mora com a tia e seu papagaio. Sua tia é viúva. Ele é gay. Gosta de escutar Kamaitachi todo dia. Introverso, triste e nervoso, não gosta de festas.

Tia: Viúva, velha, bonita e baixinha. Ela é branca.

Papagaio: gordo, esquisito, esquizofrênico e inteligente. Ele é cotoco.

Cleiton (vilão): Grande, forte, burro e velho.

Gato (vilão): obeso e feio.

Capanga: mau, alto e homofóbico.

Grupo 3:

Personagens: Cleitin do Grau, mãe, pai, policial, enfermeiro, ogro.

Cleitin tem 18 anos, pequeno, anão. Ele vai ter muita amizade, valente, moreno, gosta de moto e baile funk.

Grupo 4:

Personagem principal: pequena por genética, adolescente/menina (14 anos), pobre, inteligente, negra com manchas brancas, joga bola, gosta de ler, introversa, gosta de funk.

Personagem secundário: tia, cachorro caramelo e Zé Droguinha.

Grupo 5:

Principal: Menino, adolescente, 17 anos, anão, inteligente, curioso, seus pais morreram juntos em um acidente de carro e ele mora com sua avó. É filho único, gosta de música funk, festa à fantasia e baile funk, começa triste e termina feliz.

Secundários: avó, pais, primo, motorista.

Grupo 6:

Principal: Adolescente de 14 anos, bissexual, mora no Bairro do Limão, se chama Jonathan (Jojo)

Secundários: Mãe de Jojo: Maria de Lurdes, 34 anos, divorciada de José Antônio.

Pai de Jojo: José Antônio, divorciado, 42 anos.

Jane Lee: 15 anos, descendência chinesa, é a melhor amiga de Jojo.

Antagonista: Falcão (Marcos): ele é traficante de drogas.

Capangas: Carlos e Genilton.

Grupo 7:

Principal: criança, negro, anão, chamado Pequeno Menininho, pobre.

Secundários: Amigos, os pais, vizinha (vilã).

Grupo 8:

Principal: Ryan Paiva.

Secundários: Pai Nelson, irmãos Jéssica e Pedro e ladrões.

Na turma do 7D, conforme anexo 7 deste relatório, tivemos as seguintes escritas:

Grupo 1:

Personagem principal: Vitor, 13 anos, tinha problema de crescimento, magro, pardo, muito pobre, gosta de desenhar, tem poucos amigos, triste, estuda no CEU Jardim Paulistano, homem, hétero, adolescente. Era triste, sofria bullying, era quieto, tinha nanismo.

Personagem secundário: Higor, alto, classe média, feliz, 13 anos, gordo, gosta de andar de skate, tem poucos amigos.

Grupo 2:

Personagem principal: Zé Pequeno, depressivo, pobre, branco, pequeno e magro, era influenciável, calvo, final da adolescência.

Personagens secundários: Rodolfo, Roselly, Robson, Astolfo, Josenildo.

Antagonista: Vanda e Lázaro.

Grupo 3:

Personagens principais: Mariana, 37 anos, alta (tem 1,75 de altura), introvertida e bem alegre, solteira, moradora de aluguel, paga por volta de 560 reais por mês, no estado de São Paulo, Brasilândia; Pedro: 8 anos, é superdotado, é o mais inteligente da família, nasceu com uma deformidade que o fez ter o tamanho de um dedo.

Personagens secundários: Vitor, irmão do meio, Victoria, gêmea, Vitória, irmã mais velha.

Grupo 4:

Personagem: Paulinho e Amandinha.

Animal: cachorro, rato e barata.

Antagonista: Ratão, Escobar, Teteu, Kauã, Falcão, Pitbull.

Mulheres: Ingrid, Mirela, Trik. Homens: MC Riel, Daniel e Paiva.

Grupo 5:

Personagem principal: Menina, adolescente (15 anos), pequena, nasceu com Síndrome de Down, parda, com cabelo preto, mora na favela e é inteligente.

A mãe ajudava em tudo.

Cachorrinho também ajudava.

O pai dela era pedreiro e trabalhava para pagar o tratamento dela.

Grupo 6:

Protagonista: Pequena Letícia.

Pais da protagonista: mãe Angélica e pai Edinei.

Irmão e irmã da protagonista: irmão Keviny e irmã Karina.

Animal do protagonista: gato Mel.

Características da protagonista: parda, pobre, adolescente, tímida, pensativa, ama música, é menina, ama animais e a lua, jogava vôlei e tinha 16 anos.

Amigos/colegas: Kariny, Letícia e Gabriel.

Vilão: sequestrador e colegas.

Grupo 7:

Protagonista: Gabriel, homem, criança, pobre, filho único, negro, inteligente, tímido, sem amigos, triste porque não tem amigos; idade: 7 anos, anão, gosta de brincar de carro.

Personagens secundários: pais, cachorro, bruxa, dono da padaria.

Essa atividade não foi compartilhada de um grupo para outro e não foi corrigida, pois o objetivo era servir de apoio para a construção do texto nas próximas aulas. Para a escrita, houve a conversa entre o grupo para que todos os seus participantes entrassem em acordo e direcionassem como seria a história. Não houve intervenção nesse processo, apenas a escuta.

5.1.16 Aula 22: Construção do espaço e enredo

Os educandos definiram os espaços da narrativa, escolhendo entre os lugares que eles consideraram importantes do bairro, para que seus leitores, moradores e não moradores da região, pudessem identificar e realizar a imagem mental de cada ambiente.

Foi bastante interessante acompanhar a construção da narrativa de todos os grupos, pois em suas discussões consideravam o fato de seus leitores serem reais e terem a faixa etária entre nove e doze anos, aproximadamente. Muitas vezes diziam: “Acho que essa palavra não é adequada para crianças, melhor trocamos por outra” ou então “Isso está infantil demais, a realidade de nosso bairro não é essa”. Alguns ainda afirmavam “Nosso bairro é assim e não tem problema escrever dessa forma”. Em meio a essas falas, cada um buscava estabelecer a intertextualidade com as versões de “O Pequeno Polegar”, selecionando aquilo que consideravam mais importante e, ao mesmo tempo, alterando o texto, de forma a dar-lhe a identidade da comunidade. Todos os estudantes participaram desse processo, alguns de forma escrita e outros apenas de forma oral, dando sugestões, críticas e analisando as ideias a serem desenvolvidas.

Na turma do 7º ano C (anexo 6), tivemos as seguintes produções a respeito do espaço e enredo:

Grupo 1:

Espaço: Na rua da Quarenta, casa das amigas e familiares ou outras ruas, escola, lojas.

Coisas que vamos manter (intertextualidade): Mãe e pai, ela é pequena e inteligente, vai ter uma aventura e volta para a casa, os pais gostam dela, haverá bandidos.

As ruas são feias, cheias de buracos, as casas têm telhados quebrados, blocos saindo, a escola é boa e a casa é adequada.

Desafio: Ladrões vão perseguir, cachorros atrás dela.

Grupo 2:

Espaço: Ele mora na Brasilândia, favela, perto da escola CEU Paulistano, ele trabalha no Carumbé.

As ruas com buracos e casas apertadas; hospital Penteado e metrô.

Releitura: Ele é pequeno, tem muitas aventuras, se envolve com bandidos e coisas perigosas.

Sua tia o vende porque precisa de dinheiro.

Desafio: Derrotar o Cleiton e resgatar sua mãe, fugindo do gato de Cleiton.

Grupo 3

Espaço: Hospital, Praça da 40, Damasceno, favela, casa pequena.

Enredo: Ele enfrentou os policiais e constrói uma oficina de moto.

Intertextualidade: No final ele ajuda a família.

Grupo 4:

Espaço: favela, praça, beco, casa, escola.

Enredo: Ela é sequestrada, luto dos pais.

Intertextualidade: Fica longe de casa e volta; aventuras; é pequena.

Grupo 5:

Espaço: CEU Paulistano, rua esburacada, fluxo, viagem para o Piauí, as casas do bairro estão sem pintura e sem reboco.

Desafios/enredo: Dificuldade financeira, despejado de casa, avó à procura de emprego.

Intertextualidade: Ele sai de casa para ajudar a avó e o primo.

Grupo 6:

Espaços: Bairro do Limão, Depósito do Bolinha (mercado), apartamento número 666, favela Mendonça.

Enredo: Ele foge do cativado e encontra uma casa na região mais calma do bairro. Quando ele fugisse, iria parar na casa de uma senhora macumbeira que queria fazer um ritual com ele. Seu desafio é lutar contra os traficantes.

Ele irá sofrer bullying por ser gay, seu grande sonho é formar uma banda de rock; os pais o aceitam por ser bissexual; irá se formar em medicina, por pressão da família. Foi para Harvard para estudar.

Intertextualidade: Ele é levado (retirado de casa), em nossa história, por traficantes, devido a uma dívida do pai dele.

Grupo 7:

Espaços: Rua 40, Jardim Paulistano, casa pequena.

Enredo: Os pais não vão gostar dele porque não queriam ter filhos, ele vai sofrer um acidente saindo da escola.

Intertextualidade: Pais não gostam dele.

Grupo 8:

Espaços: Praça da 40, casa dele, rua, mercado, praça do Carumbé.

Enredo/ desafios: Fugir dos ladrões.

Intertextualidade: Pequeno, mal-amado pelos pais e o final feliz.

Na turma do 7º ano D, conforme anexo 7, tivemos as seguintes produções:

Grupo 1:

Espaços: Praça da 40, Rio de Janeiro, Padaria KiPão.

Enredo/Desafios: Tiroteio e sequestro.

Releitura (Intertextualidade): Eles eram pobres, filho único, amado, vai sair de casa, esperto e inteligente.

Grupo 2:

Espaços: Boca de fumo, Praça da 40, casa das tias, casa dele, barzinho, beco, delegacia, cemitério, loja de cigarro, rua da feira.

Enredo (acontecimentos): Desaparecimento do pai, tiroteio, escola CEU EMEF Jardim Paulistano.

Releitura (Intertextualidade): Pobre e o pai não gosta dele, ele tem irmãos, ele é abandonado, perdoa o pai no final e é abusado.

Grupo 3:

Espaços: Carumbé e São Paulo.

Enredo (dificuldades) Racismo, despejo, sem condição de comprar comida.

Releitura (Intertextualidade): grupo não citou.

Grupo 4:

Espaços (local): favela, morro, escola, casa.

Enredo (desafios): tirar o pai do PCC.

Releitura (Intertextualidade): irmãos, pobreza, não amado.

Grupo 5:

Espaços: Bairro, escola, CEU Jardim Paulistano, Serra da Cantareira, casa dela.

Enredo: No bairro dela tinha ladrão, que a pegou. Na escola, ela sofria bullying. O cachorro conseguiu farejar e encontrá-la.

Releitura (Intertextualidade): grupo não citou.

Grupo 6:

Espaços: Escola ETEC, praça, Brasilândia, casa, parque, rua, Lapa.

Enredo: grupo não citou.

Releitura (Intertextualidade): Pequena, esperta, vai sair de casa, volta para casa, ajuda a família.

Grupo 7:

Espaços: Abrigo, rua, padaria.

Enredo: Fugiu do abrigo, foi morar na rua, na Praça 40 e Iraque. Era bem cuidado no abrigo, tinha tudo o que precisava. Bruxa pediu ajuda e ele deu uma varinha. A varinha vai falar. No caminho, encontrou um lixão e encontrou a bruxa no lixão. Ela se transformou em criança e ele contou que estava com a varinha. A bruxa roubou os pais dele para ele dar a varinha. Ele deu, mas ela não libertou os pais dele, então ele foi pedir ajuda para o dono da padaria porque ele era um mágico. Derrotaram a bruxa e no final ele descobre que na verdade os pais dele não o abandonaram.

Releitura (Intertextualidade): A família abandonou porque não tinha condições.

5.1.17 Aula 23: Construção do elemento mágico, definição do narrador, tempo e título

Dando sequência à construção da narrativa iniciada nas aulas anteriores, os grupos das duas classes se reuniram para definir a voz narrativa, o tempo, o título da história e o elemento mágico que auxiliaria o personagem principal durante os desafios e perigos enfrentados. Alguns não conseguiram entrar em acordo sobre o título, deixando para definir após a escrita do texto. Ao serem questionados sobre o narrador e o tempo, todos alegaram que os manteriam semelhantes aos contos lidos em aula, com narrador em terceira pessoa e o tempo presente, devido à intenção de representarem a comunidade nos dias atuais.

Na turma do 7º ano C, conforme anexo 6 deste relatório, tivemos as seguintes escritas:

Grupo 1:

Elemento mágico: Varinha mágica, o melhor amigo que vai ter poder.

Título: História de Kimberlly.

Grupo 2:

Elemento mágico: Máquina do tempo.

Título: O Pequeno Everson.

Grupo 3:

Elemento mágico: (grupo não definiu previamente).

Título: Cleitin do Grau.

Grupo 4:

Elemento mágico: livro.

Título: (grupo não definiu previamente).

Grupo 5:

Elemento mágico: bicicleta rápida.

Título: (grupo não definiu previamente).

Grupo 6:

Elemento mágico: Rato falante.

Título: (grupo não definiu previamente).

Grupo 7:

Elemento mágico: (grupo não definiu).

Título: (grupo não definiu).

Grupo 8:

Elemento mágico: Capa Invisível e bota.

Título: (grupo não definiu).

Na turma do 7D, conforme anexo 7 deste relatório, tivemos as seguintes definições:

Grupo 1:

Elemento mágico: Passarinho que fala.

Título: Pobre, Pobre Vitor.

Grupo 2:

Elemento mágico: A pedra mágica.

Título: Zé, a busca da Pedra Mágica.

Grupo 3:

Elemento mágico: Grupo não citou.

Título: O Pequeno Gênio.

Grupo 4:

Elemento Mágico: Bruxa, arma de cogumelo.

Título: O Pequeno Menino e a Salvação.

Grupo 5:

Elemento Mágico: (grupo não citou).

Título: (grupo não citou).

Grupo 6:

Elemento mágico: (grupo não citou).

Título: (grupo não citou).

Grupo 7:

Elemento mágico: varinha fala, bruxa.

Título: (grupo não citou).

5.1.18 Aula 24 e 25: Escrita dos contos

Cada grupo escolheu um integrante para ser o escriba da história coletiva. Retomando os elementos narrativos criados nas aulas anteriores, e considerando que deveriam estabelecer intertextualidade com uma das versões lidas e marcar o

contexto histórico e a realidade do bairro, os estudantes dialogaram e decidiram como cada parte do conto deveria ser escrita. Algumas das descrições determinadas anteriormente não apareceram nos textos, pois, segundo alegaram, no decorrer da história consideraram irrelevantes. Treze grupos retomaram as discussões realizadas nas aulas anteriores sobre personagens, caracterização do espaço, enredo, elemento mágico, voz narrativa e tempo, facilitando a escrita do conto, pois todas as discussões e divergências de ideias já haviam acontecido anteriormente. Nesse momento, prevaleceu a discussão sobre a organização das frases e a sequência narrativa, bem como a escolha das palavras que consideravam adequadas para os leitores da escola. Alguns grupos citaram, por exemplo, as palavras “suicídio” e “crack”, mas não escreveram, porque, ao conversarem entre si, decidiram que não eram as melhores escolhas para o público destinado.

Apenas um grupo, do 7º ano D, não recorreu às decisões determinadas por seus integrantes nas aulas anteriores, resolvendo mudar todo o texto durante a escrita. Ao finalizarem e lerem o conto produzido, contudo, os estudantes perceberam que estava sem sentido, pois citavam personagens e ações que não estavam interligados. Também perceberam que não estabeleceram intertextualidade com o conto “O Pequeno Polegar” e não marcaram o que consideraram importante sobre o bairro. Questionei o motivo de isso ter acontecido e eles explicaram que se distraíram durante a atividade e que foram escrevendo as partes sem realizar as leituras dos parágrafos anteriores, tampouco a folha com os elementos narrativos determinados previamente. Decidiram, então, começar uma nova história, dessa vez parando a cada parágrafo e observando o que estava escrito para dar sequência. Os estudantes não quiseram entregar a folha com a versão anterior e a rasuraram, porque não gostaram do resultado e não quiseram compartilhá-la.

Em todas as aulas em que ocorreram as escritas, permaneci observando os grupos, sem fazer interferências sobre o conteúdo e a forma do texto, apenas estive presente, circulando na sala de aula, para acompanhar as discussões e manter a organização das turmas, quando necessário.

Após todos entregarem seus contos, questionei se as leituras, discussões e o passo a passo dos elementos narrativos haviam ajudado no trabalho final e as turmas afirmaram que sim, pois naquele momento apenas “juntaram as peças” e já sabiam o “caminho a seguir”.

5.1.19 Aula 26, 27 e 28: Leitura e correção dos contos

Entreguei os textos para cada grupo e pedi para que lessem em voz alta, de modo que apenas seus integrantes pudessem ouvir, e assim observarem se havia muitas repetições das mesmas palavras, algum erro na escrita ou se as frases não estavam interligadas entre si. Eu havia lido previamente todos os textos e feito anotações em meu caderno, de modo que, ao circular por cada grupo, pude tirar dúvidas e ajudar os estudantes com as correções. Não fiz nenhuma interferência sobre as ideias e não alterei as palavras escolhidas, apenas fui direcionando por meio de perguntas, como por exemplo: “O que você quis dizer nesta parte?”, “O que significa isso que você escreveu?”, “Como podemos fazer para que o leitor consiga entender, sem você estar presente para explicar?”, “Quais outras palavras você poderia utilizar para não repeti-las tantas vezes?”, desse modo, os grupos discutiram entre si e reescreveram, havendo a correção com a participação de todos. As maiores dificuldades encontradas, no entanto, foram com as conjunções e advérbios e por isso realizei o papel de revisora para auxiliá-los. Posteriormente, esses assuntos foram trabalhados em demais práticas escritas, com o auxílio do livro didático e consulta às gramáticas disponíveis na escola.

5.1.20 Aula 29: Ilustração

Durante o ano letivo, percebi que muitos estudantes desenhavam e pintavam entre as trocas de aulas. Alguns andavam com pastas, organizando os desenhos que produziam dentro e fora da escola. Diante desse interesse, perguntei para as turmas se elas gostariam de ilustrar os contos escritos em nossas aulas, considerando todo o processo de criação. Todos os estudantes concordaram, animados.

Nessa aula, os grupos decidiram quem faria a ilustração e o que desenhariam para representar a história por eles criada. Foi interessante observar que muitos grupos mantiveram a preocupação de representar o bairro e a comunidade local também por meio do desenho.

Devido ao empenho dos estudantes, questionei se eles gostariam que eu organizasse as escritas e desenhos e que montássemos um livro, já que eles ainda não conheciam as histórias criadas dos outros grupos. Todos concordaram e pediram para substituir a mediação de leitura pela confecção do livro ilustrado, de modo que

as histórias ficassem disponíveis para toda a comunidade escolar na Sala de Leitura. Alguns indicaram que, se fosse necessário, entrariam nas aulas de outras turmas para lerem as histórias que escreveram.

A ideia inicial era que eu imprimisse parte dos livros em casa e outra parte na escola, contudo, a direção se comprometeu a procurar uma gráfica para que a impressão ficasse mais adequada. Com a ajuda de todos os educandos do 7º ano C e 7º ano D, escolhemos a capa, a contracapa e o título do livro, tudo produzido por eles mesmos.

A escolha do título “O Pequeno Polegar na Quebrada” foi feita, coletivamente, pelo fato de o livro conter releituras de “O Pequeno Polegar” contextualizadas na Brasilândia, carinhosamente chamada de “quebrada”, tanto pela imprensa local quanto por seus moradores. Quando não tratada de modo pejorativo, costuma-se dizer “lá na minha quebrada” ou então “aqui na quebrada” para se referir às comunidades da periferia. Alguns comércios locais também recebem esse nome, como o “Quebrada Burger”.

5.1.21 Aula 30: Finalização da sequência de atividades

Nessa aula, após as leituras e correções, cada grupo escolheu um de seus integrantes para passar a limpo o texto e um outro para terminar a ilustração, para deixar o trabalho mais legível e com menos rasuras. Após a aprovação de todos do grupo, entregaram a atividade finalizada.

A direção da escola gostou bastante do resultado da atividade e do empenho dos educandos, comprometendo-se a enviar o livro para a gráfica e entregar para cada um deles um exemplar com a coletânea das releituras do conto “O Pequeno Polegar”. A digitação e organização do livro foi feita por mim, com a ajuda de uma amiga.

Os contos manuscritos pelos educandos encontram-se no anexo H deste trabalho e a versão final do livro, no anexo I.

6 ANÁLISE DOS CONTOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os contos escritos durante as aulas com os sétimos anos C e D resultaram no livro chamado “O Pequeno Polegar na Quebrada”, composto por quinze releituras de “O Pequeno Polegar”. Cada grupo de estudantes teve como desafio estabelecer a intertextualidade com uma ou mais histórias lidas em sala de aula, nas versões de Perrault e Irmãos Grimm, e produzir um conto maravilhoso.

Para criar os personagens, enredos e desafios enfrentados, não bastava, no entanto, observar a narrativa do conto clássico, mas também refletir sobre as comunidades que formam o distrito de Brasilândia e trazer ao texto, a partir das escolhas lexicais, aspectos e realidades vividos pelos moradores locais. Cada grupo teve a liberdade de expressar a sua criatividade, dentro dos objetivos esperados, e a chance de ter voz, enquanto jovem periférico, ao expressar elementos histórico-sociais que consideram mais relevantes na realidade em que vivem. Em vez de serem narrados, o projeto foi uma possibilidade para os estudantes se narrarem e se fazerem conhecidos, por meio da ludicidade e do “faz de conta”, pertinentes aos textos literários, em particular, os contos maravilhosos.

A idade dos escritores, entre doze e treze anos, influencia os textos produzidos, pois suas experiências de vida e conhecimentos textuais, considerando também o período de pandemia, seriam diferentes se eles tivessem mais idade, pois teriam maior liberdade para sair, namorar, trabalhar e desenvolver consciência crítica sobre os aspectos positivos e negativos dos espaços onde habitam. No entanto, não podemos desconsiderar as histórias de vida de cada um, seus conhecimentos sobre aquilo que já viveram, já viram ou já escutaram, e todos os desafios enfrentados por suas famílias, vizinhos e comunidade que os cercam, diante do abandono do Estado em diversas áreas. O olhar pueril da idade e a relação afetiva com os bairros também oportunizam que os jovens nos apresentem um olhar diferente daquele trazido pela imprensa, geralmente marcado apenas pela violência.

Saber que haveria um público leitor determinado (os estudantes dos quartos, quintos e sextos anos), também influenciou na produção escrita, durante todo o processo. Ao decidirem o enredo, o modo de caracterizar um personagem e desenvolver a trajetória do protagonista fora de casa, os jovens escritores verbalizavam, em voz alta, a preocupação em fazerem escolhas que consideravam adequadas para a faixa etária, evitando algumas expressões e palavras que

pudessem assustar ou influenciar as crianças de modo negativo.

Observaremos, a seguir, cada história criada, seguindo a ordem em que está disposta no livro, atentando-nos aos objetivos propostos para a atividade escrita.

6.1 A pequena Kimberlly

O conto narra a história de uma menina chamada Kimberlly, muito pequena, que morava com os pais em uma favela no Jardim Paulistano e estudava no CEU. Ela era filha única, muito amada e bem tratada em seu lar. Seu melhor amigo e vizinho era o Emerson e ela adorava conversar pela Internet com um amigo virtual. Após um período de conversa, Kimberlly marcou um encontro na praça para conhecer a pessoa com quem ela passava horas conversando online, no entanto, foi surpreendida ao descobrir que se tratava de um homem adulto, que se passava por criança. Esse homem sequestrou a Kimberlly e o Emerson, mas durante o trajeto eles encontraram uma varinha mágica e tiveram um desejo atendido: a ajuda de policiais.

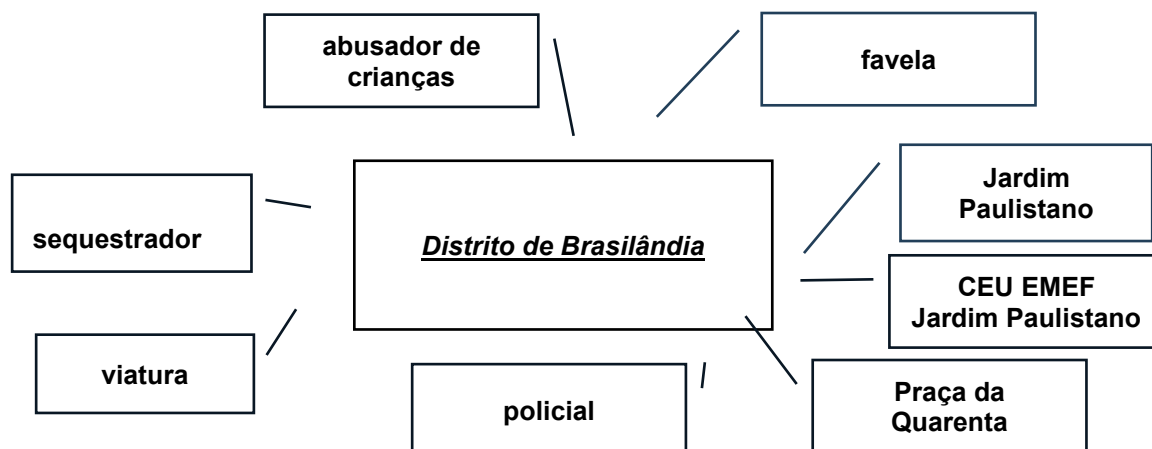
A polícia descobriu que o sequestrador era também um abusador de crianças e o prendeu. Kimberlly retornou para casa de viatura e nunca mais marcou encontros com pessoas desconhecidas.

Para atender à proposta da atividade, o grupo retomou elementos da versão dos Irmãos Grimm, ao citar que a menina tinha uma vida simples, sem abordar sobre situação de miséria, já que ela morava em uma favela, mas tinha celular e acesso ao mundo virtual. Assim como o protagonista de “O Pequeno Polegar”, Kimberlly também é descrita com baixa estatura, filha única, amada pela família. Manteve também a intertextualidade com a versão de Perrault ao citar um elemento mágico como auxílio para o retorno à casa e um vilão a ser enfrentado (em Perrault, o Ogro, nesse conto, um sequestrador).

Em vez do protagonismo masculino, esse conto apresenta como personagem principal uma menina e é por meio da curiosidade dela de conhecer pessoas novas e sua ingenuidade de criança que o conflito é estabelecido, havendo a superação final por meio do objeto mágico e da polícia. Observa-se que, apesar de haver o objeto mágico, ele é um auxiliar para o equilíbrio e o desfecho, no entanto, é pela ação policial que se descobre o criminoso. Ele é detido e as crianças retornam salvas para suas casas.

Para contextualizar no mundo contemporâneo e no distrito de Brasilândia, o

grupo utilizou as seguintes expressões:



Observando as expressões utilizadas para a construção do texto e a contextualização do distrito, percebe-se que o grupo se atenta à descrição do espaço, ao citar as favelas (trazendo a ideia da pobreza, as casas simples e os morros), nomear a escola, o bairro e a Praça da Quarenta, principal espaço de lazer da comunidade. Como desafio, trazem a criminalidade a partir das palavras “policia”, “viatura”, “sequestrador” e “abusador de crianças”, sendo essas situações frequentemente citadas pelas grandes mídias, ao referir-se à Brasilândia. O abuso de menores é algo constante em algumas famílias da comunidade e, no dia a dia escolar, muitos são descobertos e encaminhados ao Conselho Tutelar.

É recorrente que crianças circulem livremente pelas ruas dos bairros, expostas a possíveis perigos, mas, pela falta de espaços de lazer e pelo fato de os adultos responsáveis ficarem ausentes para trabalhar, elas ocupam as praças, vielas e demais espaços públicos. Não há preocupação com sequestro entre a maior parte dos moradores, no entanto, Brasilândia é um dos espaços para cativeiro e perseguição policial em casos de roubos e sequestros de pessoas de outros bairros da cidade.

Apesar de a polícia ter sido apontada como truculenta pelo líder comunitário entrevistado e em conversa com demais jovens e adultos, os estudantes escritores desse conto apresentam a polícia como protetora.

6.2 A Polegarzinha

Esse conto tem como protagonista uma adolescente de quatorze anos,

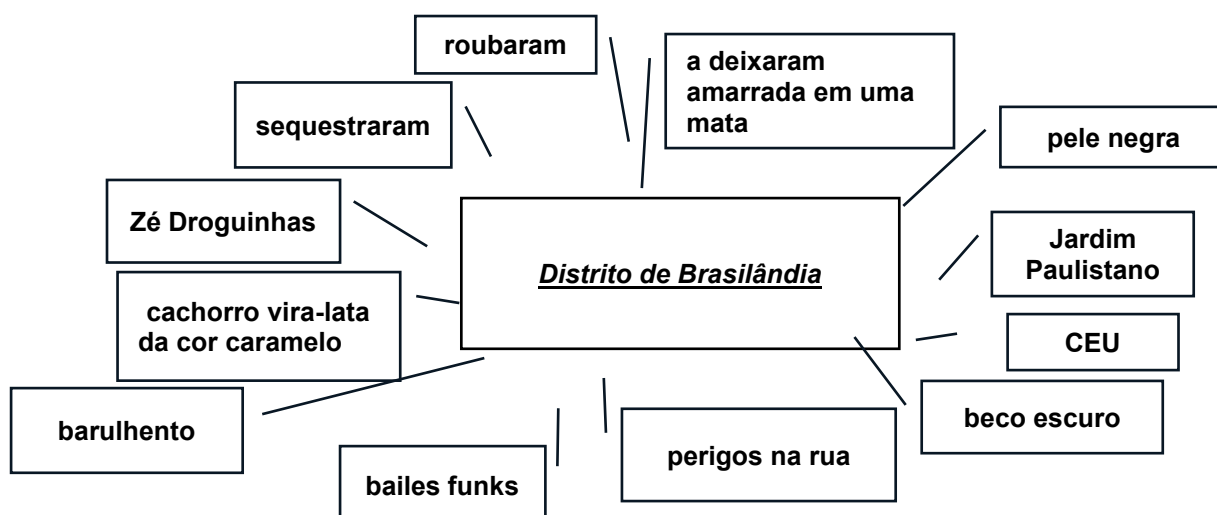
conhecida como Polegarzinha, negra, com vitiligo, cabelos cacheados e azuis. De uma família baixa, ela era a menor de todas. Órfã, devido a um acidente sofrido pelos pais, a menina vivia com a tia no bairro Jardim Paulistano.

Ao retornar da escola, no final do dia, Polegarzinha pegou um atalho por um beco escuro e escutou o choro de um cachorro, apesar de todo o barulho da rua vindo do baile funk. Ao tentar ajudar o animal, que parecia machucado, dois “Zé Droguinhas” os abordaram, roubaram seus pertences, os sequestraram e os deixaram amarrados em meio a uma mata. Com a ajuda de um pedaço de vidro, ela conseguiu cortar as cordas e encontrou um livro mágico, sem palavras, e que brilhava. Nele apareceu um mapa, que indicava a localização e o caminho o qual deveriam seguir, levando a menina e o cachorro para uma caverna. Lá, encontraram um baú de tesouros e, com a ajuda de uma porta que surgiu e o caminho indicado pelo mapa, conseguiram retornar para casa. A menina e a tia adotaram o cachorro e ficaram ricas com o tesouro encontrado.

Para estabelecer a intertextualidade e criar a releitura de “O Pequeno Polegar”, o grupo retomou alguns elementos da versão dos Irmãos Grimm, ao descrevê-la como filha única, bem tratada pela família e astuta. Assemelha-se à versão de Perrault pela presença de um elemento mágico que auxilia no retorno para casa, pela presença do vilão (em Perrault, um ogro, nesse texto, dois usuários de drogas) e no desfecho, pela presença do tesouro, que possibilita melhores condições de vida à família. Em ambas as versões, e também em “A Polegarzinha”, o protagonista tem baixa estatura, sai de casa e enfrenta desafios.

É interessante observar que o grupo de estudantes que criou esse conto é formado apenas por meninas e elas escolheram manter o protagonismo feminino por meio da menina de quatorze anos e a tia.

Para contextualizar no mundo contemporâneo e no distrito de Brasilândia, o grupo utilizou as seguintes expressões:



Ao observar as expressões e escolhas lexicais feitas pelas estudantes para contextualizar a história no distrito, encontramos o nome do bairro (Jardim Paulistano) e da escola mais próxima (CEU Jardim Paulistano); a caracterização da região ocorre ao citar becos escuros como um dos acessos às casas. Como atividade de lazer, o texto cita a presença de bailes funks que ocorrem, em geral, às sextas-feiras e aos finais de semana em algumas comunidades, sendo eles os entretenimentos gratuitos de maior acesso da população local. Devido ao grande número de frequentadores e por ocorrer em vias públicas, o texto destaca o barulho causado por esses eventos, ao escolher o léxico “barulhento” para descrever o local. Tal escolha aponta para uma interpretação negativa da situação, já que “barulhento” é algo que provoca incômodo, que não é agradável aos ouvidos.

Em geral, os bailes funks (popularmente chamados como “fluxo”) começam no início da noite e se encerram ao amanhecer, com músicas em volume bastante elevado, que podem ser ouvidas a longas distâncias. Isso causa desconforto à parte da população, que tem o sono e descanso prejudicados.

Esses eventos são fonte de renda para alguns, pois movimentam o comércio local de alimentos e bebidas, como também a venda ilegal de drogas. Muitos são favoráveis à realização dos bailes por auxiliarem na renda mensal familiar, além de ser uma opção de diversão para pessoas de todas as idades (até mesmo de crianças, que permanecem acompanhadas pelos irmãos e pais). É importante ressaltar que no distrito de Brasilândia, principalmente nos bairros mais vulneráveis, não há cinemas, teatros, museus ou opções de espaços amplos para a prática de esportes, restando as manifestações populares nas ruas para a diversão da população.

Ao referir-se à presença de drogas ilícitas nos bailes funks e em seu entorno, o

grupo usa a expressão “Zé Droguinhas” para nomear os dois homens que abordam a protagonista, vindo eles a ser os vilões da narrativa. O termo utilizado pode referir-se a duas situações: usuários de drogas ou àqueles que repassam as drogas aos usuários. Na comunidade local, é bastante comum para nomear e caracterizar pessoas que não são confiáveis, perigosas, que cometem delitos e estão, constantemente, sob efeito de drogas.

O texto “A Polegarzinha” trata da violência como um dos elementos principais para contextualizar a realidade do distrito, ao utilizar “perigos na rua”, “sequestraram”, “roubaram” e “a deixaram amarrada em uma mata”. Apesar de parte dos moradores se sentirem seguros para transitar pelo bairro, como já dito anteriormente, há casos de sequestros envolvendo condutores de veículos e moradores de outros locais que são escondidos dentro de comunidades do distrito. Algumas vezes, tem-se notícias, em jornais da comunidade e redes sociais, de jovens moradores desaparecidos, que, em alguns casos, resultam em crimes brutais devido às drogas ou ao envolvimento com o tráfico. É importante ressaltar, no entanto, assim como apontou o líder comunitário, que os bairros mais vulneráveis não são focos de violência na região.

Para caracterizar a Polegarzinha, o grupo a descreve como uma adolescente negra. Observando dados do Mapa de Desigualdade Social, Brasilândia é um distrito em que metade de sua população se autodeclara como negra, sendo que muitos moradores são negros, mas não se reconhecem dessa forma. Ao retomar o contexto histórico, Brasilândia foi chamada de “Pequena África”, pela presença de muitas pessoas negras e pela influência africana nos costumes locais.

Outro elemento trazido ao texto para caracterizar o distrito, em especial as regiões próximas ao CEU Paulistano, é a presença do cachorro vira-lata caramelo. Por haver bastante mata e espaços abertos, é comum o abandono de cachorros e, consequentemente, ações sociais para tentar minimizar a problemática.

Como objeto mágico para fugir da situação de violência, o grupo retoma elemento de outras leituras realizadas, como a presença de um mapa mágico em Harry Potter. Em conversas com as estudantes que escreveram “A Polegarzinha”, elas contaram que gostam bastante desses livros e por isso concordaram em retomar o livro e o mapa como objetos mágicos para salvar a protagonista do conto que criaram.

6.3 Cleitin do Grau

Esse conto narra a história de um menino de treze anos de idade que morava com os pais na Favela do Pó, próximo à Praça da Quarenta, chamado Cleiton, mais conhecido como Cleitin do Grau. Tratado com amor, recebia tudo o que sua família poderia lhe dar. Estudava no CEU EMEF Jardim Paulistano e, na adolescência, por ser anão, começou a sofrer bullying, o que o levou a desistir dos estudos. Enganando os pais, permanecia fora de casa no horário de aula, andando com um grupo de meninos que roubava para usar drogas.

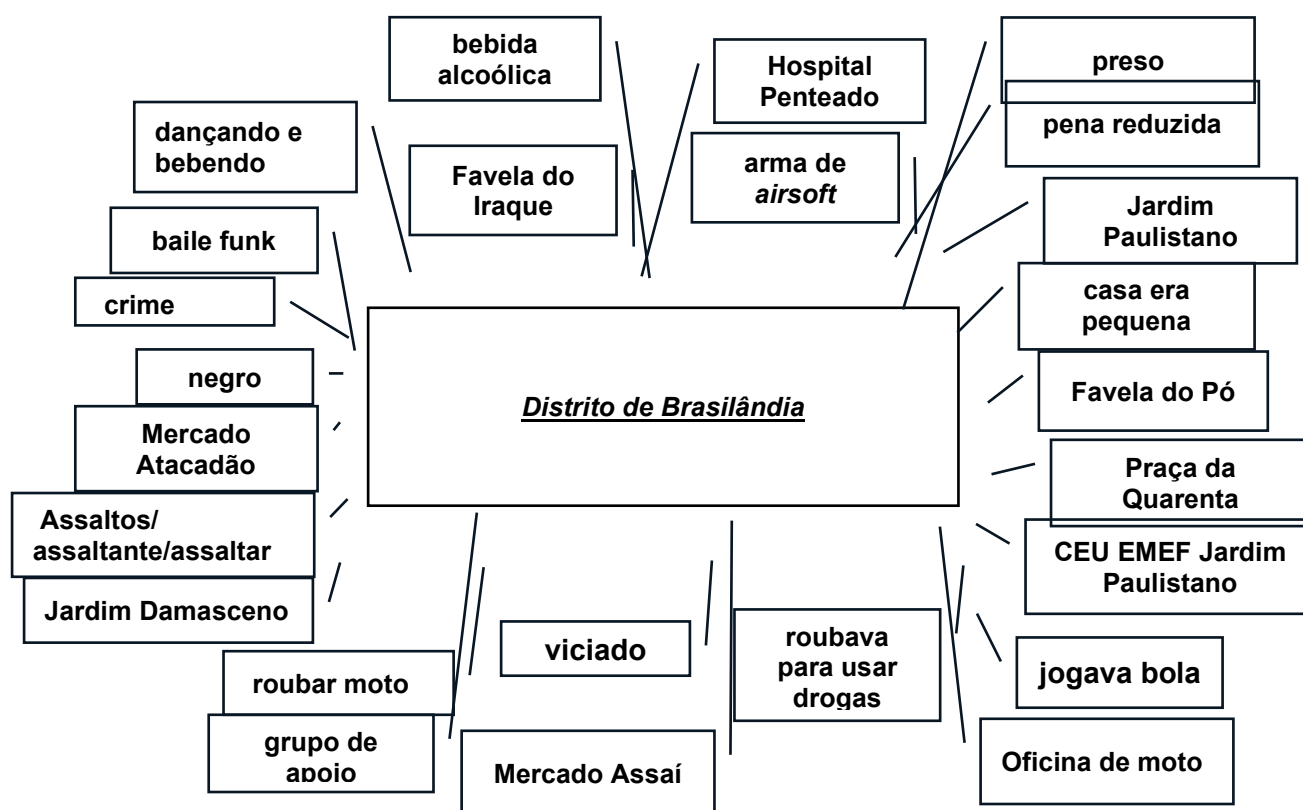
Com o tempo, Cleitin ficou viciado e passou a praticar roubos, e, ao ser descoberto pelos pais, foi expulso de casa. Sem ter para onde ir, o menino foi acolhido na própria comunidade pelo Sr. Osvaldo, um homem negro, de 45 anos, advogado, que sempre lhe dava bons conselhos.

Em um baile funk na Favela do Iraque, Cleitin teve sua bebida misturada com drogas e, sob efeito alucinógeno, ele tentou roubar um ogro e acabou sendo ferido. Ao ser levado para o Hospital Penteado, passou por uma cirurgia e, em seguida, foi preso pelos crimes cometidos. Após ter a pena reduzida, com a ajuda do seu amigo Osvaldo, Cleitin frequentou um grupo de apoio na comunidade para se libertar do vício e começou a trabalhar no supermercado Assaí. Com a vida mudada, o menino foi acolhido novamente pela família, abriu uma oficina de moto e passou a ajudar no sustento da casa.

A partir da leitura do conto, percebemos a intertextualidade com a versão dos Irmãos Grimm estabelecida na relação familiar de amor e cuidado entre os pais e o filho. Também pelo protagonista sair de casa por vontade própria, com a intenção de encontrar a si mesmo e alcançar uma evolução pessoal, superando diversos desafios no percurso e retornando para casa. Não há a presença de um objeto mágico para auxiliar no retorno, em vez disso, o desfecho ocorre com o amadurecimento do protagonista e a superação de vícios.

Ocorre a intertextualidade com a versão de Perrault ao citar a presença de um ogro, contudo, no texto produzido pelos estudantes, não podemos garantir a existência dele, já que o menino estava sob efeito alucinógeno e pode ter confundido um homem forte e alto que estava no baile com esse personagem das histórias.

Para cumprir a proposta de trazer ao texto aquilo que o grupo considerava mais representativo da comunidade de Brasilândia, encontramos as seguintes expressões:



Para situar o espaço, o texto nomeia os bairros, duas comunidades, o espaço de lazer mais frequentado, grandes mercados, escola e o hospital público do distrito mais próximo, respectivamente: Jardim Paulistano e Jardim Damasceno; Favela do Pó e Favela do Iraque; Praça da Quarenta; Mercado Assaí e Mercado Atacadão; CEU EMEF Jardim Paulistano; Hospital Penteado.

O Jardim Paulistano é o bairro onde residem os estudantes que escreveram o conto, sendo também o local onde estudam. As comunidades Favela do Pó e Iraque são conhecidas pela expansão vertical de casas e barracos e, principalmente, pelos maiores bailes funks do distrito. A Praça da Quarenta, recentemente renomeada como Praça Marielle Franco, é citada por quase todos os grupos, por ser um dos maiores espaços públicos de lazer dos moradores do Paulistano. O CEU Jardim Paulistano é a escola onde estudam todos os escritores do conto, sendo uma das maiores da comunidade, além de um importante espaço de esporte e cultura. Ao selecionar esses locais, os autores estabelecem o diálogo com seus leitores que moram na mesma região, por serem lugares muito frequentados e conhecidos por todos, bem como favorece a criação do cenário por leitores que não conhecem a Brasília.

Como lazer, além de “Praça da Quarenta”, que representa para os moradores

a ideia de espaço para práticas de esporte e encontro de amigos, o texto apresenta as expressões: “jogava bola”, “dançando e bebendo” e “baile funk”. Tais escolhas são bastante expressivas para indicar as atividades de preferência de muitos adolescentes e jovens das comunidades do distrito, em especial os do sexo masculino.

Para destacar os desafios vividos pelos personagens do conto e estabelecer relação com a vida real dos moradores de Brasilândia, o grupo utilizou expressões referentes a drogas e à criminalidade: “roubava para usar drogas”, “viciado”, “roubar moto”, “assaltos”, “assaltante”, “assaltar”, “crime”, “bebida alcoólica”, “arma de *airsoft*”. Bebidas e drogas ilícitas são de fácil acesso aos moradores, inclusive a menores de idade, tendo maior circulação durante os bailes funks. Como possibilidades para melhores condições de vida, diante de todos os desafios impostos pela pobreza e pelo abandono do Estado, o tráfico e envolvimento em assaltos são vistos como “atalhos” que facilitam o acesso a bens de consumo não só ao jovem, como também à sua família. A utilização de motos em assaltos é recorrente, prejudicando comerciantes, moradores e dificultando o acesso da população a motoristas de aplicativos e entregas de encomendas, que evitam os lugares com casos recorrentes de assaltos. No conto “Cleitin do Grau”, o personagem principal tem livre acesso às drogas e bebidas, oferecidas pelos novos amigos na praça do bairro. Como opção para sobreviver fora de casa e manter o vício, o adolescente recorre a furtos, assim como acontece na vida de muitos jovens da comunidade. A escola é um importante espaço onde profissionais da Educação detectam casos como o do Cleitin, e buscam, em parceria com órgãos do governo, ações sociais e apoio às famílias, para evitar que jovens entrem para a criminalidade.

No conto, Cleitin é preso e consegue mudar de vida por meio do trabalho no mercado e da recuperação do vício ao participar de reuniões de um grupo de apoio. Brasilândia, devido à sua extensão territorial e à quantidade de moradores, oferece emprego para muitas pessoas em seus comércios locais, aumentando ainda mais as opções com o início das obras das linhas de metrô e a ampliação de investimentos na região.

O texto cita que Cleitin abre uma oficina de moto após guardar dinheiro depois de um período de bastante trabalho. Ser proprietário de moto é um dos modos de mostrar status na comunidade. É frequente que jovens se reúnam para transitar pelos morros utilizando veículos com escapamentos que fazem bastante ruído, principalmente os do sexo masculino, que seguem acompanhados pela namorada na

garupa. Abrir uma oficina de motos é algo rentável, além de ser um dos espaços para encontros de amigos.

O texto destaca um homem que ajuda o Cleitin a ter a pena reduzida e o incentiva a mudar de vida, sr. Osvaldo, um homem negro, que, apesar de ser advogado, ainda mora na favela. Ao abordar esses aspectos, os estudantes trazem importantes informações sobre a vida na periferia: a população ser formada, majoritariamente, por pardos e negros; a dificuldade de ascensão social, apesar dos estudos; o alcance ao ensino superior ainda ser baixo à população mais carente, como aponta a pesquisa realizada na escola CEU EMEF Jardim Paulistano. Educadores e líderes comunitários da região percebem que as cotas e iniciativas do Governo, como o ProUni, permitiram que parte da população pudesse continuar os estudos, embora ainda não seja acessível para as famílias mais carentes, que lutam pela sobrevivência.

6.4 Jhonatan, O Pequenino

O conto narra a trajetória de Jhonatan, apelidado como Jojo. Morador do Jardim Paulistano, com quatorze anos de idade, bissexual, tem estatura baixa devido a má alimentação na infância. Jane Lee é sua melhor amiga, de família chinesa, mas nascida nos Estados Unidos.

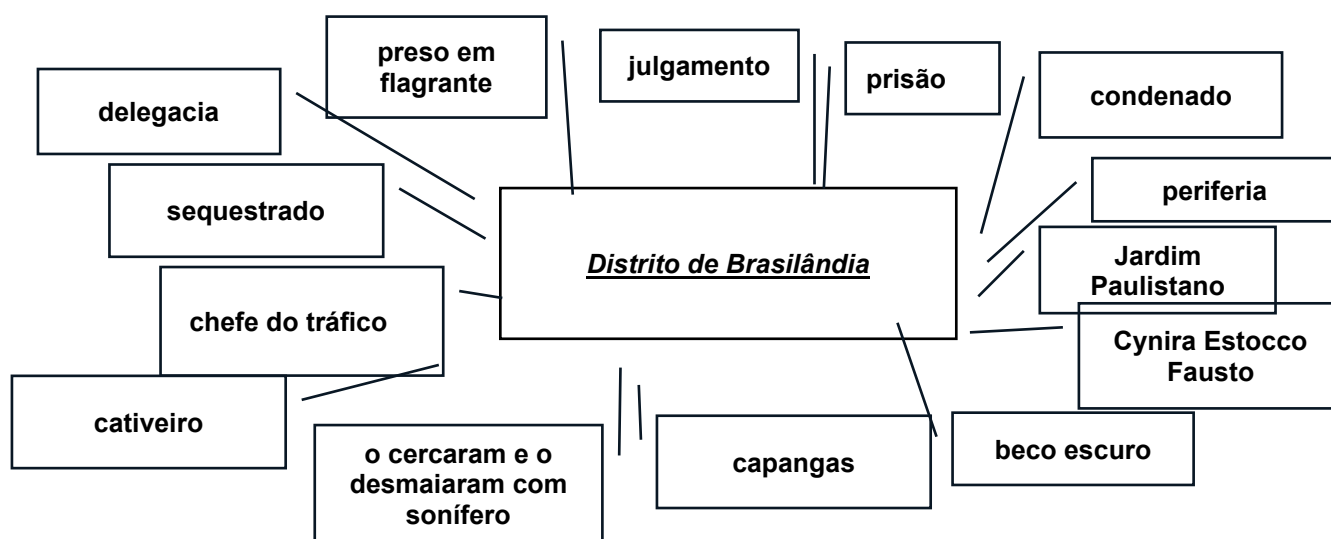
Em um final do dia, voltando da escola, Jojo foi perseguido por dois capangas e, ao entrar em um beco escuro, foi alcançado e desmaiou sob efeito de sonífero. Ao chegar ao cativado, o jovem descobriu que corria risco de morte, devido à dívida de seu pai com o tráfico de drogas. Com a ajuda de um rato falante, Jojo conseguiu escapar, mas, ao ser perseguido novamente, recorreu à delegacia e lá os dois capangas e o chefe do tráfico foram presos. O pai de Jojo fugiu do país e o garoto, após alguns anos, na companhia da melhor amiga, mudou de país e cursou medicina em Harvard. Apesar do diploma conquistado, o sonho de ambos era serem músicos. Ao reunir um grupo de amigos, formaram a banda Aqua Mark e fizeram muito sucesso, deixando os familiares surpresos e orgulhosos.

Ao escrever sua história, o grupo de estudantes utilizou elementos reais de suas vidas pessoais, bem como problemas enfrentados na comunidade, conforme a proposta da atividade. Para realizar a intertextualidade e produzir a releitura de “O Pequeno Polegar”, recorreu à versão dos Irmãos Grimm, levando em conta as seguintes características do protagonista: sua estatura, o fato de ser filho único e bem

cuidado pela família e sua astúcia, já que sai de casa em busca de aventuras e da evolução pessoal. Diferentemente das versões lidas em sala de aula, no entanto, o grupo não finaliza o texto com o retorno do herói para casa, mas sim, com o sucesso mundial a partir da realização do sonho de ser músico.

Ao abordar elementos pessoais, o grupo trata questões vividas dentro e fora da escola, como o bullying, a timidez e a dificuldade em fazer amigos, a descoberta da sexualidade, o gosto musical e a influência de filmes, músicas e leituras de obras de diferentes países. A cultura K-pop, o acesso a doramas por meio de *streamings*, o gosto pela leitura de mangás e as músicas e séries americanas presentes no dia a dia são frequentes nas conversas dos estudantes desse grupo, que trazem em seu texto uma menina de família chinesa e nascida nos Estados Unidos e o intercâmbio para a formação universitária e, posteriormente, para a turnê com a banda, que se torna um grande sucesso.

Para contextualizar o bairro, o grupo não considera a pobreza e a falta de estrutura do espaço. É importante observar que essa escolha feita pelos estudantes mostra a diversidade social e econômica que compõe o distrito: se há moradores vivendo na linha abaixo da pobreza, ruas sem asfalto e casas sem energia elétrica, há também casas amplas, com carro na garagem e pessoas com poder aquisitivo para pagar cursos e viagens. O conto não aborda como Jojo e sua amiga conseguiram estudar em Harvard, se foi com bolsa de estudos, ajuda da família ou por meio de Jane Lee, que era nascida nos Estados Unidos. Tal informação não parece ser relevante a seus escritores, que preferem abordar a realização de sonhos. Para alcançá-los, no entanto, Jojo enfrenta a criminalidade do bairro onde mora e o desafio de sobreviver ao tribunal do crime (julgamento e punições realizadas por grupos de traficantes, diante de alguma infração cometida por alguém da comunidade). Para abordar o distrito, o texto apresenta as seguintes expressões:



A partir do quadro acima, observa-se que o texto apresenta expressões referentes a sequestro e drogas: “capangas”, “o cercaram e o desmaiaram”, “cativoiro”, “chefe do tráfico”, “sequestrado”. O sequestro sofrido é ocasionado como parte do tribunal do crime, em que dois homens levam Jojo até um cativoiro para encontrar-se com o chefe do tráfico, que o alerta sobre a dívida do pai e a urgência do pagamento, ou em dinheiro ou com a própria vida do jovem. Na comunidade, é comum que algumas infrações sejam tratadas por traficantes locais, de modo a estabelecer leis e ordens sem recorrerem à polícia. As punições são diversas, na maioria das vezes, físicas, podendo até mesmo ser a morte da pessoa que causou a infração ou alguém de sua família. No texto, procuram o filho do devedor para que a dívida seja quitada.

Não há a presença de objeto mágico para solucionar o caso, mas sim, um rato falante, como é comum em muitos contos de fadas e fábulas, para auxiliar na fuga do menino. Apesar da presença do ratinho, é por meio da ação policial que o conflito é resolvido e os três criminosos são presos. A resolução do conflito aparece por meio das expressões: “delegacia”, “preso em flagrante”, “julgamento”, “prisão” e “condenado”. Assim como em alguns contos escritos por outros grupos, a polícia aparece como o elemento principal para a segurança da população e, em especial, ao personagem principal.

Apesar de a ação policial nem sempre ser eficaz na comunidade, ela ainda é vista por parte da população como a solução de crimes e uma vida com mais segurança e tranquilidade. Parcerias da escola com a polícia, como o PROERD,

auxiliam nessa aproximação entre crianças e policiais, bem como uma tentativa de combate ao crime.

A fuga do pai de Jojo e a ida do jovem aos Estados Unidos para estudar (mesmo após alguns anos), impede que haja retaliações e vinganças com a família por meio de outros participantes do tráfico. Na Brasilândia, bem como em outras comunidades periféricas brasileiras, o tráfico de drogas não deixa impune quem denuncia um chefe do tráfico ou quem com ele tem dívidas.

Para marcar a fala dos capangas, o grupo usa gírias e a ausência de concordância verbal, diferentemente da fala do menino e do narrador.

6.5 Mariana e seu filho Polegar

O texto se inicia apresentando Mariana, uma mulher de 37 anos, que morava de aluguel em uma casa bastante humilde no Jardim Paulistano. Empregada doméstica, mãe de quatro filhos, trabalhava muito para sustentar sozinha a família. Após acumular dívidas, Mariana e seus filhos foram despejados do local onde viviam, sendo obrigados a viver pelas ruas por um período, até encontrarem um tio que os ajudasse a encontrar uma nova moradia.

Pedro, o filho caçula de Mariana, era superdotado e tinha o tamanho de um dedo polegar, o que levou os seus colegas de escola a apelidarem-no de “Polegar”, como no conto maravilhoso. Um dia, ao descansar à sombra de uma árvore, aos redores do CEU Jardim Paulistano, descobriu que a árvore era mágica ao conceder-lhe que dois desejos fossem realizados. Mesmo querendo crescer, Pedro desejou ter dinheiro para ajudar a sua mãe e que seus pais se reconcilhassem.

Na entrada da aula, Pedro escutou a conversa de dois homens, que planejavam um assalto à escola no horário do recreio. Atento, o menino avisou a diretora, que ficou em dúvida sobre a veracidade da informação. Minutos antes do recreio, Pedro visualizou os homens já dentro da escola e, rapidamente, ligou para a polícia. Os assaltantes foram presos, toda a comunidade ficou agradecida pela ação do menino, e, com a notícia, seu pai retornou e se reconciliou com a família, ao mostrar que agora era um homem trabalhador. Pedro recebeu uma recompensa de 150 mil reais. Com esse dinheiro, a família construiu uma casa no terreno do pai e começou uma nova vida.

Nesse conto, observa-se que o grupo estabelece intertextualidade com a

versão dos Irmãos Grimm, pelo menino ser amado e bem cuidado em seu lar, e também por ele impedir que acontecesse um assalto, apesar de sua pobreza e da possibilidade de ganhar dinheiro em ação conjunta aos assaltantes. Dialoga também com a versão de Perrault, ao ressaltar as dificuldades financeiras enfrentadas pela família e os perigos superados devido à astúcia do menino, que deseja colaborar com o bem-estar de seus pais e irmãos. Assim como na versão de Perrault, em que a riqueza vem por meio de objetos mágicos, nesse conto o menino tem seus desejos realizados a partir de uma árvore mágica. Ao citar o apelido do menino, “Polegar”, e seu tamanho o de um dedo polegar, o texto estabelece intertextualidade com as duas versões lidas em sala de aula.

Para contextualizar no distrito, o grupo utiliza as seguintes expressões:



A partir das escolhas realizadas pelo grupo, identificamos expressões que

descrevem a casa dos personagens principais, e, conseqüentemente, indicam a moradia de muitas pessoas que vivem no distrito de Brasilândia: “humilde”, “sem reboco”, “piso de cimento queimado”, “pequenos cômodos”, “conjugado humilde”. Ao observarmos os morros que formam o distrito, notamos, principalmente nos bairros mais carentes, a presença dessa paisagem apresentada no conto. A escolha pelo léxico “humilde”, que caracteriza as duas moradias da família de Mariana, indica uma vida simples, sem luxo.

Para apresentar as características do bairro e identificá-lo, o grupo o nomeia, indica lugares que considera importantes na região e descreve-os: “Jardim Paulistano” (nome do bairro); “AMA” (Atendimento Médico Ambulatorial), posto de atendimento do bairro (procurado, principalmente, pelo fato de o único hospital público do distrito ter sido inaugurado recentemente e, até o momento, só atender casos de emergência); escola Lilian Maso e CEU Jardim Paulistano (escolas construídas uma ao lado da outra, para atender grande parte das crianças e jovens da região); “ruas esburacadas”, “muito lixo acumulado em lugares indevidos” e “muitas árvores plantadas” (principais elementos apresentados nas fotografias do bairro, tiradas pelos estudantes da turma). Durante as discussões sobre o bairro, esses também foram os principais fatores debatidos, por serem considerados mais relevantes entre todos os outros.

No texto, a família do Pedro, o Polegar, é chefiada por uma mulher, Mariana, assim como é a realidade de muitos lares brasileiros. Nas comunidades de Brasilândia, muitas famílias têm a mulher como responsável pelos cuidados e sustento. Na pesquisa realizada pela escola CEU EMEF Jardim Paulistano, 58,3% das crianças e jovens matriculados nessa escola convive com o pai, portanto, 41,7% não têm o pai presente em seus lares. Essa ausência é retratada na história, uma vez que a figura paterna não divide a responsabilidade e os cuidados com a família, gerando brigas e até agressões entre o casal. Assim como apontado pelo líder comunitário, Fábio, as agressões contra as mulheres e crianças são recorrentes nas comunidades locais, devido ao machismo e à dependência financeira.

Mariana, ao ser retratada no conto, é apresentada como “mãe solo” e “empregada doméstica”, que trabalha muito para “não deixar faltar comida à sua casa”. Apesar de toda dedicação e esforço, ela enfrenta, ao lado de seus quatro filhos, bastantes desafios, indicados no texto pelas expressões “não conseguiria sustentar todas as crianças”, “dificuldades financeiras”, “não conseguir pagar o aluguel”, “atraso nos pagamentos”, “despejados”, “sem ter onde se abrigar”. Pela falta de rede de apoio,

Mariana, assim como muitas mulheres da periferia, precisa se dividir entre os diversos turnos de trabalho fora de casa, cuidados com o lar e com a família. As escolas são importantes espaços, não apenas para o ensino, mas para proteger crianças e adolescentes vindos dessas famílias trabalhadoras que enfrentam muitas horas fora de casa para conseguir o sustento. As atividades extracurriculares realizadas no CEU Paulistano, como futebol, capoeira, danças, aulas de idiomas, entre outras, auxiliam na formação dos estudantes, como também os mantêm longe dos perigos das ruas. Devido às vagas serem limitadas e o distrito ser formado por um número elevado de moradores, é comum que os filhos mais velhos auxiliem seus pais nos cuidados com os mais novos, ou ainda, que ocupem as ruas e praças jogando bola ou andando de bicicleta, fora do horário de aula.

Além dos problemas econômicos e de relação familiar, representados no conto, o grupo também aborda a violência sofrida no cotidiano da comunidade, por meio do uso das expressões “assalto”, “armados”, “renderam os diretores”, “delegacia”, “polícia”. Observa-se que até mesmo no espaço em que as famílias deveriam ficar tranquilas com a segurança dos filhos, a escola, há intervenções de problemas sociais. Diversas escolas das comunidades do distrito já sofreram furtos, geralmente fora do período de aula, perdendo computadores, impressoras, torneiras e até mesmo fios de eletricidade. Para evitar prejuízos na aprendizagem em decorrência da criminalidade, os diretores escolares buscam estabelecer parcerias com os familiares e demais membros da comunidade. Conforme apontado no texto, a polícia também é procurada para aumentar a segurança.

Apesar da presença do elemento mágico, a árvore, a resolução dos desafios ocorre também por meio da astúcia do Polegar e pela intervenção policial.

6.6 O Pequeno Everson

O conto apresenta a história de Everson, menino da estatura de um dedo Polegar, devido a medicações que sua mãe tomou durante a gestação. Ao perdê-la para um câncer, aos dois anos de idade, passou a morar com a tia, já que o pai o abandonou.

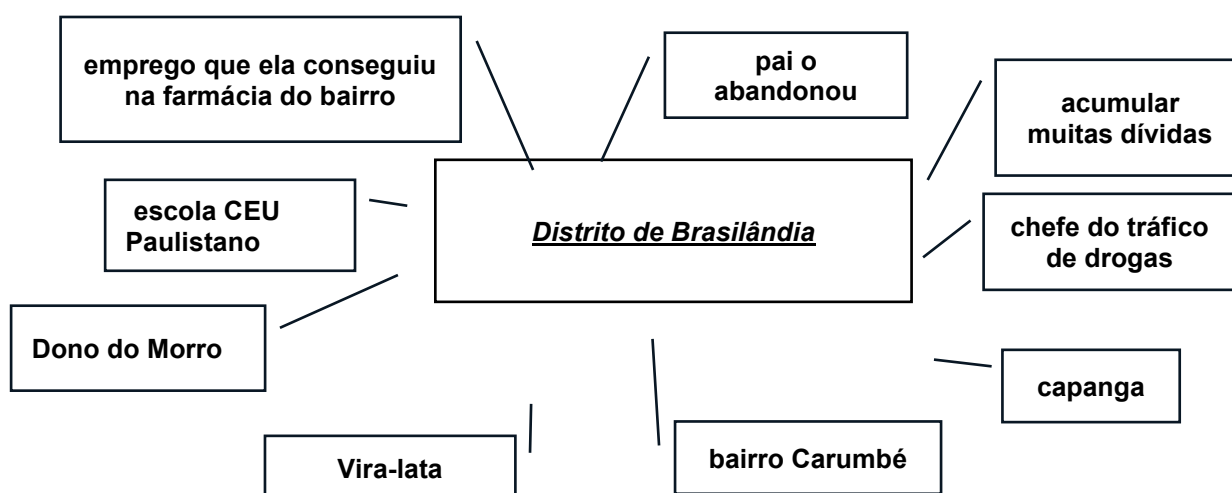
Diante de dificuldades financeiras, a tia de Everson decidiu vendê-lo ao chefe do tráfico de drogas local. Seguro de que conseguiria retornar, o menino aceitou ser vendido e, com a ajuda do tio, fugiu no caminho. Após cair em uma lata de lixo, foi

devorado por um cachorro e, na barriga do animal, encontrou uma mosca falante que colocou um anel mágico em sua cintura. Ao voltar no tempo, o menino descobriu que a mosca não era de confiança, pois também estava a serviço do tráfico, mas, devido à sua astúcia, ele conseguiu retornar para casa. Ao encontrar a tia, ela afirmou ter melhorado as condições financeiras através do dinheiro que recebeu no divórcio e com seu novo emprego na farmácia local. Everson conseguiu ajudar na renda da casa ao se tornar um YouTuber famoso.

A partir da proposta de criar uma releitura do conto “O Pequeno Polegar”, percebemos a intertextualidade estabelecida com a versão dos Irmãos Grimm pelo imenso desejo de a mulher ser mãe e as tentativas de ter o sonho realizado; o tamanho do protagonista, que era similar a de um dedo polegar e o apelido recebido por isso; o fato de o menino ter sido vendido para melhorar a vida financeira da família; a astúcia por ele se aproveitar de seu tamanho e de sua esperteza para superar todos os obstáculos encontrados durante o caminho; a presença de um animal falante e por ele engolir o personagem principal; o retorno ao lar.

Apesar da presença de elementos mágicos, a resolução dos desafios ocorre a partir da esperteza do menino, ao fugir do capanga e do chefe do tráfico de drogas por duas vezes. Os problemas com as dívidas também não são resolvidos de forma mágica, mas sim, a partir do trabalho da tia e do menino.

Para contextualizar a realidade vivida nos dias atuais pela comunidade de Brasilândia, o grupo utilizou as seguintes expressões:



Observando as expressões acima destacadas, percebe-se que o grupo escolheu tratar sobre o abandono paterno, “pai abandonou”, recorrente em muitos

lares da comunidade, conforme anteriormente comentado; dívidas e demais dificuldades financeiras: “acumular muitas dívidas”; a procura pelo traficante como auxiliar na resolução de problemas locais, fato esse que ocorre nas comunidades em que os traficantes são respeitados e considerados como protetores dos moradores: “chefe do tráfico de drogas”, “capanga”, “Dono do Morro”. O texto também nomeia o local por onde percorrem: “bairro Carumbé” e “escola CEU Paulistano”.

Assim como alguns outros contos presentes no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, o conto “O pequeno Everson” trata da importância do comércio local para a diminuição do desemprego e o sustento de muitas famílias da comunidade, pois é também a partir do emprego na farmácia que a tia de Everson consegue quitar suas dívidas.

Ao citar o vira-lata, os estudantes tratam de uma ocorrência do bairro, mais especificamente nos arredores da escola, pois há bastante abandono de animais pelas ruas da região, conforme citado anteriormente.

A fama alcançada por Everson, por meio de seu canal no YouTube, não é uma característica local do bairro, mas é um sonho comum aos nossos jovens estudantes dos tempos atuais.

6.7 O pequeno Gabriel

Esse conto é sobre um menino chamado Gabriel, negro, tímido, pobre, anão, abandonado pelos pais logo após o seu nascimento. Foi criado em um abrigo, mas, aos sete anos, fugiu para tentar encontrar sua família. Ao sentir fome, foi buscar por ajuda na padaria do bairro e o padeiro, ouvindo a história do menininho, ficou comovido e decidiu colocar sua varinha mágica escondida no saco de pães que entregou para ele.

Na Praça da Quarenta, Gabriel fez amizade com um cachorrinho e com ele dividiu os pães. Passando os dias na rua, conheceu uma outra criança, que na verdade era uma bruxa disfarçada e, para ela, o menininho contou sua história de vida e mencionou a varinha que ele havia encontrado. Interessada no objeto mágico, a bruxa fez um feitiço para descobrir quem eram os pais de Gabriel e, ao encontrá-los, os fez de escravos.

Com a ajuda da varinha mágica, Gabriel descobriu a verdade sobre a bruxa e os seus pais, mas ele acabou sendo aprisionado. O cachorro, ao perceber o perigo,

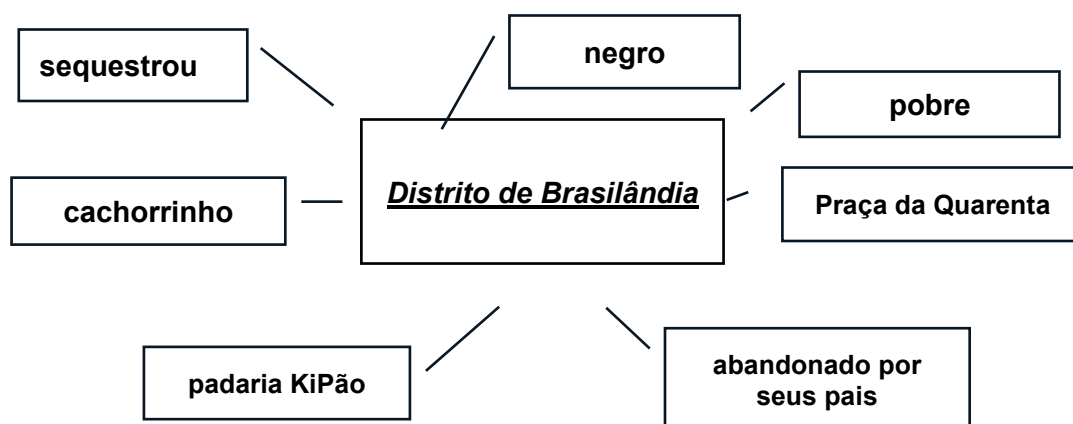
buscou a ajuda do padeiro, que também tinha poderes mágicos e, convocando seus amigos magos, juntos salvaram aquela família.

Arrependidos pelo abandono, o casal se reconciliou com Gabriel, conseguiu retomar a guarda na justiça e todos passaram a viver juntos. Ao crescer, Gabriel estudou em uma boa universidade e deu muito orgulho aos seus pais.

A partir da produção escrita dos estudantes, percebemos que há a intertextualidade com “O Pequeno Polegar” na versão de Perrault, pelo abandono dos pais, o menino ser desprezado devido à sua baixa estatura, a procura por ajuda fora de casa, o enfrentamento com um ser mágico (em Perrault, o ogro, nesse conto, a bruxa), a reconciliação da família e o retorno para casa. Em “O pequeno Gabriel”, o abandono, no entanto, não se dá pela extrema pobreza, mas sim por negligência dos pais ao perceberem que o bebê que acabara de nascer era anão.

Gabriel, com a ajuda do objeto mágico, a varinha, descobre a verdade, mas não é por meio dele que consegue a resolução do conflito, mas sim com a participação do cachorro, do padeiro e dos magos.

Para representar a comunidade de Brasilândia e a vida real dos dias atuais, o grupo utiliza as seguintes expressões:



A partir das expressões indicadas acima, percebe-se que o grupo optou, como tema central, pelo abandono familiar. Embora, na região, haja maior frequência de abandono paterno, algumas crianças são educadas por avós ou tias, pela ausência da mãe. Na história de Gabriel, ele é abandonado na praça de maior circulação do bairro Jardim Paulistano, a Praça da Quarenta e, na ausência da família, foi acolhido por um abrigo. Ao ser abandonado nesse lugar, o grupo demonstra a preocupação do

casal para que o bebê recém-nascido seja rapidamente encontrado.

Na busca pela família, o menino recorre ao comércio local, a padaria KiPão, localizada próximo ao CEU Jardim Paulistano. É com a ajuda da comunidade local, tanto ao nascer, quanto na infância, que Gabriel garante sua sobrevivência. Assim como em outros contos escritos por outros grupos de estudantes, citados anteriormente, encontramos a presença do cachorro de rua como amigo do protagonista e apontando, mais uma vez, para a problemática do abandono de animais na comunidade. Tanto Gabriel quanto seu novo amigo foram abandonados na rua e, por meio da esperteza, buscam novas oportunidades de vida. Ao juntarem-se, o menino ajuda o cachorrinho e o cachorrinho ajuda o menino.

Ao descobrir o segredo da criança, a bruxa, vilã da história, sequestra a família, apontando de forma simbólica para os problemas de violência vivenciados no bairro, como assaltos e sequestros, citados também em alguns outros contos do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.

Na descrição do protagonista, os estudantes fazem referência ao fato de ele ser “negro” e “pobre”, assim como parte dos moradores do distrito. Desse modo, o grupo cumpre com um dos objetivos da atividade que era trazer características da comunidade e do distrito ao texto.

6.8 O Pequeno Menininho

Esse texto narra a história de um menino chamado Pedrico e apelidado por seus pais como Pequeno Menininho, devido à sua baixa estatura. Ele era negro, magro e tinha a condição financeira suficiente apenas para sobreviver.

Um dia, enquanto sua mãe estava no trabalho, Pedrico jogava bola na Praça da Quarenta quando foi sequestrado por sua vizinha, que o adormeceu, amarrou e o levou a uma casa abandonada, em um bairro próximo. A vizinha justificou que seu ato de desespero foi devido ao seu desejo de ser mãe, mas não conseguir engravidar.

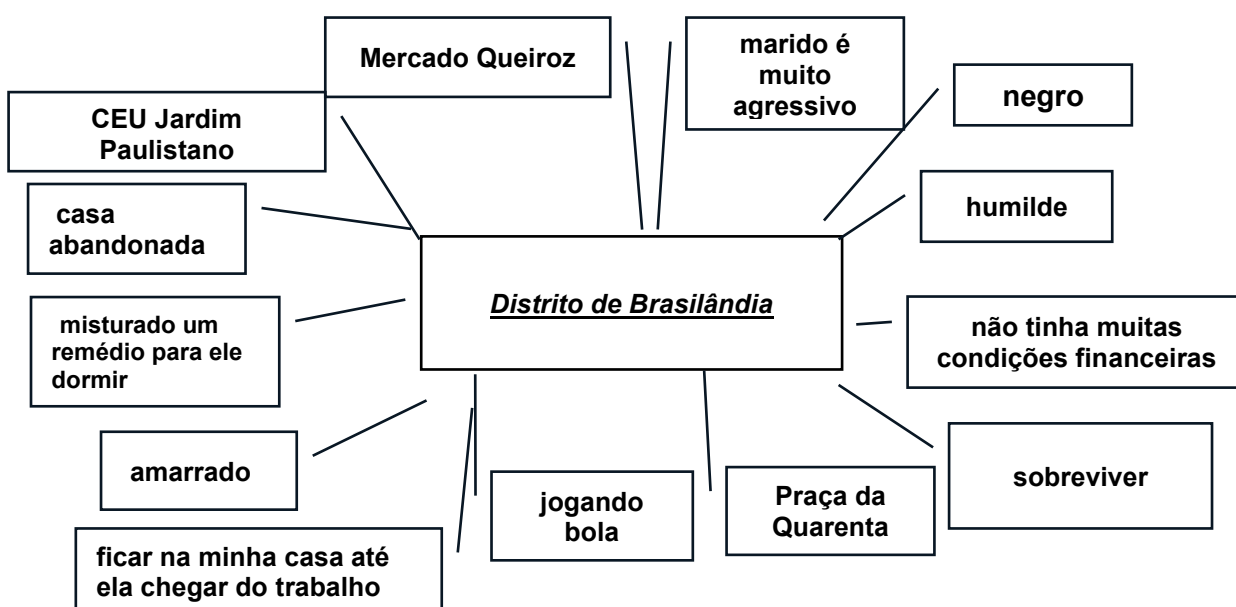
Na chegada do marido, por ele ser agressivo, ela escondeu o menino dentro de armário. Assustado, Pedrico encontrou um par de botas mágicas, joias e moedas, e depois tentou fugir. Ao perceber a presença do menino, no entanto, o homem tentou capturá-lo, mas ele foi protegido pela mulher, que, por seu ato de bondade, teve a cabeça cortada pelo próprio marido.

O menino retornou para a sua casa e encontrou a família, que finalmente

passou a valorizá-lo. Com o valor dos tesouros encontrados, mudaram de bairro e começam uma nova vida.

Percebe-se, nesse conto, a intertextualidade com “O Pequeno Polegar” na versão de Perrault. O grupo retoma muitos elementos do conto lido em sala de aula, como o fato de o protagonista ter baixa estatura, não ter a atenção dos pais e viver com o suficiente apenas para a sobrevivência — Perrault reforça as condições de miséria da família, enquanto Pedrico, apesar de viver em uma casa grande, não tem conforto para aproveitar uma boa vida. O grupo marca as dificuldades enfrentadas com o uso da unidade lexical “sobrevivência”. Também se assemelha à versão de Perrault com a mulher que protege o menino (embora o tenha sequestrado) e tem sua cabeça cortada pelo marido (fazendo referência ao Ogro, que também era violento e decapita as próprias filhas, ainda que não tenha sido proposital nas duas circunstâncias). Nos dois textos, o menino é astuto e consegue retornar à casa, levando consigo um tesouro, responsável pela melhora nas condições de vida da família.

Ao fazer referência à comunidade local e contextualizar a história nos dias atuais, o grupo faz uso das seguintes expressões:



A partir das expressões indicadas acima, percebe-se que o grupo descreve o protagonista como um menino “negro”, “que não tinha muitas condições financeiras”, o que evidencia a associação do conto escrito ao distrito de Brasilândia, devido à

semelhança física e social com grande parte dos moradores. Ao utilizar a unidade lexical “sobreviver”, reforça a condição precária à qual a família estava submetida, apesar de a mãe estar empregada (o grupo não faz referência ao pai, embora possamos considerar que ele também trabalhasse, pois a criança ficava sozinha em casa por um período do dia). Sobreviver também indica a forma de vida das famílias mais vulneráveis das comunidades locais, que conseguem, por meio do trabalho, apenas o suficiente para suprir as necessidades básicas, como a alimentação, sem haver recursos para lazer, cultura, vestimentas da moda, ou qualquer outro item que proporciona uma vida com maior conforto e qualidade. O uso da unidade lexical “humilde”, ao adjetivar a casa, reforça a simplicidade e escassez da residência de Pedrico no conto, como também de grande parte da população do local na vida real.

Quando a vizinha chama Pedrico para ficar na casa dela, enquanto a mãe não chega do trabalho, o texto também retrata a realidade de muitas crianças e jovens do distrito, que ficam sozinhos em suas casas e brincam pelas ruas enquanto os pais cumprem longas jornadas de trabalho para garantir o sustento. Os perigos das ruas são indicados pelo sequestro sofrido pelo protagonista, que, devido à ausência dos pais e à ingenuidade causada pela idade, é levado a uma casa abandonada. Para se referir à cena do sequestro, as expressões utilizadas foram: “amarrado”, “misturado um remédio para ele dormir” e “casa abandonada”. Conforme citado anteriormente, o sequestro aparece em outros contos do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, para fazer referência a denúncias e casos divulgados pela imprensa sobre a comunidade.

Embora o texto não indique diretamente o bairro onde se passa a narrativa, ao nomear lugares importantes como “Praça da Quarenta”, “CEU Jardim Paulistano” e “Mercado Queiroz”, os leitores que são moradores da Brasilândia e região, ou que conhecem o lugar, identificam a referência ao bairro Jardim Paulistano.

Conforme citado pelo líder comunitário, Fábio, e abordado nos itens anteriores, ao usar a expressão “marido muito agressivo”, o grupo estabelece intertextualidade com o conto de Perrault, como também faz referência a um dos problemas enfrentados pela comunidade: o feminicídio, a violência contra as mulheres e as crianças.

“Jogar bola” contextualiza o uso da Praça da Quarenta pela comunidade, como um espaço de recreação e práticas esportivas.

6.9 O pequeno menino e a salvação

O conto “O pequeno menino e a salvação” narra a história de Paulo, apelidado de Paulinho, devido à sua baixa estatura. Após o falecimento de sua mãe, o menino e seus sete irmãos ficaram desamparados, pois o pai se tornou um dos traficantes do bairro e não se importava com os cuidados da família.

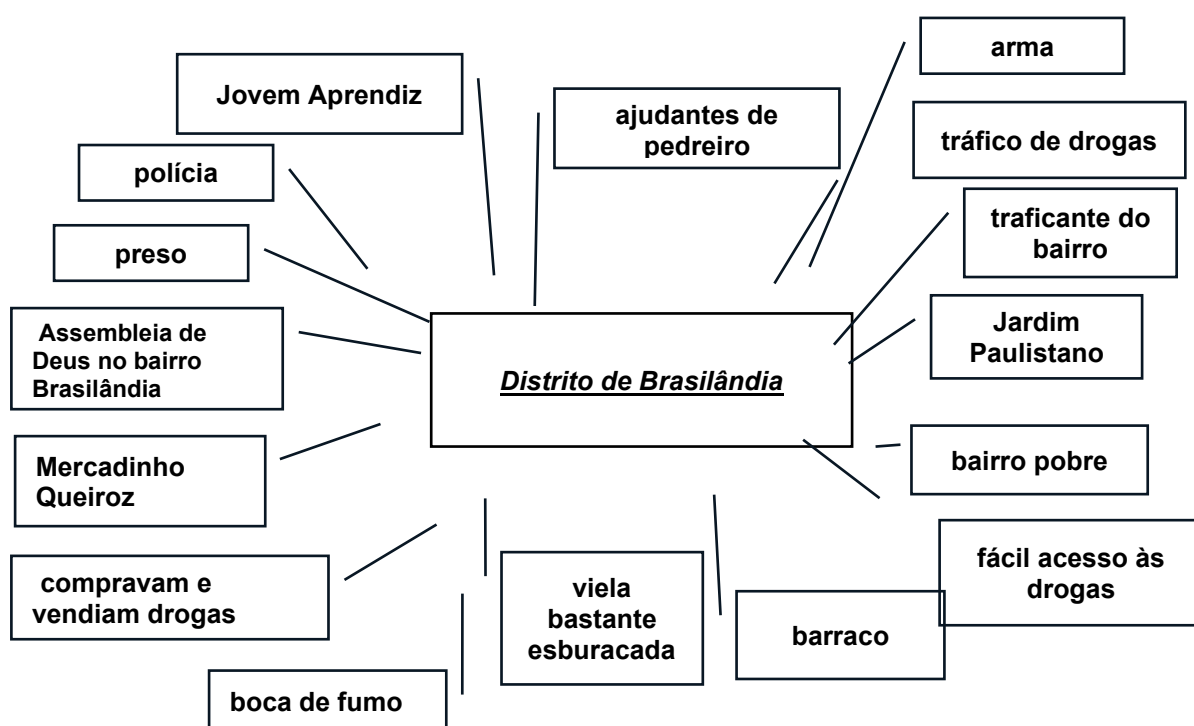
Moradores do bairro Jardim Paulistano, apesar de terem fácil acesso às drogas, Paulinho e seus irmãos eram bastante religiosos e frequentadores da Assembleia de Deus da Brasilândia. Com a prisão do pai de família, todos os filhos passaram a trabalhar para trazer o sustento para casa e, com oração e visitas à penitenciária pelo pastor da igreja, o homem deixou de ser traficante e se converteu ao Evangelho. Ao ser libertado, o pai de Paulinho retornou à sua casa com a vida transformada.

Após o culto, o filho mais velho encontrou na lixeira uma arma mágica que disparava cogumelos, capaz que trazer a cura de variadas enfermidades para quem os consumisse. Mesmo sendo pobres, a família não utilizou o objeto mágico para ganhar dinheiro, mas sim para ajudar as pessoas da região. Cada vez mais interessados nas atividades na área da saúde, os oito filhos começaram a trabalhar e estudar, para poderem ajudar mais pessoas.

Para realizar a releitura do conto “O Pequeno Polegar”, “O pequeno menino e a salvação” estabelece a intertextualidade com a versão de Perrault, devido à quantidade de filhos, à falta de cuidados do pai com a família e às dificuldades financeiras. Não destaca, no entanto, a astúcia do Paulo, mas sim, a honestidade, a fé e o reforço dele e de seus irmãos que trabalham, oram e ajudam o pai e os moradores da região.

A superação do desafio ocorre por meio da fé, resultando na conversão do pai e na transformação de sua vida. O objeto mágico encontrado, a arma, ajuda nos trabalhos voluntários da família, fazendo surgir oportunidade de emprego para os oito filhos na área da saúde e o interesse pelos estudos. O texto não cita mudança nas condições financeiras da família, embora possamos presumir uma melhora significativa estando todos empregados.

Para contextualizar o distrito, o texto apresenta as seguintes expressões:



A partir das expressões destacadas acima, percebe-se que o grupo enfatiza os problemas referentes ao uso de drogas e ao tráfico, bastante frequentes nas comunidades da Brasilândia. Para referir-se a essa problemática, aparecem as expressões: “tráfico de drogas”, “traficante do bairro”, “fácil acesso às drogas”, “boca de fumo”, “compravam e vendiam drogas”. Conforme citado no conto, o acesso às drogas ilícitas é fácil para os moradores, e o tráfico é um dos meios de se conseguir ganhar dinheiro de forma mais rápida, diante da miséria do povo.

Para descrever o espaço, são usadas as expressões “bairro pobre”, “barraco” e “viela bastante esburacada”, reforçando as dificuldades financeiras, a moradia precária e a falta de estrutura nas comunidades mais carentes da região. Para especificar e indicar a localidade, o texto nomeia o bairro “Jardim Paulistano” e um dos comércios bastante frequentado na região, “Mercadinho Queiroz”.

Apesar de grande parte da comunidade se declarar cristã, conforme indicado na pesquisa realizada pela escola CEU EMEF Jardim Paulistano, e da presença de muitas comunidades evangélicas por diferentes regiões dos bairros do distrito, de todo o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, esse é o único conto que retrata a fé como o caminho para a transformação e solução dos problemas. Paulinho e seus irmãos, conforme o texto, não aceitavam que o pai fosse envolvido com o tráfico de drogas e ficaram sozinhos durante o tempo da prisão, sendo apoiados e amparados pelo pastor

da “Assembleia de Deus da Brasilândia”. A oração e pregação trouxe a reconciliação familiar e a libertação do vício.

Embora o texto tenha um discurso de combate à violência, o objeto mágico encontrado é uma arma. Mesmo esse instrumento sendo uma referência à criminalidade, nesse conto, ele proporciona a cura por meio de seus cogumelos (que podem ser referência também a alucinógenos).

Ao enfatizar sobre o trabalho como meio para garantir o sustento e também ajudar as pessoas, aparecem as expressões: “Jovem Aprendiz” e “ajudantes de pedreiro”, além de “traficante” e “área da saúde”. As duas primeiras expressões citadas fazem referência às possibilidades de emprego aos jovens da comunidade. O programa “Jovem Aprendiz” possibilita que adolescentes e jovens da região, a partir dos quatorze anos de idade, possam trabalhar em diversas áreas, inclusive em alguns comércios locais, para ajudar no sustento da família. Já os trabalhos informais de prestação de serviço, como ajudante de pedreiro, são fontes de rendas aos pais e também aos filhos mais velhos, contornando a problemática do desemprego.

O tráfico é apresentado como uma facilidade para ganhar dinheiro e a área da saúde se apresenta no texto como o meio para a família ganhar dinheiro honestamente e ajudar as pessoas da comunidade que mais precisam.

A polícia, assim como em outros textos citados anteriormente, é citada como aquela que combate o crime e auxilia a população.

6.10 O Pequeno Polegar do Paulistano

O conto apresenta um adolescente de dezessete anos de idade, apelidado como Pequeno Polegar, devido à sua baixa estatura. De família humilde e com dificuldades financeiras, passou a morar com a avó após a morte dos pais em um acidente de trânsito, mas ambos foram despejados pela Prefeitura, uma vez que o terreno tinha sido invadido e a casa estava muito deteriorada.

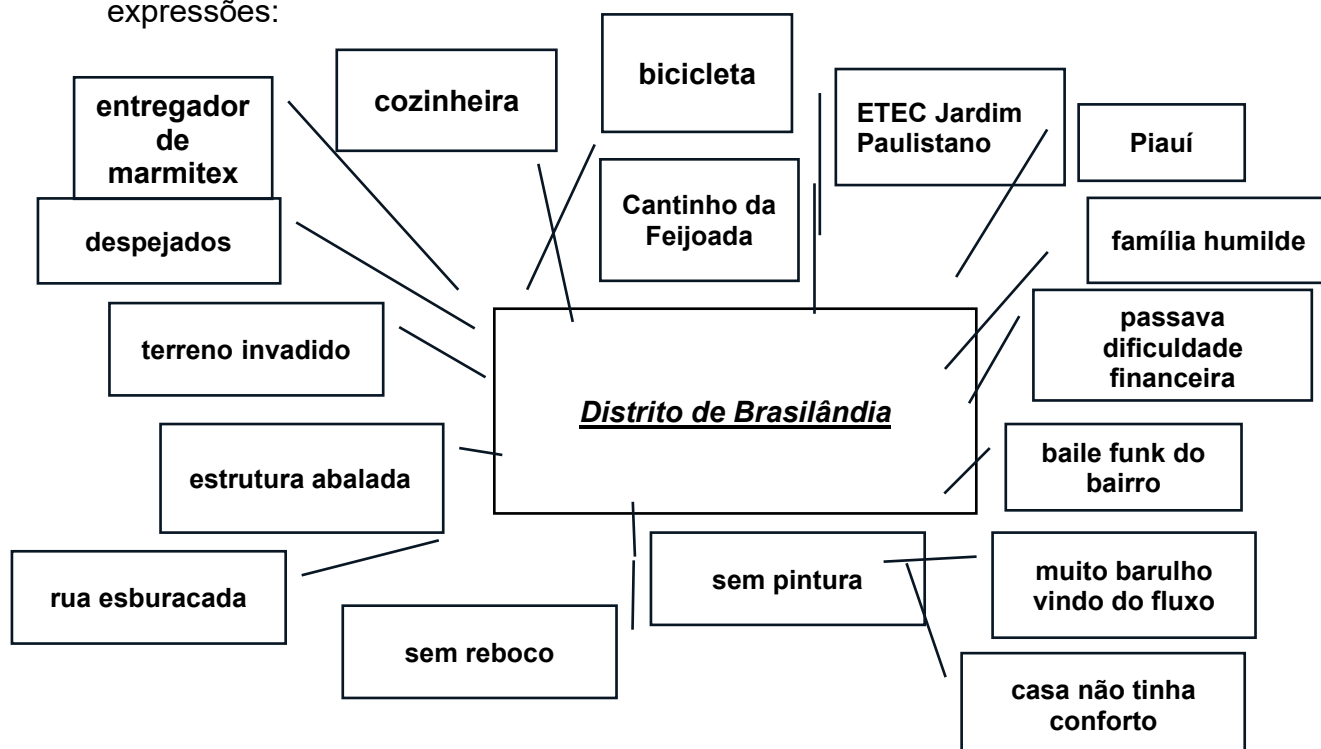
Acolhidos pelo primo, ambos começaram a trabalhar em um restaurante do bairro. Para fazer as entregas, Pequeno Polegar recebeu uma bicicleta e descobriu que ela era mágica, por alcançar alta velocidade. Com a boa qualidade e empenho no serviço, o jovem conseguiu o cargo de gerente. Ao juntar dinheiro, a família viajou para o Piauí e levou a bicicleta, resolvendo morar por lá e abrir um restaurante, aproveitando a bicicleta mágica para realizar novas entregas.

Para realizar a releitura de “O Pequeno Polegar”, o grupo estabelece a intertextualidade com a versão dos Irmãos Grimm, ao citar que o menino era filho único, bem cuidado, amado e desejado pela família, e também com a versão de Perrault, ao enfatizar as dificuldades financeiras enfrentadas. O apelido, a baixa estatura e a agilidade do protagonista fazem referência às duas versões lidas em sala de aula. Já pelo título, “O Pequeno Polegar do Paulistano”, fica explícita a referência ao clássico conto maravilhoso.

Diferentemente dos textos estudados, em que o menino sai de sua casa, enfrenta desafios e retorna, nesse conto, todas as vezes que ele precisa partir, permanece acompanhado por alguém de sua família: no primeiro momento, vai viver com a avó, devido à morte dos pais; no segundo momento, é despejado e vai, com a avó, morar na casa do primo; no terceiro momento, os três se mudam para o Piauí, para abrir o próprio comércio e viver com melhor qualidade de vida.

O objeto mágico citado no texto, a bicicleta, é um meio para auxiliar no trabalho, e, a partir do esforço coletivo, a família consegue mudar o padrão de vida, saindo da situação em que “passava dificuldade financeira” para a que “juntou uma boa quantidade de dinheiro e fez uma viagem de avião” e “abriu um restaurante”. Diferentemente da versão de Perrault, a família não encontra tesouros ou grandes fortunas, em vez disso, permanece trabalhando para garantir o sustento.

Para contextualizar a realidade do distrito, o conto apresenta as seguintes expressões:



A partir das expressões citadas acima, percebe-se que o conto apresenta a realidade de muitas famílias que vivem nas comunidades carentes do distrito de Brasilândia. Como tema central, está a pobreza de uma família que permanece unida, apesar de todos os desafios, e consegue a superação por meio do trabalho.

Para indicar as condições de vida, aparecem as expressões “família humilde”, “passava dificuldade financeira” e “despejados”. O uso da unidade lexical “humilde”, recorrente em outros contos citados anteriormente, reforça a simplicidade e pobreza que os levam a ter a casa destruída.

Ao descrever a casa da avó, o texto faz um retrato da paisagem de muitas outras moradias presentes no bairro, a partir das expressões “casa não tinha conforto”, “sem pintura”, “sem reboco”, “rua esburacada”, “estrutura abalada” e “terreno invadido”. Muitos dos estudantes do CEU Jardim Paulistano e região não têm espaço reservado para estudo em suas residências, tampouco acesso às tecnologias para fazerem as lições de casa. Em construções verticalizadas, as residências com pouca estrutura ocupam as ladeiras e demais ruas estreitas. A realidade presente no conto precisa ser considerada por todos os professores ao elaborarem aulas significativas à sua turma e trazerem os temas para debate em sala de aula.

Como espaço de lazer, o conto cita o “fluxo”, palavra que nomeia, popularmente, os bailes funks. A partir da expressão “muito barulho”, o grupo de estudantes escritores mostra uma visão negativa do evento, uma vez que “barulho” carrega em si a noção de incômodo, intensificado pelo uso do advérbio de intensidade “muito”. Como já citado anteriormente, os bailes funks ocupam espaços abertos, beirando as janelas das casas e, por ocorrerem durante toda a madrugada, causam transtornos para todos aqueles que desejam descansar.

Para indicar a localização do espaço, o texto cita uma escola e um comércio local, sendo eles “ETEC Jardim Paulistano” e “Cantinho da Feijoada”. Quando sabemos que o Pequeno Polegar estuda na ETEC, o conto reforça a informação dada previamente de que ele era inteligente, pois é uma escola que exige prova para a admissão e é uma das mais concorridas do bairro Jardim Paulistano.

Reforçando a importância do comércio local para a geração de emprego aos moradores locais, o Cantinho da Feijoada é citado como o lugar de trabalho em que a avó e o jovem começam a melhorar as condições de vida, sendo a avó a cozinheira e o menino, o entregador (posteriormente passando a gerente). A bicicleta é um dos

meios de locomoção utilizados pelos entregadores de refeições, em geral, por aqueles que têm menores condições financeiras, já que exige maior esforço físico para subir as ladeiras que compõem a geografia dos bairros da região. O Pequeno Polegar do Paulistano, conforme indicado no conto, não possuía nem mesmo a bicicleta, havendo recebido uma de presente para poder trabalhar. Por se tratar de um objeto mágico, ele não precisou fazer esforços para percorrer as comunidades, alcançando uma velocidade superior aos demais entregadores e se destacando em seu trabalho.

Quando o protagonista da história consegue juntar dinheiro e decide se mudar para o Piauí com sua família, aparece outra característica do distrito de Brasilândia: a grande presença de migrantes nordestinos que vieram a São Paulo em busca de melhores condições de vida e oportunidade de trabalho. Muitas dessas pessoas que vivem na Brasilândia, ao conseguirem guardar economias, retornam ao estado de origem para ficarem próximas dos demais familiares.

6.11 O Pequeno Ryan

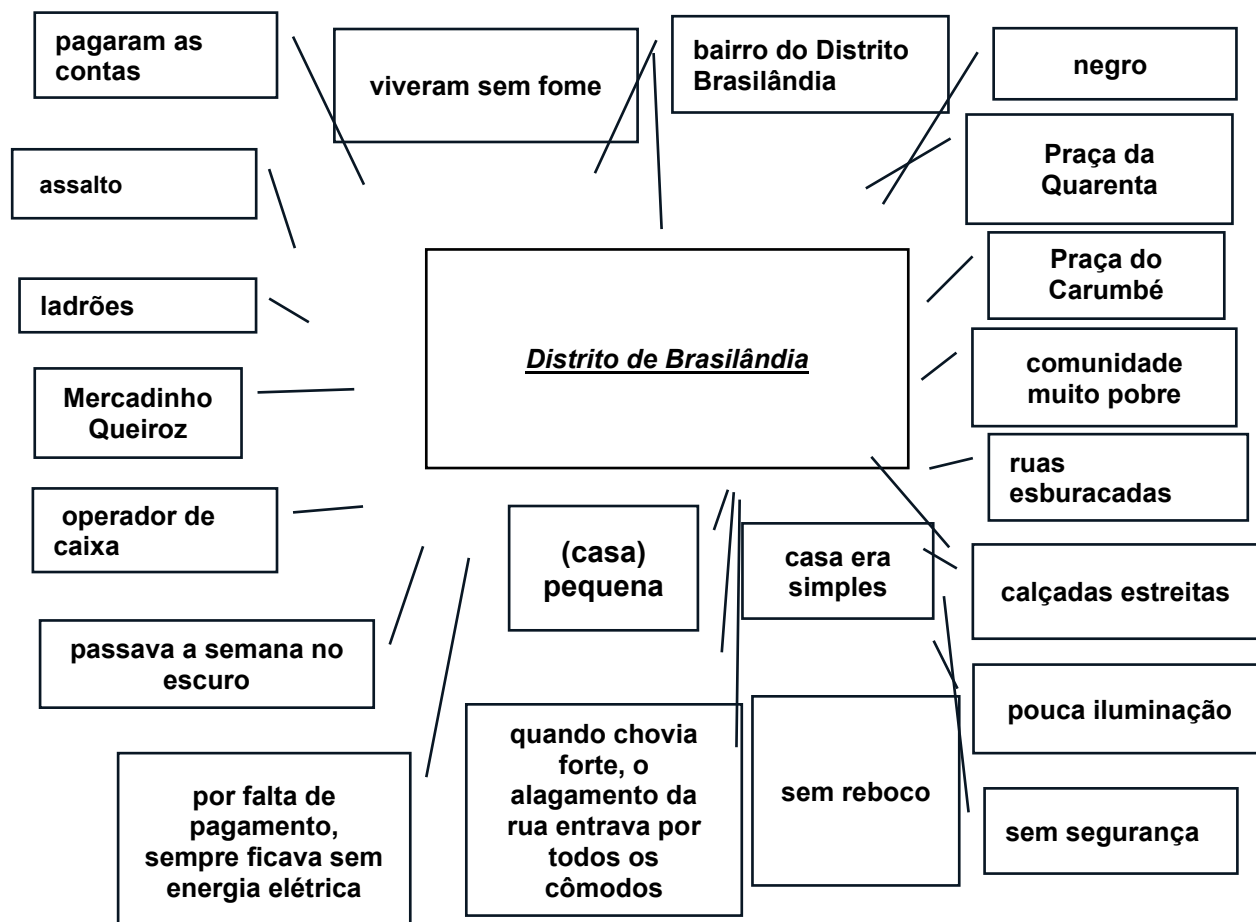
O texto conta a história de Ryan, um jovem de dezessete anos, negro, pequeno, que sofria bullying ao percorrer as praças da comunidade. Cansado da vida muito pobre e sofrida, ele começou a trabalhar no Mercadinho Queiroz e passou a viver no galpão do estabelecimento, onde os funcionários guardavam os alimentos.

Certa noite, dois homens tentaram assaltar o mercado, mas, com a ajuda de um par de botas que dava velocidade e uma capa da invisibilidade, Ryan impediu o assalto e, com a venda dos objetos, conseguiu ajudar a sua família, comprando alimentos e pagando as contas.

Para estabelecer intertextualidade com o conto “O Pequeno Polegar” e produzir uma releitura da obra, o texto retoma a versão de Perrault, ao descrever a pobreza da família, o tamanho do menino, a rejeição que ele sofria, o encontro da bota mágica que lhe dava velocidade e a astúcia para vencer os desafios e retornar à casa com recurso financeiro para ajudar a melhorar a qualidade de vida da família. Ao citar que Ryan aproveita que não está sendo visto e faz bastante barulho para impedir um assalto, o conto retoma a versão dos Irmãos Grimm.

Durante a leitura do conto, percebe-se diversas referências ao distrito Brasilândia, desde os lugares mais frequentados, até as dificuldades financeiras enfrentadas por grande parte da população. As expressões utilizadas para a

contextualização foram:



A partir das expressões destacadas acima, percebe-se que o texto enfatiza a pobreza vivida pela família, tanto pela descrição da casa e da comunidade ao redor, quanto pela falta de dinheiro para as necessidades básicas do dia a dia. Para a construção desse cenário, tem-se “comunidade muito pobre” (advérbio de intensidade “muito”, reforçando a pobreza vivida não apenas por Ryan, mas também pelas demais famílias que moravam naquele território); “ruas esburacadas”, “calçadas estreitas”, “pouca iluminação”, “sem segurança”, “quando chovia forte, o alagamento da rua entrava por todos os cômodos”, indicando a ausência do Estado para o bem-estar da população, que não realiza as obras necessárias para garantir a acessibilidade, a saúde e a segurança; “casa era simples”, “sem reboco”, “pequena”, para caracterizar a casa, indicando que não apenas o bairro era carente, como também a família do protagonista, o que é reforçado por “por falta de pagamento, sempre ficava sem energia elétrica” e “passava a semana no escuro”. A precariedade e a busca pela

sobrevivência retratam a vida de muitos moradores do distrito de Brasilândia, percebidas ao andarmos pelas ruas das comunidades e conversar com os moradores. Esse fator também está indicado pelo Mapa de Desigualdade Social, conforme apresentado nos capítulos anteriores.

A falta de segurança resulta em assaltos e furtos a moradores e comércios, embora sejam menos frequentes nas comunidades mais carentes. No conto “O Pequeno Ryan”, essa realidade é apresentada a partir de “ladrões” e “assalto”, quando o local de trabalho do protagonista é invadido na madrugada.

A importância do comércio local mais uma vez é retratada como fonte de renda aos moradores. Trabalhando como operador de caixa e também realizando venda na praça, Ryan, assim como muitos personagens da vida real, consegue dinheiro suficiente para resolver os problemas com as contas mais urgentes e com a ausência de comida. Apesar de o texto citar que a família comprou “uns alimentos” e não tem nenhuma fortuna adquirida, apenas mil reais usados para as necessidades mais urgentes, o conto finaliza com “viveram sem fome e felizes”. Podemos entender que o trabalho do Ryan continuou evitando que a família passasse fome. Ainda sobre trabalho, é importante observar que os objetos mágicos presentes no conto auxiliam na fuga do protagonista e em sua ação heroica de proteger o seu lugar de sustento, mas não garantem sua mudança de vida.

Para indicar o lugar onde a ação acontece, além de nomear o mercado, temos também “bairro do Distrito Brasilândia”, “Praça da Quarenta” e “Praça do Carumbé”, estando a primeira praça localizada no bairro Jardim Paulistano e a segunda, no bairro Carumbé. Para indicar a população, o texto caracteriza Ryan como um jovem negro.

6.12 Pequena Menina e o cinto mágico

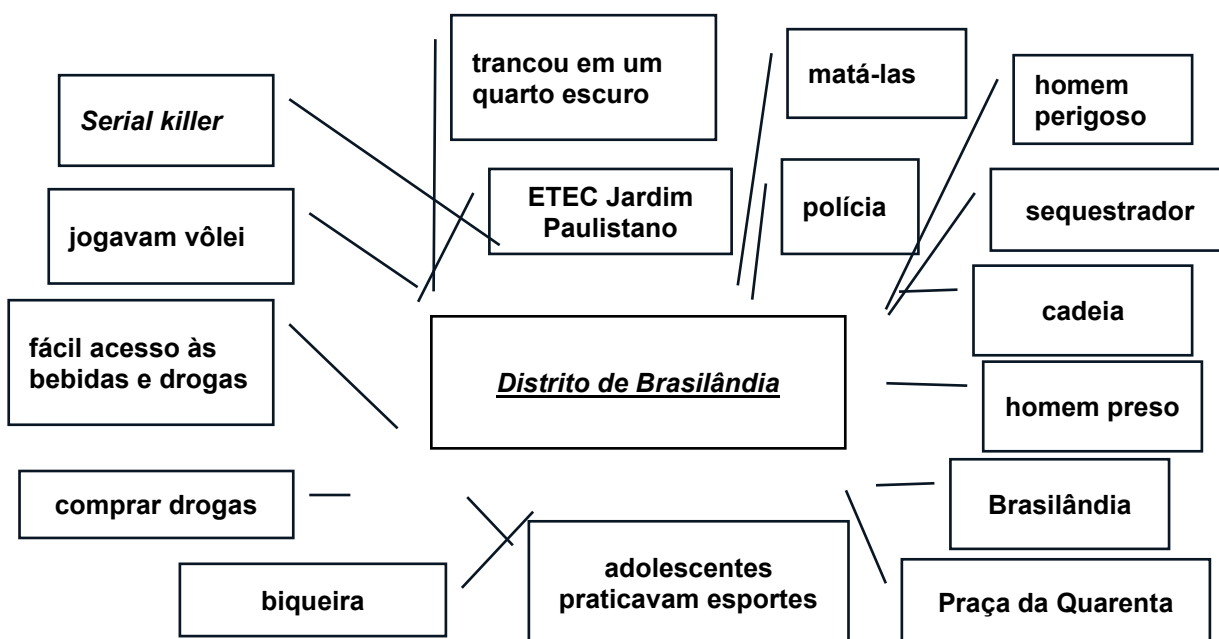
Esse conto narra a história de uma jovem de dezesseis anos, chamada Letícia, muito baixa, estudante da ETEC Jardim Paulistano e moradora da região. Vivia com os seus pais em um lugar de fácil acesso às drogas, no entanto, preferia ter uma vida saudável.

Na viagem de formatura de seu curso, um acampamento no interior de São Paulo, foi enganada por um *serial killer*, que a prendeu em um quarto escuro, enquanto procurava novas vítimas. Com a ajuda de um cinto mágico, a menina conseguiu retornar ao acampamento e, com a denúncia à polícia, o perigoso homem foi preso.

Ao retornar para a casa, a família da jovem ficou feliz e aliviada por vê-la segura e a orientou para que ela não fosse enganada novamente. Ao se formar no curso da ETEC, Letícia conseguiu bons empregos, ajudou na renda familiar e deu muito orgulho para todos.

Para estabelecer a intertextualidade com o conto “O Pequeno Polegar”, o grupo recorre à versão dos Irmãos Grimm, pelo esforço e cuidados da família com a menina e pelo tamanho pequeno dela, também citado na versão de Perrault. O esforço da jovem para proporcionar melhores condições de vida aos seus familiares faz referência às leituras e discussões sobre a versão de Perrault, podendo ser o *serial killer* uma referência ao Ogro. Embora uma das características principais do Pequeno Polegar seja a astúcia, Letícia apresenta-se como uma jovem mais inocente, porém inteligente e bastante dedicada aos estudos e ao trabalho.

Para se referir aos dias atuais e ao distrito, o texto utiliza as seguintes expressões:



Observando as expressões acima, nota-se que o texto enfatiza o uso de drogas e a criminalidade. Considerando que a proposta de escrita pedia que o conto trouxesse aspectos que os estudantes considerassem de maior destaque da comunidade em que vivem, pode-se concluir que, assim como citado por outros estudantes, o sequestro e o fácil acesso às drogas são as problemáticas que mais

lhes chamam a atenção.

Para nomear o espaço, o grupo cita o distrito, a praça principal e a escola, sendo respectivamente “Brasilândia”, “Praça da Quarenta” e “ETEC Paulistano”. Ao citar o uso dos espaços para o lazer e esporte, o texto apresenta as expressões “adolescentes praticavam esportes” e “jogavam vôlei”, práticas bastante comuns nas ruas e praças da região.

Ao falar sobre a presença das drogas e a facilidade de acesso aos moradores, encontramos as expressões “biqueira”, “comprar drogas”, “fácil acesso às bebidas e drogas”, sendo que “biqueira” é uma expressão coloquial muito utilizada na fala cotidiana das pessoas da periferia, também encontrada em letras de músicas e poesias marginais, para referir-se ao local de venda de drogas.

Ao abordar sobre o assunto sequestro, são usadas as expressões “*serial killer*”, “trancou em um quarto escuro”, “matá-las”, “polícia”, “homem perigoso”, “sequestrador”, “cadeia” e “homem preso”. Apesar de a sequência de fatos que narra o crime não ter acontecido no bairro onde Letícia morava, mas sim no acampamento, ao escolhê-la como maior desafio e problemática a ser superada pela jovem, o grupo de estudantes escritores mostra a preocupação de moradores e pessoas de seu convívio com a falta de segurança cotidiana. Essa temática é recorrente em outros contos que compõem o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, conforme citado anteriormente.

Mais uma vez, a polícia é citada como um elemento de cuidado e proteção. Apesar da presença do elemento mágico presente no mundo da fantasia, é pela ação policial, assim como ocorre na vida real, que o crime é combatido e vencido.

6.13 Pobre pequeno Vitor

Esse conto narra a história de Vitor, um menino muito pobre, de treze anos de idade, morador do bairro Jardim Paulistano, estudante do CEU, anão, que sofria bullying e vivia apenas com o pai, pois sua mãe sofreu complicações no parto e faleceu. Para ajudar no sustento da casa, o garoto trabalhava em uma borracharia do bairro, como ajudante, mesmo sendo menor de idade.

Em um dia de trabalho, Vitor ficou preso dentro de um pneu de um caminhão que ele estava consertando. Sem perceber o que estava acontecendo, o caminhoneiro seguiu viagem, levando-o até a cidade do Rio de Janeiro. No percurso, um pássaro

mágico, falante, ajudou o menino a escapar do perigo, mas ele permaneceu no caminho.

Ao sentir fome, Vitor e seu novo amigo entraram em uma padaria e furtaram um sonho, pois não tinham dinheiro para se alimentar, mas foram perseguidos, amarrados e presos no fundo do comércio, em um lugar escuro, pelo padeiro. Com a ajuda do pássaro, o menino conseguiu se soltar das cordas e encontrar o aparelho celular do padeiro desbloqueado. Para pedir socorro, ele ligou para a polícia, que chegou até o estabelecimento pelo localizador do aparelho telefônico. O padeiro foi preso e, após uma troca de tiros com a polícia, descobriu-se que ele era um mafioso.

Sensibilizada com a situação do menino, a polícia o ajuda com comida e dinheiro para que ele voltasse para casa. Subindo nas costas do pássaro mágico, Vitor retorna para o seu bairro e, com o dinheiro que economizou na viagem, comprou o sonho que tanto desejava e outros alimentos para levar para casa.

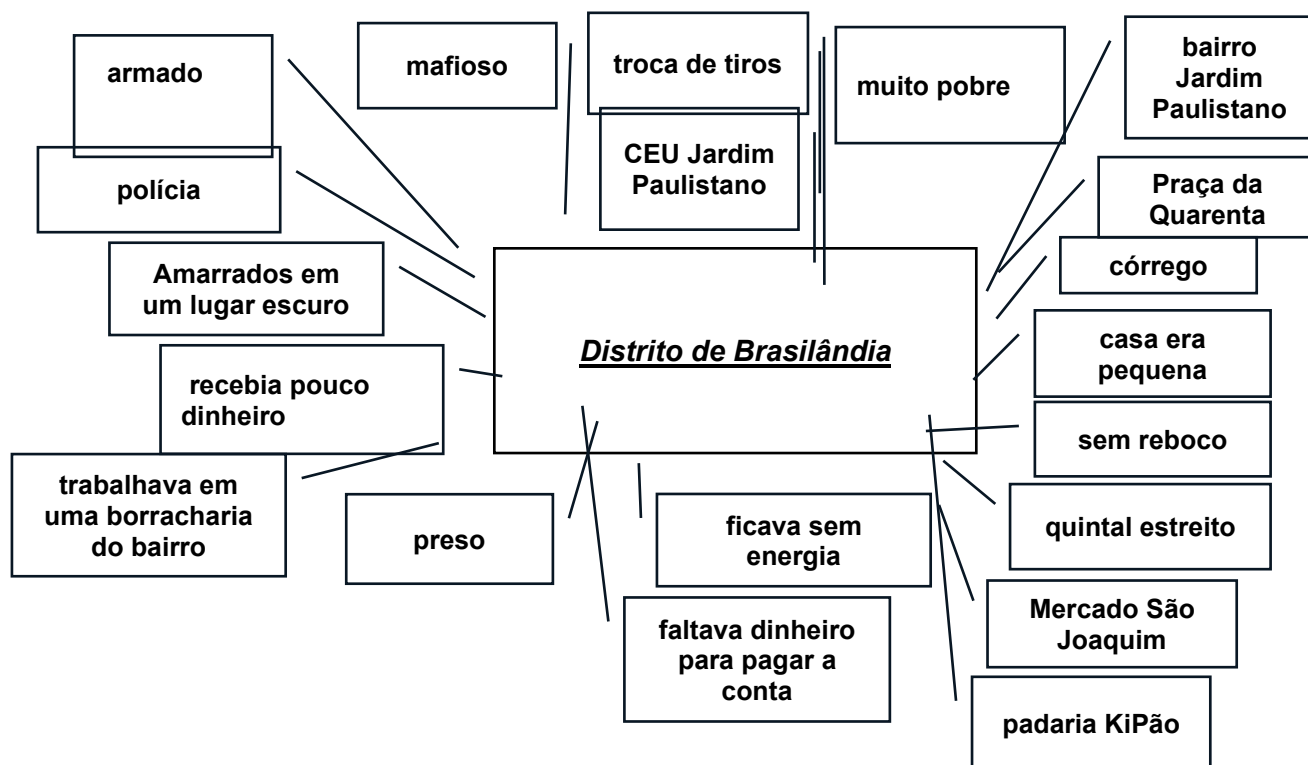
O pai ficou emocionado por reencontrar o filho e feliz pelas sacolas de comida que ele havia trazido. Naquela semana, Vitor recebeu uma recompensa pela prisão do mafioso, a qual ajudou ainda mais no sustento e bem-estar da família e do pássaro mágico.

Na leitura do conto, observamos a intertextualidade estabelecida com “O Pequeno Polegar”, na versão de Perrault, a partir da ênfase da pobreza vivida pela família, do enfrentamento de um homem perigoso (em Perrault, um ogro, em “Pobre pequeno Vitor”, o mafioso padeiro), do retorno do protagonista à casa, trazendo recursos para melhores condições de vida. A astúcia e a baixa estatura do menino remetem à versão de Perrault e à dos Irmãos Grimm, enquanto o carinho entre pai e filho retoma a versão dos Irmãos Grimm.

É importante observar que a perseguição ao protagonista se dá por sua busca a um sonho, possibilitando uma dupla interpretação a partir da unidade lexical “sonho”: o sentido denotativo, em que “sonho” é o doce encontrado na padaria, que o seduz pela aparência e permite saciar a fome e o desejo; o sentido conotativo, em que “sonho” indica o ideal, o objetivo de vida do menino. A pobreza impede o acesso às duas possibilidades, uma vez que o menino não tem dinheiro para comprar o doce, e o seu cotidiano difícil de trabalho pesado e privações o impossibilita de imaginar e realizar seus objetivos. Para muitos jovens da periferia, conquistar os seus sonhos é quase uma ação impossível.

Ao contextualizar a história nos dias atuais e na realidade do distrito de

Brasilândia, além da relação com o sonhar, percebe-se demais referências a partir das seguintes expressões:



Ao indicar o local e situá-lo, o texto nomeia a escola “CEU Jardim Paulistano”, o bairro “Jardim Paulistano”, a praça mais frequentada “Praça da Quarenta” e dois comércios, “Mercado São Joaquim” e “padaria KiPão”, além de indicar a presença do “córrego”, todos no distrito de Brasilândia.

Sobre a situação financeira do protagonista, há as expressões “muito pobre”, “faltava dinheiro para pagar a conta” e “recebia pouco dinheiro”, estabelecendo relação com a realidade de muitos moradores das comunidades da região, que vivem apenas com o suficiente para sobreviver, apesar do esforço e da dedicação para melhorar a qualidade de vida. Como fonte de renda, o texto aponta, assim como os demais contos escritos pela turma, a importância do comércio local. Vitor, o protagonista da história, representa a vida de muitos adolescentes da região que precisam trabalhar, mesmo tendo pouca idade, para ajudar no sustento do lar. Conforme destacado acima, o texto afirma que Vitor “trabalhava em uma borracharia do bairro”, o que não lhe garantia uma boa renda, já que os serviços informais nem sempre oferecem os melhores salários.

A casa onde Vitor morava com o pai condiz com a situação financeira descrita,

marcada pelas expressões “casa era pequena”, “sem reboco”, “quintal estreito” e “ficava sem energia”. Muitas moradias da região assemelham-se a essa descrição, embora haja situações ainda mais precárias, formando a paisagem dos morros e regiões mais carentes. Para Vitor, faltava-lhe não apenas o dinheiro para pagar a conta de luz, como também para comprar velas.

Além de superar os desafios da pobreza, o protagonista teve outros dois problemas a serem enfrentados: o acidente de trabalho, comum em trabalhos braçais, ainda mais quando realizados por menores de idade, e o mafioso, que o amarrou em um local escuro. A atitude do padeiro remete a duas situações: a sequestros, citados nos contos anteriores analisados, e a ação de comerciantes locais para inibir furtos e ataques aos seus estabelecimentos. Em 2017, por exemplo, João Vitor, nome similar ao do protagonista do conto, também com treze anos de idade, foi encontrado morto em frente à lanchonete Habib's, no bairro Vila Nova Cachoeirinha, próximo ao ambiente de moradia descrito em “Pobre pequeno Vitor”. Segundo testemunhas, o menino foi agredido por funcionários do estabelecimento por pedir esmolas e incomodar os clientes. O laudo médico atestou que o menino teve uma parada cardiorrespiratória causada por entorpecentes, e não houve apuração sobre as possíveis agressões sofridas, conforme a reportagem da G1 SP, por Kleber Tomaz (2019). O caso gerou bastante revolta à população na ocasião, levando a manifestações e ataques contra a lanchonete.

Vitor, assemelhando-se a personagens da vida real, furta a padaria ao sentir fome e desejo pelo sonho, sendo perseguido e amarrado logo a seguir pelo padeiro. As expressões que indicam a sequência de fatos são “amarrados em um lugar escuro”, “polícia”, “armado”, “mafioso” e “troca de tiros”. Embora o furto tenha ocorrido quando o protagonista estava no Rio de Janeiro, percebe-se semelhanças entre a realidade vivenciada fora da ficção por jovens das comunidades cariocas e jovens das periferias de São Paulo, que enfrentam pobreza, diversos tipos de violências (físicas e sociais) e têm acesso fácil ao mundo da criminalidade.

Diferentemente do final trágico de João Vitor e tantas crianças e jovens das periferias, Vitor, personagem do conto, não é penalizado pelo furto, mas recebe ajuda da polícia, que se sensibiliza com a história do garotinho e identifica que o padeiro era um perigoso mafioso que estava sendo procurado. É por meio do trabalho e da ajuda policial que o protagonista deixa a vida de fome e escassez, auxiliando o pai com o sustento da casa.

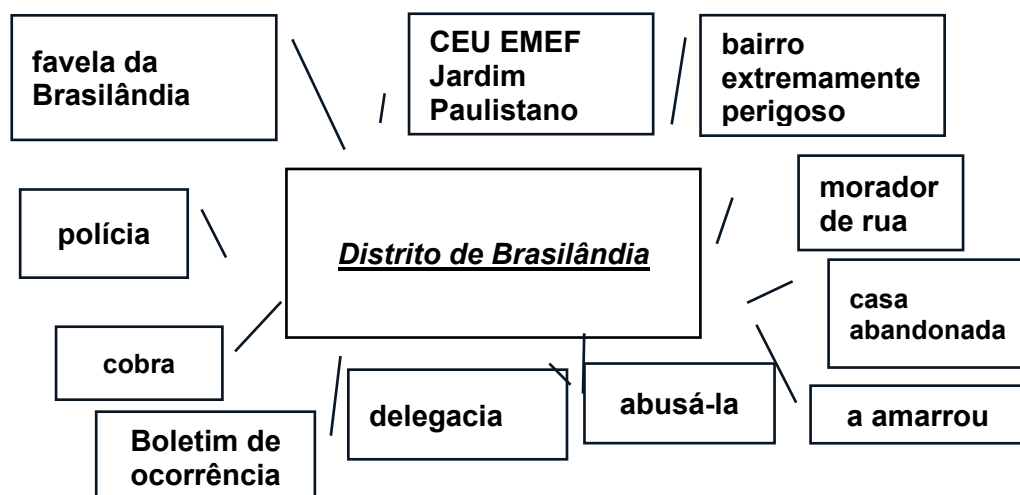
6.14 Uma pequena imaginação brilhante

O conto narra a história de uma adolescente com Síndrome de Down chamada Giullia, moradora de uma favela na Brasilândia, estudante da escola CEU EMEF Jardim Paulistano, muito amada e protegida pelos pais, mas que vivia triste por sofrer bullying.

Um dia, ao retornar da aula, ela aproveitou um momento de distração da mãe e fugiu, com a intenção de conhecer coisas novas, mas foi levada por um morador de rua para uma casa abandonada, amarrada e ali deixada para ser abusada.

Enquanto estava sozinha, Giullia encontrou uma cobra mágica, que lhe concedeu três desejos realizados: voltar para casa, encontrar um tesouro e deixar de sofrer bullying. A menina, então, retornou com a ajuda de uma bota de sete léguas, conseguiu ajudar a família com as joias e ouro do baú encontrado e parou de sofrer preconceito na escola. Ao terminar os estudos, ela se tornou escritora.

Para cumprir a proposta de escrever uma releitura de “O Pequeno Polegar”, o texto retoma a versão dos Irmãos Grimm, ao citar que a menina era amada e protegida pelos pais, por sua partida em busca de conhecer melhor a si mesma e o mundo que a rodeava. Dialoga com a versão de Perrault ao colocar o morador de rua como ameaça à vida, assim como o papel ocupado pelo Ogro. Também pela presença das botas de sete léguas, que lhe dão velocidade para voltar para casa, e o retorno com o tesouro, possibilitando melhores condições de vida para a família. Para apresentar os dias atuais e o distrito de Brasilândia, encontramos as seguintes expressões:



A partir das expressões acima destacadas, observa-se a ênfase ao sequestro, assim como citado nos demais contos do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”. Para expressar a sequência narrativa desse fato, temos “morador de rua”, “casa abandonada”, “a amarrou”, “abusá-la”, “delegacia” e “polícia”, sendo o morador de rua o criminoso; a casa abandonada, o cativo; a polícia e a delegacia, os recursos que os pais procuram para salvar a menina, embora a cobra e também a bota de sete léguas tenham sido os elementos mágicos, que possibilitaram a sua segurança.

A referência ao sequestro, conforme apresentado nos itens anteriores, retrata o que a imprensa narra a respeito do distrito, como um dos locais para onde as pessoas sequestradas são levadas, além de casos de moradores locais desaparecidos. A presença de pessoas em situação de rua não era muito frequente, devido à ocupação de terrenos e construção de barracos, mas, após o período de pandemia, houve um aumento de casos nas principais avenidas.

Para citar o local onde se passa a narrativa, o conto indica “favela da Brasilândia” e “CEU EMEF Jardim Paulistano”. Para caracterizá-lo, aparece a expressão “bairro extremamente perigoso”, com o uso do advérbio de intensidade “extremamente” para reforçar a falta de segurança da região. Apesar de muitos moradores sentirem segurança para andar pelas ruas do bairro, as notícias de assalto, sequestros e demais violências fazem com que parte da população fique atenta, evitando que suas crianças andem sozinhas.

A escolha da cobra como elemento mágico não é aleatória. Nas ruas próximas das matas, como o espaço do CEU Jardim Paulistano, sempre é encontrada alguma espécie do animal, portanto, isso é bastante comum à comunidade escolar e aos moradores da região.

6.15 Zé Pequeno em busca do pai

O conto narra a história de um adolescente chamado José Figueiredo, mais conhecido como Zé Pequeno. De estatura pequena, pobre, sofria bullying pelas ruas e na escola.

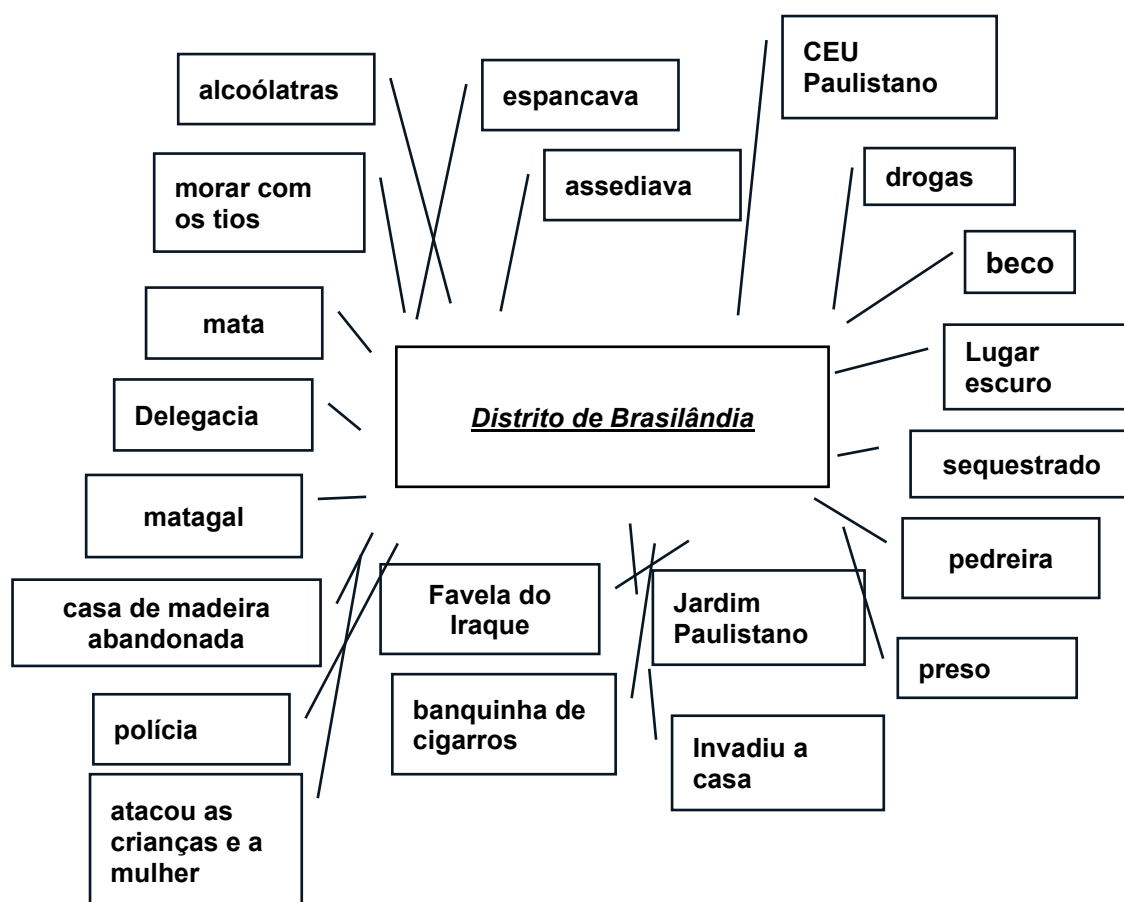
Um dia, ele parou para conversar com um antigo amigo que estava acompanhado por outros garotos usuários de drogas. Para não serem vistos pela polícia, foram a um beco escuro, onde o grupo se transformou em uma gangue de vampiros e sequestrou Zé Pequeno, o levando para a pedreira do Jardim Paulistano.

Após muita procura, seu pai o encontrou e denunciou o caso à polícia, o que ocasionou uma vingança e a morte da mãe e dos irmãos de Zé Pequeno, que foram atacados pelos vampiros.

Rejeitado pelo pai, o garotinho passou a morar com os tios, pelos quais sofreu maus tratos devido ao vício em álcool de seus familiares. O fantasma da mãe então apareceu e indicou a existência de uma pedra azul, próxima à piscina do CEU, que concedia a realização de dois pedidos. O menino, ao encontrá-la, pediu a reconciliação com o pai e dinheiro para terem melhores condições de vida. A gangue de vampiros e os tios foram presos. Com o dinheiro do baú com ouro encontrado, mudaram de bairro e compraram uma nova casa.

Durante a leitura do conto, percebe-se a intertextualidade com “O Pequeno Polegar” na versão de Perrault, pela morte das crianças e da mulher (no conto estudado em aula, as crianças têm a cabeça cortada e a mulher é maltratada), a rejeição vinda do pai, a astúcia do protagonista, apesar da pequena estatura, o retorno à casa com o tesouro, a reconciliação com a família e a melhora da situação financeira.

Para contextualizar a realidade do distrito, temos as seguintes expressões:



Para situar o espaço, o texto nomeia o bairro, a escola e uma comunidade da região: “Jardim Paulistano”, “CEU Paulistano”, “Favela do Iraque”, e cita também a pedreira, onde havia um lago e muitas árvores, com “mata” e “matagal”, conforme indicado no texto. Após a desativação dos trabalhos da empresa Veiga Sopave, o espaço da antiga pedreira passou a ter pouco acesso e ficar bastante perigoso, por ser afastado e com pouca visibilidade para as pessoas que circulavam pelo bairro. Apesar da beleza, a comunidade não a frequentava, com medo de assaltos, sequestros ou, até mesmo, abusos. Atualmente é um dos locais onde está sendo construída a estação de metrô da região.

Assim como indicado pelo líder comunitário, Fábio — mencionado em capítulos anteriores desta dissertação — e por demais moradores do bairro, o grupo de estudantes escritores destaca o problema enfrentado na região com drogas ilícitas e o álcool, assim como a violência contra mulheres e crianças. Para indicar essas problemáticas, temos o uso das unidades lexicais “drogas”, “alcoólatras”, “assediava”, “espancava”, e da expressão “atacou as crianças e as mulheres”.

De livre acesso a todos, as bebidas alcoólicas são frequentes em festas, bailes funks e confraternizações entre grupos de amigos, chegando a ser oferecidas até mesmo aos adolescentes pela própria família e por amigos mais próximos. As drogas ilícitas podem ser encontradas nos pontos de vendas nas comunidades, também circulando em rodas de amigos, conforme é narrado no texto. Com o problema de vícios, agrava-se os casos de violência doméstica, havendo mais ocorrências de feminicídio e maus tratos aos menores. ONGs, órgãos da Saúde e da Educação fazem trabalhos para auxiliar as vítimas e tentar combater a criminalidade, por meio da prevenção. Em muitos casos, não há a efetiva participação da polícia, por não haver a denúncia.

No conto “Zé Pequeno em busca do pai”, a família denuncia os criminosos e, como vingança, há o assassinato da mulher e de seus filhos. Da mesma forma, no cotidiano das comunidades, a denúncia nem sempre é uma medida efetiva de proteção e amparo às vítimas. Apesar de não impedir o crime, a polícia, no conto, é apontada como protetora, ao prender a gangue de vampiros e os tios. Verificam-se as seguintes escolhas lexicais: “polícia”, “delegacia” e “preso”.

Observa-se que o grupo de meninos se transforma em gangue de vampiros após estar em um beco escuro e consumir drogas, podendo ser uma metáfora para a transformação sofrida pelas pessoas quando são dependentes químicas e estão sob

o efeito de entorpecentes. O objeto mágico, a pedra mágica, também pode fazer referência à droga ilícita, como o crack, por exemplo, podendo também assumir o sentido literal e ser uma das pedras encontradas nas muitas áreas verdes do bairro.

Outro indicador de criminalidade apontado pelo conto, assim como em outros textos do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, é o sequestro, indicado por “sequestrado”, “casa de madeira abandonada” (o cativeiro para onde levaram o Zé Pequeno).

A temática do abandono paterno, assim como em outros contos do livro, é presente na narrativa quando o pai trata mal o filho e o culpa pela tragédia ocorrida em sua casa. O adolescente então vai morar com os tios, pelos quais é agredido. A ausência do pai, conforme citado anteriormente, é uma realidade enfrentada por muitas famílias brasileiras, afetando, também, as crianças e os adolescentes das comunidades da Brasilândia. O problema de relacionamento entre filhos e o pai é um dos temas bastante frequente na escolha dos estudantes do CEU Paulistano ao escrever seus contos para o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, atendendo à proposta de abordar temas que apontem as dificuldades enfrentadas pelos jovens da comunidade local.

Em “Zé Pequeno em busca do pai”, o protagonista tem a oportunidade de fazer qualquer pedido à pedra mágica, no entanto, ele não pensa em pedir a vida de seus irmãos e mãe, também não pensa em benefícios para si próprio, mas a primeira coisa que ele pede é a reconciliação com o pai, seguido pelo pedido de dinheiro para poder ajudar com as despesas de sua casa. Os dois pedidos, portanto, concentram-se no relacionamento paterno. Com a saída do adolescente de casa, não é o pai quem o busca, mas o filho que quer a reconciliação e a presença física paterna. Se no começo o pai procura o filho no matagal, após o assassinato da família, é o filho quem passa a buscar o carinho do pai, indicando a razão do título “Zé Pequeno em busca do pai”.

O nome do personagem principal, “Zé Pequeno”, faz referência ao famoso criminoso carioca, mostrando uma realidade parecida entre as comunidades periféricas brasileiras.

6.16 Afinal, o que retrata o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”? — Uma análise geral dos contos

A partir das análises dos quinze contos que compõem o livro “O Pequeno

Polegar na Quebrada”, observa-se que todos atendem a proposta de criar uma releitura de “O Pequeno Polegar”, alguns mantendo intertextualidade com uma das versões estudadas em sala de aula, outros misturando elementos das duas versões, Perrault e Irmãos Grimm.

Diante do desafio de refletir sobre a comunidade local e apresentá-la aos leitores do conto, contextualizando o tempo, espaço, enredo e conflito, todos os estudantes alcançaram o objetivo, cada grupo destacando aquilo que achava que melhor retrata a periferia onde vive.

Alguns bairros não foram citados diretamente, mas pelas referências de espaços públicos e comerciais, podem ser identificados pelos leitores que convivem nas mesmas comunidades. Outros, no entanto, aparecem explícitos como espaços das narrativas.

Entre os quinze contos do livro, foram citados os seguintes bairros do distrito de Brasilândia:

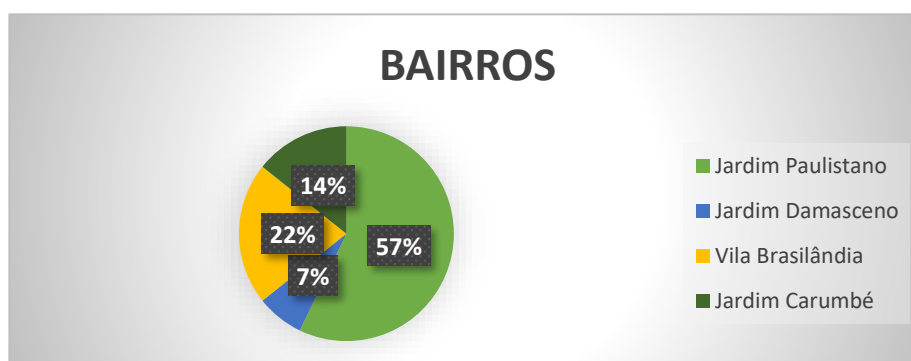
Tabela 4 — Bairros citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Bairros	Quantidade de contos
Jardim Paulistano	8
Vila Brasilândia	3
Jardim Carumbé	2
Jardim Damasceno	1

Fonte: “O Pequeno Polegar na Quebrada”, produzido pelos estudantes.

O quadro acima não indica a quantidade de vezes que a unidade lexical aparece ao longo do livro, mas sim, quantos contos citaram o local como espaço para o desenvolvimento da narrativa. Alguns textos fazem referência a mais de um bairro, estando todos indicados na tabela. Em porcentagem, temos:

Gráfico 1 — Bairros citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”



Fonte: "O Pequeno Polegar na Quebrada", produzido pelos estudantes.

Considerando a escola onde foi realizada a produção escrita, CEU EMEF Jardim Paulistano, e o local onde mora grande parte dos estudantes, o Jardim Paulistano, compreende-se o motivo de os grupos ficarem mais confortáveis para citarem o bairro e os espaços que melhor conhecem.

Como referência aos espaços percorridos pelos personagens, foram citados os comércios mais frequentados pelos moradores, possibilitando o reconhecimento e a identificação pelos leitores. Durante as leituras realizadas pelos professores, estudantes de outras turmas e pais dos estudantes que escreveram os contos, percebeu-se que a identificação dos espaços causou maior interesse pela leitura, bem como a identificação com os personagens, ao perceberem que a vida real estava representada nas páginas do livro, por meio da ficção.

A tabela abaixo mostra quais foram os estabelecimentos comerciais citados no livro:

Tabela 5 — Comércios citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Comércios	Quantidade de contos
<i>Mercados:</i>	
Mercadinho Queiroz	3
Mercado Atacadão	1
Mercado Assaí	1
Mercado São Joaquim	1
<i>Padaria:</i>	
Padaria KiPão	2
<i>Restaurante:</i>	
Cantinho da Feijoada	1

Fonte: "O Pequeno Polegar na Quebrada", produzido pelos estudantes.

Mesmo com o distrito estando em constante desenvolvimento, atraindo o investimento de grandes redes de *fast food* e supermercados, devido à construção das estações do metrô, a partir da tabela acima percebe-se que os pequenos comércios locais, como o Mercadinho Queiroz e a padaria KiPão, são citados como ponto de referência para a identificação do espaço e da comunidade. O Mercadinho Queiroz, por exemplo, está situado ao lado da Praça da Quarenta, e teve outras unidades inauguradas ao longo dos anos, distribuídas pelas ruas do bairro do Jardim Paulistano, bastante frequentado por toda a comunidade.

Ao mencionar as principais fontes de renda dos moradores da periferia, em especial de Brasilândia, os estudantes citam o tráfico de drogas como uma possibilidade para conseguir dinheiro mais rápido, porém, sempre retratado de forma pejorativa e não como uma boa escolha. A tabela abaixo mostra quais foram as profissões citadas de forma positiva.

Tabela 6 — Trabalhos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Trabalhos	Quantidade de contos
Mecânico/proprietário de oficina de motos	1
Empregada doméstica	1
Balconista de farmácia	1
Ajudante de pedreiro	1
Jovem Aprendiz	1
Cozinheira	1
Entregador de marmitex	1
Operador de caixa	1
Borracheiro	1
Vendedor de cigarros	1
Profissional da Saúde	1
Advogado	1
Gerente de restaurante	1
<i>YouTuber</i>	1

Fonte: "O Pequeno Polegar na Quebrada", produzido pelos estudantes.

Observa-se, durante a leitura dos contos, que as narrativas retratam famílias de classe social baixa, algumas passando por muitas dificuldades financeiras, e que, como fonte de renda, são citados trabalhos que não exigem formação superior ou

curso profissional. Conforme indicado na pesquisa realizada pela escola CEU EMEF Jardim Paulistano, grande parte das famílias dos estudantes não possui formação universitária (apenas 2,7% dos pais ou responsáveis pelos educandos cursou o ensino superior). Diante dos desafios para garantir a sobrevivência e qualidade de vida da família, muitos estudantes não conseguem pagar uma graduação, e com a defasagem da Educação Básica, o alcance do acesso à universidade pública ainda é bastante restrito. Os jovens da periferia, muitas vezes, precisam entrar no mercado de trabalho ainda durante a realização do Ensino Médio, restando-lhes um tempo escasso para dedicar-se aos estudos. A gravidez precoce é outro fator que influencia na desistência ou no atraso da conclusão dos estudos. De acordo com o Mapa de Desigualdade Social 2022, Brasilândia ocupa a segunda posição entre os distritos da cidade de São Paulo com o maior índice de gravidez na adolescência.

A partir dos contos de “O Pequeno Polegar na Quebrada”, percebe-se a importância do comércio local para a garantia do sustento de muitas famílias. Devido à grande extensão territorial e ao número elevado de moradores, 263.658 habitantes, as ruas das comunidades oferecem variadas opções de compras e prestação de serviços, como padarias, farmácias, óticas, bares, lojas de roupas com preços populares, papelarias, e até mesmo restaurantes e lanchonetes com cardápios diferenciados, como o “Quebrada Burger”, com lanches artesanais com os nomes que fazem referência a expressões usadas na comunidade, como “Chavão”, “Favela”, “Gueto” e “Pivete”. Entre os profissionais citados nos contos, o advogado é um dos únicos com formação de nível superior, no entanto, ele continua sendo um morador da favela, sem alcançar melhores condições de vida. O gerente de restaurante e o proprietário da oficina de motos alcançam esses cargos após o auxílio do objeto mágico e de muito esforço, misturando realidade e ficção. De acordo com o Mapa de Desigualdade Social 2022, Brasilândia é o distrito com a média salarial menor de toda a cidade. Enquanto a média de São Paulo é de R\$ 4.002,2, a da Brasilândia é de R\$ 1.693,82.

Os textos apontam locais e atividades de lazer, a saber:

Tabela 7 — Práticas de lazer e esportes citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Lazer	Quantidade de contos
Praça da Quarenta	7
Baile funk	3
Práticas de esportes	3

Fonte: "O Pequeno Polegar na Quebrada", produzido pelos estudantes.

Carentes de teatros, museus, parques, quadras e espaços para recreação, as comunidades periféricas reinventam os seus territórios, ocupando as vias públicas para manifestação de suas artes e culturas. A Praça da Quarenta, por exemplo, foi citada em sete entre os quinze contos escritos e é um dos principais espaços do bairro Jardim Paulistano para encontros de grupos, confraternizações, práticas de esportes e brincadeiras para as crianças de todas as idades. Foi construída a partir de reivindicações e organizações sociais, por meio da representação de líderes comunitários em reuniões políticas. A praça foi renomeada como “Praça Marielle Franco”. O fato de ser citada nos contos dos estudantes indica a importância e valorização do espaço para todos os moradores.

Os bailes funks também são citados, em três contos, como manifestação cultural das comunidades, no entanto, neles há ênfase nos aspectos negativos, como o barulho e a presença de drogas e bebidas. As práticas de esportes também são citadas três vezes, ocorrendo na Praça da Quarenta e nas ruas do bairro.

Conforme indicado anteriormente, são poucas as opções de diversão para a comunidade local, sendo que 77% dos estudantes da escola CEU EMEF Jardim Paulistano raramente vão ao shopping ou cinema e 45,6% nunca vão a eventos culturais, conforme a pesquisa indicada no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar. As atividades realizadas no CEU e Casa de Cultura tentam suprir essa lacuna de necessidade para a formação humana.

Para realizar a releitura de “O Pequeno Polegar”, os estudantes escolheram apresentar como espaços não apenas as ruas dos bairros, mas também citaram as escolas onde os protagonistas estudavam, geralmente sofrendo bullying pela baixa estatura. Tais escolhas apontam o cotidiano dos autores dos contos, que passam grande parte de seus dias dentro da escola, em aulas regulares e atividades

extracurriculares oferecidas pelo CEU. Percebe-se que se referem ainda ao número elevado de bullying sofrido durante toda a trajetória escolar, principalmente no período pós-pandêmico, ainda que haja muitos projetos pedagógicos para minimizar e evitar todo ato e tipo de violência.

As escolas citadas no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada” foram:

Tabela 8 — Escolas citadas no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Escolas	Quantidade de contos
CEU EMEF Jardim Paulistano	8
ETEC Jardim Paulistano	2
Cynira Estocco	1
Lilian Maso	1

Fonte: “O Pequeno Polegar na Quebrada”, produzido pelos estudantes.

Todas as unidades escolares citadas estão situadas no bairro Jardim Paulistano, indicando o território de maior conhecimento dos estudantes envolvidos no projeto de escrita.

Para enfatizar a situação de pobreza vivida por muitas famílias, os textos apresentam a descrição das casas, a falta de estrutura das ruas e nomeiam algumas favelas bastante conhecidas no distrito de Brasilândia, sendo elas:

Tabela 9 – Favelas citadas no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Favelas	Quantidade de contos
Favela do Iraque	2
Favela do Pó	1
Favela da Brasilândia	1

Fonte: “O Pequeno Polegar na Quebrada”, produzido pelos estudantes.

A Favela do Iraque, duas vezes citada, está localizada entre os bairros Jardim Paulistano e Jardim Carumbé, cocal com casas e barracos construídos de forma irregular. O nome faz referência ao país do Oriente Médio e à constante violência sofrida em ambos os territórios. Diante da ausência do Estado, a comunidade enfrenta os diversos desafios com a falta de segurança, de saneamento básico, de Educação e Saúde.

A Favela do Pó, citada em um conto, é conhecida pelos moradores e pela

imprensa como um território que sofre com alagamentos, acúmulo de entulhos, violência e a circulação de drogas. Recentemente foi citada nos telejornais pelo funcionamento de biqueiras (pontos de venda de drogas) dentro da comunidade.

Favela da Brasilândia não é o nome específico de uma favela, mas faz referência às favelas e comunidades presentes no bairro. De acordo com o Mapa de Desigualdade Social 2022, a subprefeitura da Brasilândia consta com o segundo maior índice de moradias em risco, bem como de habitações em favelas de toda a cidade.

Diversos são os desafios citados no decorrer dos contos de “O Pequeno Polegar na Quebrada”. Fome, violência, ausência de espaços de esporte, de cultura e lazer, ruas esburacadas, casas em terrenos invadidos e construídas de forma irregular, o crescimento de favelas e a restrição de acesso à formação universitária são alguns dos assuntos citados direta e indiretamente nos textos e aqui já abordados. As situações de conflitos citadas de forma direta, como grandes desafios a serem superados pelos protagonistas, são:

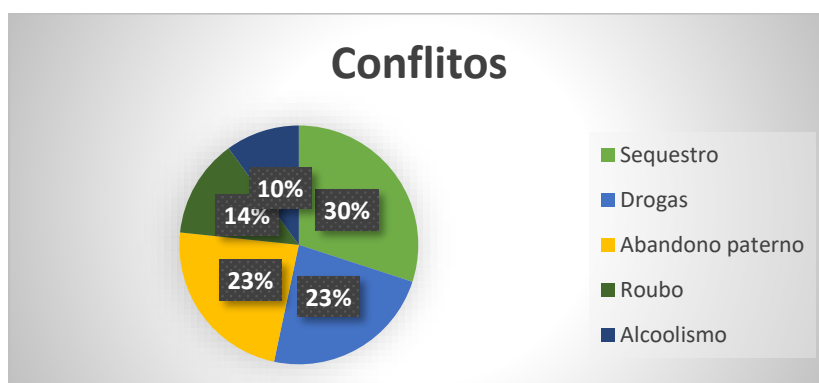
Tabela 10 — Conflitos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”

Conflitos	Quantidade de contos
Sequestro	9
Drogas	7
Abandono paterno	7
Roubo	4
Alcoolismo	3

Fonte: “O Pequeno Polegar na Quebrada”, produzido pelos estudantes.

Em forma de gráfico, apresentam-se os seguintes conflitos mais citados nos contos:

Gráfico 2 — Principais conflitos citados no livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”



Fonte: "O Pequeno Polegar na Quebrada", produzido pelos estudantes.

Conforme a tabela acima, percebe-se que os casos de sequestro predominam entre as narrativas. Podemos considerar como motivo os casos de desaparecimento de adultos e jovens do distrito, divulgados em redes sociais e jornais comunitários. Justamente por temerem que algo aconteça com seus filhos com idade entre doze e treze anos, muitos pais restringem a circulação deles pelas comunidades, com medo da violência, do tráfico, de sequestros e abusos, portanto, esse assunto está presente nos lares e na relação dos pais com seus filhos. Outro motivo bastante influente para a escolha da temática é a divulgação da criminalidade do distrito pela imprensa, em especial pelos jornais sensacionalistas, que passam muito tempo de sua programação enfatizando as tragédias que acontecem por toda a cidade, sendo a Brasilândia muitas vezes citada por ser espaço de cativeiros para sequestros ocorridos em demais localidades. É importante ressaltar que a maioria da população de Brasilândia nunca foi vítima de sequestro, mas, devido aos casos ocorridos, parte dos moradores acaba ficando em estado de alerta.

As drogas são a segunda situação de conflito mais citada nos contos, sendo um retrato do seu fácil acesso aos moradores de todas as idades, inclusive crianças. Seja em festas, ruas ou rodas de amigos, o tráfico de drogas e os pontos de vendas estão em meio às praças e residências, fazendo com que a circulação de drogas e os casos de vício sejam problemas que afetam a todos, tanto usuários e seus familiares, quanto aqueles que são afetados pelo aumento da criminalidade, como roubos e furtos.

O abandono paterno também ocupa o segundo lugar entre os conflitos citados e retrata a realidade vivida por crianças e jovens do distrito. Muitos têm os lares

chefiados pelas mães, que se esforçam em longas jornadas de trabalho, cuidando do lar e dos filhos para que não falte o alimento na mesa. A ausência paterna e o acúmulo de tarefa para as mulheres, somados à livre circulação de drogas pelas ruas e praças, resultam no perigo constante do envolvimento cada vez mais precoce da população com o vício ou até mesmo com o tráfico de drogas, que se apresenta de forma convidativa para se alcançar o conforto que o Estado e o mercado de trabalho não propiciam.

O roubo aparece citado em terceiro lugar como situação de conflito a ser enfrentada pelos personagens dos contos, sendo também referência direta à proposta dada de indicar a realidade dos bairros do distrito. Furtos de celulares e carteiras são os delitos frequentes, principalmente em ruas desertas ou em avenidas principais em horários de menor circulação de pessoas. Os roubos e furtos de carros também acontecem com regularidade. Aumenta-se o sentimento de insegurança quando os jovens retornam dos bailes funks, pois alguns estão alcoolizados ou drogados e, por isso, mais violentos.

A bebida é o quarto conflito com maior ocorrência citada pelos estudantes, indicando um dos motivos de violência doméstica sofrida, em especial, por crianças e mulheres, além de brigas pelas ruas e vício. Em geral, a bebida não é apontada como um problema, por sua circulação ser bem aceita pelos moradores da comunidade. Desde muito cedo, os jovens relatam consumo pessoal de álcool, seja em festas de amigos ou até mesmo oferecido pelos familiares.

Embora a ação policial seja conflituosa dentro das comunidades, ora sendo ausente, ora violenta, conforme relatos do líder comunitário e também de moradores, em todos os contos em que são citados, os policiais aparecem como mediadores de conflitos e pacificadores, trazendo proteção às famílias e comunidades. Considerando a idade dos estudantes e as experiências de vida, talvez houvesse relatos diferentes, caso os mesmos fossem mais velhos e tivessem maior liberdade para circularem sozinhos pelas comunidades. No total, a polícia é citada em sete contos.

Dos quinze contos, cinco apresentaram personagens negros, indicando a população parda e preta que habita os morros das comunidades.

Após debates, leituras, discussões e práticas escritas, todos os estudantes matriculados nas turmas C e D dos sétimos anos atenderam à proposta de criar uma releitura de “O Pequeno Polegar”, a partir de suas perspectivas sobre a vida na periferia. Protagonistas de suas vozes, os textos apresentam enredos, personagens

e espaços que, por meio de expressões e escolhas lexicais, demonstram a realidade enfrentada pela comunidade, de acordo com as experiências e opiniões de cada jovem estudante.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de senso comum afirmar que o ato de ler é importante para ampliar conhecimentos, tornar a pessoa mais sábia, abrir oportunidade no mercado de trabalho, entre outros argumentos que associam a prática ao desenvolvimento humano. Diante de todos os desafios enfrentados pela população mais vulnerável, como o preço de um livro, a baixa renda salarial de muitas famílias brasileiras, a dificuldade com a compreensão do texto, o tempo ocupado com a televisão e redes sociais nos momentos de lazer, o número restrito de bibliotecas nas periferias, entre outros, a escola ocupa um importante papel para a formação de crianças e jovens leitores.

Em meio a tantos textos que permeiam o cotidiano da atual sociedade, como placas, *outdoors*, mensagens no celular e notícias de jornal, a literatura permanece importante para a formação humana. Conforme Candido (2011), o ser humano possui a necessidade de fabular e a literatura é um direito humano inalienável. Ela permite uma compreensão sobre si e sobre outro, e a possibilidade de desenvolver a imaginação e a linguagem. Gregorin Filho (2010) afirma que a leitura literária promove leitores de arte e a capacidade de dialogar com a sociedade.

Considerando a realidade vivida pelos moradores do distrito de Brasilândia, em uma área de 21 km² de extensão e 283.658 habitantes, conforme indicado pelo SEDAE 2022, e a presença de apenas três bibliotecas públicas para atender toda a população, como garantir o acesso às obras literárias? Para transformar o privilégio da leitura literária em direito, as escolas públicas municipais e estaduais são essenciais e precisam oferecer o livre acesso aos livros, preocupando-se em oferecer um acervo que seja de interesse à faixa etária dos estudantes e com quantidade suficiente para todos, disponível para empréstimos e leituras dentro e fora da escola. No entanto, não é essa a realidade encontrada dentro do ambiente escolar. Muitos são os docentes que enfrentam a barreira de acesso à sala de leitura, por falta de profissionais responsáveis pelo acervo, ou ainda, não há obras atualizadas que interessem aos jovens. Nos últimos quatorze anos de trabalho em sala de aula na cidade de São Paulo, convivi com inúmeros problemas compartilhados em reuniões pedagógicas e na sala dos professores: o desafio de formar leitores a partir de fragmentos de obras em livros didáticos, ou fotocópias, muitas vezes tiradas com o dinheiro do próprio professor, bastante recorrente principalmente nas escolas da rede

estadual.

Além do desafio de disponibilidade de acervo, um bom trabalho com a literatura é essencial para alcançar as crianças e os jovens dessa geração, acostumados com *hiperlinks*, imagens e recursos audiovisuais, mas, nem sempre, com o livro. Considerando a necessidade humana de narrar-se no mundo, conforme Coelho (2010), e a presença dos contos maravilhosos no imaginário infantil, desde a primeira infância, que se perpetuaram ao longo dos séculos, esta dissertação apresenta uma sequência de atividades a partir do conto “O Pequeno Polegar” e a reflexão sobre o uso do léxico nas narrativas. Para que os estudantes pudessem compreender que produzir um texto não é escrever um amontoado de linhas para o professor atribuir nota, mas sim, um diálogo, uma forma verbal de agir socialmente, conforme aponta Antunes (2009), foi proposta a criação de uma releitura de “O Pequeno Polegar”, para que estudantes do ciclo interdisciplinar (quartos, quintos e sextos anos) pudessem ler e identificar aspectos relacionados à comunidade onde vivem.

Sabendo que seus contos seriam lidos por muitas pessoas e que deveriam expressar suas experiências e impressões sobre a comunidade por meio da literatura, os estudantes dos sétimos anos C e D se organizaram em grupos, cada um produzindo um conto, totalizando quinze releituras que, juntas, formaram o livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”.

Antunes (2009, p. 78), ao tratar sobre a prática de escrita, destaca que todo texto é resultado de uma interação entre dois ou mais sujeitos, em uma situação social e, portanto, não deve ser um pretexto utilizado em sala de aula para avaliar questões gramaticais.

Daí que muita literatura tinha que ser trazida para a sala de aula; não para exemplificar o emprego das classes de palavras e outras questões gramaticais, mas, para se aprender, pouco a pouco, a sentir o prazer, a emoção de curtir a beleza dos objetos artísticos criado com a palavra (Antunes, 2009, p. 200).

A reflexão sobre o léxico, muitas vezes ignorada em sala de aula ao priorizar-se questões ortográficas, morfológicas e sintáticas, foi essencial durante todas as etapas do projeto, para que os estudantes tivessem consciência da construção de cada conto lido, observando que as escolhas lexicais não são arbitrárias, mas sim ideológicas, contribuindo ao longo do texto para a unidade de sentido.

[...] os elementos linguísticos representam escolhas de quem fala ou escreve, formas de sinalizar, de maneira interpretável, sentidos e intenções. Logo, por outro lado, essas escolhas servirão de pistas, de marcas que hão de conduzir os passos do ouvinte ou do leitor no processo de apreensão desses sentidos e intenções (Antunes, 2009, p. 86).

A partir da observação e análise do léxico na leitura de “O Pequeno Polegar” na versão de Perrault, as turmas realizaram discussões sobre pobreza, violência doméstica, abandono, família e medos, e compreenderam a coerência do texto e a coesão desde o começo do conto, ao falar sobre a miséria enfrentada pelos pais, a ponto de preferirem abandonar seus filhos. Destacando as palavras que consideraram como pistas, os estudantes puderam observar o texto como um tecido com um fio condutor, em que cada escolha contribui para a construção de sentido. Da mesma forma, sobre o conto na versão dos Irmãos Grimm, cada jovem realizou a leitura de forma atenta, percebendo a realidade histórico-social, a partir da mediação e explicação da professora, e a expressividade a partir do léxico.

Com muitas coisas a dizer sobre si e sobre a comunidade onde vivem, após momentos de pesquisa, debates e discussões, os estudantes se sentiram motivados e desafiados a serem autores de um novo livro, donos de suas próprias vozes, compreendendo que os contos maravilhosos, assim como em suas origens, favorecem a expressão de problemas e embates reais, e, por meio do simbolismo, favorecem a reflexão, conforme aponta Bettelheim (1979).

De acordo com a análise realizada nesta dissertação, observou-se que todos os estudantes dos sétimos anos, a princípio resistentes com atividades de leitura e escrita, conseguiram alcançar, ao criar seus contos, os dois objetivos propostos: escrever uma releitura do clássico conto maravilhoso estudado e lido em aula, “O Pequeno Polegar”, e contextualizar o enredo na sociedade em que vivem.

Observou-se o empenho de todos os estudantes, que, de forma dinâmica e criativa, seja por meio de ilustrações, da oralidade nas aulas ou das atividades em grupo, participaram ativamente da produção escrita, emitindo opinião crítica sobre as escolhas lexicais que consideravam pertinentes para dialogar com os leitores entre nove e doze anos, sem deixar de marcar a autoria, as dificuldades e os desafios da vida na periferia.

Entre os assuntos abordados, o abandono paterno, a violência, as drogas, as bebidas e a pobreza formaram parte dos enredos, assim como a superação de

desafios e a possibilidade de viver uma vida digna e feliz a partir do trabalho e da atuação do Estado, como a segurança pública. Embora taxados por uma elite social como perigosos, bandidos e sem futuro, os educandos mostraram, em seus textos, que grande parte dos jovens da periferia é vítima das mais diversas violências, como a ausência da família, a impossibilidade de sonhar, a necessidade de iniciar no mercado de trabalho ainda jovem, o convívio constante com o fácil acesso às drogas, o bullying e a criminalidade nas ruas. A esperança, a amizade e a unidade da comunidade, fortalecidas pelo universo mágico da literatura maravilhosa, possibilitaram finais felizes e a reflexão sobre possibilidades de transformar a realidade de suas vidas.

O primeiro passo foi dado: nossos estudantes encerraram o projeto valorizados por suas famílias, que muitas vezes os viam como estudantes problemáticos (assim como muitos protagonistas dos contos), e mais autoconfiantes, por perceberem que são capazes de serem autores e ilustradores reconhecidos pelos colegas da escola e também por toda a rede municipal de ensino, ao terem seus trabalhos divulgados pela imprensa, e premiados pela Prefeitura de São Paulo. Se, no começo do projeto, nossos jovens eram tratados como pequenos, do tamanho de um dedo polegar, encerraram reconhecidos como gigantes, que, apesar de todos os desafios que a vida lhes oferece, são astutos e capazes de mudar a si próprios e a realidade ao seu redor.

O trabalho não termina com esta dissertação, mas continua, ao ser adaptado em outras turmas, e até mesmo em outras escolas, para alcançar muitos Pequenos Polegares que encontramos ao longo de nossa jornada docente.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **O Pequeno Polegar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Contos de Perrault**. São Paulo: Ática, 2012, p. 68-79.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Território das Palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAUJO, Célio Pires de. **Curiosidades Históricas da Brasilândia**. Brasilândia News, São Paulo, 26 de abril de 2019. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/418302645405924/posts/430584674177721/>. Acesso em: 3 jan. 2024.
- BAZANI, Adamo. Diário do Transporte. **História: Quando os ônibus clandestinos viraram lotação em São Paulo**. 22 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2017/01/22/historia-quando-os-onibus-clandestinos-viraram-lotacao-em-sao-paulo/>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- BERTRAND, Sara. **Patos e Lobos-marinhos: Conversas sobre literatura e juventude**. Tradução: Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília, 2021.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BIBLIOTECAS DA ZONA NORTE. **Prefeitura de São Paulo**, s/d. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/fale_conosco/index.php?p=10133. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Documentação. **Sinopse da Geo-história da Brasilândia**. Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/justificativa/JPL0362-1992.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARDOSO, Elis de Almeida. **O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea**. São Paulo: EDUSP, 2018.
- CECHINEL, André; DURÃO, Fabio Akcelrud. **Ensinando literatura. A sala de aula como acontecimento**. São Paulo: Parábola, 2022.
- CETIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Dificuldade dos pais para apoiar alunos e falta de acesso à Internet foram desafios para ensino remoto, aponta pesquisa TIC Educação**. 31 de agosto de 2021.

Disponível em: <https://www.cetic.br/en/noticia/dificuldade-dos-pais-para-apoiar-alunos-e-falta-de-acesso-a-internet-foram-desafios-para-ensino-remoto-aponta-pesquisa-tic-educacao/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a literatura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna: 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: DCL, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 13ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9-120.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FEITOSA, Márcia Soares de Araújo. **O ambiente e as interações na Sala de Leitura em escolas públicas de São Paulo**: histórico, limitações e perspectivas para a constituição de leitores neste início do século XXI. 2019, 306 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2019.

FRANZOI, Rafaela de Cássia. **Manifestações do interlocutor nas produções textuais escritas no ensino fundamental**. 2009, 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual de Maringá, 2009.

FUTURETRANSPORT. Portal de Notícias de Transportes. **Transporte público diminui a violência, aponta pesquisa da USP**. 03 de setembro de 2023. Disponível em: <https://futuretransport.com.br/pesquisa-aponta-transporte-publico-como-fator-de-reducao-de-violencia/?amp=1>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GOMES, José Agnaldo; PAULO, Rodrigo Lucas; CORDEIRO, Carlos. **Brasilândia em Contexto**: delineamentos sociopolíticos em tempos de pandemia. In: ROSA, Elisa Zaneratto; PAPARELLI, Renata; SERENO, Deborah (org.). **Do Brasil à Brasilândia**: desmontes e resistências no contexto da pandemia covid-19. São Paulo: Educ Pipeq, 2023.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens da formação do leitor. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil**. Adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011, p. 11-100.

IRMÃOS GRIMM. **Os contos de Grimm**. Tradução: Tatiana Belinky. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 207-213.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LINHAUNI. <https://www.linhauni.com.br/linha-6-laranja>

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Literatura, mediação literária e formação docente. *In: A função da literatura na escola – resistência, mediação e formação leitora.* São Paulo: Parábola, 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 209- 246.

MACHENS, Maria Lúcia. **Ruptura e Subversão na literatura para crianças.** São Paulo: Global, 2009, p. 9-33.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. *In: Coleção Explorando o Ensino.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Básica da Educação, 2010.

PALLARES, Isabela. Casos de violência e ameaças aumentam 48% em escolas de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 de abril de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/04/casos-de-violencia-e-ameacas-aumentam-48-em-escolas-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PAZ, Noemi. **Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas.** São Paulo: Cultrix, 1995.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura. Uma nova perspectiva.** Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2010.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 17. ed. São Paulo: Forense Universitária LTDA, 1990.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Secretaria municipal de educação. Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia. **Projeto político pedagógico CEU EMEF Jardim Paulista**, 2023, 135 p.

PREFEITURA CIDADE DE SÃO PAULO. Subprefeitura Freguesia Brasilândia. **Histórico.** 30 de maio de 2019. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/historico/index.php?p=142#:~:text=A%20Brasil%C3%A2ndia%20foi%20loteada%20em,estimular%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20das%20casas. Acesso em: 1 nov. 2023.

PREFEITURA CIDADE DE SÃO PAULO. Subprefeitura Freguesia Brasilândia. Dados demográficos dos distritos pertencentes às subprefeituras. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=. Acesso em: 1 nov. 2023.

PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras. **Plataforma USP.** São Paulo, SP. Disponível em: <https://profletras.fflch.usp.br/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PROPP, Vladimir. As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso. Tradução: Rosemary Costhek Abíllil, Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2021. 21 de outubro de 2021.** Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Mapas.pdf . Acesso em: 3 jan. 2023.

RELAÇÃO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **SNBP-Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**, s/d. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. *In*: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de, JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola. 2013, p. 17-34.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica Currículo da Cidade. **Ensino Fundamental**: componente curricular: Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: SME, COPED, 2019.

SARAGIOTTO, Daniela. Estadão. Mobilidade. **Uber da quebrada**: o app que atende a Brasilândia. 17 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidade-para-que/empreender/conheca-o-uber-da-quebrada-app-que-atende-a-brasilandia/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SCHNEUWLY, Bernand; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In*: SCHNEUWLY, Bernand; DOLZ, Joaquim. (orgs). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Resolução SE n.70, de 21.10.2011**. Dispõe sobre a instalação de Salas e Ambientes de Leitura nas escolas da rede pública estadual. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/70_11.HTM?Time=19/01/2015%2011:55:11#:~:text=Artigo%20%C2%BA%20%2D%20A%20instala%C3%A7%C3%A3o%20de,no%20Di%C3%A1rio%20Oficial%20do%20Estado.. Acesso em: 16 jan. 2023.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Sala De Leitura**: Vivências, Saberes E Práticas. São Paulo: SME/COPED, 2020. Programa Sala de Leitura, s/d. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/copied/programa-sala-de-leitura/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Alinny Rodrigues Pereira. A literatura na era digital: expansão dos suportes e convergências de mídias. *In*: **Travessias**. v. 11, n. 3. Cascavel: Unioeste, 2017. p. 211-221. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/18099>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, Freddy Gonçalves da Silva. **A nostalgia do Vazio**. A leitura como espaço de pertencimento dos adolescentes. Tradução: Cícero Oliveira. 1. ed. São Paulo: Instituto Emília; Solisluna Editora, 2021.

SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. SEDAE. **População do município de SP por distritos 2021**. Disponível em: <https://repositorio.seade.gov.br/dataset/populacao-do-municipio-de-sp-por-distritos/resource/a4dc64e4-9d4d-4ea3-a8e7-35417c1a92bc>. Acesso em: 23 dez. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. 18 de julho de 2022. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/noticias/nota-formacao-professores-ensino-a-distancia/?utm_source=Social&utm_medium=Banner&utm_campaign=Todos+Pela+Educa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 dez. 2022.

TOMAZ, Kleber. Polícia de SP conclui caso de menino morto há 2 anos no Habib's sem apontar culpados. G1 SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/10/policia-de-sp-conclui-caso-de-menino-morto-ha-2-anos-no-habibs-sem-apontar-culpados.ghtml>. Acesso em: 5 jan. 2024.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução: João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014, p. 7-80.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. Rev. atual e ampliada. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. O PAPEL DA LITERATURA NA ESCOLA. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 2 jan. 2023.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? Revista **Desenredo**. v. 5, n. 1. 12 de abril de 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/924> . Acesso em: 2 jan. 2023.

ANEXO A — Questionário sobre leitura e literatura respondido pelos estudantes dos sétimos anos C e D

2) Sim, tenho sim eu gosto de ler mangá.
 Já tenho até uma lista de mangás que eu quero ler.

3) Lido sim. Lido em Casa, no Quarto, na Sala em qualquer lugar.

4) Sim, há sim. Tem livros clássicos, mangás e de quadrinhos.

5) Não, não tem. Às vezes minha mãe lê uns versículos da bíblia, mas não é sempre.

6) Sim, porque isso influencia a imaginação. Principalmente as das crianças. (Não dá pra ler sempre o tempo todo).

7) Alguns sim, alguns não. Tem os que gostam de ler mangás ou livros com uma mãe bem Hermione. E tem os que só leem notícias ou artigos.

8) Sempre procuro um livro de acordo com o que você gosta. Leio no celular também (se não gostar de livros impressos). Leio artigos, notícias sobre o mundo. Pelo menos um artigo por dia.

9) Para mim, é um lazer, não me sinto obrigada a ler, eu leio porque gosto. Gosto de me entreter com uma coisa que não seja o celular.

tilibra

1) Você acha importante a prática da leitura dos dias atuais? Sim. Porque as pessoas estão passando por um tempo difícil nessa pandemia muitos estão seguindo eu acho importante para fazer alguma coisa interessante de vez ficar olhando notícias da pandemia.

2) Você tem hábito de ler? e que? Sim. Eu fico lendo histórias em quadrinhos.

3) Além das suas aulas de leitura, você lê em outros lugares? onde? Sim. na minha casa eu tenho bastante livros na minha casa.

4) Na sua casa há livros? comente sim eu tenho bastante livros eu tenho uma pilha de livros na minha casa. histórias em quadrinhos e rimas.

5) Sua família tem o hábito de ler? comente não.

6) Você acha importante ler livros literários? explique. Sim. porque você fica mais informado das coisas que acontece.

7) Na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? Eu acho que não eles preferem

tilibra

ficar no celular da para perceber
no dia a dia deles

8 O que você sugere para que os adoles-
centes sejam com frequência? Eu sugiro que
os pais sejam persistentes com os filhos
mesmo que eles não queiram.

9 para você a leitura é uma abrigação
ou lazer? para mim é um lazer.

1-Diminuam a leitura, a escrita, e o lúdico,
lezer, uma forma de libertar o que gostamos.
Cultura, jogos, romance etc.

2-Não muito, Bíblia, mangá, folhetim, gosto mais de
livros de fantasia e mangá (anime).

3-Na minha casa, na igreja e às vezes na escola
leio as histórias que eu mesmo faço.

4-Diminuo meus livros, a Bíblia.

5-Mais eu mesmo, é mais meu pai que lê a Bíblia.

6-Diminui mais difícil de explicar mas na
minha opinião, o lúdico aumenta a imaginação.

© Disney



7-As atitudes (pessoas que gostam de mangá ou anime)
que devem ler mais e fantasias (que gostam de fantasia).

8-Mangá, que é o que eu acho que os maiores lê
e é muito divertido e é bom para os jovens que
ficam mais quietos.

9-Lazer.

1) Você acha importante a prática da leitura no dia a dia? Por quê?

R: Sim, porque você pode aprender coisas novas, e lendo você até consegue até falar mais bonito.

2) Você tem hábito de ler? O quê?

R: Sim, gosto de ler gibis.

3) Além das aulas de leitura, você lê em outros lugares? Onde?

R: Sim, leio na biblioteca e em casa.

4) Na sua casa há livros? Comente.

R: Sim, tem livros infantis, revistas, e gibis.

5) Sua família tem o hábito de ler? Comente.

R: Não, minha família prefere mais no celular, televisão...

6) Você acha importante ler livros literários? Explique.

R: Sim, você saberá mais informações e ler uma coisa mais bonita...

7) Na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? Justifique.

R: Não, a maioria não se interessa por livros, e sim por internet.

8) O que você sugere para os adolescentes e jovens lerem com frequência?

R: Se a pessoa não gosta de ler é meio complicado, mas se eles conhecerem pessoas que tem prazer de ler eles podem inspirar.

9) Para você a leitura é uma obrigação ou lazer?

R: Depende, na minha opinião é lazer mas para pessoas que não gostam é obrigação.

tilibra

1) Não. Porque em todo lugar tem coisas que você acaba lendo, às vezes sem nem perceber.

2) Sim, leio notícias, vídeos, coisas no celular (jogos, youtube, redes sociais).

3) Em casa.

4) Sim, mas minha mãe nunca compra os que eu gosto.

5) Sim, mas não no celular, em notícias, em livros.

6) Não porque se não você fica retardado, por causa de coisas que não existem.

7) Não muito, leio mais coisas em celular, televisão etc.

8) Jogos, jogos, porque alguns ensinam até as coisas.

9) Obrigação dependendo do caso.

1- Você acha importante a prática da leitura dos dias atuais? Por quê?

Sim, porque precisamos nos manter informados.

2- Sim, eu costumo ler livros antigos.

3- Não muito, mas, às vezes também lido notícias.

4- Sim, mas não tenho hábito de ler.

5- Sim, meus primos leem muito, por exemplo: quadrinhos, poesias, e etc...

6- Não, porque são fatos inventados.

7- A grande maioria não, porque com as tecnologias de hoje em dia eles não leem quase nada.

8- Eles podem achar algum tipo de leitura que eles gostem.

9- Eu acho que é um lazer, ninguém é obri-

- 1- Sim, porque hoje em dia as pessoas tem muita dificuldade com a leitura, e ira ajudar a pratica da leitura
- 2- Tenho, livros, jornais, paginas da internet, gibis e textos de noticias
- 3- Sim, na minha casa, e na casa do meu vovô
- 4- Sim, livros que minha mãe compra para melhorar minha leitura
- 5- Não muito, só noticias da internet
- 6- Sim, pois melhora a imaginação, e ajuda criar historias de pois.
- 7- Nem tanto, são poucos adolescente gosta, eles preferem mexer no celular
- 8- Ler frequentemente pois ficamos quase dois anos de pandemia, e melhora a leitura
- 9- Uma obrigação, pois tenho algumas dificuldades de leitura e velocidade para ler mais rápido

Respostas

- 1) R: Sim pois, todo o mundo parou por 2 anos. Isso dificulto os que entram no fundamental 1 então basicamente não aprenderam a ler e também alguns não sabem nem o alfabeto. Então devemos praticar a leitura.
- 2) Sim gosto muito. Eu leio qualquer coisa mas prefiro suspense, ficção e um pouco de romance.
- 3) Sim eu leio em casa, tenho uns livros que a avó me deu

- 4) Sim tem uns livros que ganhei da escola e uns quadrinhos que eu comprei
- 5) Não muito tipo minha mãe lê notícias na internet
- 6) Depende se a pessoa gosta de ficção como eu ela vai gostar, mas eu acho importante pois você pode imaginar.
- 7) Não muito, já vi muitos falando que tem preguiça de ler, eu acho que eles ainda não acharam o que eles gostam de ler
- 8) Você sugere o que eu gosto que é ficção, suspense e romances, mas eu sugiro que você encontre algumas coisa que você goste
- 9) Pra mim é um lazer pois gosto de ler e imagino as histórias

Respostas

1- Sim, eu acho porque é bom as pessoas poder ter bom conhecimento não só de palavras, e sim também outras coisas.

2- Sim, estou lendo um incrível. Ele é sobre a biografia de Martin Lutherking.

3- Sim. Lido em casa, as vezes no caminho de ônibus.

4- Sim, tenho vários infantis. Tem bastante pra adolescente.

FORONI

5- Sim. A minha avó materna, ela lê receita.

6- Se você gostar. Sim cada um tem seu gosto

7- Conheço poucos. Mas acredito que sim!

8- Ler algo que eles gostem, e que não seja forçado porque assim ele perde o interesse

9- Lazer, porque nunca fui forçada.

Resposta:

- 1- Sim, por que se não tivesse os livros as pessoas não aprenderiam ler.
- 2- Não muito, por que eu não tenho vontade.
- 3- No meu celular e em casa.
- 4- Sim, o bastante livros infantil para a meu irmão.
- 5- Não muito e nem pouco, leio a bíblia e jornal.
- 6- Sim, por que se não nós não teríamos imaginação.
- 7
- 7- Não muito a maioria fica mexendo no celular.
- 8- Ler livros que gostam e chamam atenção.
- 9- e um lazer ler livros que gostam, e aprender a ler e escrever.

Reportar:

- 1- Sim, por que é importante saber ler.
- 2- Sim, texto literário / ficção

3- Sim, em casa.

4- Sim, alguns que a escola deu.

5- Sim, minha mãe sempre lê oração, minha irmã livros e eu fizão.

6- Sim pois ajuda com a matutividade.

7- Alguns sim, outros não, alguns têm por que gosta e alguns por que precisam.

8- Ler algo que gostam.

9- Ler.

1) Acho, pois ler livros ajuda em português, se fica informado q está acontecendo.

2) tenho, Eu leio bastante mangá.

3) Sim. Eu leio em casa, os meus mangás.

4) Na minha casa há algumas bíblias, e livros q ganhei da escola (de leitura, e com atividades).

5) Minha família lê sim, eles leem a bíblia, e meus pais leem notícias.

6) Acho, pois livros literários são muito bons, os de terror são mais ruins.

7) Alguns sim, outros não. Pois tem uns q gostam de leitura, e outros gostam mais de outras coisas.

8) Eu sugiro que eles leiam mangá e livro literário, pois são ótimos livros, e eu já li vários.

9) Praticamente não, pois eu gosto bastante, e ninguém é obrigado a ler, ler é um gosto, e um q está muito bom.

1. Sim pois ler é bem importante para saber mais.
2. Não muito acho meio sem graça.
3. Não apenas na sala de leitura.
4. Sim não tenho muitos livros por opção mesmo.
5. Minha mãe sim mas eu e meu pai não.
6. Sim, além de aumentar sua inteligência também diminui seus erros de escrita.
7. Sim mas poucas realmente tem de sturdadl
8. Para eles terem o interesse de ler ou eles se interessam pelo título ou pela capa, então para eles quererem ler o título ou capa tem que os atrair de alguma forma.
9. Pra mim é lazer mas pra relaxar mesmo.

1) Copie e responda o seguinte questionário:

2) Você acha importante a prática da leitura nos dias atuais?
Por quê?

Sim, por que faz com que você converse melhor.

3) Você tem hábito de ler? O quê?

Sim, eu gosto de ler livros de romance ou mistério.

4) Além das aulas de leitura, você lê em outros lugares? Onde?

Sim, na minha casa ou em lugares calmos.

5) Na sua casa há livros? Comente.

Sim, no meu quarto há uma prateleira com alguns livros que eu gosto.

6) Sua família tem o hábito de ler? Comente.

Não, apenas eu e meu primo.

7) Você acha importante ler livros literários? Explique.

Sim, pois faz com que você saiba um pouco da realidade e desenvolva a imaginação.

8) Na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? Justifique.

Não, alguns dos adolescentes gostam, outros preferem ficar no celular.

9) O que você sugere para que os adolescentes e jovens leiam com frequência?

Leiam histórias mais curtas e conforme o tempo aumentem a quantidade de páginas ou faça um cronograma de leitura.

10) Para você a leitura é uma obrigação ou lazer?

Um lazer, ler faz você sair do tédio e é muito bom.

Copie e responda o seguinte questionário:

1- Você acha importante a prática da leitura na sua atualidade? Por quê?

- sim, Por que a prática de leitura te ajuda melhor

2- Você tem hábito de ler? O que?

- as vezes, em livros infantis

3- Além das aulas de leitura, você lê em outros lugares? Onde?

- Sim na sala de aula

4- Na sua casa há livros? Comente.

- Não

5- Sua família tem o hábito de ler? Comente

- Não

6- Você acha importante ler livros literários? Explique

- sim por que é muito bom ler esse tipo de livro

7- Na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? Justifique

- Alguns sim e alguns não

8- O que você sugere para que os adolescentes e jovens leiam com frequência?

- para ficar mais atualizado e notícias que

- acontecem no mundo.

9- Para você a leitura é uma obrigação ou lazer?

- As pessoas não são obrigadas a ler, mas elas podem ler se elas quiserem.

copie e responda a seguinte questionário

1- você acha importante a prática da leitura no dia a dia? por que?

R= eu acho importante por que muitos jovens hoje em dia não tem a leitura muito boa

2- você tem hábito de ler? o que?

R= não temo hábito em ler nada

3- além das aulas de leitura, você lê em outros lugares? onde?

R= não, só na leitura mesmo

4- na sua casa há livros? somente

R= não, infelizmente

5- sua família tem hábito de ler? somente

R= não, ninguém na minha família tem o hábito de ler

6- você acha importante ler livros? literários? Explique.

R= sim, porque pode ajudar muito no futuro

7- na sua opinião, os adolescentes gostam de ler? justifique

R= não, prefere ficar no celular, mas tem alguns que gostam de ler

8- O que você sugere para que os adolescentes e jovens liam com frequência?

R= eu sugiro que cortem a internet do mundo

9- Para você a leitura é uma obrigação ou um lazer?

R= é uma obrigação, por que muitas gente não gosta de ler, mas tem gente que gosta, então por uma parte é obrigação e por outra não.

- 1) Sim, porque gosta de terminar a leitura.
- 2) Sim, porque acho algo divertido e legal.
- 3) Sim, na biblioteca e em casa e na escola.
- 4) Sim, muitas além de comédia e terror etc.
- 5) Sim, minha irmã ama e eu também.
- 6) Sim, algo lindo e divertido algo que gosta de fazer.
- 7) Não muito, eles querem ficar na internet.
- 8) Que eles saiam das redes sociais.
- 9) Talvez, por que gosta muito de ler por que é divertido.

- 1) sim, porque acho que tipo, não lendo algum livro ou alguma outra coisa por não ficar calmo, esquecer alguns problemas e tal... pelo menos para mim né.
- 2) não, eu não tenho muito costume de ler, mas às vezes quando eu estou triste ou sem nada pra fazer, eu pego algum livro e leio, eu gosto bastante de ler aqueles livros de comédia, tipo diário de um bananeira.
- 3) sim! às vezes eu leio no minha casa mesmo porque eu tenho alguns livros, às vezes eu leio no meu celular também, porque eu gosto bastante de ler fanfic.
- 4) sim, há alguns livros tipo, diário de um bananeira, diário de uma garota nada popular, tem alguns de terror e tal...
- 5) eu acho que algumas pessoas sim, não sei direito.
- 6) sim, porque isso pode ajudar muito no futuro.
- 7) Bom, eu conheço muitas adolescentes que gostam de ler, mas também tem outros que acham que ler é besteira.
- 8) o, eu sugiro que eles leiam muitas livros que tipo tem algum suspense, ou que se aconteceu no vida real, sei lá.



9) para mim isso não é bem uma obrigação e também não é um "logar", eu não entendo muito kkk, mas de quando em quando é uma obrigação **espiral** mesmo assim, porque ler é um maravilhoso.

resposta 1) eu acho importante para melhorar a leitura.

resposta 2) eu gosto de ler livros de ficção científica.

resposta 3) eu leio em casa.

resposta 4) em casa tem os livros da meu irmão.

resposta 5) não ele não lê nada.

resposta 6) sim é muito importante pra aprendizagem.

resposta 7) tem um que sim maior algum não.

resposta 8) eu acho que cada um tem seu gosto.

resposta 9) eu leio porque eu gosto.

8) eu gosto muito de ler os livros de sherlock
Holmes.

- " -

RESPOSTAS

1) ACHO, PORQUE TEM MUITAS PESSOAS NO MUNDO QUE
NÃO SABE LER E OS LIVROS AJUDAM

2) TENHO, ESTOU SENDO CREPUSCULO E ALGUMAS VEZES
FAN FIC

3) LEIO NA MINHA CASA

4) SIM, NA MINHA CASA TEM MUITAS BIBLIAS

5) SIM, MEU IRMÃO É BASTANTE LIVRO DE SUSPENSE E MEUS PAIS LE A BIBLIA

6) SIM, POR QUE É MUITO BOM LER ESSOS LIVROS PRINCIPALMENTE AS CRIANÇAS QUE TEM MUITA IMAGINAÇÃO

7) ALGUNS NÃO ALGUNS SIM EU GOSTO DE LER TENHO BASTANTES AMIGOS QUE GOSTAM DE LER

8) SUGIRO QUE ELES COMEÇEM A LER O QUE ELES GOSTEM E ASSIM ELES VÃO COMEÇAR A LER BASTANTE.

9) LASER

1- Sim, porque com a leitura você melhora a interpretação de texto.

2- Sim, Mangas e a biblia.

3- Sim, Na minha casa.

4- Não muitos, leem mais pelo celular. Mangas.

5- não, eles leem bem pouco.

6- sim, você melhora a sua leitura e a interpretação de textos.

7- não todos, acho que eles tem preguiça.

8- leiam livros que você goste, lê pelo menos 1 pagina por dia.

9- não, a pessoa não tem a obrigação de ler porém, ler faz bem para a mente.

- 1- Sim, porque com a leitura você melhora a interpretação de texto.
- 2- Sim, Mangas e a bíblia.
- 3- Sim, Na minha casa.
- 4- Não muitos, leem mais pelo celular. Mangas.
- 5- Não, eles leem bem pouco.
- 6- Sim, você melhora a sua leitura e interpretação de textos.
- 7- Não todos, acho que eles tem preguiça.
- 8- leiam livros que você goste, lê pelo menos 1 página por dia.
- 9- não, a pessoa não tem a obrigação de ler porém, ler faz bem para a mente.

ANEXO B — Conto “O Pequeno Polegar” em “Contos de Perrault por Fernanda Lopes de Almeida” (2012)



O Pequeno Polegar

ERA UMA VEZ um casal de lenhadores e seus sete filhos, todos homens. O mais velho tinha apenas dez anos e o menor sete.

— Mas como puderam ter tantos filhos em tão pouco tempo? — espantavam-se as pessoas.

É que a mulher do lenhador era rápida no serviço e não fazia menos de dois a cada vez.

Por serem muito pobres, seus sete filhos os preocupavam muito, pois nenhum podia ainda ganhar a vida. Para maior desgosto, o mais moço nascera fraquinho e não dizia uma só palavra. Os pais tomavam por estupidez o que era uma marca da delicadeza do seu espírito. Ele viera ao mundo muito pequeno, com o tamanho de um dedo polegar. Por isso o chamaram Pequeno Polegar.

Esse pobre menino tornou-se o bode expiatório da casa e sempre o culpavam por tudo. Entretanto, entre todos os irmãos, não havia nenhum tão inteligente e tão criterioso como ele e se, por um lado, falava pouco, por outro, escutava muito.

Veio um ano muito ruim e a fome foi tão grande que o pobre casal resolveu desfazer-se dos filhos. Uma noite, quando as crianças estavam deitadas, o lenhador, sentado perto do fogo, disse a sua mulher, com o coração cheio de dor:

— Tu bem vês que já não conseguimos alimentar nossos filhos. Eu não aguentaria vê-los morrer de fome, diante dos meus olhos. Estou resolvido a abandoná-los no bosque, amanhã. Será bem fácil: enquanto eles se divertirem procurando lenha miúda, nós só teremos que fugir.

— Ah! — exclamou a lenhadora. — Como podes pensar em abandonar teus próprios filhos?

• 68 •

O Pequeno Polegar

Por mais que o marido lhe fizesse ver a miséria em que estavam, ela não podia consentir aquilo:

— Sou pobre, mas sou mãe — dizia.

Entretanto, tendo considerado o sofrimento que lhe causaria vê-los morrer de fome, concordou afinal e foi deitar-se chorando.

O Pequeno Polegar, deitado na sua caminha, tinha percebido que falavam de algum assunto misterioso. Levantara-se suavemente e deslizara para baixo do banquinho do pai, a fim de poder escutar sem ser visto.

Voltou a se deitar e não dormiu mais, o resto da noite, refletindo sobre o que deveria fazer. Logo que amanheceu, saiu, e foi até a margem de um regato, onde encheu os bolsos de pedrinhas brancas, voltando depois para casa.

Partiram e o Pequeno Polegar não contou nada do que sabia a seus irmãos. Foram para uma mata cerrada onde, a dez passos de distância, um não podia enxergar o outro. O lenhador pôs-se a cortar lenha e seus filhos a apanhar gravetos e a juntá-los em pequenos feixes.

O pai e a mãe, vendo-os ocupados, foram se afastando aos poucos e, de repente, escapuliram por um pequeno atalho.

Quando as crianças perceberam que estavam sozinhas, puseram-se a chorar a plenos pulmões. O Pequeno Polegar deixou-os gritar, pois sabia de que modo voltariam para casa. Caminhando, ele tinha deixado cair, ao longo do caminho, as pedrinhas brancas que levava nos bolsos.

— Não tenham medo, meus irmãos — disse. — Nossos pais nos deixaram aqui, mas eu sei como voltaremos. Sigam-me.

Os irmãos o seguiram e ele os levou para casa, pelo mesmo caminho por onde tinham ido até a floresta.

A princípio não ousaram entrar. Encostaram-se todos na porta para escutar o que diziam os pais.

No momento em que o lenhador e a mulher tinham chegado de volta à casa, uma surpresa os aguardava: o senhor da aldeia, que lhes devia dez escudos havia muito tempo, tinha mandado pagá-los. Isso devolveu à vida os pobres coitados, pois morriam de fome e já não esperavam receber aquele dinheiro.

No mesmo instante o lenhador mandou sua mulher ao açougue.

Como fazia muito tempo que não comia, ela comprou três vezes mais carne do que era necessário para a creia de duas pessoas.

Assim que ficaram saciados, a lenhadora disse:

— Ai de mim! Onde estarão agora nossos pobres filhos? Eles fariam um banquete com o que nos está sobrando aqui. Mas também, Guilherme, foste tu que os quiseste abandonar. Eu bem avisei que nós nos arrependeríamos. Como estarão eles, naquela floresta?

• 69 •

Contos de Perrault



– Deixa-me em paz, mulher – disse o lenhador.

Mas ela continuou:

– Meu Deus, meu Deus! Os lobos talvez já os tenham comido! Tu foste bem desumano de ter abandonado assim teus filhos.

Depois de a ter ouvido repetir, mais de vinte vezes, que eles se arrependeriam e que ela bem tinha avisado, o lenhador, por fim, perdeu a paciência. Ameaçou bater-lhe, se ela não se calasse. Estava, talvez, ainda mais aborrecido do que sua mulher, mas ela o punha maluco com aquele falatório. Ele, como a maioria dos homens, gostava das mulheres que falam com acerto, mas detestava as que insistem que bem avisaram.

A lenhadora estava em prantos:

– Ai, ai, ai! Onde estarão agora meus filhos, meus pobres filhos?

Em uma das vezes, disse isso tão alto que as crianças a ouviram. Puseram-se a gritar todas juntas:

– Estamos aqui, estamos aqui!

Ela correu depressa para lhes abrir a porta:

– Como estou contente de rever vocês, meus queridos filhos! – disse-lhes, beijando-os. – Vê-se que estão bem cansados e com bastante fome. E tu, Pedrinho, como estás enlameado. Vem comigo, para que eu te limpe.

Esse Pedrinho era seu filho mais velho, que ela amava mais que a todos os outros, porque era um pouco ruivinho e ela era um pouco ruíva.

Sentaram-se à mesa e comeram com um apetite que dava prazer ao pai e à mãe. Enquanto comiam, iam contando o medo que tinham tido na floresta, falando, quase sempre, todos juntos. Essa gente simples estava encantada de ter seus filhos consigo.

• 70 •

O Pequeno Polegar

A alegria durou tanto quanto os dez escudos.

Logo que o dinheiro acabou, eles caíram na mesma miséria e resolveram novamente abandonar as crianças. Para não falhar, dessa vez decidiram levá-las bem mais longe.

Mas não puderam conversar sobre o seu plano tão secretamente que não fossem ouvidos pelo Pequeno Polegar. Este planejou livrar-se da enascada do mesmo modo que da outra vez.

Levantou-se bem cedo, para ir catar as pedrinhas, mas não pôde chegar a fazê-lo: encontrou a porta da casa fechada a chave. Estava sem saber o que decidir, quando a lenhadora lhes deu, a cada um, um pedaço de pão para o almoço.

O Pequeno Polegar logo resolveu usar o pão no lugar das pedrinhas. Jogaria migalhas ao longo dos caminhos por onde passassem. Guardou cuidadosamente o pão no bolso.

Os pais levaram as crianças para o lugar mais obscuro da floresta e, assim que as viram distraídas, fugiram por um atalho e as deixaram.

O Pequeno Polegar não se preocupou, porque sabia como encontrar o caminho. Mas ficou bem surpreendido, pois não conseguiu encontrar uma só migalha do pão que semeara. Os passarinhos tinham comido tudo.

Ei-los, então, muito aflitos porque, quanto mais andavam, mais se perdiam e afundavam na floresta.

A noite chegou e levantou-se uma grande ventania, que lhes despertou medos apavorantes. Acreditavam ouvir, por todos os lados, uivos de lobos, que vinham para comê-los. Quase não ousavam falar uns com os outros, nem virar a cabeça.

Depois veio uma grossa chuva que os ensopou até os ossos. Escorregavam a cada passo e caíam na lama, de onde se levantavam sujos da cabeça aos pés. Não sabiam onde segurar-se.

O Pequeno Polegar subiu até o alto de uma árvore para ver se descobria alguma coisa. Olhou em todas as direções e viu uma pequena claridade, como a de um candeeiro. Ficava bem longe, já fora da floresta. Desceu da árvore e, em terra, não viu mais nada. Ficou desolado.

Entretanto, andou algum tempo, com seus irmãos, na direção em que tinha visto a luz. Assim que saíram do bosque, tornou a vê-la.

Continuaram a caminhar mas perdiam a luz de vista todas as vezes em que desciam para qualquer lugar mais fundo. Afinal, chegaram à casa onde estava o candeeiro.

Bateram à porta e uma mulher veio abrir:

– Que querem vocês?

• 71 •

— Somos pobres crianças, que se perderam na floresta. Só pedimos, por caridade, um lugar para passar a noite.

A boa mulher, vendo-os todos tão bonitos, pôs-se a chorar e disse-lhes:

— Ah, minhas pobres crianças! Onde vieram parar! Vocês sabem que aqui é a casa do Ogro, que come criancinhas?

— Ai de nós, minha senhora — respondeu o Pequeno Polegar, que tremia da cabeça aos pés, assim como seus irmãos. — Que faremos? Se vós não quiserdes recolher-nos esta noite, os lobos da floresta vão nos comer. Sendo assim, preferimos que seja o senhor vosso marido quem nos coma. Talvez ele tenha piedade de nós, quem sabe?

A mulher do Ogro, que acreditava poder escondê-los do marido até a manhã seguinte, deixou-os entrar e levou-os para perto de um bom fogo, a fim de se esquentarem. Havia um carneiro inteiro no espeto, assando para a ceia do Ogro.

Assim que começaram a aquecer-se, ouviram bater grandes golpes à porta: era o dono da casa, que voltava. Na mesma hora, sua mulher os fez esconder-se debaixo da cama e foi abrir a porta. O Ogro já entrou perguntando:

— A ceia está pronta? Trouxeram o vinho?

E imediatamente sentou-se à mesa. O carneiro estava ainda todo sangrento, mas isso só o fez achá-lo melhor. Ele cheirava à direita e à esquerda, dizendo:

— Sinto cheiro de carne fresca.

— Deve ser o veado, que acabo de preparar — disse a mulher.

— Estou sentindo cheiro de carne fresca, já te disse — repetiu o Ogro, olhando atravessado para sua mulher. — Está acontecendo aqui alguma coisa que eu ainda não estou entendendo.

E dizendo essas palavras, levantou-se da mesa e foi direto até a cama.

— Ah! Olha só como tu querias enganar-me, mulher maldita! — Não sei o que me segura que eu não te como também. Tua sorte é seres uma velha estúpida.

Mas estava satisfeito por ter achedo os meninos:

— Eis aí um banquete que vem bem a propósito. Devo receber, por estes dias, três Ogros, meus amigos, e já tenho jantar para servir-lhes.

Puxou-os de debaixo da cama, um depois do outro. Os pobres pequenos puseram-se de joelhos, pedindo misericórdia. Mas estavam tratando com o mais cruel de todos os Ogros que, longe de ter piedade, já os devorava com os olhos.

— Darão deliciosos pedaços de carne assada. Trata de fazer um bom molho — disse ele à sua mulher.

Foi pegar um facão e, afiando-o numa pedra, aproximou-se das crianças. Já tinha agarrado uma delas, quando a mulher lhe disse:



Contos de Perrault

– Para que fazer isso numa hora tão tardia? Não haverá bastante tempo amanhã de manhã?

– Cala-te, ou será pior para eles – respondeu o Ogro.

– Mas tu tens ainda tanta carne! Olha: um veado, dois carneiros e a metade de um porco.

– Tens razão – concordou, afinal, o Ogro. – Dá-lhes uma boa ceia, a fim de que não emagreçam, e depois leva-os para dormir.

A boa mulher ficou cheia de alegria e logo lhes serviu a ceia. Mas eles não puderam comer, de tão apavorados que estavam.

Quanto ao Ogro, ele continuou a beber, muito contente de ter com que regalar seus amigos. Bebeu uma dúzia de copos mais do que costumava e isso lhe subiu um pouco à cabeça. Foi obrigado a ir deitar-se.

O Ogro tinha sete filhas, que ainda eram crianças. Essas pequenas Ogras tinham a pele bonita, porque comiam carne fresca, como seu pai. Mas seus pequenos olhos eram cinzentos e redondos, o nariz em gancho e a boca enorme e com longos dentes pontudos. Ainda não tinham ficado totalmente más: por enquanto apenas mordiam as criancinhas, para lhes sugar o sangue. Entre os Ogros isso era considerado uma maldade pequena.

Tinham feito com que se deitassem cedo. Elas estavam todas num grande leito, tendo, cada uma, uma coroa de ouro na cabeça.



• 74 •

O Pequeno Polegar

Havia, no mesmo quarto, uma outra cama do mesmo tamanho.

Foi nela que a mulher do Ogro fez deitar os sete meninos. Depois disso, foi também deitar-se, perto do marido.

O Pequeno Polegar temia que o Ogro, de repente, se arrependesse de não os ter decapitado logo. Tinha reparado nas coroas de ouro. Pelo meio da noite levantou-se e, tomando os bonés de seus irmãos e o seu, foi, pé ante pé, tirar as coroas das cabeças das meninas. Colocou nelas os bonés e voltou devagarinho para a cama. Chegando lá, pôs as coroas na cabeça de seus irmãos e na sua.

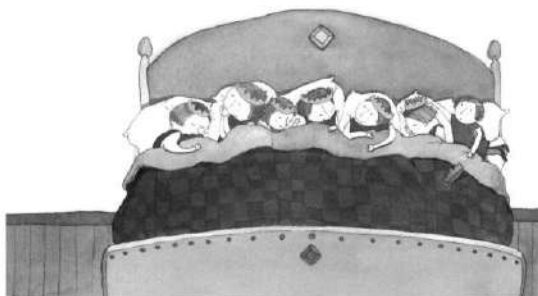
Tudo aconteceu como ele tinha imaginado: o Ogro acordou à meia-noite e aborreceu-se de ter deixado para o dia seguinte o que já podia ter executado. Atirou-se para fora do leito e, tomando seu facão, bradou:

– Vamos ver como vão passando esses moleques.

– Estão dormindo. É melhor não subires agora, pois vais acordar também as meninas – disse a mulher, tentando retê-lo.

Mas ele nem lhe deu resposta e subiu, tateando, até o quarto das filhas. Aproximou-se da cama onde estavam os meninos, que dormiam todos, exceto o Pequeno Polegar. Este teve bastante medo quando sentiu a mão do Ogro, que lhe tateava a cabeça como já tinha tateado a de todos os seus irmãos. Sentindo as coroas de ouro, o Ogro resmungou:

– Vejam só que belo serviço eu ia fazer. Estou vendo que bebi demais ontem.



• 75 •

Contas de Perault

Foi em seguida ao leito das filhas. Tendo sentido os pequenos bonés dos meninos, murmurou:

– Ah! Eis aqui os nossos gaitos. Ao trabalho!

Dizendo essas palavras, cortou, sem hesitação, a garganta de suas sete filhas. Muito contente de sua expedição, voltou para se deitar ao lado da mulher. Tinha feito tudo tão rapidamente, que ela de nada desconfiou.

Assim que o Pequeno Polegar ouviu os rancos do Ogro, acordou seus irmãos e disse-lhes que o seguissem. Desceram na ponta dos pés até o jardim e pularam o muro. Correram quase toda a noite, tremendo, e sem saber para onde iam.

De manhã, o Ogro disse à mulher:

– Vá lá em cima, preparar aqueles fedelhos de ontem à noite.

A mulher ficou muito espantada com a bondade do marido. Nem desconfiou de que maneira ele queria que ela os preparasse. Acreditando que lhe ordenava que os fosse vestir, subiu ao quarto.

Encontrou suas sete filhas decapitadas e nadando em sangue.

A primeira providência que tomou foi desmatar.

O Ogro, temendo que a mulher demorasse muito para executar sua tarefa, subiu para ajudá-lo. Não ficou menos horrorizado que ela, quando viu o espantoso espetáculo:

– Ah! Que fiz eu? – exclamou. – Eles me pagarão, esses desgraçados, e logo.

Jogou um balde d'água no nariz da mulher e, tendo-a feito voltar a si, gritou:

– Dá-me depressa minhas botas de sete léguas, para que eu possa ir pegá-las.

Pôs-se em campo e, depois de ter andado por todos os lados, entrou enfim no caminho por onde iam os meninos, já a cem metros da casa dos pais.

Eles viram o Ogro, que passava de montanha em montanha e atravessava largos rios, tão facilmente como se fossem córregos.

O Pequeno Polegar avistou uma caverna, próxima do lugar onde estavam, e fez seus irmãos esconderem-se nela. Meteu-se ali também, olhando sempre, para ver o que o Ogro estaria fazendo.

O Ogro estava muito fatigado da longa caminhada que tinha feito inutilmente e, além disso, as botas de sete léguas cansam muito seu dono. Quis repousar um pouco.

Por acaso foi sentar-se sobre a rocha onde os pequenos estavam escondidos. Começou a rancar tão terrivelmente que os pobres meninos sentiram o mesmo medo que tinham tido quando ele viera procurá-los no escuro, com o seu facão.

O Pequeno Polegar teve menos medo do que seus irmãos.

– Corram depressa para casa, enquanto o Ogro dorme. Não se preocupem comigo – disse ele.

• 76 •

O Pequeno Polegar

Aproximou-se então do Ogro e tirou-lhe docemente as botas. Calçou-as no mesmo instante. Elas eram muito grandes e largas para ele mas, como eram encantadas, tinham o dom de aumentar ou diminuir, segundo o tamanho de quem as calçasse. Ficaram tão ajustadas a seus pés como se tivessem sido feitas sob medida.

Ele foi então, com a maior facilidade, à casa do Ogro, onde encontrou a mulher chorando, perto das filhas decapitadas.

– Vosso marido está em grande perigo. Foi preso por um bando de ladrões, que juraram matá-lo se ele não lhes der todo o seu ouro e todo o seu dinheiro. Felizmente ele me viu e me pediu para vir avisar-vos da situação em que se encontra. Pediu-me também para vos dizer que me entregueis tudo o que ele tem de valioso, sem nada guardar.

– Mas por que estás com suas botas? – perguntou a ingênua mulher.

– Como o assunto é urgente, ele quis que eu viesse com elas para fazer tudo rápido e para não pensardes que sou um trapaceiro. Vamos andar depressa ou eles o matarão sem misericórdia.

A mulher, apavorada, deu-lhe tudo imediatamente: o Ogro não deixava de ser um bom marido, seu único defeito era comer criancinhas.

O Pequeno Polegar, carregado com todas as riquezas do Ogro, voltou à casa de seu pai, onde foi recebido com grande alegria.

Há, entretanto, pessoas que dizem saber que o Pequeno Polegar nunca roubou a boa mulher que os tinha acolhido. Dizem elas que ele apenas tirou as botas do Ogro, que só as usava para correr atrás das crianças.

Eis como contam o resto da história: calçado com as botas, ele fora à Corte, procurar o Rei. Naquele tempo, as notícias demoravam muito para chegar e o Rei estava bem preocupado com uma batalha que o seu exército travava, a duzentas léguas dali.

– Posso trazer-vos notícias de vosso exército antes do fim do dia – disse-lhe o Pequeno Polegar.

O Rei prometeu-lhe uma polpuda quantia, caso ele o conseguisse. O Pequeno Polegar trouxe as notícias ao cair da noite.

Essa primeira incumbência, tendo-o tornado famoso, permitiu-lhe daí para a frente ganhar todo o dinheiro que queria.

O Rei pagava-lhe magnificamente para levar suas ordens ao exército e uma infinidade de damas dava-lhe tudo o que ele pedisse para ter notícias de seus namorados, que estavam na frente de batalha (foi esta, aliás, a sua principal fonte de ganho). Havia também algumas mulheres que o encarregavam de cartas para os maridos, mas estas lhe pagavam tão mal que ele não se dignava a levar em conta o que ganhava dessa maneira.

• 77 •

Contos de Perrault

Após ter exercido, durante algum tempo, o ofício de correio, e ter juntado assim bastante dinheiro, ele voltou à casa de seus pais, onde não é possível imaginar a alegria com que foi recebido.

Encaminhou a vida de toda a família, comprou cargos para o pai e os irmãos e, ao mesmo tempo, continuou seu trabalho na Corte, cada vez mais proveitosamente.

• 78 •

*O pequeno, o modesto, o sem-valia,
aquele em quem ninguém tem confiança,
ao que menos se espere, um belo dia,
será talvez a única esperança.*

*Não é raro que fusto o mal-amado,
que em recanto obscuro se escondia,
revê-se, de modo inesperado,
o que aponta o caminho, a estrela-guia.*

ANEXO C — Os Contos de Grimm. Tradução por Tatiana Belinky

Polegarzinho

Era uma vez um pobre camponês, que estava sentado junto do fogão, atiçando o fogo, enquanto a mulher fiava. Então ele disse:

— Como é triste nós não termos filhos! Aqui é tão quieto e silencioso, e nas outras casas é tão ruidoso e alegre...

— Sim — disse a mulher, com um suspiro —, mesmo que fosse umzinho só, ainda que pequeninho, do tamanho de um polegar, eu já ficaria satisfeita; nós íamos amá-lo de todo o coração.

Ora, aconteceu que a mulher ficou adoentada e, sete meses depois, teve um filhinho, que era perfeito e bem acabado, mas não era maior que um dedo polegar. Então eles disseram:

— Ele é tal qual nós desejamos e será o nosso filho querido. E eles o chamaram Polegarzinho, por causa do seu tamanho.

Os pais não lhe deixavam faltar nada, alimentavam-no bem; no entanto a criança não crescia, permanecia como era na primeira hora. Mas tinha olhos espertos e mostrou-se logo um garoto sensato e vivo, que tinha sorte em tudo o que fazia.

Um dia o camponês se preparava para ir à floresta cortar lenha. Então ele falou consigo mesmo:

— Bem que eu gostaria de ter alguém que me ajudasse e me conduzisse a carroça para o matol!

— Ó pai — gritou Polegarzinho —, eu vou levar-lhe a carroça, pode confiar que ela estará lá na hora marcada.

O homem riu e disse:

— Como é possível isso? Você é pequeno demais para guiar o cavalo com as rédeas.

— Isto não importa, pai, basta a mãe atrelar: eu me acomodo dentro da orelha do cavalo e vou lhe dizendo como deve andar.

— Muito bem — disse o pai —, vamos experimentar isso uma vez. Quando chegou a hora, a mãe atrelou a carroça e colocou Polegarzinho na orelha do cavalo,



e o pequenino ficou gritando lá dentro: "Upa, upa! Ei, ei!". E o rocim obedecia bem direitinho, e a carroça rodava pelo caminho certo para o mato.

Quando o carro acabava de dobrar uma esquina e o pequeno gritava "Upa, upa!", dois homens estranhos que vinham vindo pararam.

— O que é isso? — disse um deles. — Uma carroça vem rodando, um cocheiro grita para o cavalo, e não se vê ninguém?

— Alguma coisa não está certa aqui — disse o outro. — Vamos seguir esse carro e ver onde é que ele para.

E o carro rodou para dentro da floresta e direto para o lugar onde a lenha estava sendo cortada. Quando Polegarzinho viu o seu pai, gritou:

— Veja, pai, cheguei com a carroça, agora tire-me daqui!

O pai segurou o cavalo com a mão esquerda e com a direita tirou da orelha do cavalo o seu filhinho, que se sentou muito alegre numa lâmina de palha. Quando os dois estranhos viram Polegarzinho, ficaram sem saber o que dizer. Então um chamou o outro para um canto e disse:

— Olha aqui, esse pequerrucho pode fazer a nossa fortuna se nós o exibirmos na grande cidade por um bom dinheiro. Vamos comprá-lo.

E eles se dirigiram ao camponês, dizendo:

— Venda-nos este homenzinho, ele estará bem conosco.

— Não — respondeu o pai —, ele é a menina dos meus olhos e não está à venda por nenhum ouro do mundo.

Mas, quando Polegarzinho ouviu essa conversa, encarapitou-se pelas dobras da roupa no ombro do pai, e disse-lhe na orelha:

— Pai, venda-me sem medo, eu voltarei com certeza.

Então o pai entregou-o àqueles homens por um bom dinheiro.

— Onde você quer ficar sentado? — perguntaram-lhe eles.

— Ora, deixe-me ficar na aba do seu chapéu; ali eu posso ficar passeando de um lado para outro e apreciando as redondezas, sem cair.

Eles fizeram-lhe a vontade, e, quando Polegarzinho se despediu do pai, puseram-se a caminho com ele. Ficaram andando assim até que começou a anoitecer. Ai o pequerrucho disse:

— Desçam-me daqui, que estou com necessidade.

— Fique aí mesmo — disse o homem em cuja cabeça ele estava sentado. — Eu não me incomodo, os passarinhos também deixam cair alguma coisa aí de vez em quando.

— Não — disse Polegarzinho —, eu sei o que não fica bem! Tire-me daqui depressa.

O homem tirou o chapéu e colocou o pequenino num campo arado, junto ao caminho. Ali ele ficou um tempinho pulando de um lado para outro por entre os sulcos, de repente, embarafustou por uma toca de rato, que já havia escolhido.

— Boa noite, meus caros senhores, podem ir para casa sem mim! — gritou ele para os dois, zombando deles. Eles correram e cutucaram a toca de rato com paus, mas em esforço perdido. Polegarzinho se enfiava cada vez mais fundo; e, como logo escureceu de todo, os homens tiveram de desistir e ir embora, com a bolsa vazia e cheios de raiva.

Quando Polegarzinho percebeu que eles se afastaram, arrastou-se para fora daquela passagem subterrânea.

— É muito perigoso andar pelo campo nesta escuridão — disse ele —, pode-se quebrar uma perna ou até o pescoço!

Por sorte, ele deu com uma casinha de caramujo vazia.

— Graças a Deus — falou —, aqui dentro posso passar a noite em segurança. E meteu-se dentro dela.

Mas pouco depois, quando já estava quase adormecendo, escutou as vozes de dois homens que estavam passando, e um deles dizia:

— Como é que vamos fazer para roubar o dinheiro e a prata do velho vigário?

— Eu posso dizer-lhes como — gritou Polegarzinho, interrompendo o homem.

— O que foi isso? — disse o ladrão alarmado. — Eu ouvi alguém falando.

Eles pararam e ficaram escutando, então Polegarzinho falou de novo:

— Levem-me com vocês, eu vou ajudá-los.

— Mas onde está você?

— Procurem no chão e prestem atenção de onde vem a minha voz — respondeu ele.

Ai os ladrões acabaram por encontrá-lo e levantá-lo do chão.

— O sujeitinho miúdo, como é que você quer nos ajudar? — disseram eles.

— Vejam — respondeu ele —, eu passo por entre as grades de ferro da câmara do vigário e lhes passo o que vocês quiserem.

— Muito bem — disseram eles —, vamos ver do que você é capaz.

Quando eles chegaram à casa do vigário, Polegarzinho enfiou-se na câmara, mas pôs-se logo a gritar a plenos pulmões:

— Vocês querem tudo o que há aqui dentro?

Os ladrões se assustaram e sussurraram:

— Fale baixo, para não acordar ninguém!

Mas Polegarzinho fingiu que não ouvira nada e gritou de novo:

— O que vocês querem? Querem tudo o que há aqui dentro?

A cozinheira, que dormia no quarto vizinho, ouviu isso e sentou-se na cama, prestando atenção. Porém os ladrões, assustados, recuaram um pouco no caminho. Mas por fim se animaram de novo, pensando: "O pequerrucho está querendo brincar conosco". Então voltaram e cochicharam para ele:

— Agora fique sério e entregue-nos alguma coisa.

Aí Polegarzinho berrou outra vez, com mais força ainda:

— Eu quero dar tudo para vocês, é só estenderem as mãos!

A cozinheira, que estava escutando, ouviu isso claramente, pulou da cama e correu para a porta. Os ladrões fugiram correndo a bom correr, sem olhar para trás. Mas a cozinheira, que não conseguira ver nada, foi acender uma vela, e Polegarzinho aproveitou o momento para escapar sem ser visto e correr para o celeiro. A mulher, depois de procurar por todos os cantos e não achar nada, voltou para a cama, pensando que sonhara de olhos e ouvidos abertos.

Polegarzinho enfiou-se por entre as palhas e encontrou um bom lugar para se acomodar e dormir. Ele queria descansar ali até o romper do dia, para então voltar para a casa dos pais, mas teve de passar por outros apertos.

Assim que começou a madrugada, a criada saiu da cama para dar de comer ao gado, e sua primeira parada foi no celeiro, onde ela apanhou uma braçada de palha, que era justamente onde Polegarzinho estava dormindo. Mas o seu sono era tão forte, que ele não ouviu nem viu nada, e só acordou quando já estava dentro da boca da vaca, que o apanhara junto com a palha.

— Ai, meu Deus! — gritou ele. — Como é que eu fui parar neste moedor?

Mas logo ele percebeu onde se encontrava e tratou de se cuidar para não ser apanhado e moído pelos dentes da vaca. Isso ele conseguiu, mas depois não escapou de ser engolido e cair dentro do estômago, junto com a palha.

— Nesta casinha esqueceram de fazer janelas — disse ele —, e não entra a luz do sol. E também não há nenhuma vela.

Na verdade seu novo alojamento não lhe agradava nem um pouco, e o pior era que entrava cada vez mais palha pela porta, tornando o lugar cada vez mais apertado. Por fim, na sua aflição, ele começou a berrar com toda a força:

— Não me traga mais comida, não me traga mais comida!

A criada, que estava ordenhando a vaca, quando ouviu uma voz sem poder ver ninguém — e a voz era a mesma que ela ouvira no meio da noite —, ficou tão assustada que calou do banquinho e entornou todo o leite. Então foi correndo para o patrão gritando:

— Ai, meu Deus, senhor vigário, a vaca falou!

— Você ficou maluca — falou o vigário; mas foi pessoalmente para o celeiro, para ver o que estava havendo ali.



Nem bem ele pôs os pés lá dentro, o Polegarzinho gritou de novo:

— Não me traga mais comida, não me traga mais comida!

Aí o próprio vigário ficou assustado, pensando que era um mau espírito que entrara na vaca, e mandou matá-la. A vaca foi abatida, e o estômago, onde Polegarzinho estava preso, foi atirado ao lixo. Polegarzinho teve muito trabalho até poder varar aquilo, mas conseguiu abrir um espaço. Porém, quando já ia pondo a cabeça para fora, nova desgraça lhe aconteceu. Um lobo faminto, que estava passando por ali, viu aquele estômago e engoliu-o inteiro numa só abocanhada.

Polegarzinho não desanimou. "Quem sabe", pensou ele, "o lobo aceita uma conversa", e gritou de dentro da sua pança:

— Meu caro lobo, eu sei de uma bela comilança para você.

— E onde posso pegá-la? — perguntou o lobo.

— Numa casa assim e assim, lá você tem de passar pelo cano da sarjeta e chegar à despensa, onde você vai encontrar bolos, toucinhos e linguiças à vontade. — E ele descreveu direitinho a casa do seu pai.

O lobo não se fez de rogado, enfiou-se no meio da noite por dentro do cano e comeu na despensa até não poder mais. E, quando se deu por farto e satisfeito, quis ir embora; mas tinha engordado tanto que não conseguia mais sair pelo mesmo caminho.

Era com isso mesmo que Polegarzinho estava contando, e então começou a fazer o maior barulho dentro da barriga do lobo, pulando e berrando com todas as forças.

— Fique quieto — disse o lobo —, senão vai acordar todo o mundo!

— Qual o quê? — respondeu o pequerrucho. — Você se encheu de tanto comer, agora eu também quero me divertir.

E começou a gritar e a berrar com todas as forças. Finalmente conseguiu acordar o pai e a mãe, que correram para a despensa e espiaram por uma fresta.

Quando viram que havia um lobo aí dentro, saíram correndo, e o marido apanhou um machado, e a mulher uma foice.

— Fique por trás — disse o marido, quando eles entraram na despensa. — Depois que eu lhe der uma machadada, se ele ainda não estiver morto, você desce a foice nele e abre-lhe a barriga.

Aí Polegarzinho ouviu a voz do seu pai e gritou:

— Pai querido, eu estou aqui, estou preso na barriga do lobo!

Então o pai falou, cheio de alegria:

— Graças a Deus, nosso filho querido foi encontrado!

E mandou a mulher pôr a foice de lado para que Polegarzinho não ficasse ferido. Aí ele levantou o machado e deu um golpe tão forte no lobo, que este calou morto. Então



eles foram apanhar faca e tesoura, abriram a barriga do lobo e tiraram o pequeno lá de dentro.

— Ai — disse o pai —, como ficamos preocupados por sua causa!

— Sim, meu pai, eu andei bastante pelo mundo; graças a Deus que já posso respirar ar fresco de novo!

— E por onde foi que você andou, meu filho?

— Ah, pai, eu estive numa toca de rato, na barriga de uma vaca e na pança de um lobo. Mas agora eu fico em casa com vocês.

— E nós nunca mais venderemos você, nem pelas maiores riquezas do mundo — disseram os pais, e abraçaram e beijaram o seu querido Polegarzinho. E deram-lhe de comer e beber; e mandaram fazer roupas novas para ele, porque as suas ficaram estragadas naquela viagem.



ANEXO D — Respostas da atividade a partir da leitura do livro “O Pequeno Polegar. Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho”

Amarello Santos Meneses 7^o

1) O Pequeno Polegar - Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho

1) Menino, família e o apelido: Pequeno polegar. Do tamanho de um dedo polegar, do cor de um famelão, muito inteligente, esperto, brucalhão.

2) Mãe, pai, calça, das ladeiras, cavalo, dois homens, formiga, tamanduá, dono da venda, mulher do dono da venda, macaco, fais e panacinho.

3) Serra da Capivara, Caatinga, do baixo do pé do barco, estrada, formigueiro, na aba do chapéu, venda do bigode, barriga da calça, paiol, caverna, do baixo de um buritiçaba, casa, cozinha.

4) Polegãozinho, Simões Grimm.

5) Palmeira, famelão.

o Folha de palmeira | o Cerrado da família das mirtáceas

6) Brasil, Caatinga, famelão, Serra da Capivara, tamanduá, tatu-bola, macaco-prego.

7) Serra da Capivara é uma unidade de conservação brasileira localizada no Piauí. Famelão é típico do Nordeste do Brasil, Caatinga Nordeste do Brasil. Macaco-prego, marmosa e marmosa da América do Sul e por todo Brasil. São

duas habitat: floresta, tropicais, Caatinga e Campos abertos. Tatu-bola encontrado no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Habitat: Caatinga.

8) Sim, porque no texto diz que o menino era do cor de um famelão, pequeno, era um menino criança.

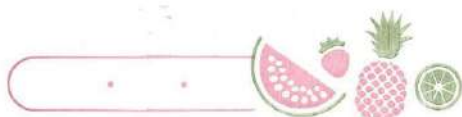
ANEXO E — Fotos dos educandos a partir da realidade do bairro





ANEXO F — Construção dos elementos narrativos — turma 7º ano C

título: história de  TC
 Kimberly
 Personagem principal: Kimberly, ~~adivinha~~ ^{criança}, menina, tem irmãos.
 Personagens secundários: thielly irmã, elizabeth mãe, pai arthur e emerson melha amiga e uma amiga xalsa.
 Espaço: rua da quarenta, casa das amigas e familiares e outras ruas e escola e passar em lojas.
 coisa que vamos manter: mãe e o pai, Ela é pequena, que ela é inteligente que ela vai ter uma avó e ela vai soltar para casa e os pais gostam dela e os bandidos.
 vilão: os bandidos e a amiga xalsa.
~~quero~~ ~~descri~~
 desatili: ladrões vão perseguir ela, cachorros atrás dela.
 elemento mágico: ~~varinha~~ ^{varinha} mágica. o melhor amigo que vai ter poderes.
 O que ela gosta: anda na praça com o melhor amigo.
 ela gosta de brincar na praça nos brinquedos.
 o que ela é: tímida



ela é: alegre e carinhosa.

Como as ruas são: feia, cheia de buraco, as casas tem telhados quebrados, bicos saindo, a escola é boa, a casa adequada.

o que ela é: ela vai ser pobre.

O Pequeno Everson Personagens

O Pequeno Taguro

Everson: Pequeno pois sua mãe temou venedios em sua gravidez

Criança: Negro, magro, forte, pobre, cabelo azul, ~~tema de~~
more com a tia e seu papagaio, sua tia é viúva.

Ele é gay. Gosta de escutar kunitadani todo dia. Introverso / triste, nervoso
não gosta de bestas.

Tia: Viúva, velha, bonita e baixinha. Ela é branca.

Papagaio: igorda, esquisito, frênico e inteligente.
Ele é catão.

Cleiton (vilão): Grande, forte, burro e velho.

Gato (vilão): Obeso, feio

Capanga: Mau, alto e homofóbico

Pedro Souza ZEC Grupo 2

Desafio: Enfrentar o Cleiton e resgatar sua mãe

Espaço / O pequeno everson

SET 1

Ele mora na Virasilândia, favela, perto da escola
CEU Paulistano, ele trabalha limpando ralo no Curumbé.

~~fazendo~~ Rua com buracos e casas apertadas
hospital fechado, metro.

Releitura

Ele é pequeno, tem muitas aventuras, se envolve com
bandidos, e coisas perigosas. Sua tia te vende pois precisa de dinheiro

Desafio

Derrotar o Cleiton, e resgatar sua mãe.
Fugir do gato de Cleiton.

Cléiton do Grial, ~~a~~ mãe, Pai, ~~carinho~~, Policial,
emprego, ~~Pavão do Pó~~, Hospital, ~~casal~~,
40, damacado, agro

nome do sítio: Cléiton do Grial.
Ele enfrentou os policiais

Ele ~~para~~ pensa em qualquer arma.
Como pensamento ele conseguiu qualquer arma
Ele tem 17 anos, pequeno, anos, ele vai ter muita
amizade; valente. Ele gosta de moto. Bati funk
morel moreno.

Ele no final ajudou a família ~~do~~ do
crime e construiu uma oficina de carros.
Morava no favela ~~na~~ numa casa pequena

pequena por genética
adolescente - menina (14 anos)
cabelo curto e cacheado
pobre
inteligente
negra com manchas brancas
joga bola, gosta de ler
introverso
funk
tia
cachorro caramelo → melhor amigo
a zé droguita

favela
praça
beco
casa
escola

ficar longe de casa e voltar
aventuras
pequena

vilão: zé droguita

sequestrada
luto dos pais

elemento mágico: livro

Personagens

- Personagens principais

Adolescente de 14 anos, Bissexual, Mora Bairro do Limão, (Sobrinho) Jonathan / 5050.

Mãe do 5050: Maria de lundes, 34 anos, divorciada de José Antônio.

Pai do 5050: José Antônio, divorciado, 42 anos

ESPAÇOS:

Bairro do Limão
Depósito do Bolinha (mercado)
Apartamento W: 1000
Favela Mendonça

Vamos Manter:

Que ele é lerado } nessa história por traficantes, por uma dívida do pai dele.

ou

Ele foge do colégio e encontra traficante de drogas
uma casa na re- Marcos / falcão
não mais colima Gehilton / campo de marcos
do Bairro Carlos / campo de marcos

Quando ele fugisse ele iria para a casa de uma senhora macumbeira, que queria fazer um ritual satânico com ele.

~~Quando ele fugisse ele iria para a casa de uma senhora macumbeira, que queria fazer um ritual satânico com ele.~~

Lutar contra os traficantes

Elemento: Rato falante

Ele irá ter uma melhor amiga com descendência Chinesa Jane Lee 15 anos

Ele irá sofrer bullying pela altura e por ser gay

E os dois tem o grande sonho de formar uma banda de rock.

Os pais dele aceitam ele como Bissexual

Irá se formar Medicina Pressão da família
ele foi para Harvard para fazer medicina

Cinco, negro, magro, anos 9 pequeno minininho
2 Amigos Ronald e rebeccas Os pais a diabocralos, padre
mas no jardim pauli tem casono pequeno Os pais não vai
gostar dele ele vai fazer um acidente com o da
brasil por falta de atenção por enquanto que
os pais no meio que ele não quer se da
diferença por que eles não quer o filho
ele encontra um plano

ANEXO G — Construção dos elementos narrativos — turma 7º ano D

VITOR: PERSONAGEM PRINCIPAL, 13 ANOS, TINHA PROBLEMA DE CRESCIMENTO, MAGRO, BRANCO, POBRE, GOSTA DE DESENHAR, TEM POUCOS AMIGOS, TRISTE, ESTUDAR, MUITO POBRE, HOMEM HÉTERO ADOLESCENTE, ESTUDAVA NO CÉU JARDIM

HIGOR: ALTO, CLASSE MÉDIA, PERSONAGEM SECUNDÁRIO, FELIZ, 13 ANOS, GORDO, GOSTA DE ANDAR DE SKATE, TEM POUCOS AMIGOS.

DESAFIOS: Tristeza, Sequestro

LUGARES: PRAÇA DA 4ª, RIO DE JANEIRO, R. PÃO

TÍTULO: Pobre, Pobre Vitor

^{APANHADO} MÁGICO: ~~BRILHO~~ MÁGICO (PASSARINHO QUE FALAVA)

PERSONALIDADE: ELAS ERAM POBRES, ELMO ÚNICO, AMAVO, VAISAR DE CASA, ESPERTO E INTELIGENTE

DESCRIÇÃO: ANANÍSMO

VITOR ERA: Triste, SOPRA BOLLING, ESTUDAVA NO CÉU JARDIM PAULISTANO, ERA QUETO, CIA PARDO

Personagens principais: Zé Pequeno

Personagens secundárias: Rosália, Roselly, Robson, Antônia, Serevalda.

Antagonista:

Vanda, Lázara

Local:

boca de fumo, Praça da 40, Casa das tias, Casa dele, barzinhos, boca, delegacia, cemitério, lago de cipó, rua da fiera

acontecimentos:

desaparecimento da pai, tiratiza, escola
Ceu Enel Jardim Paulistano.

Relutância:

Pobre e pai não gosta dele, ele tem irmãs, ele é abandonado, perde a pai no final e é abusado.

Objeto mágico:

a pedra mágica.

Título: Zé a busca da pedra mágica.

Característica:

depressivo, pobre, branco, pequeno, magro.

D S T Q Q S S
D L M M J V S

Personalidade:

influenciado, depressivo, calvo, final da adolescência, vender discretamente, pedra mágica conserte um defeito para quem a achar
Pauzdi

Personagem principal:

- menina
- Adolescente, 15 anos
- pequena, que nasceu com síndrome de Down
- Parda, com o cabelo preto, que mora na favela, inteligente.
- A mãe ajudava ela em tudo
- e tinha o cachorrinho dela que também ajudava
- O pai dela era peixeiro, e trabalhava para pagar o tratamento dela
- No bairro dela tinha laço e pegou ela
- na escola, ela sofria bullying na escola.ceu emef São Paulistano, senar da cantareira, a casa dela era simples e o bairro dela era perigoso.
- elisombro e cheio de buraco
- O cachorro conseguiu faze-la

Protagonista: Pequena Letícia

Pais do Protagonista: Mãe Angelica, Pai Edinei

irmão/irmã do Protagonista: irmão Kevin, irmã Karina

Animal do Protagonista: Gato mel

Protagonista características: Parda, Pobre, Adolescente, Timida, pensativa, ama música, E menina, ama animais e a lua, jogava volei, ela tinha

Amigos/colegas: Kevin, Kariny, letícia e gabriela. Amigos: Lucas, Antônio, Emerson.

Vilão: Sequestrador e dolegas

Lugar: Escola, Parça, brasileiro, Casa, Parque, rua, lapa

Releitura: Pequena, esportiva, vai sair de casa, volta para casa, ajuda a família.

Elemento mágico: sinfonia

ANEXO H — Releituras do conto “O Pequeno Polegar” - Produções escritas dos educandos

O PEQUENO EVERSON

ERA UMA VEZ UMA MULHER QUE DESEJAVAM TER UM FILHO, MAS ELA TENTOU ENGRAVIDAR MUITO TEMPO E NÃO CONSEGUIA. CERTO DIA ELA ESTAVA SENTINDO CALAFRIOS E DECIDIU TOMAR REMÉDIO FORTE PARA FEVER. O QUE ELA NÃO SABIA É QUE NA VERDADE ELA ESTAVA GRAVIDA, E O REMÉDIO AFETOU O CRESCIMENTO DO BEBÊ, QUE NASCEU PEQUENO, DO TAMANHO DE UM DEDO POLEGAR. CARINHOSAMENTE A FAMÍLIA O REGISTROU COMO EVERSON JÚNIOR, EM HOMENAGEM AO SEU PAI, E O APELIDO COMO POLEGAR.

APÓS DOIS ANOS DO PARTO, ALGO MUITO TRISTE ACONTECEU: A MULHER FALEceu DEVIDO A UM CÂNCER E O MENININHO FOI MORAR COM SUA TIA, JÁ QUE O PAI O ABANDONOU.

QUANDO EVERSON COMPLETOU SETE ANOS, SUA TIA COMEÇOU A ACUMULAR MUITAS DÍVIDAS E ENTÃO DECIDIU VENDER O SOBRINHO AO CHEFE DO TRÁFICO DE ÓRGÃOS DO LOCAL CHAMADO CLEITON, TAMBÉM CONHECIDO COMO DONO DO MORRO.

EVERSON ENTENDEU A SITUAÇÃO E, ANTES DE SAIR, ACALMOU A TIA COM UM SORRISO NO ROSTO:

— EU VOLTO TIA!

ACOMPANHADO POR UM CAPANGA, O MENINO SEGUIU ATÉ O BAIRRO DO CARUMBE, ONDE SERIA SUA NOVA CASA, MAS, NO MEIO DO CAMINHO ENCONTROU SEU TIO, QUE O AJUDOU A ESCAPAR SEM QUE O HOMEM DO TRÁFICO PERCEBESSE. POR SER MUITO PEQUENO, POLEGAR SUBIU EM UMA FOLHA E FOI LEVADO PELO VENTO. ANIMADO ELE SE DISTINGUIU

IV OLHANDO O BAIRRO E CAIU NUMA LATA DE LIXO.

SEM SABER COMO SAIR, ELE SE DEPAROU COM UMA ENORME BOCA. ERA UMA VIRA-LATA SE ALIMENTANDO E QUE ENGOLIU O MENININHO COM UM RESTO DE COMIDA. NO ESTOMAGO DO ANIMAL, EVERSON ENCONTROU DIVERSAS COISAS DENTRE ELAS, UMA MOSCA FALANTE, QUE DISSE:

— OLA PEQUENO HUMANO, O QUE VOCÊ FAZ AQUI?

— FUI ENGOLIDO E PRECISO DE AJUDA...

— POSSO TE AJUDAR COM UMA CONDIÇÃO.

— QUALQUER COISA!

— EU LHE AJUDAREI SE VOCÊ ME DAR MUITA COMIDA — ELA DISSE DANDO UMA RISADINHA. ENTÃO EVERSON FALOU:

— OK! ME AJUDE A SAIR DESSE LUGAR LOGO!

A MOSCA COLOCOU NA CINTURA DO MENINO UM ANEL MÁGICO QUE TINHA O PODER DE MUDAR UM FATO OCORRIDO NAS ÚLTIMAS 24 HORAS. EVERSON E A MOSCA VOLTARAM AO MOMENTO EM QUE O MENINO SE DESEQUILIBROU DA FOLHA, MAS AO INVÉS DE CAIR NO LIXO, ELE VOOU COM A AJUDA DO INSETO MÁGICO ATÉ A CASA DO DONO DO MORRO. FOI NESTE MOMENTO QUE O POLEGAR PERCEBEU QUE A MOSCA MÁGICA TAMBÉM TRABALHAVA PARA O TRAFICO E SEU PLANO NÃO ERA AJUDAR O MENINO, MAS LEVÁ-LO ATÉ CLEITON.

AO CHEGAR À CASA, O HOMEM JÁ ESTAVA À SUA ESPERA. ASSUSTADO, POLEGAR CORREU PELA IMENSA CASA E, POR DESCUIDO, CAIU NO RALO DO BANHEIRO. LEVADO PELO ESGOTO, EVERSON CHEGOU ATÉ OS ~~CANTOS~~ ENCANAMENTOS DA ESCOLA CEM PAULISTANO E DE LA, PASSANDO POR DEBAIXO DA PORTA, CONSEGUIU RETORNAR À CASA DE SUA TIA.

AO ENCONTRAR-LA, EVERSON FOI BEM RECEBIDO. TOMOU UM BANHO, COMEU UM POUCO E CONTINUOU AS SUAS AVENTURAS. A TIA ENTÃO COMENTOU QUE ESTAVA SE SEPARANDO DO MARIDO E COM O DINHEIRO DO DIVÓRCIO E O NOVO EMPREGO QUE ELA CONSEGUIU NA FARMÁCIA DO BAIRRO, CONSEGUIA

tilibra

PAGAR TODAS AS DIVIDAS!

EVERSON COMEÇOU A AJUDAR NAS TAREFAS DE CASA E FICOU FAMOSO. SEU CANAL NO YOUTUBE, CONSEGUINDO PATROCINADORES E ASSIM GANHANDO MUITO DINHEIRO, DANDO UMA VIDA MELHOR PARA A TIA.

S T Q Q S S D

gasmin ferreira silva
maria eduarda

A pequena Kimberley

Era uma vez uma menina muito pequena chamada Kimberley. Ela morava em uma favela no Jardim Paulistano com seus pais, que a trataram muito bem e a amavam muito.

Em uma tarde, voltando da escola Ceu Emer Jardim Paulistano com sua mãe, ela encontrou o Emerson, seu melhor amigo e os dois ficaram brincando na praça por um bom tempo. Mesmo gostando de estar ali, a menina estava pensando seu novo amigo virtual, com quem ela conversava todos os dias.

Ao chegar em casa, Kimberley ligou o celular e viu a mensagem que estava esperando.

- Oi, tudo bem? chegou da escola?

- Oi, cheguei! Tudo bem!

- Eu estava aqui pensando... vamos nos encontrar pessoalmente? O que você acha? Você parece ser tão legal!

- Pode ser! Quando você está livre?

- Pode ser amanhã a tarde?

- Pode sim. Vou falar com a minha mãe para ver se ela deixa.

Love
Flowers

- não precisa contar para ela. Apenas

spiral®

S T Q Q S S D



me encontre na praça da quarenta amanhã a tarde!

- Mas por quê?

- Ah, eu tenho vergonha, melhor se ir você, Kimberling!

- OK, então... até amanhã!

Após desconectar a internet, a menina ficou pensando que poderia ser perigoso ir sozinha e, por isso era melhor chamar alguém para acompanhá-la neste momento, se lembrou de seu melhor amigo e vizinho, o Emerson, mas como estava tarde, foi dormir.

Às amanhecer, enviou mensagem para ele, contando sobre sua amizade virtual e o encontro marcado.

- Eu não sei se é uma boa ideia - disse Emerson.

- E por quê?

- Porque você nem conhece esse garoto direito! Pode ser perigoso...

- A praça vai estar cheia de gente. Eu acho que não vai ter problema...

- Tá bom, então.

Eles almoçaram antes de sair de casa, se encontraram e riram até a barriga, mas chegando lá não viram ninguém com as características descritas na mensagem. Esperaram, esperaram... Cansadas, decidiram ir embora, descausadas, porém, no caminho, um homem parou para conversar com elas. Nesta hora, Kimberling desco-

spiral





Femmina

S T Q Q S S D

briu que aquele era o amigo virtual, com quem ela conversara sempre. Sem entender porque ele fingiu ser criança por todo o tempo, o homem inventou uma história e, percebendo que Emerson e Kimberly não estavam acreditando, o homem seguiu os dois e, rapidamente, os adormeceu com um pano com sonífero.

Adormecidas as crianças foram colocadas em uma van e estavam sendo levadas para longe, onde a família não as encontraria. No caminho, o homem sentiu fome e parou o veículo no mercado da Lapa. Por sorte, o sonífero colocado no pano não havia sido suficiente, e as crianças acordaram enquanto ele se alimentava.

Desesperados, Emerson e Kimberly procuraram um jeito de sair dali, quando encontraram algo brilhando dentro do veículo. Era uma varinha mágica. Fechando os olhos as crianças fizeram o pedido para que um policial aparecesse e as salvasse. Foi então que uma viatura parou em frente a van, libertando os dois e prendendo aquele homem, que era, na verdade, um sequestrador e abusador de crianças.

Aliviadas por estarem protegidas, Kimberly e Emerson foram levadas de viaturas até suas casas, onde reconheceram suas famílias.

Os dois amigos, depois do susto, aprenderam a lição e nunca mais marcaram encontro com pessoas desconhecidas.

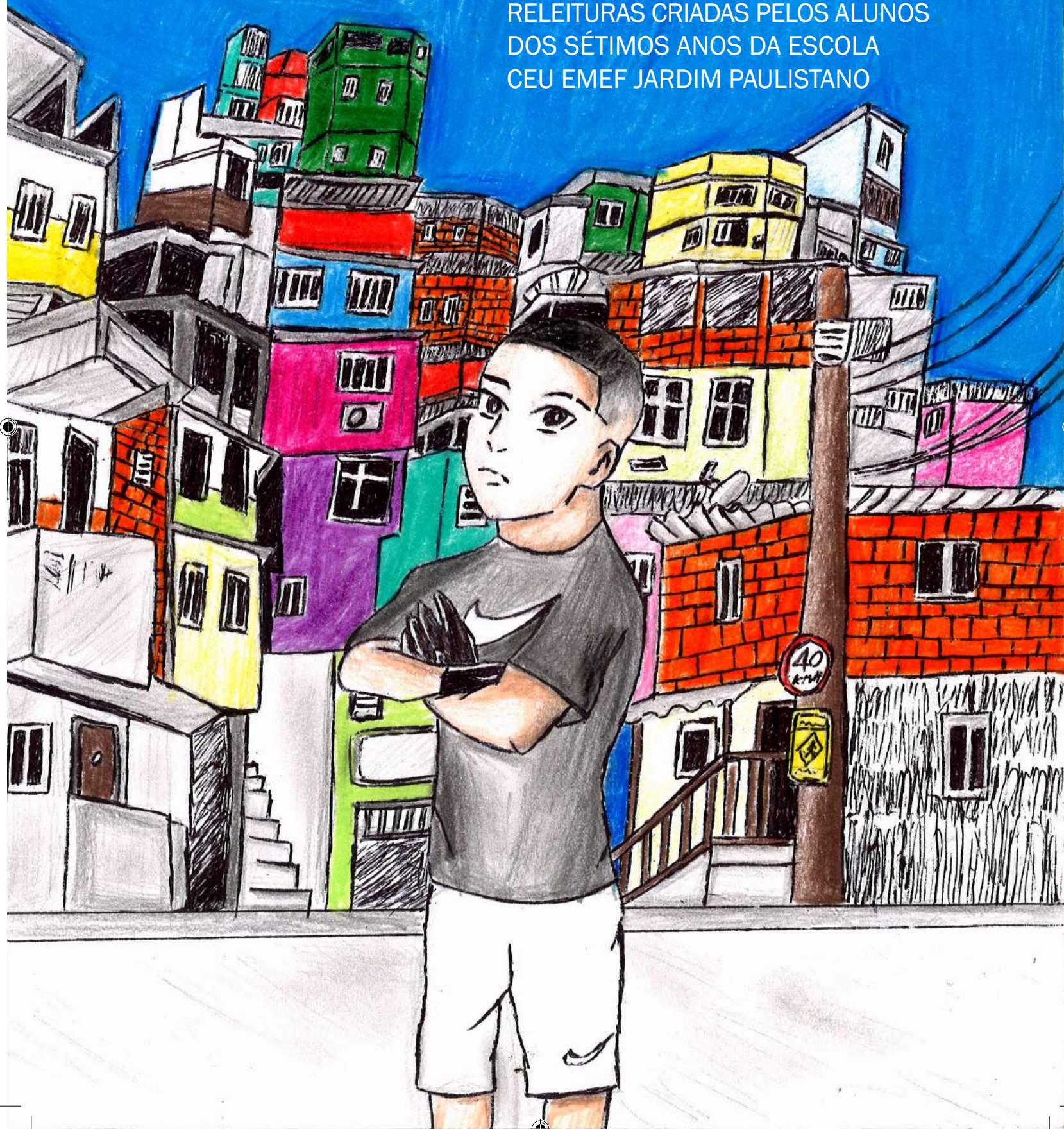
Love
Flowers

spiral®

ANEXO I — Versão final do livro “O Pequeno Polegar na Quebrada”, escrito e ilustrado pelos educandos

O PEQUENO POLEGAR NA QUEBRADA

RELEITURAS CRIADAS PELOS ALUNOS
DOS SÉTIMOS ANOS DA ESCOLA
CEU EMEF JARDIM PAULISTANO







O PEQUENO POLEGAR NA QUEBRADA

TEXTO E ILUSTRAÇÕES:
ALUNOS DOS SÉTIMOS ANOS

IDEALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO
PROFESSORA THATIANA GALANTE DE SÁ

CEU EMEF JARDIM PAULISTANO

DIRETORA JANAÍNA ZANONA FRUTUOSO

VICE-DIRETORA LETÍCIA SOUZA SILVA

VICE-DIRETORA NILCÉIA REGINA FERREIRA

COORDENADORA JAMARA NOEMIA PARRA ASTOLPHO

COORDENADORA DIOMAR FERNANDES DUTRA DA MATA

DIAGRAMAÇÃO

JULIANA FERREIRA BERNARDO

SÃO PAULO

2022





*Aos pais, familiares, amigos, professores, gestores
e demais funcionários da escola CEU EMEF Jardim
Paulistano, e a todos que nos encantam com a arte
literária.*





Índice

Prefácio _ PAG.11

A pequena Kimberlly

Autores:

Maria Eduarda Menezes de Paula
S.T.L

Victor Bulhões dos Santos
Yasmin Ferreira Silva

Ilustradora:

Yasmin Ferreira Silva

PAG.13

Cleitin do Grau

Autores:

Davi de Menezes de Almeida
Davi Henrique Jacinto
Enzo Moreira Santos
Nicolas dos Santos Bertuzzi

Ilustrador:

Enzo Moreira Santos

PAG.21

Mariana e seu filho Polegar

Autoras

Alice Alves Santana
Franciele Martins Soares
Geovana Victoria Rosario dos Santos
Maria Clara Souza de Moura
Rafaella Santos Pereira

Ilustradora

Franciele Martins Soares

PAG.29

A Polegarzinha

Autoras:

Larissa Kelly Ferreira de Sousa
Ananda Santos Menezes
Emanuely Ferreira da Silva
Natally Cordeiro Paiva

Ilustradoras:

Larissa Kelly Ferreira de Sousa
Emanuely Ferreira da Silva

PAG.17

Jhonatan, O Pequenino

Autores:

Livia Oliveira da Silva
Miriam Hadassa Novais Pereira
Rayane Eloiza Cupertino Silva
Ryan Gabriel Nascimento Souza da Silva

Ilustradora:

Miriam Hadassa Novais Pereira

PAG.25



O Pequeno Everson

Autores:

Guilherme Santos de Souza Matos
Maycon Nicolas da Silva Santos
Pedro Souza Araujo
Victor Batista Souza dos Santos

Ilustrador:

Maycon Nicolas da Silva Santos

PAG.35

O Pequeno Menininho

Autoras:

Ana Clara Fontenele Aragão
Kethylli Haylanne Aragão da Silva
Maria Clara Lima Santos
Maria Clara Siqueira Maciel

Ilustradoras:

Ana Clara Fontenele Aragão
Maria Clara Siqueira

PAG.43

O Pequeno Polegar do Paulistano

Autores:

Fellipe Nascimento de Oliveira
Juan Anderson Yana Mamani
Lucas Pereira Leite
Miguel Pereira Ferraz
Nicole Alves Damasceno

Ilustradora:

Nicole Alves Damasceno

PAG.51

O pequeno Gabriel

Autores:

Gustavo Henrique Frigiolli Alfredo
L.C.S.S.
Lilian Messias Cardoso de Oliveira
Nikolas Alves Ambrosio

Ilustradores:

L.C.S.S.
Lilian Messias Cardoso de Oliveira

PAG.39

O pequeno menino e a salvação

Autores:

Bruno Ribeiro Santana
Mickael Enzo Neres Nogueira
Rayssa Yasmin Nogueira Brito dos Santos
Willy Gomes Santos

Ilustrador:

Mickael Enzo Neres Nogueira

PAG.47



O Pequeno Ryan

Autoras:

Ana Clara Guedes Lima
Ana Julia Soares de Pieri
Isabella Maria Pereira Silva
Maria Vitória de Oliveira Santo

Ilustradora:

Isabella Maria Pereira Silva

PAG.55

Pobre pequeno Vitor

Autores:

André Victor Carneiro Lima
Bruno Vieira da Silva Santos
Inara Aparecida Pereira Oliveira
Jason Gabriel Paixão Andrade
Laysa Mirella Rodrigues da Silva
Wendell Castelhana Hernandez

Ilustrador:

Wendell Castelhana Hernandez
PAG.63

Zé Pequeno em busca do pai

Autores:

Breno Silva Santos Guimarães
Débora Vitória dos Santos
João Vitor Paiva da Silva
Yasmhyn Vitória Teixeira da Silva

Ilustradoras:

Debora Vitória dos Santos
Yasmhyn Vitória Teixeira da Silva

PAG.71

Pequena menina e o cinto mágico

Autores:

Gabriela Gomes de Abreu
Kariny dos Santos Brandão de Souza
Letícia de Souza Oliveira
Wesley Eduardo Pereira Gomes

Ilustrador:

Wesley Eduardo Pereira Gomes
PAG.59

Uma pequena imaginação brilhante

Autores:

Eloísa Batista da Silva
Emerson Alves Pereira
Geovana Amaral da Mata
Isabella Nogueira de Oliveira Silva
Maria Eduarda de Araujo Leite

Ilustradora:

Maria Eduarda de Araujo Leite
PAG.67





Prefácio

Desde os primeiros anos de vida, somos apresentados aos contos de fadas: seja pelos professores da Educação Infantil, por familiares que nos leem histórias antes de dormir, ou até mesmo por meio das adaptações feitas para o cinema, como os clássicos da Disney.

Quem nunca ouviu falar de *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Branca de Neve* e *A Pequena Sereia*, não é mesmo? Mas será que essas narrativas, tão presentes em nossa memória afetiva, sempre foram consideradas como histórias para crianças? Será que, ao longo dos anos, os personagens, o enredo, o espaço e o narrador permaneceram iguais? E os leitores, mudaram muito o seu modo de pensar e de se expressar no mundo?

Durante o ano letivo de 2022, a partir do *Programa de Mestrado ProfLetras*, oferecido pela Universidade de São Paulo, a professora Thatiana desafiou os educandos dos sétimos anos C e D, da escola CEU EMEF Jardim Paulistano, a aprofundarem seus conhecimentos literários, tornando-os leitores e produtores de contos de fadas. Explorando o acervo da Sala de Leitura da escola, descobriram, juntos, a variedade de versões existentes e a diferença entre os contos já conhecidos por eles e suas primeiras versões escritas, recolhidas da tradição oral.

Após o momento de pesquisa e compartilhamento de livros, as turmas iniciaram um estudo do conto “O Pequeno Polegar”, passando pelas versões de Perrault (escrita em 1697), seguido pela versão dos Irmãos Grimm (escrita em 1812), finalizando com a adaptação escrita em 2014, por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho. No decorrer das aulas, cada aluno teve a oportunidade de debater sobre os textos, observar sua estrutura e relacioná-los à época social em que foram produzidos. Atentos às escolhas das palavras e a importância delas para a produção de sentido no texto, pouco a pouco, cada aluno identificou como são construídas as narrativas.

Ao término desse processo, passou-se a discussão sobre o espaço (lugar), enredo (história) e personagens, surgindo o questionamento: e se o conto “O Pequeno Polegar” acontecesse em nossa comunidade, nos dias atuais, como seria? A partir dessa perspectiva, as turmas refletiram e pesquisaram sobre o distrito Brasilândia, local em que a escola está inserida e onde grande parte de nossos alunos vivem, discutindo-se noções geográficas, políticas e sociais. Ao identificar aspectos positivos e negativos do bairro, cada aluno assumiu seu papel de cidadão crítico, percebendo necessidades básicas para o bem-estar da comunidade.



Depois de encerrado o processo de debates, pesquisas e leituras, os alunos se organizaram e colocaram no papel tudo aquilo que aprenderam durante as aulas. Considerando as versões lidas do conto “O Pequeno Polegar”, cada grupo deveria criar uma releitura da obra literária, contextualizando no distrito da Brasilândia, nos dias atuais. Após a produção escrita, também era necessário produzir uma ilustração, sintetizando a ideia principal de cada narrativa.

Como resultado final, nasceu esse livro de releituras, *O Pequeno Polegar na Quebrada*, a partir do olhar jovem de nossos alunos, enfatizando a realidade local em que vivem, mas dialogando com as primeiras versões da obra, sem abandonar o toque mágico do “era uma vez”, onde tudo pode acontecer...

Quais personagens representam nossa comunidade? Quais desafios enfrentam? Quais lugares do bairro são citados? Como se desenvolvem as histórias? Quais elementos mágicos aparecem? Quais foram as escolhas feitas para manter o diálogo com as versões originais do conto?

Se você está curioso para descobrir como nossos alunos encararam esse desafio, embarque conosco nessa viagem literária! Vamos juntos?

Boa leitura!

Thatiana Galante de Sá



a pequena
Kimberlly





A pequena Kimberly

Autores:

Maria Eduarda Menezes de Paula

S.T.L

Victor Bulhões dos Santos

Yasmin Ferreira Silva

Ilustradora:

Yasmin Ferreira Silva



Era uma vez uma menina muito pequena chamada Kimberly. Ela morava em uma favela no Jardim Paulistano com seus pais, que a tratavam muito bem e a amavam muito.

Em uma tarde, voltando da escola CEU EMEF Jardim Paulistano com sua mãe, ela encontrou o Emerson, seu melhor amigo, e os dois ficaram brincando na praça por um bom tempo. Mesmo gostando de estar ali, a menina estava pensando em seu novo amigo virtual, com quem ela conversava todos os dias.

Ao chegar em casa, Kimberly ligou o celular e viu a mensagem que estava esperando:

- Oie, tudo bem? Chegou da escola?
- Oie, cheguei! Tudo bem!
- Eu estava aqui pensando... vamos nos encontrar pessoalmente? O que você acha? Você parece ser tão legal!
- Pode ser. Quando você está livre?
- Pode ser amanhã à tarde?
- Pode sim. Vou falar com a minha mãe para ver se ela deixa.
- Não precisa contar para ela. Apenas me encontre na Praça da Quarenta!
- Mas por quê?
- Ah, eu tenho vergonha, melhor só ir você, Kimberly.
- Ok, então... até amanhã!

Após desconectar a internet, a menina ficou pensando que poderia ser perigoso ir sozinha e, por isso, era melhor chamar alguém para acompanhá-la. Nesse momento, lembrou de seu melhor amigo e vizinho, o Emerson, mas como estava tarde, foi dormir.

Ao amanhecer, enviou mensagem para ele, contando sobre sua amizade virtual



e o encontro marcado:

- Eu não sei se é uma boa ideia- disse Emerson.
- E por quê?
- Porque você nem conhece esse garoto direito! Pode ser perigoso...
- A praça vai estar cheia de gente. Eu acho que não vai ter problema...
- Tá bom, então.

Eles almoçaram antes de sair de casa, se encontraram e foram até a pracinha, mas chegando lá, não viram ninguém com as características descritas na mensagem. Esperaram, esperaram... cansados, decidiram ir embora, descansar, porém, no caminho, um homem parou para conversar com eles. Nesta hora, Kimberlly descobriu que aquele era o amigo virtual com quem ela conversava sempre. Sem entender porque ele fingiu ser criança por todo o tempo, a menina ficou confusa. O homem inventou uma história e, percebendo que Emerson e Kimberlly não estavam acreditando, segurou os dois e, rapidamente, os adormeceu com um pano com sonífero.

Adormecidas, as crianças foram colocadas em uma van e estavam sendo levadas para longe, onde a família não as encontraria. No caminho, o homem sentiu fome e parou o veículo no Mercado da Lapa. Por sorte, o sonífero colocado no pano não foi suficiente e as crianças acordaram enquanto ele se alimentava.

Desesperados, Emerson e Kimberlly procuraram um jeito de sair dali, quando encontraram algo brilhando dentro do veículo. Era uma varinha mágica! Fechando os olhos, as crianças fizeram o pedido para que um policial aparecesse e os salvasse, foi então que uma viatura parou em frente à van, libertando os dois e prendendo aquele homem, que era, na verdade, um sequestrador e abusador de crianças.

Aliviados por estarem protegidos, Kimberlly e Emerson foram levados de viatura até suas casas, onde reencontraram suas famílias.

Os dois amigos, depois do susto, aprenderam a lição e nunca mais marcaram encontro com pessoas desconhecidas.

A POL EGARZINHA







A Polegarzinha

Autoras:

Larissa Kelly Ferreira de Sousa
Ananda Santos Menezes
Emanuelly Ferreira da Silva
Natally Cordeiro Paiva

Ilustradoras:

Larissa Kelly Ferreira de Sousa
Emanuelly Ferreira da Silva

Era uma vez uma adolescente de quatorze anos de idade, conhecida como Polegarzinha. Toda sua família era baixinha, mas por ela ser a menor entre todos os seus parentes, recebeu esse apelido carinhoso.

Polegarzinha tinha os cabelos cacheados e tingidos de azul, pele negra e com vitiligo, introvertida, com poucos amigos e bastante inteligente. Ela adorava ler e também jogar bola. Ainda criança ficou órfã, após um grave acidente envolvendo seus pais, por isso passou a morar com sua tia no bairro Jardim Paulistano, próximo ao CEU.

Em um certo dia, após o horário de aula, a juvenzinha entrou em um beco escuro, que era atalho para sua casa. Ela estava com medo, pois era sexta-feira e estava anoitecendo, momento em que aconteciam muitos bales funks na região e havia muitos perigos na rua. O local estava barulhento, mas algo chamou sua atenção, ela ouviu um choro.

Ao seguir o choro, teve uma surpresa: era um cachorro vira-lata da cor caramelo que, provavelmente, estava chorando por causa do barulho. Na tentativa de ajudar o animal, Polegarzinha abaixou-se e reparou um machucado na pata dele. Ela pensou “o que teria acontecido?”. Na mesma hora, sentiu alguém se aproximando e, ao virar-se para o lado, viu dois “Zé Droguiñas”. O cachorro se encolheu e ela deduziu que foram eles quem o machucaram.

Aproveitando que a adolescente estava sozinha, parecia frágil e estava escuro, aqueles “Zé Droguiñas” a sequestraram e, após roubarem os pertences dela, a deixaram amarrada em uma mata longe do bairro, junto ao cachorro.

Procurando alguma coisa para se soltar, encontrou um pedaço de vidro e, com um pouco de dificuldade, conseguiu cortar as cordas e ficaram livres. Os dois começaram a andar e viram algo brilhante no chão. Era um livro, porém, estranhamente, estava sem nada escrito ou desenhado.

Ao abrir aquele livro, que brilhava, e virar suas páginas, algo mágico aconteceu:



um mapa era desenhado enquanto ele se movia, indicando sua localização e a direção que deveria seguir. Após muito caminhar, Polegarzinha e o cachorro Caramelo chegaram à uma caverna e lá dentro encontraram um baú cheio de tesouros. Mal tiveram tempo para comemorar. As paredes começaram a desmoronar assim que retiraram o baú. Correram muito e, por sorte, abriu-se uma porta que os conduziu salvos para longe do perigo.

Depois de muito tempo andando carregando o baú, e com ajuda do mapa do livro mágico, os dois amigos conseguiram voltar ao Jardim Paulistano.

Ao chegar em casa, Polegarzinha contou para sua tia tudo o que havia acontecido. A tia estava desesperada à sua procura e ficou aliviada ao encontrar a sobrinha.

Grata pela companhia fiel do cachorrinho durante a aventura, Caramelo foi adotado pelas duas e, com o baú de tesouros encontrado, ficaram ricas.



CREATING DO CRAU







Cleitin do Grau

Autores:

Davi de Menezes de Almeida
Davi Henrique Jacinto
Enzo Moreira Santos
Nicolas dos Santos Bertuzzi

Ilustrador:

Enzo Moreira Santos



Era uma vez um menino chamado Cleiton, nascido no Jardim Paulistano, zona norte de São Paulo. Sua casa era pequena, com apenas um quarto, cozinha e banheiro. Ele morava na Favela do Pó, próximo à Praça da Quarenta, com sua mãe e seu pai, que o amavam muito e davam para ele tudo o que podiam.

Apesar de a gravidez ter sido tranquila, os pais de Cleiton tiveram uma grande surpresa quando ele nasceu: o menino tinha nanismo. Por causa do tamanho do filho a família o protegia muito.

Cleiton estudava na escola CEU EMEF Jardim Paulistano e gostava de tudo o que havia lá: piscina, quadra, campo de futebol, Sala de Informática e Sala de Leitura. Carinhosamente, no terceiro ano ele recebeu dos amigos da escola o apelido de Cleitin do Grau. “Cleitin” porque ele era bem menor do que as outras crianças da idade dele, do “Grau” porque ele era “fechamento”, ou seja, uma pessoa que tem consciência e responsabilidade.

Na adolescência, porém, tudo mudou. Quando estava com treze anos de idade, no sétimo ano, ele passou a sofrer bullying todos os dias na escola, o que o deixou revoltado e com depressão. Já cansado de tanto sofrer e de sentir muita raiva, Cleitin do Grau parou de estudar.

Para os pais não perceberem, ele saía de casa com o material escolar, mas no horário de aula jogava bola na Praça da Quarenta, onde começou a andar com más influências: um grupo de meninos que roubava para usar drogas.

Em uma tarde, após o jogo de futebol, aqueles meninos ofereceram drogas para Cleitin provar e, por ser curioso, ele aceitou. Como gostou muito, começou a usar algumas vezes na semana, quando ganhava drogas dos novos amigos.

Com o passar do tempo, ele ficou viciado e começou a roubar moto no bairro Jardim Damasceno, próximo de onde vivia, com a ajuda dos meninos do futebol. Em um



desses assaltos, os pais de Cleitin estavam indo ao mercado Atacadão, quando pararam no farol e viram o que nunca imaginaram, o filho tinha se tornado um assaltante de moto.

Muito tristes, ao verem que a educação que eles davam não estava servindo para nada, voltaram para casa, fizeram as malas do filho e o expulsaram.

Cleitin, sem ter onde morar, foi procurar ajuda, mas os mesmos que o incentivaram a roubar viraram as costas para ele, chamando-o de anãozinho inútil.

Sem abrigo, ele foi para a Favela do Pó e fez novas amizades. Dentre as pessoas que lá conheceu estava o Senhor Osvaldo, um homem negro, trabalhador, de quarenta e cinco anos e de bom coração. Disposto a ajudar aquele jovem a sair do crime, Senhor Osvaldo o convidou para morarem juntos.

Decidido a mudar de vida e seguir o conselho daquele bondoso senhor, Cleitin do Grau planejou roubar, pela última vez, em um baile funk na Favela do Iraque, e depois buscar ajuda para abandonar as drogas e o crime.

Numa sexta-feira à noite, saiu com tudo planejado: partiu para o baile do Iraque com um grupo de amigos da Favela do Pó, seus novos vizinhos, onde ficou feliz dançando e bebendo. Nesse momento, umas moças se aproximaram, muito simpáticas, oferecendo um copo de bebida alcoólica misturada com droga. Cleitin aceitou, porém ficou rapidamente alterado após o consumo.

Tendo alucinações, ele não desistiu de seu plano e usou uma arma de air soft para tentar assaltar o Ogro, que se defendeu do assalto e chutou o pequeno para bem longe.

As pessoas que presenciaram a cena ligaram para o SAMU e também à polícia. Cleitin foi levado às pressas ao Hospital Penteado, onde passou por uma cirurgia e, após ter alta, foi preso ao ser reconhecido pelos crimes cometidos.

Senhor Osvaldo, que era advogado, não desistiu de seu amigo e o ajudou a ter a pena reduzida. Após ser liberto, Cleitin participou de um grupo de apoio na comunidade e deixou de usar drogas, passando a ser um funcionário dedicado do mercado Assaí.

Ao encontrar o filho e perceber que ele estava mudado, seus pais deram a ele uma nova chance e o aceitaram novamente em casa.

Com o apoio dos pais e o dinheiro que recebia no trabalho, Cleitin abriu uma oficina de moto e, com o tempo, passou a ajudar à família, sem nunca deixar de ser grato ao Senhor Osvaldo.

ΔΗΘΗΚΑΤΑΝ

Ο ΑΣΤΕΥΣΕΝΟΣ







Jhonatan, o Pequenino

Autores:

Livia Oliveira da Silva

Miriam Hadassa Novais Pereira

Rayane Eloiza Cupertino Silva

Ryan Gabriel Nascimento Souza da Silva

Ilustradora:

Miriam Hadassa Novais Pereira

Em uma periferia de São Paulo, no Jardim Paulistano, vivia um garoto pequeno chamado Jhonatan, mais conhecido como “Jojo”. Ele tinha quatorze anos, era bissexual, sofria bullying por ser baixo e por sua orientação sexual.

Quando ele tinha três anos, sua família estava passando por momentos difíceis. Seu pai foi demitido e sua mãe estava desempregada. Como não tinha muita coisa para comer, Jojo teve anemia, por isso não se desenvolveu direito e é baixo hoje em dia.

Sua mãe se divorciou de seu pai quando ele tinha oito anos, com isso ele ficou com ansiedade.

Ele estudava na escola Cynira Estocco Fausto desde os seis anos, lá ele conheceu sua melhor amiga, Jane Lee, que se mudou para o Brasil com três anos de idade. Ela nasceu nos EUA, mas recebeu esse sobrenome por causa de sua família que nasceu na China.

Jojo sempre tentava conversar com seus colegas, mas nunca conseguia, ou era por ser muito tímido ou por seu jeito introvertido e calado. Sua única amiga sempre foi Jane.

Um dia, no caminho de volta para sua casa, por volta das 18:40h, dois caras se aproximaram de Jojo e começaram a intimidá-lo e ele começou a correr. Ele correu para um beco escuro, onde os capangas o cercaram e o desmaiaram com sonífero.

No cativado, Marcos, mais conhecido como Falcão, o chefe do tráfico, estava na frente dele, e em tom de ameaça, explicou a situação:

- He, mano, teu pai tá devendo uma graninha pra nós, se ele não pagar, cê tá ligado que cê morre aqui e agora, né menor?

- O que?! Mas como assim meu pai tem dívida com chefe de tráfico?! – disse Jojo.

- Sim, parça, teu pai deve quinze mil conto pra nós, mano. E se ele não pagar até 15 de abril, você já era.

No dia seguinte, Jojo pensou:



- Eu preciso dar um jeito de sair daqui. Já sei! Aqui tem uma porta, então eu posso achar alguma coisa para abrir.

- Ei, ei! Olha aqui embaixo! – disse um ratinho que passava por ali.

- Oxi, o que é isso? Um rato que fala?

- Sim, agora eu vou te ajudar. Embaixo desse tapete tem um alçapão, porém ele está trancado. A chave está em um lugar difícil e eu vou buscar para você. Em troca, você deve me pagar com um almoço.

- Ok, eu te pago o almoço.

E lá se foi o Rato achar a chave que estava dentro do duto de ar.

- Achei a chave! Agora você pode fugir, e não se esqueça de pagar o meu almoço!

- Sim, não irei me esquecer, obrigado!

Jojo fugiu pelo alçapão, mas quando estava perto da saída, deu de cara com Carlos e Carimbo, os capangas que o haviam sequestrado. Jojo começou a correr e conseguiu chegar a uma delegacia, onde Carimbo e Carlos foram obrigados a confessar o paradeiro de Marcos Falcão e foi preso em flagrante.

No julgamento, ele foi condenado a 150 anos de prisão, enquanto seus capangas pegaram quinze anos de prisão.

Ao descobrir que seu pai havia fugido para fora do país, Jojo voltou para casa, onde foi recebido por sua mãe e Jane.

Jojo continuou sua vida normal e na adolescência descobriu seu amor por rock. Ele tinha o sonho de criar sua banda, com sua amiga, Jane, porém seus familiares não apoiavam a ideia de ele ser músico, pois achavam que ele não ganharia muito dinheiro. Por pressão da família, eles saíram do país, cursaram faculdade de medicina em Harvard, e lá conheceram dois amigos que tinham o mesmo sonho.

Decidiram criar sua própria banda, “Aqua Mark”, produziram a sua primeira música, “We are not the world” e a publicaram. A música foi um estouro e foi tocada em rádios, tvs, e em todos lugares. Seus familiares ficaram surpresos e orgulhosos.

E assim, Jojo e Jane conseguiram ser famosos por um longo período, pois “Aqua Mark” fez grande sucesso.

MARIANA E SEU FILHO
POLEGAR







Mariana e seu filho Polegar

Autoras:

Alice Alves Santana
Franciele Martins Soares
Geovana Victoria Rosario dos Santos
Maria Clara Souza de Moura
Rafaella Santos Pereira

Ilustradora:

Franciele Martins Soares



Era uma vez uma mulher chamada Mariana. Ela tinha trinta e sete anos, mãe solo de quatro filhos. Muito esforçada, trabalhava de empregada doméstica em quatro casas para tentar não deixar faltar comida à sua família.

Moradora do bairro Jardim Paulistano, vivia em uma humilde casa alugada, sem reboco, piso de cimento queimado e com três pequenos cômodos. Na região, as ruas eram esburacadas, com muito lixo acumulado em lugares indevidos, porém, também havia muitas árvores plantas.

Mariana morou com o pai de seus filhos por treze anos, mas quando o caçula nasceu, ela exigiu que o homem trabalhasse, porque ela não conseguiria sustentar todas as crianças e um marmanjo de quarenta anos, que não tinha responsabilidade e nem compromisso. Por não mais aceitar as condições em que viviam, começaram as brigas, agressões e, por fim, a separação.

Pedro, o filho mais novo, não foi planejado, mas sempre foi amado pela mãe e seus irmãos Vitor, Victori e Luís. Todos os protegiam porque ele era muito pequeno. Ao nascer, tinha a estatura de um dedo polegar. Os médicos ficaram surpresos porque nunca haviam visto um caso parecido, no entanto, surpreendentemente, não foi constatada nenhuma doença.

Ao longo dos anos, Mariana levava seu filho para fazer tratamento no AMA do Jardim Paulistano, mas poucos foram os resultados e ele permaneceu muito pequeno.

Pedro era uma criança muito inteligente. Durante o seu desenvolvimento, a família e os vizinhos perceberam que ele era superdotado. Com uma memória excelente, o menininho aprendia tudo rapidamente. Na escola Lilian Maso, onde estudava, ele ia bem em todas as matérias, principalmente em matemática. Por ser dedicado e estudioso, vários professores o elogiavam, mas, mesmo tendo tantas qualidades, eram poucos os seus amigos. Seu melhor amigo era Pietro, o único que lhe fazia companhia ao brincarem com os soldadinhos.



Na escola, as pessoas zombavam e se afastavam dele, o apelidando de Polegar, igual ao conto de fadas. Com isso, ele se sentia muito triste e, para piorar, sofria ao perceber as dificuldades financeiras da mãe, que sempre estava preocupada com o alto preço dos alimentos e por não conseguir pagar o valor do aluguel.

Em um certo dia, após muito atraso nos pagamentos, eles acabaram sendo despejados, sem ter para quem pedir ajuda e sem ter onde se abrigar. Na rua, com suas coisas dentro de caixas, Mariana e seus filhos encontraram um homem generoso que, ao perceber a dificuldade daquela família, decidiu alugar um conjugado humilde para abrigá-la.

Ao chegar em sua nova residência, Mariana descobriu que aquele senhor era um tio que não a via há muitos anos, mas que sabia, pelos outros parentes, o quanto ela era uma mulher guerreira e batalhadora. Mariana, muito agradecida, continuou trabalhando muito e até conseguiu mais uma casa para faxinar.

Um dia, enquanto sua mãe estava no trabalho, Pedro resolveu dar uma volta de bicicleta ao redor da escola CEU Jardim Paulistano, antes do seu horário de aula. Por ser um lugar com muitas árvores, o menininho aproveitou a sombra para descansar. Neste momento, ele escutou uma voz dizendo o nome dele, mas achou estranho, pois não encontrou nenhum conhecido. Outra vez ouviu uma voz o chamando e, desta vez, descobriu que se tratava de uma árvore mágica.

Sabendo das preocupações e dificuldade daquele pequeno menininho, a árvore lhe ofereceu o direito de ter dois desejos realizados. Apesar de desejar crescer, Pedro pensou bem e percebeu que o mais importante era ajudar sua família. Assim, ele disse em voz alta:

- Desejo dinheiro para ajudar a minha mãe e desejo que ela e meu pai se reconciliem.
- Hoje mesmo você terá os seus pedidos atendidos. Fique atento, pois dois homens usando touca e óculos escuros tentarão invadir a sua escola para realizar um assalto. Ligue para a polícia, assim que eles chegaram, e você receberá a sua recompensa – disse a árvore mágica.

Pedro, rapidamente, voltou para casa e se arrumou para ir à escola. Chegando lá, já na hora da entrada, identificou os dois homens. Por ser muito pequeno, ele conseguiu ficar ao lado deles e escutar todos os planos para o assalto, assim ficou sabendo que tudo aconteceria na hora do recreio.

Ao entrar a diretora, Pedro contou tudo o que havia descoberto: dois homens entrariam na hora do recreio, armados, para assaltar, e fingiriam ser entregadores da merenda. Atenta, a diretora agradeceu pela informação, sem saber se acreditava ou não.

Minutos antes da hora do recreio, Pedro pediu à professora para ir à diretoria. Na verdade, era só uma desculpa que ele inventou para verificar se aqueles homens



estavam por lá. Ao avistá-los entrando no pátio, carregando caixas que pareciam ser merenda, Pedro pegou emprestado o celular do Pietro e ligou para a polícia. No momento em que os dois homens renderam os diretores da escola, a polícia chegou, graças à rápida ação do menininho.

Ao chegarem a delegacia, os policiais identificaram que aqueles homens eram muito perigosos e estavam sendo procurados há anos. A notícia se espalhou pelo bairro e o pai de Pedro, preocupado com a família, entrou em contato com a Mariana pedindo desculpas por tudo o que havia feito e provando que agora era trabalhador e uma pessoa mudada. O casal então resolveu morar junto novamente.

Dias se passaram, Pedro foi homenageado pela comunidade, por ter ajudado a salvar a todos da escola, e recebeu uma recompensa de cento e cinquenta mil reais. Com esse dinheiro, a família se juntou e construiu uma casa melhor para morar no terreno que o pai de Pedro havia comprado enquanto esteve ausente.

Todos viveram felizes em seu novo lar e começaram uma nova história.



O PEQUENO EVERSON







O Pequeno Everson

Autores:

Guilherme Santos de Souza Matos
Maycon Nicolas da Silva Santos
Pedro Souza Araujo
Victor Batista Souza dos Santos

Ilustrador:

Maycon Nicolas da Silva Santos

Era uma vez uma mulher que desejava ter um filho, mas ela estava tentando engravidar há muito tempo e não conseguia. Certo dia, ela estava sentindo calafrios e decidiu tomar remédio forte para febre. O que ela não sabia é que na verdade ela estava grávida e o remédio afetou o crescimento do bebê, que nasceu pequeno, do tamanho de um dedo polegar. Carinhosamente a família o registrou como Everson Júnior, em homenagem ao pai, e o apelidou como Polegar.

Após dois anos do parto, algo muito triste aconteceu: a mulher faleceu devido a um câncer e o menininho foi morar com sua tia, já que o pai o abandonou.

Quando Everson completou sete anos, sua tia começou a acumular muitas dívidas e então decidiu vender o sobrinho ao chefe do tráfico de drogas do local, chamado Cleiton, também conhecido como Dono do Morro.

Everson entendeu a situação e, antes de sair, acalmou a tia com um sorriso no rosto:

- Eu volto, tia!

Acompanhado por um capanga, o menininho seguiu até o bairro Carumbé, onde seria sua nova casa, mas, no caminho, encontrou o seu tio, que o ajudou a escapar sem que o homem do tráfico percebesse. Por ser muito pequeno, Polegar subiu em uma folha e foi levado pelo vento. Animado, ele se distraiu olhando o bairro e caiu numa lata de lixo.

Sem saber como sair, ele se deparou com uma enorme boca. Era um vira-lata se alimentando e que engoliu o menininho com um resto de comida. No estômago do animal, Everson encontrou diversas coisas, dentre elas, uma mosca falante, que disse:

- Olá, pequeno humano, o que você faz por aqui?
- Fui engolido e preciso de ajuda...
- Posso lhe ajudar com uma condição.
- Qualquer coisa!



- Eu lhe ajudarei se você me der muita comida- ela disse dando uma risadinha.
Então Everson falou:

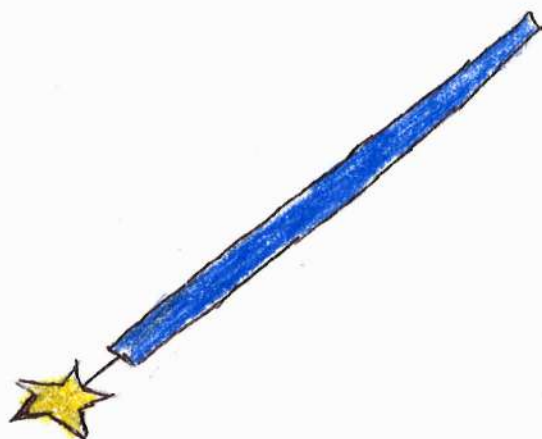
- Ok! Me ajude a sair desse lugar logo!

A mosca colocou na cintura do amigo um anel mágico, que tinha o poder de mudar um fato ocorrido nas últimas 24 horas. Everson e a mosca voltaram ao momento em que o menino se desequilibrou da folha, mas, desta vez, ao invés de cair no lixo, ele voou, com a ajuda do inseto mágico, até a casa do Dono do Morro. Foi neste momento que o Polegar percebeu que a mosca mágica também trabalhava para o tráfico e seu plano não era ajudar o menino, mas leva-lo até o Cleiton.

Ao chegar, o homem já estava a sua espera. Assustado, Polegar correu pela imensa casa e, por descuido, caiu no ralo do banheiro. Levado pelo esgoto, Everson chegou até os encanamentos da escola CEU Paulistano e de lá, passando por debaixo das portas, conseguiu retornar à casa de sua tia.

Ao reencontrá-la, Everson foi bem recebido. Tomou um banho, comeu um pouco e contou todas as suas aventuras. A tia então comentou que estava se separando do marido e, com o dinheiro do divórcio e o novo emprego que ela conseguiu na farmácia do bairro, conseguiria pagar todas as dívidas.

Everson começou a ajudar nas tarefas de casa e ficou famoso em seu canal no Youtube, conseguindo patrocinadores e assim ganhando muito dinheiro, dando uma vida melhor para a tia.







O pequeno Gabriel

Autores:

Gustavo Henrique Frigiolli Alfredo

L.C.S.S.

Lilian Messias Cardoso de Oliveira

Nikolas Alves Ambrosio

Ilustradores:

L.C.S.S.

Lilian Messias Cardoso de Oliveira



Era uma vez um pequeno menino chamado Gabriel. Ele tinha sete anos de idade, era negro, tímido, pobre e vivia sempre triste porque não conseguia fazer amizades.

Quando nasceu, foi abandonado por seus pais que sentiram vergonha ao descobrirem que o filho era anão, e por isso o deixaram enrolado em um pano na Praça da Quarenta.

Próximo à praça morava uma mulher chamada Juliana, que trabalhava em um abrigo. Juliana, ao passar pelo local, ouviu um choro de criança e, atenta, descobriu o lugar onde estava o bebezinho. Ao acionar a polícia, recebeu a permissão de levá-lo ao abrigo, onde recebeu o nome Gabriel.

Sete anos se passaram e, mesmo sendo bem tratado, Gabriel fugiu do abrigo para procurar os seus pais. Aproveitou a madrugada, em um momento em que os funcionários estavam distraídos, e correu para onde ele havia sido abandonado, pois ele havia descoberto essa informação secreta ao ouvir uma conversa de Juliana com a cozinheira.

Ao amanhecer, já com bastante fome, o garotinho decidiu ir à padaria Ki Pão para pedir ajuda. Ao ouvir a sua história, o padeiro ficou triste e, propositalmente, colocou sua varinha mágica escondida no saco de pães e entregou para ele.

Contente, Gabriel voltou à Praça da Quarenta e encontrou um cachorrinho, que parecia também estar faminto, então, juntos comeram os pãezinhos. Gabriel encontrou a varinha, mas não sabia do que se tratava, então resolveu guardá-la.

Passando os dias nas ruas do bairro a procura dos pais, o garoto conheceu uma outra criança, que na verdade era uma bruxa disfarçada. Os dois brincaram e conversaram bastante, até que ela descobriu toda a história de Gabriel e que ele carregava uma varinha misteriosa.



Interessada no objeto, a bruxa voltou para casa, fez um feitiço para descobrir quem eram aqueles pais e onde estavam. Ao encontrá-los, ela os sequestrou e os fez de escravos, porém continuou fingindo ser criança para enganar Gabriel.

Enquanto estava sozinho, o menino percebeu que a varinha começou a se movimentar misteriosamente. Curioso, ele seguiu para onde ela apontava e descobriu toda a verdade: que a criança era uma bruxa e que os seus pais estavam sendo maltratados por ela.

A bruxa negociou com o menino e ofereceu entregar o casal em troca da varinha mágica. Com medo de ser enganado, Gabriel disse:

- Devolva meus pais primeiro, depois te dou a varinha.
- Tudo bem, eu aceito – respondeu a bruxa.

Então ele entregou a varinha, mas a bruxa não cumpriu com o trato, prendendo Gabriel com seus pais. O cachorrinho, amigo de Gabriel, muito esperto, foi até o padeiro e o puxou até a casa da bruxa. Ao se reencontrar com aquela velha conhecida, o padeiro, que também tinha poderes especiais, chamou todos os seus amigos magos e, juntos, conseguiram salvar aquela família.

Arrepentidos do que fizeram, os pais entraram na justiça para conseguir a guarda de Gabriel. Após a aprovação, o pequeno menininho finalmente encontrou o seu lar, perdoou sua família e se dedicou aos estudos.

Quando cresceu, Gabriel cursou uma boa universidade, dando muito orgulho para os pais.

O PEQUENO

Menino







O Pequeno Menininho

Autoras:

Ana Clara Fontenele Aragão
Kethylli Haylanne Aragão da Silva
Maria Clara Lima Santos
Maria Clara Siqueira Maciel

Ilustradoras:

Ana Clara Fontenele Aragão
Maria Clara Siqueira



Era uma vez um menino negro, magro e bem pequeno chamado Pedrico. Ele morava em uma casa grande, porém bem humilde. Não tinha muitas condições financeiras, mas o suficiente para sobreviver.

Seus pais não davam muita atenção para ele, mas o apelidaram, carinhosamente de Pequeno Menininho.

Certo dia, ele estava na Praça da Quarenta jogando bola com seus amigos, quando chegou a sua vizinha:

- Oi, Pequeno Menininho, como você está?

- Oi!? Estou bem- Respondeu o Pequeno Menininho, com medo e surpreso, porque essa vizinha nunca falou com ele.

- Sua mãe me pediu para você ficar na minha casa até ela chegar do trabalho.

- Ta bom, né?

Chegando a casa, a vizinha já ofereceu um suco, mas antes ela havia misturado um remédio para ele dormir. Assim que Pedrico bebeu, foi amarrado e levado adormecido para o carro. Passaram pela escola CEU Jardim Paulistano, pelo Mercado Queiroz e muitos outros lugares do bairro, quando o menino acordou, assustado, e tentou se soltar das cordas, sorrateiramente. Ao conseguir, olhou pela janela e percebeu que estava perto da Vila Zatt, onde moravam seus dois amigos, Ronaldy e Rebeca.

Percebendo que seu vizinho estava acordado, a mulher travou as portas, sem falar nada, e acelerou para chegar a uma casa abandonada, onde combinou de se encontrar com seu marido, porém, ele ainda não estava lá.

- O que você quer comigo?!- gritou o Pequeno Menininho, assustado e chorando.

- Calma, eu não quero te machucar! Eu só quero que você se torne meu filho, porque não tenho como engravidar e desejo muito ser sua mãe.

- Não!!!



- Olha, meu marido é muito agressivo, mas eu vou cuidar bem de você.

O marido da vizinha chegou de repente e ela escondeu a criança dentro do armário. Percebendo uma portinha, dentro do móvel, Pedrico encontrou lá dentro um monte de joias e moedas, e também um par de botas mágicas, que dava muita velocidade para quem as usasse. Rapidamente, o menininho pegou tudo o que conseguia, calçou as botas e ficou bem.

Ao tentar fugir, sem querer, a criança fez barulho e o homem, furioso, pegou seu facão para matá-la. A vizinha tentou impedir a maldade do marido e acabou tendo a cabeça cortada por ele. Assustado, o Pequeno Menininho aproveitou para fugir e voltar para casa.

Quando encontrou seus pais, Pedrico contou tudo o que havia acontecido e, com medo de perder o filho, eles passaram a valorizá-lo. Pegaram as joias e moedas trazidas por ele e, juntos, foram embora daquele lugar para sempre.

Até hoje ninguém do bairro soube notícias sobre o Pequeno Menininho e sua família.

O
PEQUENO
MENINO
E A
SALVAÇÃO







O pequeno menino e a salvação

Autores:

Bruno Ribeiro Santana

Mickael Enzo Neres Nogueira

Rayssa Yasmin Nogueira Brito dos Santos

Willy Gomes Santos

Ilustrador:

Mickael Enzo Neres Nogueira



Era uma vez um menino chamado Paulo, mas as pessoas o chamavam de Paulinho, devido sua baixa estatura.

Paulinho tinha treze anos de idade e morava com seus sete irmãos e o pai, pois sua mãe havia falecido de câncer no pulmão, devido ao uso excessivo de cigarro. Desde então, sua vida se tornou muito difícil pois, além de ser órfão, também não recebia carinho e cuidado do pai.

Com um casamento infeliz e, por não amar mais a esposa, após ficar viúvo, o homem se sentia livre e não queria a obrigação de cuidar dos oito filhos, pois davam muito trabalho e gastos. Na tentativa de conseguir dinheiro de forma mais rápida e fácil, se envolveu com o tráfico de drogas, passando rapidamente a ser um dos traficantes do bairro.

A família vivia no Jardim Paulistano, bairro pobre e com fácil acesso às drogas. Sua casa era um barraco, construído em uma viela bastante esburacada e com uma boca de fumo logo a frente, local onde as pessoas compravam e vendiam drogas todos os dias. O mercadinho Queiroz era o local onde encontrava o Bruno, seu parceiro no comércio ilegal.

Paulinho e seus irmãos, apesar do histórico da família e da vizinhança onde viviam, eram muito religiosos e frequentavam a Assembleia de Deus no bairro Brasilândia. Por odiar ver o pai naquela vida, o adolescente pediu para que o pastor Melo o ajudasse em oração, para que houvesse salvação em sua casa.

Infelizmente, Paulinho passou por outra triste experiência. Seu pai havia sido denunciado e acabou preso em flagrante pela polícia. Mais uma vez sozinhos, os meninos conseguiram empregos como Jovem Aprendiz nos comércios do bairro e os mais velhos como ajudantes de pedreiro.

O pastor Melo manteve as orações e visitava a cadeia com frequência, pregando a Palavra para o pai de família, que se converteu ao Evangelho enquanto cumpria pena.



Ao ser liberto, o pai de Paulinho voltou a morar com os filhos, mas desta vez com a vida transformada.

Em um domingo, voltando do culto, o filho mais velho encontrou uma arma diferente na lixeira próxima à igreja. Ao manusear o objeto, percebeu que disparava cogumelos ao invés de munições. Curioso, ao comer um dos cogumelos, sarou imediatamente da gripe, percebendo então que se tratava de um objeto mágico.

Sem a intenção de lucrar com isso, a família conversou e decidiu usar a arma para ajudar ao próximo, curando as pessoas da região.

Com o passar do tempo, Paulinho e sua família ficaram conhecidos, sendo sempre convidados para visitar os hospitais e usar a arma de cogumelos para curarem as pessoas em estado de saúde mais grave.

Interessados na área hospitalar, os oito filhos conseguiram empregos na área de saúde e estudaram para ajudarem cada vez mais pessoas.

O
pequeno
polegar
do Paulistano







O Pequeno Polegar do Paulistano

Autores:

Fellipe Nascimento de Oliveira

Juan Anderson Yana Mamani

Lucas Pereira Leite

Miguel Pereira Ferraz

Nicole Alves Damasceno

Ilustradora:

Nicole Alves Damasceno



Era uma vez um adolescente de dezessete anos, muito curioso e inteligente, que estudava na ETEC Jardim Paulistano.

Filho único, com uma família humilde e que passava dificuldade financeira, morava com os pais e era muito amado por eles. Quando criança, recebeu o apelido de Pequeno Polegar, porque era anão e sua mãe sempre lia esse conto de fadas para ele antes de dormir. A família toda era baixinha, mas o Pequeno Polegar, devido ao nanismo, era o menor de todos.

Num certo dia, ao voltarem para casa após um compromisso de trabalho, seus pais sofreram um acidente de trânsito e faleceram. As pessoas que estavam no local naquele momento chamaram a ambulância, mas não houve tempo de salvar a vida do casal. Ao chegar ao hospital, os médicos entraram em contato com a avó do Pequeno Polegar e ela deu a triste notícia para ele. O garoto ficou arrasado, chorando muito, e na tentativa de fugir da realidade, passou a frequentar o baile funk do bairro, mais conhecido como fluxo.

Diante de todo o ocorrido, a avó decidiu ficar com o menino, para que ele não ficasse sozinho e para que ela pudesse ajudá-lo. Sua casa não tinha conforto e era parecida com as demais moradias do bairro: sem pintura, sem reboco, em uma rua esburacada e com muito barulho vindo do fluxo. Por estar com a estrutura abalada em um terreno invadido, a prefeitura queria destruir a casa e por isso foram despejados.

Novamente o Pequeno Polegar precisou mudar de casa e dessa vez, com a avó, foi acolhido por seu primo. Enquanto a avó trabalhava como cozinheira no restaurante Cantinho da Feijoada, o garotinho conseguiu um emprego de entregador de marmitex e recebeu de presente do primo uma bicicleta para fazer as entregas. Assim que começou o trabalho, percebeu que o veículo era mágico e, por isso, ele conseguia alcançar alta velocidade sem se cansar muito. Com a rapidez das entregas e a qualidade do seu serviço, Pequeno Polegar foi promovido, conseguindo se tornar gerente.



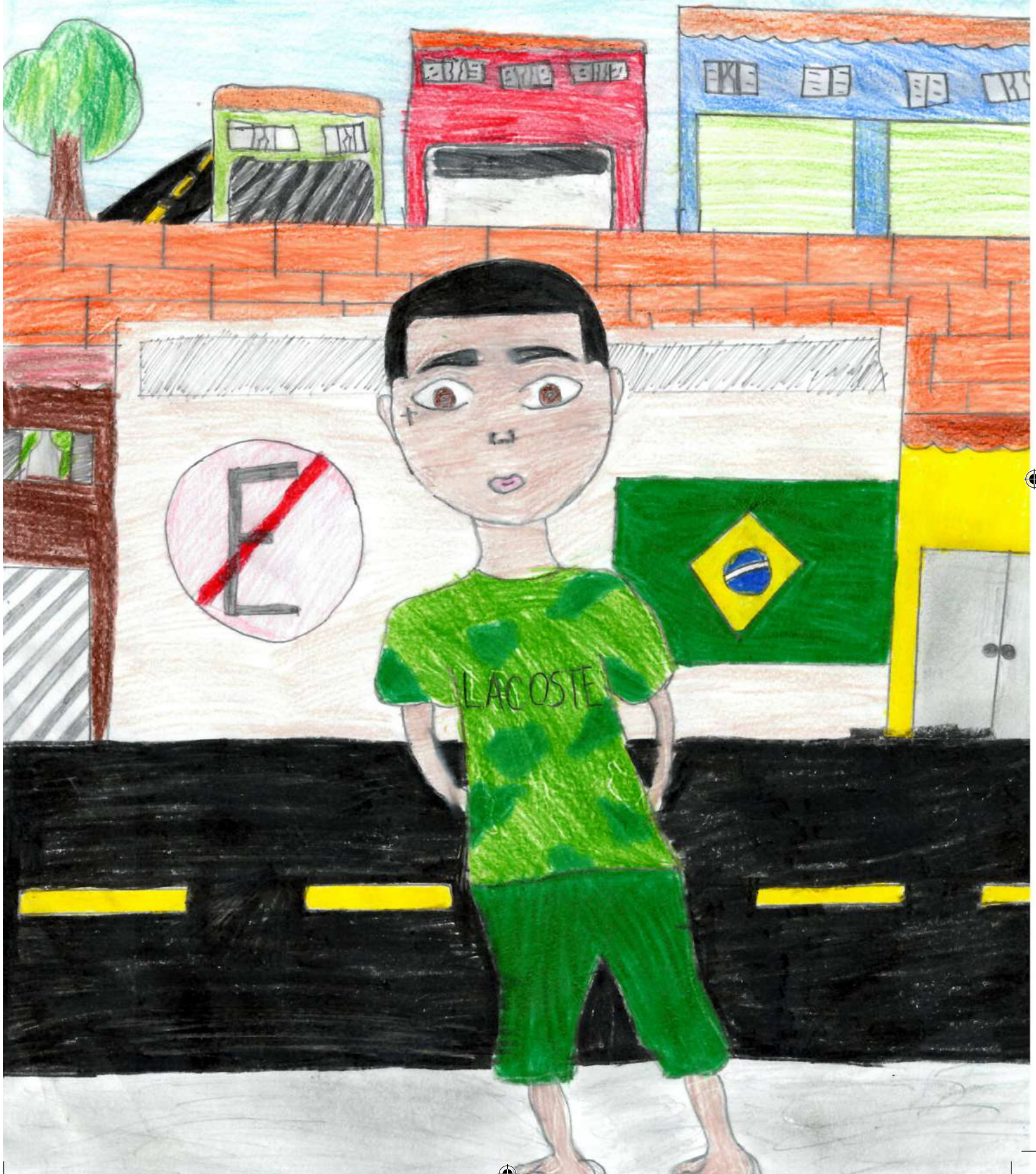
Logo ele juntou uma boa quantia de dinheiro e fez uma viagem de avião com a avó e o primo para o Piauí, levando a bicicleta mágica com eles.

Por ser um lugar muito bonito, a família resolveu morar por lá e abriu um restaurante, aproveitando a bicicleta mágica para fazer as entregas.





◇ PEZZENO RYAN







O Pequeno Ryan

Autoras:

Ana Clara Guedes Lima
Ana Julia Soares de Pieri
Isabella Maria Pereira Silva
Maria Vitória de Oliveira Santo

Ilustradora:

Isabella Maria Pereira Silva

Em um bairro do distrito Brasilândia, vivia um jovem chamado Ryan. Ele tinha dezessete anos, era negro e pequeno, devido a genética de sua família, que também era baixa.

Quando saía para caminhar na Praça da Quarenta e nas Praça do Carumbé, sofria muito bullying dos outros adolescentes, o que o deixava bastante triste.

Ryan morava em uma comunidade muito pobre, com ruas esburacadas, calçadas estreitas, pouca iluminação e sem segurança. Sua casa era simples, sem reboco, pequena e quando chovia forte, o alagamento da rua entrava por todos os cômodos, estragando suas coisas. Por falta de pagamento, sempre ficava sem energia elétrica e, quando não tinha velas, passava a semana no escuro.

Cansado daquela situação, Ryan conseguiu um emprego como operador de caixa no mercadinho Queiroz, localizado na Praça da Quarenta. Após conversas com seu patrão, ele teve a permissão para morar por um tempo no galpão do mercado, onde guardavam o estoque de alimentos. Os pais estranharam a ausência dele, que por vários dias não retornava para casa.

Uma certa noite, enquanto Ryan se organizava para dormir, dois ladrões tentaram invadir o mercado. Assustado e com medo, ele deu um grito pedindo ajuda, mas ninguém escutou. Neste momento, o pequeno olhou para o lado e viu uma capa e um par de botas em cima do armário, ali no galpão. Sem saber do que se tratava, calçou as botas e percebeu que elas eram mágicas, pois elas o permitiam correr com muita velocidade.

Na tentativa de fugir dos ladrões, Ryan correu o mais rápido que pôde, mas precisou voltar, pois havia esquecido a capa. Ao retornar, o garotinho vestiu a capa e ficou invisível. Aproveitando a situação, ele fez bastante barulho para assustar os ladrões e evitar o assalto.

Sem destino e com medo do retorno dos ladrões, Ryan correu até a Praça do Carumbé, onde conseguiu um cantinho para passar a noite. Ao amanhecer, ele decidiu



vender os objetos mágicos e, com o dinheiro, ajudar a família. Para isso, ele escreveu em uma plaquinha “vende-se capa de invisibilidade e bota da velocidade por R\$ 1.000,00”.

Após um longo momento naquele lugar, e muitas pessoas passando sem dar atenção a ele, um senhor parou e se interessou, comprando a bota e a capa. Ao conseguir o dinheiro, Ryan começou a chorar de felicidade e voltou para casa. Emocionados, os pais e os irmãos também começaram a chorar. O pai disse:

- Filho, onde você estava?

- Eu saí de casa porque eu estava me sentindo excluído! - disse Ryan.

- Desculpa por isso, filho! Sentimos muito a sua falta.

- Tudo bem, pai! Olha o que eu trouxe! - Ryan mostrou para a família o dinheiro da venda.

- Como você conseguiu isso? - perguntou, assustada, a irmã do pequeno.

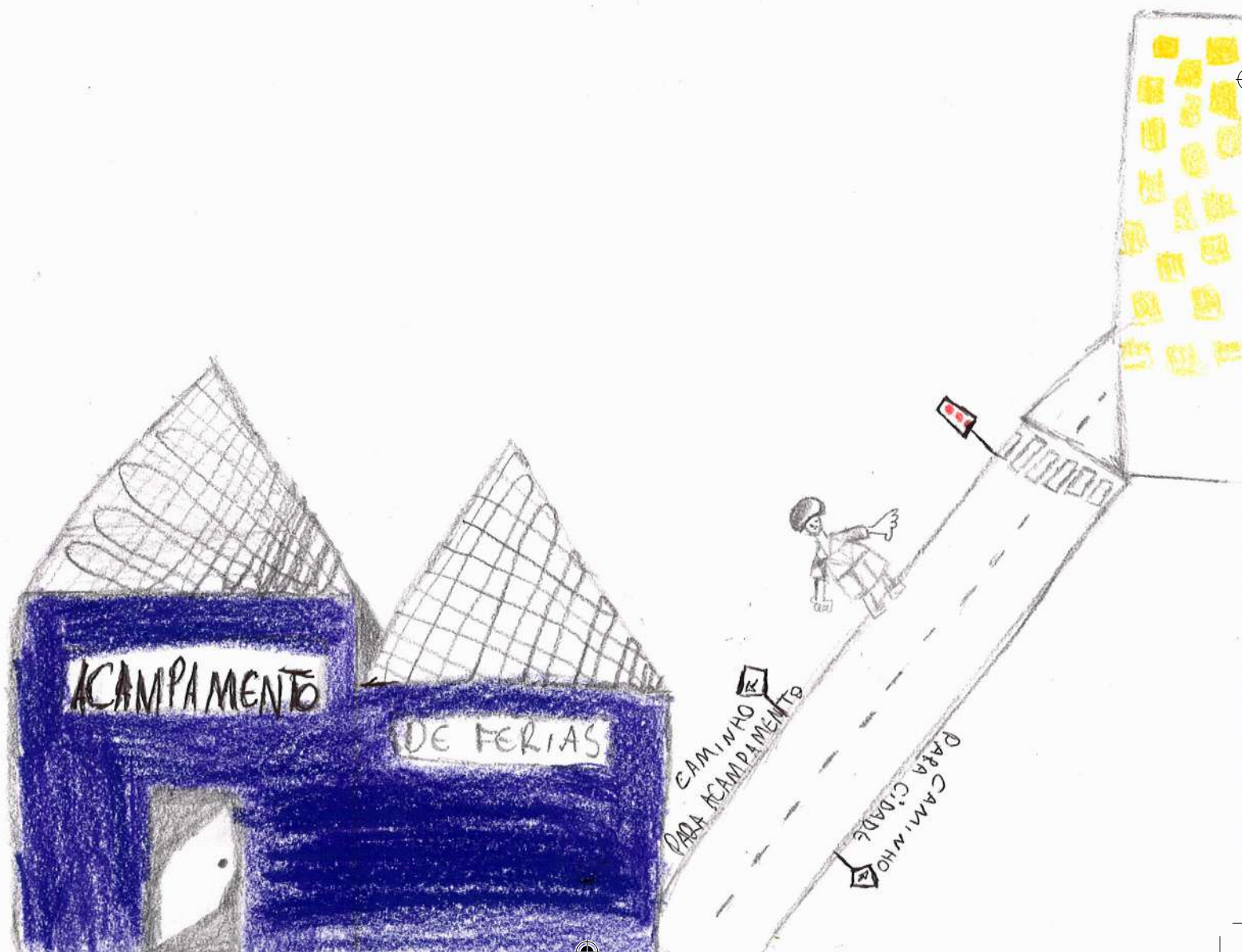
- Uma longa história...

Todos ficaram curiosos para saber o que tinha acontecido, então Ryan explicou detalhe por detalhe e todos ficaram chocados e felizes, dando um abraço nele.

Com o dinheiro que Ryan conseguiu, eles foram comprar uns alimentos e pagaram as contas, e assim viveram sem fome e felizes.

PEQUENA MENINA

e o conto mágico







Pequena menina e o cinto mágico

Autores:

Gabriela Gomes de Abreu
Kariny dos Santos Brandão de Souza
Letícia de Souza Oliveira
Wesley Eduardo Pereira Gomes

Ilustrador:

Wesley Eduardo Pereira Gomes

Era uma vez uma pequena e tímida menina de dezesseis anos de idade, chamada Letícia. Ela gostava de ouvir música, principalmente funk e pop, e tocar guitarra.

Por ser muito baixinha, era muito zoadá na escola. Todos riam e colocavam apelidos nela e ela odiava isso! Seu sonho era ser do tamanho das outras meninas da ETEC Jardim Paulistano, onde estudava.

Letícia morava na Brasilândia com seus pais, dois irmãos e um gato. Sua casa ficava ao lado de uma movimentada sorveteria e em frente à Praça da Quarenta, onde vários adolescentes praticavam esportes. Ali também havia uma biqueira e muitas pessoas passavam para comprar drogas. Mesmo com fácil acesso à bebidas e drogas, Letícia nunca se envolveu com isso. Sua vida era saudável e ela preferia andar com o pessoal que jogava vôlei na praça.

Certo dia, na escola, os alunos ficaram sabendo que haveria um acampamento no interior de São Paulo. Era a excursão de formatura das turmas. Letícia ficou muito animada, pois suas melhores amigas, Kariny e Gabriela, também iriam e elas nunca tinham viajado juntas. Para deixar a adolescente feliz, seus pais trabalharam muito para juntar o dinheiro e pagar o passeio.

Chegou o grande dia! Letícia acordou animada, se arrumou e foi para a escola. No pátio, ao lado de suas melhores amigas, recebeu a sacola com o lanche para levar ao passeio e, no ônibus, durante toda a viagem, ficaram conversando sobre coisas de suas vidas e seus gostos. O acampamento era muito bonito! Nem conseguiam acreditar quando chegaram.

À noite, enquanto todos já estavam dormindo, Letícia escutou um barulho de criança chorando. Sem entender, ela se levantou e começou a procurar de onde vinha aquele choro. Neste momento, a garota encontrou uma casa próxima ao acampamento, e um homem estava a porta. Ele puxou assunto com ela e contou que aquele som era de sua filha e, como havia se separado recentemente, ele não sabia acalmá-la.

Na tentativa de ajudar, Letícia entrou e descobriu que tudo era mentira. Não



existia nenhuma criança e o homem era um serial killer. Ela a trancou em um quarto escuro, enquanto procurava uma nova vítima para matá-las juntas.

Letícia passou a noite sozinha e desesperada. Pela manhã, seus amigos e professores perceberam que ela havia sumido e então, se dividiram em duplas para encontrá-la. Passaram o dia caminhando por todos os lados, mas não encontraram nenhuma pista.

Enquanto todos a procuravam, Letícia encontrou algo brilhando naquele lugar escuro. Ao se aproximar, ela descobriu que era um cinto brilhante e muito estiloso, misturado com alguns mantos sujos que o estavam escondendo.

Ao colocar em sua cintura, o cinto começou a brilhar mais forte e então apareceu uma figura de estrela, gigante e amarela, falando:

- Olá, garotinha! Sou um cinto mágico e vou te ajudar em tudo o que você precisar.
- Espera! Tudo o que eu precisar?
- Sim, tudo!

Letícia ficou animada porque conseguiria sair daquele lugar, então ela não teve dúvida: pediu comida, porque estava com muita fome, e para voltar ao camping, onde estavam os seus amigos. Naquele mesmo momento, como uma mágica, Letícia se viu perto da entrada do acampamento e, feliz, correu o mais rápido possível, então, ele caiu e cortou a perna, mas mesmo assim ela conseguiu andar e encontrá-los.

Quando as pessoas da escola a viram chegar, ficaram muito felizes e a abraçaram, comemorando. Os professores ajudaram a fazer o curativo e escutaram toda a história sobre o seu sumiço. Preocupados, chamaram a polícia para localizarem aquele homem perigoso.

Letícia contou à polícia como era o homem que a havia prendido e mostrou onde era a casa. Lá, encontraram outras duas garotinhas que também foram enganadas por ele. Rapidamente, a polícia localizou o sequestrador e serial killer, e o levou para a cadeia.

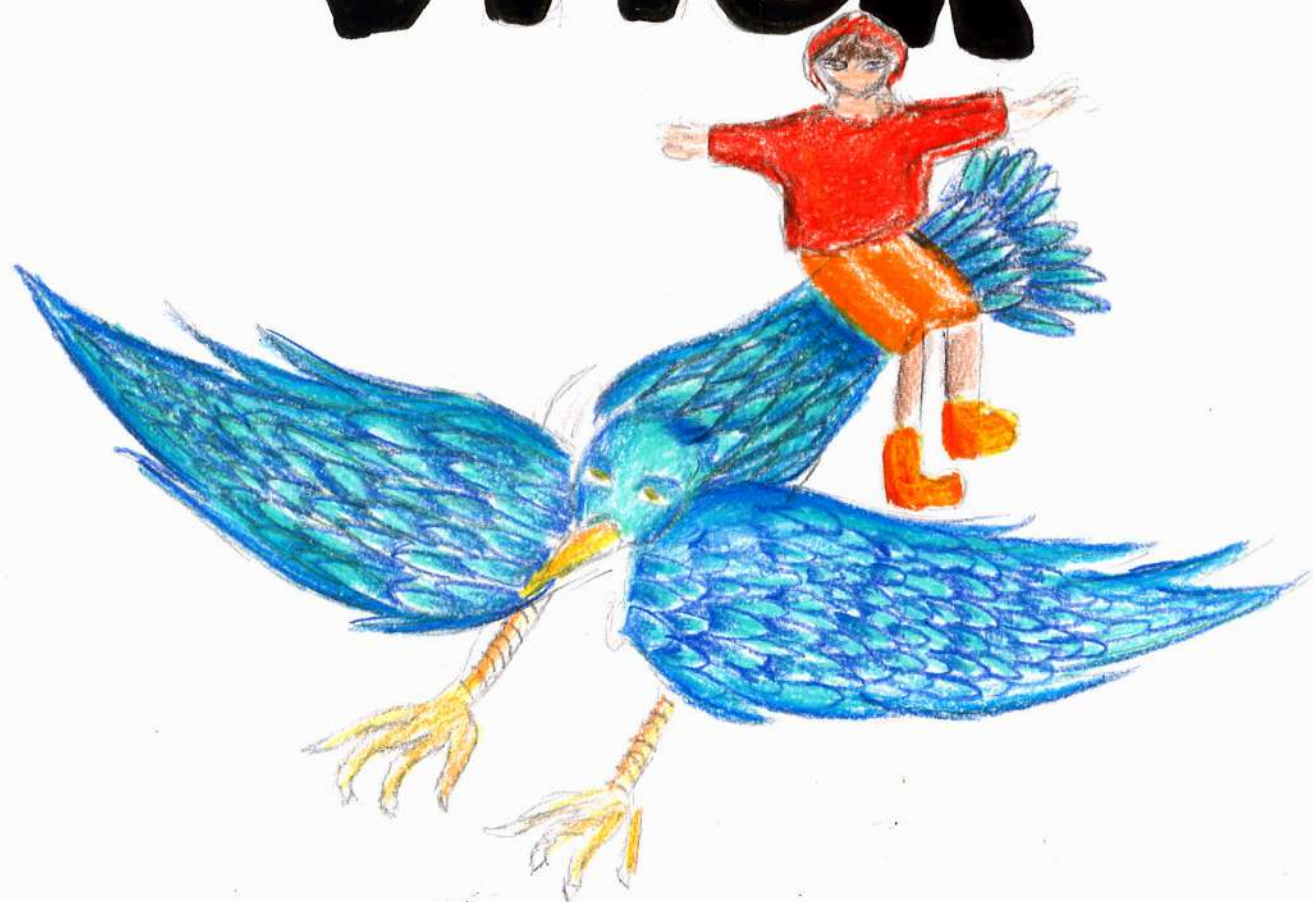
Depois de todo o susto que passaram, os professores ligaram para a direção da escola e decidiram terminar o passeio antes do previsto. Os alunos estavam ansiosos para voltar para a cidade e encontrar suas famílias.

Quando chegou em casa, Letícia contou para seus pais sobre tudo o que aconteceu: sobre o cinto mágico, o homem preso, a atenção dos professores e o carinho que ela recebeu dos antigos e novos amigos. Para ela, a viagem tinha sido muito legal, apesar dos perigos. Preocupados, os pais conversaram com ela para que ninguém a enganasse de novo, mas ficaram felizes por verem que a filha estava bem.

Um tempo depois, após se formar da ETEC, Letícia começou a trabalhar para ajudar a sua família. Ela conseguiu bons empregos e deu muito orgulho para os pais.

POBRE

PEQUENO
VITOR







Pobre pequeno Vitor

Autores:

André Victor Carneiro Lima
Bruno Vieira da Silva Santos
Inara Aparecida Pereira Oliveira
Jason Gabriel Paixão Andrade
Laysa Mirella Rodrigues da Silva
Wendell Castelhana Hernandes

Ilustrador:

Wendell Castelhana Hernandes



Vitor era um menino de treze anos de idade, filho único e muito pequeno, porque tinha nanismo. Com apenas 1,10m de altura, ele sofria bullying na escola por causa do seu tamanho. Apesar de sempre ter estudado no CEU Jardim Paulistano, tinha apenas um amigo na sua turma, o Higor, com quem conversava e fazia as lições.

Muito pobre, morava no bairro Jardim Paulistano, próximo à Praça da Quarenta e do córrego. Sua casa era pequena, sem reboco e com um quintal estreito. Quase sempre ficava sem energia elétrica, porque faltava dinheiro para pagar a conta.

Órfão, o pequeno garoto perdeu a mãe durante o seu nascimento, por problemas no parto. Por isso, ele vivia apenas com o pai, que também era o seu melhor amigo.

Para ajudar a pagar as despesas da casa, mesmo sendo menor de idade, Vitor trabalhava em uma borracharia do bairro, como ajudante, e para isso recebia pouco dinheiro.

Um dia, ao preparar uma entrega, sem querer ficou preso por horas dentro de um pneu. Cansado e com dor, Vitor só pensava que não poderia ficar sem o emprego. De repente, o caminhão começou a andar e o levou com a carga.

No caminho, um pássaro brilhante surgiu e começou a conversar com o garotinho:

- Olá! Meu nome é Merry. Por que você está aí entro? Quer ajuda para sair?

- Oi, Merry! Como um pássaro pode falar desse jeito? Devo estar ficando louco pelo tempo que estou aqui...ou algo do tipo...

- Eu não sou um pássaro comum, eu sou um pássaro mágico!

- De qualquer jeito, preciso de ajuda para sair daqui!

Em um passe de mágica, então, o pássaro encantado soltou o pequeno de den-



tro do pneu. Nesse momento, o caminhão parou e os dois sentiram um forte cheiro de fumaça. Ao saírem da carroceria, perceberam que a fumaça era do próprio caminhão e que o motorista havia desmaiado. As pessoas do local chamaram o SAMU, mas não demorou muito para que o motorista ficasse bem, sem precisar ficar internado no hospital.

Aliviado, Vitor começou a caminhar ao lado do seu novo amigo, o pássaro encantado, e juntos descobriram que a viagem havia sido longa. Eles estavam na cidade do Rio de Janeiro! Em frente a um imenso mar azul, com areia cristalina, os dois viram algumas pessoas bronzeadas jogando bola. Até pensaram em ficar por ali, mas estavam famintos e então encontraram uma padaria chamada “Padaria do Tio Zé”, onde foram buscar algo para comer.

Sem dinheiro e com a barriga roncando, Vitor viu um lindo e gostoso sonho e, sem resistir à tentação, pegou escondido o doce e saiu correndo. Ao perceber o fato, o padeiro correu, alcançou e pegou o garotinho e o pássaro, deixando-os amarrados em um lugar escuro no fundo da padaria.

Com a ajuda do pássaro mágico, os dois ficaram livres e encontraram o celular do padeiro, desbloqueado, naquele lugar escuro. Vitor ligou para a polícia, avisando que o homem havia feito e pediu para que seguissem a localização do aparelho. Observando a movimentação pelas câmeras de segurança, o padeiro apareceu armado, ameaçando atirar no menino. Nesse momento, a polícia invadiu o local e começou uma troca de tiros.

Ao render o padeiro, a polícia descobriu que se tratava de um mafioso e o levou preso. Com pena do menino, ofereceu comida e dinheiro para voltar para casa.

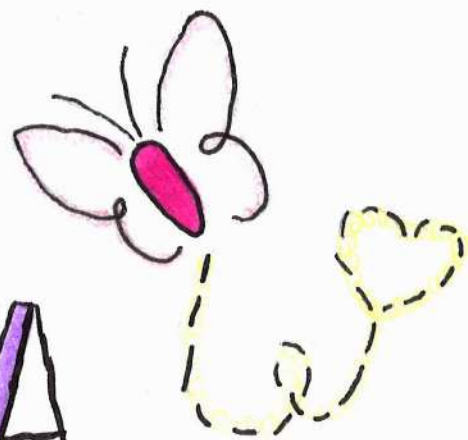
Sem precisar gastar o dinheiro, Vitor subiu nas costas do pássaro mágico, que o levou de volta para casa. No caminho, ao chegar novamente no bairro onde vivia, passaram na padaria Ki Pão, onde compraram o sonho que tanto queriam, e no mercado São Joaquim, onde compraram muitas comidas para ajudar o pai. Quando terminaram as compras, foram direto para casa e encontraram o pai chorando, desesperado, com saudade de seu filho.

- Onde você estava? - perguntou o pai, sem entender nada sobre aquelas compras e aquele passarinho- Eu procurei você por todas as ruas do Jardim Paulistano.

- Não se preocupe, pai. Agora temos o que comer! - disse o Vitor mostrando as sacolas e explicando sobre o dinheiro.

Naquela mesma semana, o pai do garotinho recebeu uma boa quantia de dinheiro, como recompensa pelo mafioso preso. E assim, pai e filho continuaram felizes, e cuidaram do passarinho, que apesar de ser mágico, manteve seu segredo e nunca falou perto dos adultos.

UMA
PEQUENA
IMAGINAÇÃO
BRILHANTE







Uma pequena imaginação brilhante

Autores:

Eloísa Batista da Silva

Emerson Alves Pereira

Geovana Amaral da Mata

Isabella Nogueira de Oliveira Silva

Maria Eduarda de Araujo Leite

Ilustradora:

Maria Eduarda de Araujo Leite

Era uma vez uma adolescente de quinze anos de idade chamada Giullia. Na gravidez, sua mãe descobriu que a menina tinha Síndrome de Down, mas isso não a deixou triste, porque aquele bebezinho já era muito amado.

Giullia era muito pequena, tímida e não tinha muitos amigos. Na escola onde estudava, CEU EMEF Jardim Paulistano, ela sofria muito bullying, o que a deixava triste. Seus pais faziam de tudo para que a filha fosse feliz e contasse o que sentia, mas ela nem sempre aceitava.

Moradora de uma favela da Brasilândia, um bairro extremamente perigoso, a menina sempre andava com os pais, mas ela tinha vontade de andar sozinha, apesar do medo de se relacionar com as pessoas. Ela tinha curiosidade de saber como era um baile e a realidade fora da casa dela, porém seus pais eram tão protetores, que a fazia se sentir sufocada.

Um dia, como de costume, a mãe de Giullia foi buscá-la na escola e no caminho, ao parar no sacolão, a menina aproveitou a distração da mãe e saiu andando pelas ruas, desejando conhecer coisas novas. Percebendo que ela tinha Down, um morador de rua se aproximou e ofereceu ajuda. Por ser inocente, ela acreditou e seguiu o rapaz, que a levou para uma casa abandonada ali mesmo no bairro. Ele a amarrou com um nó forte, o que a deixou ainda mais nervosa e assustada. A intenção do rapaz era abusá-la, mas ele voltou para a rua, planejando voltar mais tarde.

Enquanto isso acontecia, os pais de Giullia ficaram desesperados por não saberem onde estava a menina. Procuraram por todas as ruas próximas à escola, mas não a encontraram e então foram à delegacia fazer o Boletim de Ocorrência.

Estava anoitecendo e a menina cada vez mais assustada, quando viu uma cobra se aproximando. Ela imaginou que aquele seria o seu fim, mas para sua surpresa, era um animal mágico disposto a ajudá-la com três desejos.

Ao desamarrá-la, a cobra perguntou qual era o primeiro desejo e Giullia pediu para voltar para casa. Então surgiu um par de botas de sete léguas, que tinha o poder



de fazer com que a menininha conseguisse dar enormes passos e chegar muito rápido ao seu destino.

Como segundo desejo, Giullia pediu um baú com riquezas, para poder dar uma vida melhor para sua família. Rapidamente, seu desejo foi atendido e um lindo baú com joias e ouro apareceu na frente dela.

Como terceiro e último desejo, ela pediu que todas as pessoas que faziam bullying com ela passassem a respeitá-la e fossem suas amigas, entendendo que ter Síndrome de Down não era um defeito e não a fazia pior do que ninguém.

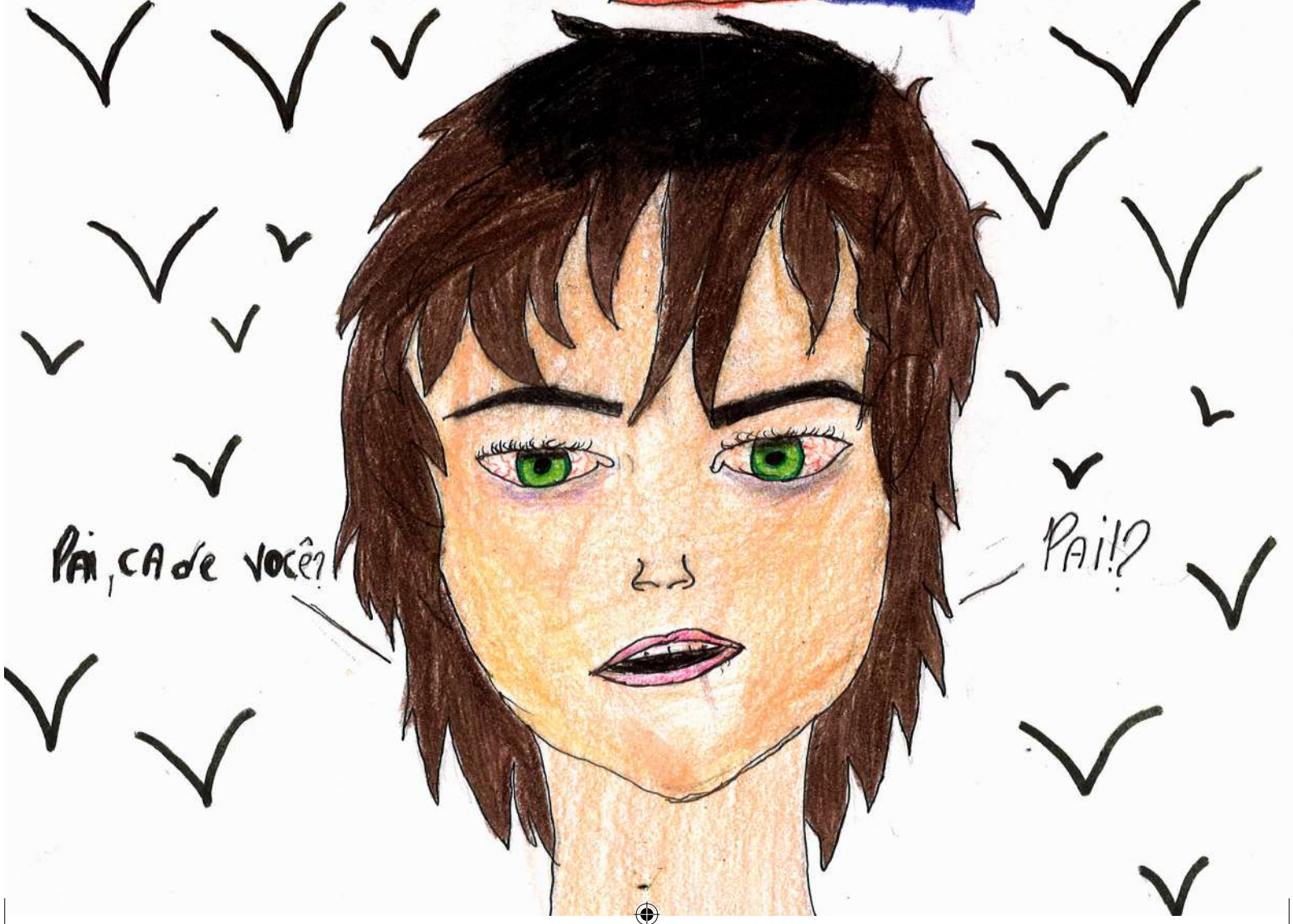
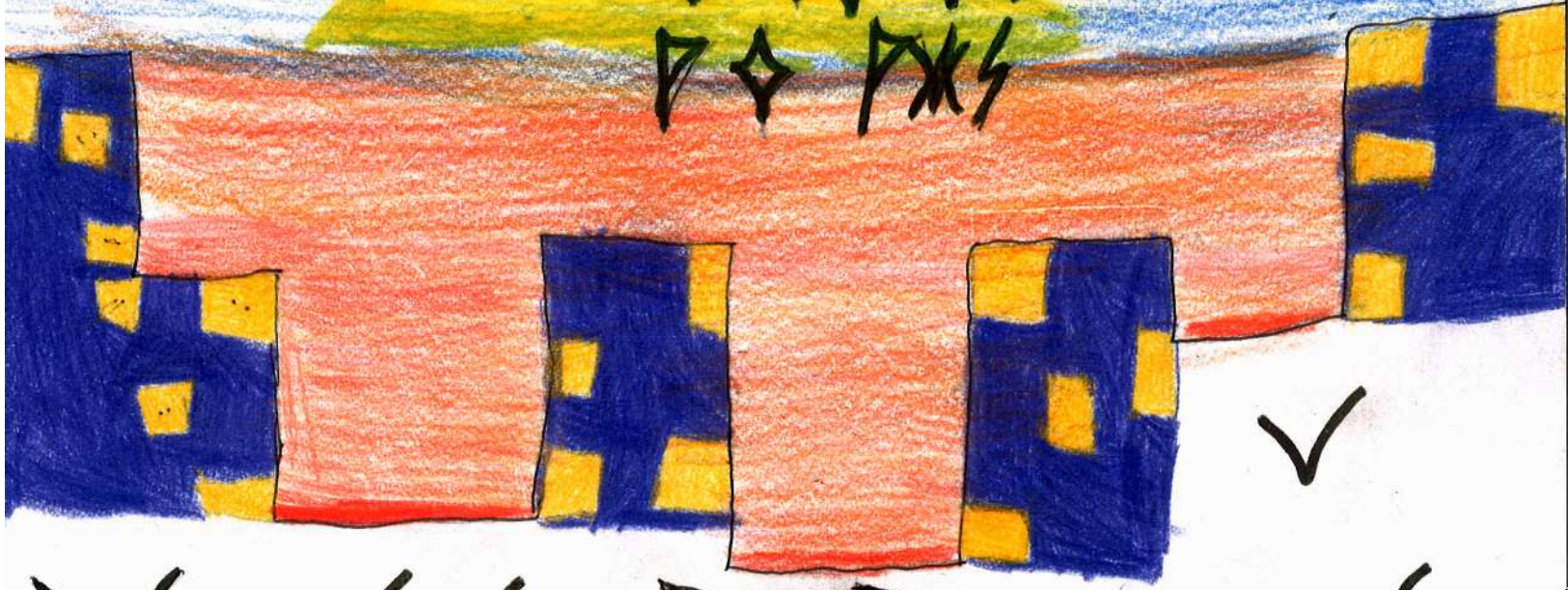
Após fazer todos os seus pedidos, Giullia calçou as botas, pegou o tesouro e voltou para a casa. Lá encontrou os pais aflitos, mas ela os acalmou, contando tudo o que havia acontecido e mostrando que estava bem. Os pais ligaram para a polícia, para que as buscas fossem encerradas.

No dia seguinte, a menina estava insegura para voltar para a escola, pois tinha medo de sofrer bullying novamente, mas para sua surpresa, todos os alunos passaram a tratá-la muito bem, sem indiferenças e preconceitos.

Mesmo sendo pequenininha e com as dificuldades da deficiência, Giullia tinha uma imaginação brilhante! Ao passar o tempo e terminar seus estudos, ela se tornou escritora e criou muitas versões de contos de fadas.



ZE PEQUENO
EM BUSCA
DO PAI



Pai, CA de VOCÊ?

Pai!?





Zé Pequeno em busca do pai

Autores:

Breno Silva Santos Guimarães
Débora Vitória dos Santos
João Vitor Paiva da Silva
Yasmhyn Vitória Teixeira da Silva

Ilustradoras:

Debora Vitória dos Santos
Yasmhyn Vitória Teixeira da Silva

Era uma vez um adolescente chamado José Figueiredo, mais conhecido como Zé Pequeno. Ele recebeu esse apelido porque nasceu prematuro e permaneceu pequeno por causa da genética da família.

Pelo seu tamanho e por ser pobre, Zé Pequeno sofria muito bullying na rua e na escola e por isso ficava sempre bravo e triste.

Um dia, ao caminhar pelo bairro para se distrair, encontrou um grupo de meninos que sempre o maltratava e, no meio deles, estava um antigo amigo que não o via a bastante tempo. Contente, Zé Pequeno foi conversar com o amigo, que o chamou para participar da roda, foi quando o pequenino percebeu que o pessoal estava usando drogas.

Com medo de serem pegos pela polícia, os meninos foram juntos para um beco que ficava ali perto e, ao entrarem naquele lugar escuro, o grupo se transformou em uma gangue de vampiros. Assustado, Zé Pequeno tentou fugir, mas foi sequestrado e levado para a pedreira no Jardim Paulistano.

No caminho, o pai do Zé Pequeno, voltando do trabalho, viu o seu filho sendo levado à força por aquele grupo estranho. Desesperado, tentou segui-lo, mas não conseguiu. Andou por todos os lados do bairro e seguiu para a Favela do Iraque, onde havia uma casa de madeira abandonada. O pai invadiu o local, mas não encontrou nenhuma pista. Moradores da comunidade disseram ter visto algo suspeito pela pedreira e então ele seguiu para lá.

Já tarde da noite, após caminhar pelo matagal da pedreira, finalmente Zé Pequeno foi encontrado. Com o pai, seguiu para a delegacia para denunciar o ocorrido. Ao chegarem em casa, encontraram a mãe de Zé Pequeno e seus irmãos muito preocupados, e então os acalmaram, dizendo que já estava tudo resolvido.

O que eles não imaginavam era a revolta dos vampiros, quando perceberam que o menininho não estava mais na mata e que haviam sido denunciados. Ao amanhecer, após o homem ir ao trabalho, a gangue invadiu a casa da família e atacou as



crianças e a mulher. Zé Pequeno se salvou porque estava deitado, enrolado nas cobertas e não o encontraram.

Desesperado, o menino ligou para o pai voltar depressa e também chamou a ambulância, mas o pior aconteceu: os três não sobreviveram. Inconformado, o homem culpou o filho pela tragédia na família e passou a tratá-lo mal.

Muito triste por causa do luto e pela rejeição, Zé Pequeno saiu de casa e foi morar na casa de seus tios, ali mesmo no bairro. O que ele não sabia era que eles eram alcólatras e por isso sua vida não ficou nada fácil. A tia, ao invés de protegê-lo, quando bebia o espancava e até assediava.

Sem saber o que fazer, ao chegar da escola e novamente apanhar da tia, foi dormir muito triste e, ao acordar, viu um vulto pela casa e descobriu que era sua mãe. Mesmo tendo medo de fantasma, o menino ficou muito feliz por conseguir conversar com a mãe novamente. Sabendo o que estava acontecendo com o filho, ela contou para ele sobre uma pedra mágica, que ficava escondida próximo à piscina da escola. Para encontrá-la, bastava identificar a pedra azul brilhante e ao quebrá-la fazer dois pedidos.

Aproveitando que a tia não estava em casa, Zé Pequeno foi ao CEU Paulistano procurar pela pedra. Ao encontrá-la, seguiu as indicações da mãe e pediu para se reconciliar com seu pai e ter dinheiro para ajudá-lo.

Assim que quebrou a pedra, um baú cheio de ouro apareceu em sua frente. Zé Pequeno escondeu todo o ouro dentro da mochila, caminhou pelo bairro e encontrou uma banquinha de cigarros, onde seu pai estava trabalhando.

Ao reconhecer o filho, o pai pediu perdão por não ter ficado ao lado dele e pelas coisas ruins que falou. O menino ficou muito emocionado, abraçou o pai e voltou para a casa onde viviam. Lá ficou sabendo que a gangue de vampiros estava em um reformatório e que, finalmente, pagaria pelo crime cometido.

O menino comentou com o pai tudo o que aconteceu enquanto esteve na casa dos tios e, com a ajuda da polícia, o casal foi preso.

Com a venda do ouro, pai e filho mudaram de bairro, compraram uma nova casa e viveram felizes para sempre.



Ese o Pequeno Polegar morasse no distrito da Brasilândia, como ele seria? Quais desafios enfrentaria? Por quais lugares ele percorreria?

Esse livro apresenta quinze contos escritos por alunos dos sétimos anos C e D da escola CEU EMEF Jardim Paulistano. Considerando as versões mais antigas do conto de fadas “O Pequeno Polegar”, de Perrault e dos Irmãos Grimm, nossos jovens criaram releituras contemporâneas desse clássico, apresentando aos leitores um pouco da vida na periferia de São Paulo, sem abandonar o mundo mágico do “Era uma vez”.

